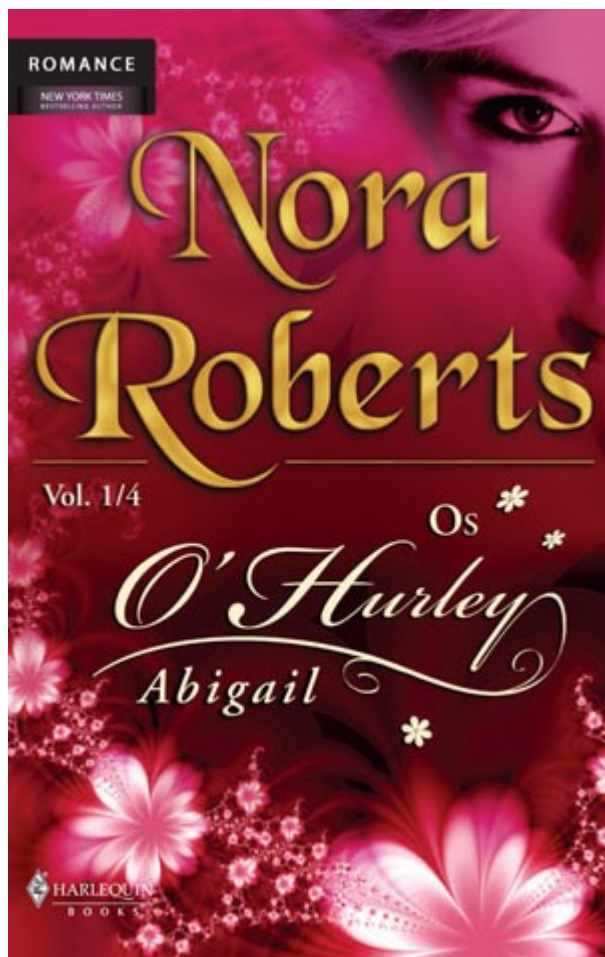


//

Particular

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Nora Roberts - Série Os O'Hurley I

A Última Mulher Honesta

(The Last Honest Woman)

1

Prólogo

— Pode gritar o quanto quiser, senhora O'Hurley.

A respiração de Mol y se transformou em uma sucessão de gemidos. O suor escorria por suas faces

enquanto cravava os dedos na mesa de partos e se curvava.

— Mol y O'Hurley não grita quando traz seus filhos ao mundo.

Não era uma mulher grande, mas sua voz, mesmo no tom normal no qual falava, chegava a todos os

recantos da sala. Tinha um som vibrante, um ar musical, embora tenha tido que reunir até suas últimas

forças para consegui-lo. Seu marido a tinha levado ao hospital a toda velocidade, minutos antes das últimas

etapas do parto.

Não tinha havido tempo para prepará-la, nem para palavras de consolo nem para gestos carinhosos.

Assim que o obstetra a examinou, tinham-na levado para a sala de partos completamente vestida.

A maior parte das mulheres teriam se assustado ao ver-se em uma cidade estranha, deixando em mãos

de desconhecidos sua vida e a do filho que estava a ponto de chegar ao mundo.

— Você é uma mulher forte, não é? — o médico fez um gesto à enfermeira para que lhe secasse a testa.

O calor na sala de partos era cada vez mais intenso.

— Todos os O'Hurley são fortes — conseguiu dizer, mas o que em realidade gostaria era de gritar.

Deus, quanto desejava gritar enquanto a dor dilacerava em seu íntimo. O bebê estava a ponto de

chegar. Só podia rezar para que não demorasse muito. As contrações eram cada vez mais freqüentes.

Quando chegava uma, nem sequer lhe dava tempo de preparar-se para a próxima.

— Temos que agradecer que o trem não chegou com atraso, porque nesse caso teria tido que dar a luz

no vagão restaurante — tinha dilatado completamente e o bebê estava a ponto de sair.

Mol y o amaldiçoou com toda a experiência em palavras indecentes que tinha adquirido em sete anos de

vida com Francis e mais sete atuando nos clubes de todas as imundas cidades que podiam encontrar desde

Los Angeles até Catskil . O doutor se limitou a estalar a língua enquanto ela respirava como uma máquina a

vapor e o fulminava com o olhar.

— Muito bem, muito bem. Já estamos prontos. Empurre, senhora O'Hurley. Tiraremos esse bebê de um

golpe.

— Já lhe darei eu um golpe — lhe prometeu, e empurrou através daquela insuportável dor.

O bebê chegou com um uivo que ricocheteou em todas as paredes da sala. Mol y o olhou atentamente,

com os olhos cheios de lágrimas, enquanto o médico tirava uma cabecinha diminuta, os ombros e depois o

torso.

— É uma menina.

Rindo, Mol y deixou cair a cabeça para trás. Uma menina. Tinha conseguido. Francis ia sentir-se

orgulhoso. Esgotada, escutou os primeiros gritos de seu bebê.

— Não precisou lhe dar um tapa no traseiro — comentou o médico. Era pequena, pensou, pesaria

quando muito dois quilos e meio — Não é muito gordinha, senhora O'Hurley, mas parece muito saudável.

— É obvio que sim. Escute esses pulmões. Será possível ouvi-la até o último canto de qualquer sala.

Chegou umas semanas antes do previsto, mas... Oh, Meu deus.

Ao sentir uma nova contração, Mol y tentou encolher-se.

— Segure-a — o médico entregou a recém-nascida a uma enfermeira e fez um gesto a outra para que

segurasse Mol y pelos ombros —. Parece que sua filha tem companhia.

— Outra? — debatendo-se entre a dor e o júbilo, Mol y começou a rir. Mas não havia nada de histérico

em sua risada, a não ser algo vigoroso e desafiante —. Maldito seja, Frank. Sempre consegue me

surpreender.

O homem que estava na sala de espera caminhava nervoso, mas havia uma graça especial em cada um

de seus passos, apesar de olhar o relógio a cada três minutos. Por sua forma de andar, era evidente que

aquele homem passava mais tempo dançando que caminhando. Era magro e vivaz e em seus olhos

resplandecia um otimismo perpétuo. De vez em quando, aproximava-se de um menino que descansava

2

meio adormecido em uma cadeira e lhe acariciava a cabeça.

— Vai ter um irmãozinho, Trace. A qualquer momento virão nos dizer que já nasceu.

— Estou cansado, papai.

— Cansado? — com uma sonora e alegre gargalhada, o homem levantou o menino e o abraçou — Este

não é momento para dormir, menino. Este é um grande momento. Está a ponto de nascer um O'Hurley.

Esta é uma noite especial.

Trace apoiou a cabeça no ombro de seu pai.

— Não vamos poder nos apresentar.

— Haverá outras noites para isso — Tinha pensado somente por um

instante no cancelamento do

espetáculo. Mas havia clubes em Duluth. Estava convencido de que antes que tivessem pegado o próximo

trem, teriam conseguido algum contrato.

Ele tinha nascido para o espetáculo, para cantar e dançar, e agradecia às estrelas a sorte de Mol y ser

como ele. Deus sabia que até então não tinham conseguido grande coisa, exceto seguir o circuito de bares

e clubes de segunda, mas venceria. O sucesso podia chegar com qualquer atuação, em um só espetáculo.

— Antes que se dêem conta, seremos Os Quatro O'Hurley. Então ninguém poderá nos segurar.

— Ninguém poderá nos segurar — murmurou o menino, que já tinha ouvido aquilo muitas outras vezes.

— Senhor O'Hurley?

Frank se deteve. abraçou com força seu filho enquanto se voltava para o médico. Era só um homem e

não sabia nada sobre partos.

— Sim, sou eu — lhe tinha secado a garganta. Era impossível engolir — . Mol y... Está bem?

O médico esfregou o queixo e sorriu abertamente.

— Sua esposa é uma grande mulher.

O alívio chegou como uma onda envolvente. Aliviado pela sensação, Frank beijou seu filho.

— Ouviu isso, Trace? Sua mãe é uma grande mulher. E o bebê, sei que foi prematuro, mas está bem?

— Forte e bonita — começou a dizer o médico —. Em realidade todas são.

— Forte e bonita — deu dois passos de dança —. Minha Mol y sabe como trazer um filho ao mundo.

Pode confundir-se no momento de sair de cena, mas sempre improvisa como uma veterana... —

interrompeu-se de repente e ficou olhando fixamente para o médico, que continuava sorrindo-lhe —. Você

disse “todas”?

— Este menino é filho dela?

— Sim, é Trace. A que se refere com isso de que todas são?

— Senhor O'Hurley, seu filho acaba de ganhar três irmãs.

—Três — com Trace ainda em seus braços, Frank se deixou cair em uma cadeira. Suas robustas pernas

de bailarino pareciam ter se transformado em geléia —. Três. Ao mesmo tempo?

— Com alguns minutos de separação, mas três.

Frank permaneceu sentado, atônito. Ainda não tinha pensado como ia poder alimentar a mais. Três.

Todas garotas. Quando se recuperou do impacto, pôs-se a rir. Tinha sido abençoado com três filhas.

Francis O'Hurley não era um homem que amaldiçoava seu destino. Sempre o abraçava com entusiasmo.

— Ouviu isso, menino? Sua mãe e eu fizemos trigêmeas. Três pelo preço de uma. E eu sou um homem

que adora os bons negócios — se levantou, apertou a mão do médico e a sacudiu com calor —. Deus o

abençoe. Se houver um homem mais afortunado que Francis Xavier O'Hurley esta noite, adoraria conhecê-

lo.

— Felicidades.

— Você é casado?

— Sim.

— Como se chama sua esposa?

— Abigail.

3

— Então uma delas se chamará Abigail. Quando posso ver minha família?

— Dentro de uns minutos. Direi a uma das enfermeiras que venha ficar com seu filho.

— Oh, não. Ele vem comigo. Não é todo dia que se têm três irmãs.

O médico começou a lhe explicar as normas do hospital, mas de repente interrompeu-se.

— O senhor é tão teimoso quanto sua esposa, senhor O'Hurley?

Frank estufou o peito.

— Ela aprendeu comigo.

— Venha por aqui.

Frank as viu primeiro através do vidro do berçário, eram três meninas pequeninas, deitadas em seus

respectivos berços. Duas delas dormiam, enquanto a outra gritava zangada.

— Está dizendo ao mundo que está aqui. Essas são suas irmãs, Trace.

Completamente desperto, Trace as estudou com olhar crítico.

— São muito magrelas.

— Você também era uma coisinha raquítica, macaquinho — chegando às lágrimas. E Frank era muito

irlandês para envergonhar-se delas —. Farei tudo o que puder por vocês. Por todas e cada uma de vocês —

posou a mão sobre o vidro, esperando que fosse suficiente.

Capítulo 1

Aquele não ia ser um dia normal. Depois de ter tomado aquela decisão, passaria muito tempo até que as

coisas voltassem ao normal. E só esperava estar fazendo realmente a coisa certa.

Abby selou seu cavalo no tranqüilo e silencioso ambiente do estábulo. Talvez fosse um engano escapar

no meio do dia, quando ainda tinha tantas coisas para fazer, mas precisava. Uma hora sozinha, longe da

casa e das obrigações, parecia-lhe o maior dos luxos.

Vacilou um instante, sacudiu a cabeça e colocou a sela. Se pensava desfrutar de uma hora sozinha, faria

com todo tipo de luxos. Riu de si mesma ao dar-se conta de que aquela era uma frase própria de seu pai.

Além disso, se o senhor Jorgensen tinha verdadeiro interesse em comprar um potro, voltaria a ligar mais

tarde. Devia atualizar os livros de contabilidade e pagar algumas contas já vencidas. Mas teria tempo de

encarregar-se daquelas tarefas pendentes. Naquele momento, a única coisa que desejava era cavalgar sem

destino.

Rodeou dois dos cubículos do estábulo e tirou seu cavalo ruano para fora. A respiração do animal se

transformava em vapor enquanto ela checava a sela pela segunda vez.

— Vamos, Judd — com a desenvoltura proporcionada pela vasta experiência, montou na cela e

encaminhou-se para o sul.

Não se podia cavalgar muito rápido porque a neve e a terra se mesclaram até formar um escorregadio

lodaçal. O ar era gelado e úmido, quase desagradável, mas Abby desfrutava de uma emocionante sensação

de antecipação. As coisas estavam mudando, e isso não era tudo o que alguém em sua situação podia

desejar? Tudo parecia mudar rapidamente e afinal ia conseguir algo que sempre tinha considerado fora de

seu alcance: liberdade.

Talvez, ter aceitado ser entrevistada para aquele livro lhe proporcionasse parte dela. No momento era

uma esperança. Mas as dúvidas com as quais convivia desde que tinha chegado a um acordo com a editora

continuavam incomodando-a. Seria o correto? Teria tomado uma decisão equivocada? Quais seriam as

consequências? Mas acontecesse o que acontecesse, tinha que assumir a responsabilidade.

Cavalgou pela propriedade que adorava, mas que nunca tinha podido considerar completamente dela.

A neve derretia sobre a vegetação. Um mês mais, pensou, e os potros já poderão brincar nos pastos.

Tinha plantado feno e aveia, e esse ano, talvez, as contas não terminassem no vermelho.

4

Chuck nunca tinha se importado. Ele nunca tinha pensado no amanhã, só pensava no presente. Abby

sabia por que Chuck tinha comprado aquela propriedade no interior da Virgínia. Talvez sempre soube. Mas

anos atrás, tinha desejado transformar o que em realidade era um gesto de culpa em um raio de esperança.

Aquela capacidade, para encontrar e conservar pequenos fios de esperanças nos piores momentos, tinha

conseguido mantê-la a tona durante os últimos oito anos de sua vida.

Chuck tinha comprado aquela casa e depois tinha passado somente algumas semanas esparsas nela.

Era muito inquieto para ficar esperando que a erva crescesse. Inquieto, negligente e egoísta, esse era

Chuck. Abby sabia disso desde antes de casar-se com ele. De fato, talvez tenha sido esse o motivo de ter

decidido casar-se com ele. Não podia censurá-lo por ter fingido ser outra coisa. O problema foi que ela tinha

visto só o que queria ver. Chuck tinha entrado em sua vida como o cometa que era, e, deslumbrada e

fascinada, Abby o tinha seguido.

Aos dezoito anos, Abigail O'Hurley ficou completamente encantada ao ser cortejada pelo espetacular

Chuck Rockwell. O nome daquele piloto tinha aparecido nas manchetes dos jornais quando tinha

participado do Grand Prix. E também tinha aparecido em destaque nas colunas sociais, falando de seus

êxitos como conquistador. E a jovem Abigail tinha lido estes jornais.

Chuck tinha permitido a ela participar da vida que levava em Miami, tinha-a enfeitado com aquele

mundo de luxo e glamour. Tinha despertado emoções. Emoções e liberdade em vez de responsabilidades.

E ela se casou antes de ter tido tempo sequer de recuperar o fôlego.

Embora estivesse caindo uma ligeira garoa, Abby parou seu cavalo. Gostava que a chuva molhasse seu

rosto. Era outra das coisas que precisava aquela manhã. Solidão. De um modo covarde, sabia, mas nunca

se considerou uma mulher valente. O único que tinha feito até então, e que continuaria fazendo, tinha sido

sobreviver.

Os pastos apareciam salpicados por algumas manchas de neve cujo branco se fundia com a névoa que

sobre eles baixava. Judd escolheu com impaciência e Abby lhe afagou o pescoço para tranquilizá-lo. Era

um lugar tão lindo... Abby tinha estado em Montecarlo, Londres, Paris e Bonn, mas depois de ter vivido ali o

dia-a-dia por quase cinco anos, trabalhando do amanhecer até o por-do-sol, tinha chegado à conclusão de

que aquela era a vista mais linda do mundo.

A chuva continuava caindo, prometendo transformar as estradas que cruzavam suas terras em caminhos

impraticáveis. Aquela noite baixariam as temperaturas, os atoleiros se congelariam deixando uma perigosa

capa de gelo sobre a neve. Mas continuava sendo uma linda paisagem. Poder desfrutar dela era algo que

devia a Chuck. E também muitas outras coisas.

Tinha sido seu marido. Depois de sua morte, ela era sua viúva. Chuck a tinha feito sofrer terrivelmente

antes de morrer, mas tinha deixado as duas coisas mais importantes e estimadas de sua vida: seus filhos.

Tinha sido por eles afinal que concordou em receber aquele jornalista. Tinha recusado ofertas de

diferentes editoras durante mais de quatro anos. É obvio, que isso não tinha evitado que se publicassem

biografias não autorizadas sobre Chuck Rockwel , ou que de vez em quando aparecesse algum artigo no

jornal. Depois de pensar durante meses, Abby tinha chegado à conclusão de que se trabalhasse com um

escritor, com um bom escritor, poderia ter algum controle sobre o produto final. E quando a biografia

estivesse terminada, seus filhos teriam algo do pai.

Dylan Crosby era um bom escritor. Abby sabia que isso era uma vantagem e um inconveniente ao

mesmo tempo. Tentaria entrar em aspectos de sua vida que ela estava decidida a manter em segredo.

Estava preparada para que o escritor o fizesse. E quando isso ocorresse, responderia a seu modo, e

poderia fechar por fim aquele capítulo de sua existência.

Seria inteligente. Sacudiu a cabeça, estalou a língua para incitar o cavalo e o pôs outra vez em

movimento. Chantel tinha sido de grande ajuda. Sua irmã mais velha, que na realidade só tinha dois

minutos e meio mais que ela, sempre tinha sido capaz de planejar e manipular para que as coisas

ocorressem tal como ela queria.

Depois vinha Maddy, a outra de suas irmãs, mais nova que ela por dois minutos e dez segundos. Maddy

era a mais extrovertida e tinha conseguido abrir seu caminho no mundo com grande dose de vontade.

E ela era Abby, a trigêmea do meio. A mais tranqüila. A mais responsável. A mais dependente. Aqueles

rótulos fizeram-na esboçar uma careta.

Seu problema já não era aqueles rótulos que lhe tinham posto antes de ser capaz sequer de andar. Seu

problema era Dylan Crosby, ex-detetive e ex-jornalista de investigação que chegou a converter-se em um

famoso escritor. Aos vinte anos, tinha exposto uma conexão da Máfia que serviu para dismantelar uma das

mais numerosas famílias mafiosas desta Costa. Antes de fazer trinta anos, estragou a carreira de um

senador descobrindo uma conta secreta na Suíça. E Abby ia ter que falar com um homem como aquele.

5

Mas conseguiria. Afinal, estaria em sua propriedade, sob seu teto. Ela somente lhe proporcionaria a

informação que queria. Quantos segredos continuariam encerrados em seu cérebro e em seu coração. Para

conseguir o que pretendia, teria que oferecer a Dylan Crosby uma representação perfeita.

Nunca diga a verdade, filha. Ninguém quer ouvi-la. Isso era o que diria seu pai. Mas como, Abby pensou

com um sorriso, era o que procuraria lembrar-se durante os meses que tinha pela frente.

Sem muita vontade de abandonar o campo e a chuva, fez meia volta e retornou a casa. Faltava muito

pouco para que começasse o trabalho.

Dylan amaldiçoou a chuva e tirou o braço para fora da janela pela enésima vez para secar o pára-brisa

com um trapo já ensopado. O limpador de pára-brisas de seu lado só funcionava de vez em quando. E o

outro estava permanentemente imóvel. Uma chuva torrencial escorria através da manga de seu casaco

enquanto segurava o volante com uma das mãos e tentava limpar a água com a outra. Tinha sido uma

loucura comprar um carro de vinte e cinco anos, sendo um clássico ou não. O Vette 62 parecia um sonho,

sim, mas funcionava como um pesadelo.

Tampouco tinha sido inteligente viajar de carro de Nova Iorque até a Virgínia em fevereiro, mas queria

desfrutar da liberdade que lhe dava dirigir seu próprio carro. E, pelo menos, a neve que teve que enfrentar

em Delaware se transformou em chuva ao dirigir-se para o sul. Mas voltou a amaldiçoar a chuva ao senti-la

entrar pela janela e deslizar pelo gola de seu casaco.

Poderia ser pior, disse a si mesmo. Não podia imaginar exatamente como, mas, com certeza, poderia

ser pior. Afinal, enfim poderia agarrar aquele projeto que tinha tentado iniciar há três anos. Aparentemente,

Abigail O'Hurley Rockwel tinha decidido pressionar a editora até lhe tirar tudo o podia.

Uma dama dura e atraente, imaginava. Tinha conseguido agarrar um dos melhores e mais ricos pilotos

do circuito sendo ainda uma menina. Antes de fazer dezenove anos, já desfilava visons e diamantes e

jogava dados em lugares como Montecarlo. Sempre era fácil gastar o dinheiro dos outros. Sua ex-mulher

tinha demonstrado aquilo durante o breve período de dezoito meses que tinha durado seu casamento.

Afinal, todas as mulheres nasciam astutas. Apresentavam-se com uma máscara de vulnerabilidade e

fragilidade. Que desaparecia assim que jogavam a isca para alguém. Para se livrar delas, tinham que

sangrar um pouco. Depois, se fossem inteligentes, bastava olhar as cicatrizes de vez em quando para

lembrar exatamente como funcionava a vida.

Dylan olhou novamente no mapa a sua frente. Sustentou-o diante dele enquanto dirigia com os cotovelos

Amaldiçoou uma vez mais. Sim, tinha que ter entrado naquele desvio. Mas não tinha visto. Olhou para

frente e para trás naquela estrada que a chuva e a névoa mal deixavam ver, e virou no cruzamento. Os

limpador de pára-brisas podiam ser péssimos, mas o Vette sabia como mover-se.

Não podia imaginar o Chuck Rockwel que ele tinha seguido e admirado decidindo viver nos campos da

Virginia. Talvez aquela mulherzinha o tivesse convencido a comprar aquela casa como uma espécie de

esconderijo. No qual, por certo, ela tinha estado hibernando durante os últimos anos.

Que tipo de mulher seria? Para poder escrever a biografia do homem, teria que chegar a compreender a

mulher. Ela tinha vivido literalmente grudada em Rockwel durante o primeiro ano de casamento, sempre a

via no circuito, e depois tinha desaparecido. Talvez o aroma de gasolina e fumaça tenha terminado

incomodando-a. Nunca estava na arquibancada para ser testemunha das vitórias ou dos fracassos de seu

marido. E, sobretudo, não tinha estado no circuito na sua última corrida. A corrida em que Chuck Rockwel

tinha morrido. Pela informação que Dylan tinha obtido, tinha aparecido no funeral três dias depois e mal

tinha falado. Não tinha derramado uma só lágrima.

Casou-se com uma mina de ouro e tinha passado por cima de suas infidelidades. O dinheiro era a única

resposta. Nesse momento, sendo sua viúva, estava em uma posição que lhe permitia viver sem mover um

só dedo. Nada mal para uma ex- cantora que jamais tinha se apresentado em lugares melhores que bares e

clubes medíocres.

Teve que frear o Vette para entrar por um estrada de terra. O desvio era marcado pela caixa de correio

estropeada na qual aparecia o sobrenome Rockwel .

Evidentemente, a viúva não tinha considerado que valia a pena gastar dinheiro em sua manutenção.

Dylan secou uma vez mais o pára-brisa e apertou os dentes enquanto desviava os buracos. Quando ouviu

um golpe no amortecedor, amaldiçoou a chuva e começou a amaldiçoar também à Abigail. Tal como ele a

*via, devia ter um armário transbordante de peles e seda, mas não tinha
gasto sequer um centavo para*

reparar aquela estrada.

6

*Quando viu a casa, sentiu nostalgia. Não era um daqueles edifícios
imponentes e quase cansativos das*

*antigas plantações, tal como ele esperava. Era uma casa encantadora,
acolhedora, que tinha até uma*

*cadeira de balanço na varanda. As venezianas estavam pintadas de azul,
fazendo um bonito contraste com*

*os marcos brancos das janelas. No segundo andar, havia um terraço com
duplo corrimão. Embora fosse*

*evidente que a casa precisava de uma nova demão de tinta, não tinha a
aparência abandonada, ao*

*contrário, parecia uma casa cheia de vida. Saía fumaça da chaminé e
havia uma bicicleta na varanda. O*

som dos latidos de um cão completava a cena.

*Dylan tinha sonhado muitas vezes encontrar um lugar como aquele para si.
Um lugar afastado das*

*multidões e do ruído no qual poderia concentrar-se em escrever. Aquele
lugar lhe recordou à casa em que*

*vivia quando era menino; uma casa em que a segurança e o trabalho
estavam presentes.*

*Quando sentiu um novo golpe no amortecedor, desapareceu todo o
encanto. Dylan estacionou atrás de*

*uma caminhonete e de um utilitário e desligou o motor. Deixou o tapo
molhado sobre o tapete e fechou a*

*janela. Começava a abrir a porta quando teve que fechá-la ao ser
surpreendido por uma ofegante bola de*

pelo molhado.

Era um cão enorme. Talvez pretendesse dar um recepção amistosa, mas em seu sujo estado, o animal

não parecia muito agradável. Enquanto Dylan calculava seu tamanho, comparando-o com o de um pequeno

hipopótamo, o cão plantou suas patas sobre a janela e continuou latindo.

— Sigmund!

Tanto Dylan como o cão olharam para a casa, onde uma mulher permanecia perto dos degraus da

varanda. Então essa era Abigail, pensou. Tinha visto fotografias suas o suficiente ao longo dos anos para

não reconhecê-la imediatamente. Aquele rosto fresco e ingênuo nos bastidores durante as corridas. A jovem

cosmopolita de Londres e Chicago. E a fria e composta viúva ante o túmulo de seu marido. Mas não era

precisamente isso o que esperava.

Seu cabelo, de uma cor loira como o mel, caía sobre sua testa em finos fios e suavemente por seus

ombros. Parecia muito magra, e muito confortável com aquele jeans, as botas e o pulôver que lhe cobria os

quadris. Via seu rosto pálido e delicado através da chuva. Não podia ver dali a cor de seus olhos, mas podia

ver sua boca, uma boca cheia e sem batom, enquanto chamava outra vez o cão.

— Sigmund, desça agora mesmo.

O cão deixou escapar um último e pouco entusiasta latido e obedeceu. Receoso, Dylan abriu a porta do

carro e saiu.

— Senhora Rockwel ?

— Sim. Sinto muito pelo cão. Não morde. Ao menos não freqüentemente.

— Boas notícias — murmurou Dylan e abriu o porta-malas.

Enquanto Dylan tirava as malas, Abby permanecia onde estava com os nervos a flor da pele. Era um

desconhecido e ia permitir que entrasse em sua casa, em sua vida. Talvez devesse detê-lo naquele

momento, antes que desse mais um passo.

Dylan se voltou então, com as malas na mão, e a olhou. A chuva escorria por seu cabelo. Tinha o cabelo

escuro, e grudado no rosto. Não era um rosto amigável, pensou Abby imediatamente, enquanto esfregava a

palma das mãos nas coxas. Havia muita vida nele, muita experiência para que fosse amigável. Uma mulher

tinha que estar louca para permitir que um homem como aquele se metesse em sua vida. Então notou que

tinha a roupa ensopada e os sapatos sujos de barro.

— Acredito que aceitaria um café.

— Sim — dirigiu ao cão um último olhar enquanto este lhe farejava os tornozelos —. A estrada parece

um pesadelo.

— Eu sei — deu-lhe um pequeno sorriso de desculpa enquanto observava que o carro não tinha uma

aparência muito melhor que ele —. Este inverno está sendo muito duro.

Não deu um passo adiante. Através da cortina de chuva que caía entre eles, olhou-a fixamente. Estava

avaliando-a, decidiu Abby, e ocultou suas mãos nervosas nos bolsos. Tinha assumido um compromisso e

não ia conseguir o que queria se se acovardasse logo no início.

— Entre — aproximou-se da porta e o esperou.

Tinha os olhos de cor verde escura, e, se não tivesse tido nenhuma

informação sobre ela, teria pensado

que estava assustada. A delicadeza que tinha observado a distância era mais evidente de perto. Tinha as

maças do rosto elegantes e o queixo ligeiramente pronunciado, o que dava um aspecto curiosamente

7

provocador. A pele era pálida, os cílios escuros. Dylan decidiu que ou era uma perita com os cosméticos, ou

não usava nenhum. Cheirava a chuva e a fumaça.

Dylan se deteve a porta e tirou os sapatos.

— Não acho que gostaria que entrasse em sua casa com isto.

— Agradeço.

Dylan entrou na casa descalço, enquanto Abby permanecia segurando a maçaneta da porta sentindo-se

tão desesperada quanto desajeitada.

— Por que não deixa suas coisas aí e vem para cozinha? Faz mais calor ali e assim poderá secar-se.

— Ótimo — achou o interior da casa tão surpreendente como o exterior.

O piso estava gasto, porém brilhavam. Sobre uma mesa situada perto das escadas, viu uma flor de

papel maché que parecia ter sido feita por um menino. Enquanto caminhavam, Abby se agachou para

recolher dois homenzinhos de plástico vestidos com trajes espaciais e continuou andando sem alterar o

ritmo de seus passos.

— Veio dirigindo de Nova Iorque?

— Sim.

— Não deve ser muito agradável com este tempo.

— Não.

Não estava sendo seco intencionalmente, embora podia sê-lo quando queria. Naquele momento, o

interior da casa o interessava mais que qualquer conversa. Não havia pratos sujos na pia e o ambiente

estava muito limpo. Entretanto, a cozinha não estava particularmente organizada. A porta da geladeira não

tinha nenhum espaço livre, estava coberta de desenhos realizados por mãos infantis e ímãs de variadas

formas. Sobre a mesa, repousava um quebra-cabeças pela metade. E ao lado da porta dos fundos, havia

uma confusão de tênis pequenos.

Mas havia fogo na lareira, e cheirava a café.

Se não ia se incomodar em falar com ela, não iriam chegar muito longe, pensou Abby. Voltou-se para olhá-

lo pela segunda vez. Não, não tinha um rosto amigável, mas era intrigante com aquela descuidada sombra

de barba; e os olhos, de um verde muito claro, davam-lhe certa profundidade. Eram olhos intensos,

reconheceu. E ela não se sentia fatalmente atraída por essa intensidade quando era mais jovem? Chuck

tinha os olhos castanhos, mas a mensagem que emitia era a mesma: “consigo o que quero porque não dou

a mínima para o que tenha de fazer para vencer.”

Aquele homem era igual. E Abby temia ter acabado de abrir sua vida a um homem como Chuck. Mas ela

tinha amadurecido. Era imensamente mais sábia que antes. E, além disso, não estava apaixonada.

— Dê-me seu casaco — estendeu as mãos e esperou que Dylan o tirasse.

Pela primeira vez em muitos anos, descobriu-se percebendo e reagindo a

presença de um homem. Um

homem alto e magro que provocou uma resposta quase imperceptível em seu íntimo. Abby a sentiu, e

imediatamente a controlou. Voltou-se e pendurou o casaco no cabide da porta.

— Como toma o café?

— Puro.

Abby precisava ocupar-se para poder manter a calma. Tirou uma enorme xícara do armário para ele e

outra menor para ela.

— Quanto tempo passou dirigindo?

— A noite toda.

— A noite toda? — olhou-o por cima do ombro enquanto ele se sentava à mesa da cozinha —. Deve

estar esgotado.

Mas não parecia. Embora tivesse o aspecto um tanto descuidado, parecia completamente alerta.

— Chega uma hora em que me recupero completamente, como se tivesse dormido — aceitou a xícara

que lhe oferecia e observou que não usava nenhum anel nos dedos. Nem sequer uma aliança. Quando

ergueu o olhar, havia em seus olhos um novo cinismo —. Suponho que sabe o que é isso.

Abby arqueou uma sobrancelha e sentou-se em frente a ele. Como mãe, sabia perfeitamente o que era

passar uma noite em claro e ter que estar completamente desperta no dia seguinte.

— Suponho que sim — posto que seu interlocutor não parecia muito

interessado em manter uma

conversa educada, decidiu abordar diretamente o assunto que interessava a ambos —. Li seus livros,

senhor Crosby. O que escreveu sobre Mil icent Driscoll me pareceu duro, mas muito preciso.

—« Preciso » é a palavra chave.

Abby bebeu café enquanto o observava.

— Algo que me parece muito importante. E acho que já houve suficiente paixão por ela em outros

meios. Conheceu-a pessoalmente?

— Não, até depois de seu suicídio — segurava a xícara com ambas as mãos, absorvendo o calor,

enquanto o fogo crepitava atrás dele na lareira —. Depois tive que conhecê-la para escrever o livro.

— Era uma mulher e uma atriz sensacional, mas sua vida não foi nada fácil. Tive oportunidade de

conhecê-la através de minha irmã.

— Chantel O'Hurley, outra atriz sensacional.

Abby sorriu e sua expressão se suavizou.

— Sim, ela é. Conheceu-a quando estive investigando Mil icent, não é?

— Rapidamente — e se desgostaram mutuamente —. As três irmãs O'Hurley parecem ter conseguido

seu objetivo... de um modo ou de outro.

Abby o olhou com calma, como se aceitasse aquela afirmação.

— De um modo ou de outro, sim.

— E o que sente ao ter duas irmãs que despertam tanto interesse de um lado a outro da costa?

— Estou muito orgulhosa delas — respondeu imediatamente e com uma

sinceridade absoluta.

— *Você não pensa reaparecer no mundo do espetáculo?*

Abby teria rido se não tivesse detectado o cinismo de sua voz.

— *Não, tenho outras prioridades. Viu Maddy atuar na Broadway?*

— *Algumas vezes — bebeu. Aquele delicioso café estava compensando-o dos últimos quilômetros de*

estrada —. Não se parece com ela. Na realidade, não se parece com nenhuma de suas irmãs.

Abby já estava acostumada a aquela inevitável comparação

— *Não. Meu pai sempre pensou que teríamos causado sensação se tivéssemos sido idênticas. Quer*

mais café, senhor Crosby?

— *Não, obrigado. A história conta que Chuck Rockwel entrou em um desses pequenos clubes nos quais*

you e sua família atuavam e que não prestou atenção em nenhuma de suas irmãs. Somente em você.

— *Isso é o que se fala por aí? — Abby empurrou sua xícara e levantou-se.*

— *Sim. Já sabe que as pessoas são muito propensas ao romantismo.*

— *Mas você não — começou a dizer enquanto se aproximava da fogueira.*

— *O que está fazendo?*

— *Vou começar a preparar o jantar. Espero que goste de Chili.*

Então ela sabia cozinhar. Ou ao menos pretendia fazê-lo essa noite, talvez para lhe causar certa

impressão. Dylan se recostou em sua cadeira e observou-a preparar a carne.

— *Eu não escrevo romances, senhora Rockwel . Se a editora não deixou claras quais são minhas*

regras, terei que fazê-lo agora.

Abby se concentrou no que estava fazendo.

— Para que desperdiçar seu tempo?

— Não acredito que seja desperdiçar tempo. A primeira regra é que sou eu que vou escrever o livro.

Pagam-me para que o faça. E lhe pagam para que colabore.

Abby acrescentou especiarias à carne com mão perita.

— Agradeço-lhe por me lembrar disso. Alguma outra regra mais?

Era tão fria como sua reputação indicava. Fria, talvez fosse uma forma muito amável de descrevê-la;

9

talvez fosse preferível dizer insensível.

— Só esta. O livro tratará sobre Chuck Rockwel ; você fará parte dele. Algo que descubra, por mais

peçoal que seja, me pertence. Você renunciou a sua privacidade quando assinou esse contrato.

— Renunciei a minha privacidade, senhor Crosby, quando me casei com Chuck — removeu o molho e

acrescentou um pouquinho de vinho —. Estou enganada, ou tem certas reservas sobre escrever este livro?

— Sobre o livro não, sobre você.

Abby se voltou para ele e a estupefação que por um instante se refletiu em seus olhos se desvaneceu

enquanto estudava seu rosto. Dylan Crosby não era o primeiro que tinha chegado à conclusão de que se

casara com Chuck por dinheiro.

— Já entendi. Acho que já foi franco o bastante. Enfim, suponho que não é necessário que goste de mim

para que escreva o livro.

— Não, não é. E tampouco que você goste de mim. Serei honesto com você, senhora Rockwel . Vou

escrever a biografia mais verdadeira e exaustiva que eu puder sobre seu marido. E, para fazê-lo, é possível

que tenha que chegar a ser bastante desagradável com você.

Abby tampou a cafeteira e a levou ao balcão.

— Não é fácil me deixar zangada. Muitas vezes me dizem que sou... muito complacente.

— Pode ter certeza de que estará zangada comigo antes que tenha terminado a biografia.

Depois de lhe servir mais café, Abby deixou a cafeteira sobre um descanso.

— Diz isso como se o desejasse.

— Eu não gosto das águas muito tranqüilas.

Então, Abby se pôs a rir. Mas foi uma risada rápida, que soava quase com arrependimento. Ergueu sua

xícara.

— Conheceu Chuck?

— Não.

— Acredito que teriam se entendido muito bem. Era um homem com um só objetivo em mente: ganhar.

Corria sempre a sua maneira. Era muito pouco flexível.

— E você?

Embora fosse uma pergunta que Dylan acabava de improvisar, Abby levou muito a sério.

— Um de meus principais problemas ao longo de minha vida foi que tendo a fazer sempre o que me

pedem. Mas já aprendi — terminou o café —. Mostrarei seu quarto. Assim poderá desfazer as malas antes

de jantar.

Acompanhou-o pelo corredor e pegou uma das malas antes que Dylan tivesse tido oportunidade de lhe

dizer que não se incomodasse. Sabia que aquela mala pesava, mas enquanto ele se encarregava do resto

de suas coisas, observou-a subir as escadas sem nenhuma dificuldade. Era mais forte do que parecia,

pensou. Uma razão a mais para não confiar nela.

— Há um banheiro no final do corredor. A água quente funciona muito bem — depois de empurrar a

porta, deixou a mala no chão, ao lado da cama —. Coloquei uma mesa neste quarto. Eu tenho uma

escrivaninha no andar de baixo, mas pensei que isto seria mais apropriado.

— Assim está bem.

Mais que bem. O quarto cheirava ligeiramente a limão e a especiarias. Era uma fragrância fresca e

convidativa. Dylan era um homem que gostava de antiguidades e reconheceu a cabeceira da cama

Chippendale e a qualidade do resto dos móveis. Havia ramos de ervas secas mescladas com ramos de arce

em um vaso de cobre, sobre a cômoda. As cortinas estavam abertas, oferecendo uma vista das colinas

cobertas de neve e de um estábulo, que as inclemências do tempo haviam tornado a madeira acinzentada.

— Bonito quarto.

— Obrigado — Abby olhou para a janela com nostalgia —. Deveria ter visto a casa quando a

compramos. Havia mais de cinco goteiras no telhado e os encanamentos eram mais um desejo que uma

realidade. Mas decidi que esta casa seria minha assim que a vi.

— Você a escolheu? — colocou a máquina de escrever em cima da mesa.

10

— Sim.

— Por que?

Abby continuava olhando pela janela, de maneira que estava de costas para ele. Dylan pensou ouvi-la

suspirar.

— Uma pessoa precisa de um lugar no qual fincar raízes. Ao menos algumas...

Dylan tirou o gravador e o colocou ao lado da máquina.

— Percorreu um longo caminho desde dos circuitos de corridas.

— Nunca gostei de velocidade — o olhou por cima do ombro e se voltou. Viu então seu material de

trabalho colocados na mesa —. Tem tudo o que precisa?

— No momento sim. Eu gostaria de lhe fazer mais uma pergunta antes de começar a trabalhar. Por que

agora? Por que depois de todo este tempo negando-se a fazê-lo, autorizou uma biografia sobre seu marido?

Havia duas razões, as duas igualmente importante, as duas igualmente preciosas, mas não acreditava

que fosse capaz de compreendê-las.

— Digamos que até este momento não achei que estivesse preparada. Passaram-se quase cinco anos

da morte de Chuck.

E depois de cinco anos, certamente o dinheiro tinha começado a desaparecer.

— Tenho certeza que o acordo foi muito lucrativo.

Como Abby não respondeu, voltou-se para ela. Não havia zanga em seus

olhos. Teria preferido à

expressão fria e indecifrável que viu neles.

— O jantar estará pronto às seis. Aqui nos deitamos muito cedo.

— Senhora Rockwel , quando a ofendo, estou preparado para receber uma resposta.

Abby sorriu pela primeira vez. Aquele sorriso iluminou seus olhos e deu a seu rosto uma doce

vulnerabilidade. Dylan sentiu uma estranha mescla de culpa e atração; ambos sentimentos

incompreensíveis para ele.

— Não gosto de discussões. Por isso tento evita-las.

Ouviu-se um estrondo fora da casa, mas ela nem sequer se voltou. Foi seguido por um uivo próprio de

um índio assaltando um trem. O cão começou a latir um pouco antes que alguém, que a julgar pelo estrondo

parecia ter as dimensões de um elefante, aterrisasse na varanda.

— Há toalhas limpas no banheiro.

— Importa-se que lhe pergunte o que foi isso?

— O que?

E, pela primeira vez, Dylan viu uma sombra de verdadeiro humor em seus olhos. A vulnerabilidade tinha

desaparecido. Aquela era uma mulher que sabia quem era e aonde ia.

— Pareceu-me uma invasão.

— E isso é exatamente o que foi.

Abby cruzou o quarto e se deteve ao ouvir que a porta principal se abria e se fechava com tal estrondo

que fez tremer os quadros das paredes.

— Mamãe, já estamos em casa!

Aquela recepção foi seguida por um novo alarde de corridas, gritos e acaloradas discussões.

— Meus filhos parecem ter a necessidade de fazer-se notar. Só Deus sabe por que. Se me desculpar,

vou tentar salvar o tapete da cozinha.

E sem mais, desapareceu, deixando Dylan só com seus pensamentos.

Capítulo 2

Quando chegou à cozinha, seus filhos já tiravam os casacos. Abby seguiu o rastro de água que

11

começava na porta até encontrá-los.

— Olá, mamãe — a saudaram com um enorme sorriso. Para eles, a escola e o mundo em geral eram

maravilhosos.

— Olá aos dois.

Havia um montão de livros molhados sobre a mesa. Em frente a geladeira, onde os meninos

permaneciam, começava a formar um poça. A porta estava aberta e o ar quente da lareira competia com o

frio glacial do interior da geladeira. Mas Abby calculou os danos e decidiu que eram mínimos.

— Chris, parece que seu casaco gosta de ficar no chão.

O mais novo de seus filhos olhou a seu redor, aparentemente surpreso.

— Tommy Harding voltou a causar problemas no ônibus outra vez — pegou o casaco e o pendurou em

um dos cabides mais baixos da porta dos fundos —. vai ter que sentar-se no primeiro assento durante duas

semanas.

— *Cuspiu na Ângela — anunciou Ben com prazer enquanto punha uma das mãos sujas sobre uma jarra*

de suco —. no cabelo.

— *Que encanto — Abby recolheu as luvas de Chris e as estendeu —. E suponho que você não tenha*

tido nada a ver com isso.

— *Não — o suco começou a gotejar pela borda da jarra, mas Ben o deixou no balcão —. Eu disse que*

era feio.

— *Só é um pouco feio — Chris, sempre disposto a defender aos menos favorecidos, estava já ocupado*

com suas botas.

— *Tem uma cara asquerosa — Ben começou a servir o suco em um copo —. Chris e eu apostamos*

corrida no ônibus. Eu lhe dei vantagem, mas ganhei.

— *Parabéns.*

— *Quase que eu ganho — respondeu Chris, enquanto tirava a segunda bota —. Estou terrivelmente*

faminto.

— *Vou lhe dar um bicoito.*

— *Disse que estou terrivelmente faminto.*

Chris tinha o rosto de um anjo, redondo, pálido e perfeito. O cabelo loiro e encaracolado caía

graciosamente sobre suas orelhas e seus olhos castanhos brilhavam com força quando a olhou. Abby

dominou um suspiro.

— *Dois — aquele menino ia ser um conquistador.*

— *Tenho fome — Ben terminou o suco e secou a boca com o dorso da*

mão.

Seu pequeno selvagem, pensou Abby. O cabelo, antes loiro como o ouro, tinha escurecido até adquirir

uma bonita cor areia, e caía rebelde por seu rosto. Tinha os olhos escuros e travessos.

— Dois biscoitos também para você — disse Abby, consciente de que ambos sabiam perfeitamente

quem mandava ali. No momento, ela era a chefe.

Ben colocou a mão no pote de biscoitos.

— De quem é esse carro? É incrível.

— Lembram do escritor? — aproximou-se do armário, tirou um esfregão e começou a limpar o chão —.

O senhor Crosby.

— Aquele que ia escrever um livro sobre papai?

— Exato.

— Não entendo por que as pessoas querem ler algo sobre alguém que está morto.

Ali estava outra vez, pensou Abby. A franqueza de Ben e sua total despreocupação por seu pai. A culpa

era de Chuck ou teria sido culpa dela por não deixar que seus filhos participassem da vida do circuito? Mas

quem tinha ou deixava de ter culpa não importava. A única coisa que importava era o resultado.

— Seu pai era uma pessoa muito famosa, filho. As pessoas ainda o admiram.

— Como George Washington? — perguntou Chris, enfiando o último biscoito na boca.

— Não exatamente. Devem subir e se trocar para o jantar. E não

incomodem o senhor Crosby —

acrescentou —. Está no quarto de hóspedes, ao lado da escada. Fez uma longa viagem e certamente

estará descansando.

— Certo — Ben dirigiu a Chris um olhar significativo, de costas para sua mãe —. Não faremos barulho.

— Agradeço por isso — Abby esperou até que se fossem para terminar de limpar.

Estava fazendo o melhor para eles, voltou a repetir para si mesma. Sim, tinha que ser.

— Não faça ranger as escadas — observou Ben e começou a subir silenciosamente como tinha

descoberto meses atrás —. Ele não saberá que chegamos.

— Não devemos incomodá-lo — mas Chris seguia meticulosamente os passos de seu irmão.

— Não vamos incomodá-lo, vamos somente olhá-lo.

— Mas mamãe disse...

— Escute — Ben se deteve dramático a três degraus do final da escada e disse em um sussurro —:

Imagine que não é um escritor. Imagine que é um ladrão.

Chris arregalou os olhos.

— Um ladrão?

— Sim — animando-se com o tema, Ben se aproximou do irmão e lhe sussurrou ao ouvido —: É um

ladrão e vai esperar até que estejamos dormindo esta noite. Então levará tudo.

— Levará meus caminhões?

— Talvez — então Ben sacou seu último ás —. Armado com uma pistola. Assim não faça ruído e vamos

olhá-lo.

Completamente convencido, Chris assentiu. Os dois meninos, com os corações palpitantes, subiram os

últimos degraus.

Dylan permanecia olhando pela janela com as mãos nos bolsos. Aquelas colinas nevadas não eram

muito distintas das que via da janela de seu quarto quando era menino. A chuva continuava caindo e a

névoa não se dispersou. E não se via nenhuma luz pelos arredores.

Inesperado, sim, mas a verdade era que ele preferia o inesperado. Tinha imaginado que a casa de

Abigail O'Hurley Rockwel seria um lugar digno de conhecer, elegante e majestoso. Estava convencido de

que ia encontrar uma casa cheia de empregados. A menos que estivessem todos fazendo algum serviço

fora da casa, aquela mulher não parecia contar com nenhuma ajuda e sua casa era tão singela quanto

acolhedora.

Informou-se, é obvio, de que tinha filhos, mas imaginava que teriam babá ou que estariam em um

internato. A mulher cuja fotografia tinha em seu arquivo vestia um visom branco e reluzentes diamantes e

não tinha tempo nem vontade de criar uma criança.

Mas se Abigail não era essa mulher, então quem diabos era? Seu trabalho consistia em investigar a vida

de Chuck Rockwel, mas Dylan admitia que estava cada vez mais interessado em sua viúva.

Não parecia uma viúva, pensou enquanto deixava uma das malas na cama. Tinha mais a aparência de

uma estudante durante as férias de inverno. Mas, afinal, tinha sido atriz,

se é que se podia chamar assim o

que fazia. E talvez ainda o fosse.

Abriu o zíper da mala. Um pequeno sussurro, pouco mais que um murmúrio, chamou-lhe a atenção.

Sendo detetive, Dylan tinha estado em becos sem saída e bares pouco recomendáveis o suficiente para

desenvolver uma espécie de sexto sentido. Com naturalidade, começou a tirar camisas e sueteres da mala

enquanto fixava o olhar no espelho que havia aos pés da cama.

A porta do dormitório se abriu lentamente, somente uma fresta a princípio e depois um pouco mais.

Esticou-se e esperou, embora aparentemente continuasse desfazendo a mala. Viu dois pares de olhos no

espelho. Ao aproximar-se da cômoda, ouviu uma respiração nervosa. E quando a porta se abriu um pouco

mais, viu os dedos de um menino cravados no canto.

— Parece um ladrão — disse Ben num sussurro, apenas capaz de conter a emoção —. Tem um olhar

suspeito.

— Acha que tem uma pistola?

— Certamente um arsenal — violentamente deleitado, Ben seguia os movimentos de Dylan pelo quarto

13

—. Se aproxima da cômoda — sussurrou frenético — Não se mexa.

Logo que aquelas palavras saíram de sua boca a porta se abriu totalmente. Os dois meninos caíram

rodando dentro do quarto.

Do chão, Chris ergueu o olhar para o rosto daquele homem que parecia estar a centenas de metros dele.

Embora fizesse um beicinho, seus olhos estavam secos.

— Não levará meus caminhões — observou. Estava disposto a contar para sua mãe.

— Certo — divertido, Dylan se agachou até que seus rostos estivessem à mesma altura —. Mas talvez

possa me emprestar de vez em quando.

Chris fuzilou o irmão com o olhar.

— Talvez. É um ladrão?

— Chris! — mortificado, Ben se separou de seu irmão e se levantou —. É só um menino.

— Não sou um menino. Tenho seis anos.

— Seis — Dylan o olhou fingindo-se impressionado —. E você?

— Eu tenho oito — a consciência de Ben não lhe permitia mentir —. Bom, logo completarei. Mamãe

acha que é um escritor.

— Às vezes eu também acho — um menino muito bonito, decidiu Dylan, e com um brilho de curiosidade

no olhar que resultava irresistível —. Me chamo Dylan — estendeu a mão e esperou enquanto Ben parecia

estar analisando-o.

— Eu sou Ben — estreitou a mão, apreciando que o tratassem como adulto. — Este é Chris.

— Prazer em conhecê-lo — Dylan estendeu a mão a Chris. Este a apertou com um tímido sorriso.

— Seu carro parece incrível.

— Tem seus momentos.

— Ben diz que pode chegar a duzentos quilômetros por hora.

— Poderia — incapaz de resistir, revolveu-lhe a franja —. Mas eu não

chego.

Chris sorriu abertamente. Gostava do cheiro daquele homem. Era um aroma tão diferente do de sua

mãe...

— Minha mãe diz que não deveríamos incomodá-lo.

— Ah, sim? — Dylan ajudou o menino a levantar-se e depois se levantou —. Pois quando me

incomodarem, eu lhes avisarei.

Aceitando por completo aquela declaração, Chris se sentou na cama e ficou conversando com ele

enquanto desfazia a mala. Ben permanecia um tanto retraído, falava pouco e observava tudo.

Não confiava facilmente nos outros, pensou Dylan. E embora ele compartilhasse daquele sentimento,

pensou que era uma pena encontrá-lo em um menino tão pequeno. O menor era um menino fora de série e

parecia disposto a acreditar em tudo que saísse de sua boca.

Chris observou que Dylan tirava um maço de cigarros.

— Minha mãe diz que isso é um vício.

Dylan guardou os cigarros em uma gaveta da cômoda.

— As mães são muito inteligentes.

— Você tem maus hábitos?

— Eu... — Dylan decidiu deixar aquele assunto de lado —. por que não me passa essa câmera?

Desejando agradá-lo, Chris tirou uma câmera trinta e cinco milímetros do estojo. Sustentou-a um

momento na mão e observou atentamente todos seus botões.

— É ótima.

— Obrigado.

— Vai tirar uma foto nossa?

— Poderia — enquanto a guardava na gaveta, Dylan viu, através do espelho, que Ben estava tocando

14

com receio seu gravador —. Você gosta?

Sentindo-se apanhado, Ben retirou rapidamente as mãos.

— Os espiões os usam.

— Sim, eu sei. Acredita que há algum por aqui?

Ben o media com o olhar, com uma expressão que Dylan não teria esperado de um menino do dobro de

sua idade.

— Talvez.

— Antes pensávamos que o senhor Petrie, que nos ajuda com os cavalos, era um espião —Chris

continuou olhando a mala, para ver se encontrava algo interessante —. Mas não é espião.

— Têm cavalos?

— Alguns.

— De que tipo?

Chris se encolheu de ombros.

— Quase todos são muito grandes.

— É um tonto — o insultou Ben —. São Morgan. Algum dia eu montarei Trovão, que é um garanhão —

enquanto falava, o receio de seus olhos desapareceu e foi substituído pelo entusiasmo —. É o melhor

cavalo que temos.

Então aquela era a chave para o menino, pensou Dylan, a maneira de aproximar-se dele.

— Quando eu era menino, tive um Tennessee. Tinha dezesseis palmos.

— Dezesseis? — Ben arregalou os olhos, antes de lembrar que não devia mostrar-se tão entusiasmado

—. Provavelmente não era tão rápido quanto Trovão — como Dylan não fez nenhum comentário, Ben fez o

esforço de perguntar —. Como se chamava?

— Ardiloso. Era capaz de adivinhar em que bolso guardava a cenoura.

— Ben. Chris.

Ben ruborizou-se sentindo-se culpado ao ver sua mãe na porta. Tinha aquele olhar. Evidentemente feliz,

Chris anunciou sua mãe da cama:

— Olá, mamãe. Não acreditamos mais que Dylan seja um ladrão.

— Estou certa de que é um grande alívio para todos. Benjamim, não lhe disse que não incomodassem o

senhor Crosby?

— Sim, mamãe — tinha que dizer mamãe quando ela o chamavam de «Benjamim».

— Não estavam me incomodando — Dylan tirou algumas calças e a pendurou no armário —. Estávamos

começando a nos conhecer.

— Você é muito amável — Abby o olhou abertamente e depois o ignorou —. Meninos, não esqueceram

de cumprir com suas obrigações?

— Mas mamãe...

Abby interrompeu Ben somente com um olhar.

— Não acredito que tenhamos que voltar a falar de quais são suas

responsabilidades.

Dylan guardou a camisa em uma gaveta e tentou não sorrir. Tinha ouvido aquela mesma linha de

argumentação de sua mãe inúmeras vezes.

*— Há animais nesta casa que dependem de nós para se alimentar —
recordou Abby a seus filhos —.*

*E... — mostrou-lhes um papel —, parece que alguém deixou isto cair no
chão. Tenho certeza que pensava*

em me mostrar.

*Ben tropeçou nos próprios pés ao ver que sua mãe lhe mostrava um exame
reprovado.*

— Não pude estudar.

*— Mmm — Abby se aproximou dele e segurou seu queixo —. É um
delinqüente.*

O menino sorriu, sabendo que o pior já tinha passado.

15

— Esta noite vou estudar.

*— Pode estar certo. E, agora, fora daqui. Você também — estendeu a mão
a Chris enquanto Ben saía*

correndo do quarto.

— Ben disse que ia levar meus caminhões.

Abby o ergueu em seus braços e o beijou.

— É tão crédulo, Chris.

— E isso é bom?

— Por hora sim. Venha, troque de roupa.

*Aos seis anos, Chris não saberia definir o que era ter charme, mas sabia
que o tinha.*

— Ainda estou terrivelmente faminto.

— Então suponho que teremos que jantar um pouco antes do normal.
Assim terminem o quanto antes

suas tarefas.

Como parecia ser impossível conseguir mais um biscoito, Chris escorregou até o chão e caminhou até a

porta. antes de sair, dirigiu a Dylan um sorriso.

— Tchau.

— Até mais tarde.

Abby esperou um momento e depois se voltou.

— Sinto muito. Temo que estejam acostumados a correr por toda a casa e não pensam na privacidade

dos outros.

— Não me incomodaram.

Abby soltou uma gargalhada e jogou o cabelo para trás.

— Não demorarão a fazê-lo, prometo. Se não se importar, jantaremos assim que tenham terminado suas

tarefas e trocado de roupa.

— Quando você quiser.

— Senhor Crosby — a risada tinha desaparecido e seus olhos tinham recuperado a calma e a seriedade.

Mas era sua boca, observou Dylan, que prendia sua atenção. Era uma boca cheia, sensual, e muito séria

—. vou tentar dar toda minha colaboração neste projeto. Mas isso não inclui os meninos.

Dylan acabava de tirar seu aparelho de barba da mala.

— E isso significa o quê?

— Que não os quero envolvidos no projeto. Não poderá lhes fazer perguntas sobre o pai.

Depois de deixar a necessária sobre a cômoda, Dylan se voltou para ela. Suave. Aquela era uma mulher

que parecia suave como a manteiga e tinha uma voz que era não menos, mas tinha a sensação de que

mostraria suas garras assim que sentisse seus filhos ameaçados.

— Nem sequer pensei nisso. Acho que são muito pequenos para lembrar-se dele.

Ia ter uma grande surpresa, pensou Abby, mas assentiu.

— Nesse caso, acredito que nos entendemos.

— Ainda não. Absolutamente... senhora Rockwel .

Abby não gostava da expressão de seus olhos. Era muito... indiscreto. Quanto teria deixado de si mesma

quando aquele homem tivesse terminado sua missão? Mas aquilo era um jogo, e ela tinha decidido

participar dele.

— Direi a um dos meninos que venha lhe avisar assim que o jantar estiver pronto.

Depois de fechar a porta, Abby descobriu que estava gelada. Tanto que teve que esfregar os braços.

Queria ligar para sua família, ouvir as consoladoras vozes de seus pais. Ou o tom sarcástico de Chantel.

Passou a mão pelo cabelo enquanto descia as escadas. Talvez pudesse ligar para Maddy e escutar uma de

suas conversas despreocupadas e otimistas sobre a vida em geral. Não podia ligar para Trace. Seu irmão

mais velho estaria vagando pela Europa, ou pela África, ou só Deus sabia onde.

Não podia ligar para nenhum deles, recordou-se Abby enquanto voltava para a cozinha. Vivia sozinha, e

o fazia há muito tempo porque tinha decidido assim. E estava convencida de que qualquer dos membros de

sua família estaria ali se pensasse que ela precisava. Não, não podia ligar para ninguém. Ela já não era

simplesmente a trigêmeas do meio. Era Abby Rockwel , mãe de dois filhos. Tinha que cuidar, criar, e ajudá-

los a crescer. E, o céu sabia, ia assegurar-se de que recebessem algum tipo de herança do pai.

Tirou as verduras da gaveta do refrigerador e começou a preparar uma salada que certamente

provocaria os protestos de seus filhos.

Quando os cavalos já estavam alimentados e os rostos e as mãos reluzentes, apesar dos protestos,

Abby apagou o fogo no qual estava esquentando o Chili.

— Chris, suba e diga ao senhor Crosby que o jantar já está pronto.

— Eu vou — se ofereceu Ben rapidamente, em um gesto pouco habitual nele —. De qualquer maneira

queria ir procurar uma coisa no andar de cima.

— Certo, obrigado. Mas não demore. O jantar já está servido.

— Eu não tenho que comer cogumelos, não é?

— Não, não tem que comer cogumelos.

— Tirará isso do prato, não é?

— Sim.

— Todos. Se encontrar algum, eu tiro.

— Entendi — respondeu e ergueu o olhar quando Dylan e Ben entraram na cozinha —. Entre e sente-se,

está tudo pronto — e começou a servir a salada nos pratos.

— Eu não quero —disse Ben enquanto se sentava em sua cadeira.

— Mas seu corpo sim — acrescentou o tempero —. Toma, Chris, sem cogumelos.

— Se encontro um...

— Sim, sei — serviu um terceiro prato e o colocou em frente a Dylan—. Caso encontre ...—interrompeu-

se ao erguer o olhar e ver Dylan sorrindo abertamente —. Oh, sinto muito — baixou o olhar para a salada,

que tinha preparado como fizera para seus filhos—. Acho que estou tão acostumada a servir...

— Não se preocupe — pegou o frasco com o tempero e o sacudiu preguiçosamente —. Acredito que

poderei comê-la perfeitamente.

Abby sentou-se e começou a comer enquanto Chris conversava entre colheradas. Ben beliscava a

salada e olhava Dylan pelo canto do olho. Era estranho, pensou Abby, parecia... receoso talvez?

Ressentido? Não estava certa. Não era um menino muito extrovertido, mas...

De repente, percebeu que Dylan estava sentado no lugar que tinha sido de Chuck. Na realidade, tinha

sentado ali somente uma dúzia de vezes, e sempre entre longos períodos de ausência, mas,

definitivamente, aquele era seu lugar. Ben lembraria? Tinha três anos na última vez que seu pai tinha

estado naquela casa. Somente três anos, pensou, e, mesmo assim, em muitos aspectos se comportava

como um adulto. Abby sentiu uma cotovelada nas costelas e piscou voltando ao presente.

— O que foi?

Ben afastou o prato de salada.

— Já comi quase tudo.

— Oh — Abby levou a mão para a concha de sopa para servir o Chili.

— Posso me servir sozinho.

Abby já tinha começado a lhe servir quando encontrou o olhar de Dylan por cima da cabeça de seu filho.

Viu algo naqueles olhos que lhe fez passar a travessa para Ben e voltar a sentar-se, zangada consigo

mesma.

— Parece que está clareando — comentou enquanto oferecia o guisado a Dylan.

— Parece — Dylan serviu-se —. Acho que durante dias isto vai parecer um bagunça.

— Estaremos de barro até os joelhos — Abby serviu um prato a Chris e o deixou a seu lado para que

esfriasse —. Se pretende sair, espero que tenha trazido um calçado mais forte que esses sapatos.

— Certamente — provou o Chili. Ou estava delicioso, ou ele estava morto de fome. Mas fosse qual fosse

17

a razão, atacou a comida como se fosse o melhor dos manjares —. Os meninos me disseram que tem

cavalos.

— Sim, criamos Morgans. Use o guardanapo, Chris...

— Dedicar-se à criação? — Dylan evitou habilmente ser salpicado por Chris enquanto este movia seu

prato —. Não sabia que tinha um negócio.

— Infelizmente, há muita pessoas que não sabem — sorriu e deu um puxãozinho na orelha de Ben —.

Mas saberão. Entende um pouco sobre cavalos?

— Tinha um cavalo de passeio — se adiantou Ben e teria limpado a boca com a manga se não tivesse

visto o olhar de advertência de sua mãe —. Diz que media dezesseis palmos.

— Verdade?

— Cresci em uma fazenda em Jersey.

— Então é uma tolice ser escritor — comentou Ben, enquanto raspava o fundo do prato com o garfo —.

Deve ser muito aborrecido, como estar todo o dia no colégio.

— Há pessoas que se divertem utilizando o cérebro. Quer um pouco mais, senhor Crosby?

— Um pouco — pegou outra concha de sopa. Embora não fosse um homem muito falante e

normalmente preferia escutar, se pegou explicando ao menino por que tinha escolhido aquela profissão —.

Sabe? Escrevendo viaja-se muito e se conhece muita gente.

— Isso é muito bom — respondeu Ben, enquanto continuava fazendo desenhos em seu prato com o

garfo —. Eu também vou viajar. Quando for adulto, vou ser um aventureiro do espaço.

— Uma opção interessante — murmurou Dylan.

— Viajarei de galáxia em galáxia, e me dedicarei ao saque e à pilha... pilha...

— Pilhagem — terminou Abby por ele —. Ben adora os delitos. Eu já comecei a economizar dinheiro

para as fianças.

— Melhor do que Chris. Quer ser lixeiro.

— Não mais — havia fogo nos olhos de Chris enquanto falava com a boca cheia de Chili.

— Não fale com a boca cheia, querido — mostrou o copo de leite que tinha diante dele, para lembrar que

devia acabá-lo —. O ano passado fomos ver Maddy em Nova Iorque. Chris ficou fascinado com os

caminhões de lixo.

— Que tonto — interveio Ben com voz zombeteira enquanto olhava para seu irmão —. É realmente

tonto.

— Ben, não tem que tirar a mesa?

— Mamãe.

— Chegamos a um acordo; eu cozinhava e vocês tiravam os pratos.

Ben permaneceu em um silêncio mal-humorado durante alguns segundos, mas de repente apareceu um

brilho travesso em seu olhar.

— Agora vive aqui — mostrou Dylan com um movimento de cabeça —. Também deveria ter um tarefa.

Por que Ben só recorreria à lógica quando podia tirar algum proveito dela?, perguntou-se Abby.

— Ben, o senhor Crosby é um convidado. Agora...

— O menino tem razão — comentou Dylan, e foi recompensado com um sorriso de aprovação por parte

de Ben —. Já que vou ficar aqui um tempo, o mínimo que posso fazer é seguir as normas da casa.

— Senhor Crosby, não tem por que fazer a vontade destes monstros. Ben ficará mais que contente

de tirar a mesa.

— Não, não ficarei — murmurou o menino.

— Sabe? Quando alguém nos oferece uma boa comida, o mínimo que se pode fazer é ajudar a limpar

tudo o que teve que sujar no processo — enquanto se levantava da mesa, Dylan viu que Ben baixava a

cabeça —. Eu me encarregarei da tarefa esta noite.

Ben ergueu imediatamente a cabeça.

18

— Verdade?

— Parece-me justo.

— Ótimo. Vamos, Chris, vamos...

— Fazer seus deveres — terminou Abby por ele. Observou que Ben abria a boca, mas a fechava sem

dizer nada; o menino sabia que era melhor não abusar da sorte —. Depois podem ver um pouco de

televisão.

Com um grande alarde, os meninos saíram correndo pelo corredor e subiram as escadas.

— Os meninos se conformam com tão pouco — murmurou —. Acho que deveria me desculpar por suas

maneiras outra vez.

— Não se incomode. Eu também fui menino.

— Suponho que sim — com os cotovelos sobre a mesa, apoiou a cabeça entre as mãos e o olhou —. É

difícil imaginar algumas pessoas como meninos vulneráveis. Deseja algo mais, senhor Crosby?

— Seus meninos não têm nenhum problema em falar meu nome. Já que estaremos juntos durante

algumas semanas, por que não tenta me tratar de maneira menos formal? Permite que eu a chame de

Abigail?

— Abby — corrigiu automaticamente.

— Abby — gostava daquele nome tão curto e tradicional —.combina melhor com você.

— Dylan não é um nome muito comum.

— Meu pai queria algo mais forte, como John. Mas minha mãe era mais romântica, e muito mais

teimosa.

Ficou olhando-a fixamente, com aquele olhar frio, que Abby já tinha descoberto, indicava que estava

começando a formular mentalmente suas perguntas. Perguntas que Abby ainda não estava preparada para

responder.

— Meus pais sempre preferiram as coisas pouco comuns — começou a dizer, enquanto se levantava da

cadeira e amontoava os pratos.

— Essa tarefa é minha.

Abby continuou limpando a mesa.

— Estou certa de que terá a gratidão incondicional de Ben por ter evitado este trabalho, mas não tem por

que se sentir obrigado — se voltou com os pratos na mão.

— Um acordo é um acordo — respondeu Dylan lentamente.

Estendeu a mão para pegar os pratos Seus dedos se tocaram, tão ligeiramente como poderiam roçar em

qualquer situação cotidiana. Mas Abby retrocedeu violentamente e esteve a ponto de derrubar os pratos no

chão.

— Está nervosa? — Dylan a observava atentamente. Tinha descoberto que se aprendia mais de uma

expressão que das palavras.

— Não estou acostumada a estar com ninguém na cozinha — uma fraca desculpa que soava falsa até

para si mesma —. Será melhor que te dê uma mão, pelo menos esta noite, até que aprenda onde se guarda

tudo. Esta é a lava-louça — pegou os pratos da mesa, tentando ocupar suas mãos e sua mente com as

tarefas cotidianas —. É ridículo que os meninos façam tanto alvoroço para tirar a mesa quando a única

coisa que têm que fazer é colocar e tirar os pratos da lava-louça.

— Poderíamos distribuir um pouco melhor o trabalho se eu cozinhasse uma vez na semana e você

tirasse a mesa.

Abby, que estava inclinada em frente à lava-louça, endireitou-se e o olhou fixamente.

— Sabe cozinhar?

— Surpresa?

Era uma tolice que o estivesse, sabia. Mas nenhum dos homens que tinham feito parte de sua vida

sabiam sequer distinguir entre os utensílios da cozinha. Lembrava de seu pai cozinhando um ovo em uma

chaleira, no quarto de hotel, mas essa era sua única habilidade culinária.

— Acho que quando se vive sozinho, a gente se vê forçado a aprender — comentou Abby.

19

Dylan pensou em seu casamento. Abby o ouviu rir, mas não parecia divertido.

— Até vivendo acompanhado a gente pode se ver forçado a aprender — a lava-louça estalou e tremeu

um pouco quando Dylan colocou alguns pratos.

— Ela parece precisar de uma ajuda.

Abby o olhou com o cenho franzido.

— Mas funciona.

Não ia admitir que tinha comprado de segunda mão e havia suado para instalá-la, além de ganhar

algumas arranhões nos dedos.

— Certamente — depois de colocar o último prato, fechou-a —. Mas me parece que alguns parafusos

afrouxaram. Se quiser, posso dar uma olhada.

Havia muitas coisas que precisavam que alguém desse uma olhada. E as arrumaria assim que tivessem

aprovado o manuscrito e depositassem o resto do adiantamento no banco.

— Suponho que vai querer trabalhar com algum tipo de horário.

— Já tem vontade de começar?

Abby se aproximou da cafeteira e serviu duas xícaras sem perguntar.

— Veio aqui para conseguir informação e eu vou lhe dar. Para mim, as melhores horas seriam no meio

da manhã e a primeira hora da tarde, mas tentarei ser flexível.

— Agradeço — pegou a xícara de café e apoiou-se no armário, perto dela, como se estivesse fazendo

um teste.

Pensou que podia cheirar a chuva em seu cabelo. Abby ficou quieta por um instante, mas foi suficiente

para que Dylan pudesse ver seu próprio reflexo em seus olhos. E, quando o viu, esqueceu-se de todo o

resto. De repente, sentiu que desejava estender a mão, acariciar aqueles cabelos. Abby retrocedeu. O

reflexo se desvaneceu, e também a necessidade de acariciá-la.

— Tomamos o café da manhã cedo — tinha que concentrar-se em sua rotina, recordou Abby a si

mesmo. Enquanto o fizesse, evitaria aqueles repentinos e intensos desejos que tão inesperadamente a

tinham assaltado —. O ônibus que leva os meninos ao colégio chega às sete e meia, assim se você gosta

de levantar tarde, terá que tomar o café da manhã sozinho.

— Me viro perfeitamente.

— Se não me encontrar em casa, provavelmente estarei nos estábulos ou em qualquer dos abrigos, mas

às dez já poderei trabalhar com você.

E que diabos fazia uma mulher com mãos de harpista enfiada durante uma hora e meia em um estábulo

todas as manhãs? Dylan decidiu descobrir por si mesmo, em vez de perguntar-lhe — Sim, entendo.

— Marcamos às dez, então. Embora possa mudar o horário a cada dia.

— Sim, entendo.

A tensão ia desaparecendo à medida que se concentrava no trabalho. Abby relaxou contra a mesa e

saboreou a que seria a última xícara de café do dia.

Ainda passaria várias horas entre aquela xícara e o chá que preparava antes de deitar-se.

— Farei-o o melhor que puder. As noites, é obvio, dedico-as aos meninos. Eles se deitam às oito e meia,

assim, se surgir algo importante, poderemos utilizar também as noites, mas normalmente arrumo alguns

papéis.

— Eu também.

Aquela mulher tinha um rosto adorável. Suave, quente, aberto, com uma certa reserva ao redor dos

lábios. Era o tipo de rosto que podia fazer com que um homem se esquecesse de quão falsas eram as

mulheres se não tomasse cuidado. Mas Dylan era um homem cuidadoso.

— Abby, uma pergunta mais.

— Não a utilizará para o livro?

— Desta vez não. Por que renunciou ao mundo do espetáculo?

Então, Abby pôs-se a dar gargalhadas. Era uma risada grave e particularmente sensual.

20

— Teve oportunidade de ver alguma de nossas atuações? Refiro-me a das Trigêmeas O'Hurley.

— Não.

— Imaginei. Se tivesse visto, não me perguntaria isso.

Era difícil resistir a uma pessoa com aquela capacidade de rir de si mesmo.

— Eram tão ruins?

— Erámos piores, muito piores — deixou a xícara na pia e a enxaguou —. Tenho que ir ver os meninos.

Quando ficam tanto tempo em silêncio fico nervosa. Sirva-se de mais café se quiser. A televisão fica na

sala.

— Abby.

Não estava satisfeito com ela, nem com a casa, nem com aquela situação. Nada era exatamente o que

parecia, estava certo disso. Mesmo assim, quando se voltou para ele, os olhos de Abby refletiam uma

intensa calma.

— Pretendo chegar até o seu íntimo — murmurou.

Abby sentiu o coração disparar, mas rapidamente dominou aquela sensação.

— Não sou tão complicada como parece acreditar. Em todo caso, veio aqui para escrever sobre Chuck.

— E também penso fazê-lo.

Isso era com o que ela contava. E também o que ela temia. Assentiu em silêncio e foi ver seus filhos.

Capítulo 3

Pela segunda vez, Dylan ouviu que a porta se abria. Depois daquele brusco despertar, demorou alguns

segundos para se dar conta que não estava num quarto de hotel, a ponto de cumprir uma missão. Aqueles

dias tinham terminado, e a pistola, que durante tantos anos tinha guardado sob o travesseiro, já não estava

ali. Mas, por hábito, manteve os olhos fechados e tentou conservar o ritmo da respiração.

— Ainda está dormindo — aquela voz em sussuros e ligeiramente desdenhosa era de Ben.

Chris mudou de posição para ter uma vista melhor do interior do quarto.

— Como pode dormir até tão tarde?

— Porque é um adulto, estúpido. Os adultos podem fazer o que querem.

— Mamãe já se levantou. E ela também é adulta.

— Isso é diferente, porque ela é uma mamãe.

— Ben, Chris — Dylan deduziu que aquele chamado vinha do final da escada —. Venham, desçam, o

ônibus chegará dentro de dez minutos.

— Vamos — Ben entreceitou os olhos enquanto lhe dirigia um último olhar —. Poderemos espioná-lo

mais tarde.

Quando a porta se fechou, Dylan abriu os olhos. Podia não se achar um perito em meninos, mas

começava a pensar que os Rockwel eram farinha de outra espécie. Igual a mãe. Obrigando-se a

espreguiçar-se, olhou o relógio. Sete e vinte. Parecia que naquela casa os horários eram cumpridos

pontualmente. E já era hora de que o seu começasse.

Vinte minutos mais tarde, Dylan descia as escadas. A casa estava em silêncio. E vazia, notou antes de

chegar ao final da escada. O aroma do café o arrastou até a cozinha, que tinha a aparência de ter sido

arrasada por um furacão.

Havia duas caixas de cereais sobre a mesa, ambas abertas e com restos de cereal e aveia aparecendo

pelas bordas. Entre a pia e o fogão, havia um saco de pão aberto. A seu lado, uma boa dose do que Dylan

suspeitava ser geléia. Havia um recipiente de manteiga de amendoim com a tampa meio aberta e algumas

facas, colherinhas e tigelas. Ao lado da porta dos fundos, havia rastros de barro. E foi ali onde Dylan se

deteve bruscamente.

Não iria tão longe, não é? Pensou Dylan enquanto procurava uma xícara de café, Assim que sentiu o

primeiro gole de cafeína correndo por seu sistema nervoso, apareceu à janela. Apesar da confusão que

21

reinava no interior, fora tudo parecia calmo. A chuva que caiu tinha congelado e coberto a pouca neve que

ficava como uma quebradiça capa de gelo. No final do dia, pensou, aquilo

pareceria um lamaçal. Ao

disperar a névoa, podia ver desde o estábulo até as colinas ao fundo. Se Abby tinha vizinhos, pensou,

deviam ser poucos e além disso estar longe. Por que se enterraria uma mulher em um lugar como aquele?,

perguntou-se. Especialmente uma mulher acostumada a estar em evidência e ao movimento.

Havia algo que o inquietava. Algo que o estava inquietando desde que tinha chegado. Onde estavam os

homens na vida de Abby? Deu outro passo, deixando que seu olhar vagasse pelos pastos. Certamente,

uma mulher com a aparência de Abby os teria. Fazia quatro anos que era viúva. Uma viúva jovem e rica.

Embora comesse a admitir que levava a maternidade muito a sério, isso respondia sua pergunta. Dois

meninos de menos de dez anos não eram nenhum substituto da companhia masculina.

Por alguma razão, Abby parecia querer que pensasse que era uma pequena fazendeira, dedicada por

completo à vida doméstica. Dylan fez uma careta enquanto tomava o resto do café. Ele não confiava em

ninguém, e menos ainda nas mulheres.

Então a viu. Acabava de sair de um pequeno abrigo e fechou a porta cuidadosamente atrás de si. Seu

cabelo brilhava sob o sol enquanto passava os dedos entre eles. Vestia um jaquetão que a protegia do

queixo até os quadris e uns jeans colocados por dentro de umas velhas botas.

Estaria posando?, pensou Dylan enquanto sentia uma inesperada onda de excitação invadindo seu

corpo. Saberia que estava ali, observando-a, enquanto olhava sorridente

para o sol? Mas não olhou para a

casa em nenhum momento. Nem sequer se voltou. Segurou a cesta que levava e cruzou o campo gelado

para dirigir-se aos estábulos.

Abby sempre tinha gostado de sentir o aroma do estábulo, especialmente pelas manhãs, quando os

animais começavam a acordar. A luz era tênue e cheirava ligeiramente a guardado. Ouviu o ronronar dos

gatos que acordavam dispostos a tomar o café da manhã. depois de deixar a cesta ao lado da porta,

acendeu as luzes e começou a rotina matinal.

— Olá, pequena — abriu a porta do primeiro cubículo e entrou para comprovar o estado de uma égua

castanha que estava a ponto de parir —. Sei que se sente gorda e feia — riu quando a égua soprou sua

mão —. Eu já me senti dessa maneira algumas vezes em minha vida — com mãos competentes e

delicadas, acariciou o ventre da égua. A égua tensionou os músculos, mas relaxou com os sussurros de

Abby —. dentro de uma semana ou duas, tudo terá terminado, e então terá um bonito bebê. Já sabe que o

senhor Jorgensen está interessado em seu potro — com um suspiro, apoiou a bochecha no pescoço do

cavalo —. Por que me sinto como se fosse um traficante de escravos?

— É a primeira venda?

Abby não tinha ouvido Dylan entrar. Voltou-se lentamente, sem soltar o pescoço da égua. Dylan tinha se

barbeado, e embora aquilo tivesse suavizado sua expressão, deixando-o até atraente, a Abby não parecia

mais amável que no dia anterior.

— Sim. Até agora tinha me dedicado somente a comprá-los e vê-los crescer.

Dylan se aproximou para ver a égua de perto. Era um belo exemplar, forte e encorpado, com os olhos

sempre alerta e o pelo resplandecente.

— Você escolheu esta égua?

— Eve. Chamei-a Eve porque é a primeira para procriação. Acabavam de desmamá-la quando a

comprei. O senhor Petrie me disse que desse um lance por ela e obedeci.

— Parece que esse Petrie entende de cavalos. Eu diria que esta dama vai te dar muitos potros. Quer

que volte a dar cria?

— Essa é a idéia — Eve ergueu o ombro—. Embora não me pareça justo.

— Tem corpo para isso.

Fazia muito tempo que não ficava rodeado de cavalos. Tinha esquecido já o cheiro de um estábulo, e o

agradável que podia chegar a ser trabalhar com animais. Talvez os humanos passassem muito tempo

desperdiçando seus dias. A égua se esticou. Abby se esticou igual a ela e roçou em Dylan ao fazê-lo. O

contato não foi absolutamente indiferente.

— Quantos tem?

A mente de Abby, normalmente tão ordenada, estava completamente em branco.

— Quantos o que?

22

— Cavalos.

— Oh — estava sendo ridícula, reagia como se nunca tivesse tocado num

homem —. Oito... o garanhão,

duas éguas já prenhes e duas que estarão nesta primavera, e depois três cavalos castrados para montar —

o último era um luxo do qual nunca se arrependeu —. Não somos exatamente campeões — continuou,

relaxando outra vez.

— Quatro éguas e um garanhão administrados adequadamente são um bom começo.

— Assim penso eu — acariciou à égua entre as orelhas —. Como começo.

Dylan a observou segurar o corda.

— O que está fazendo?

— Os cavalos têm que sair para o pasto enquanto limpo os estábulos.

— Você? Sozinha?

Abby se aproximou da próxima baia para repetir o processo com a segunda égua.

— O senhor Petrie vem três vezes por semana para me ajudar, mas agora está com gripe, assim como a

metade do condado. Vamos, garotas... — tomou as rédeas e tirou as duas éguas.

Por um momento, Dylan ficou olhando-a com as mãos nos bolsos. Aquela mulher tinha aspecto de quem

iria desmoronar assim que levantasse a primeira pá de esterco. O que estava tentando provar? A atitude de

mártir podia funcionar com alguns homens, mas ele sempre tinha acreditado que quem pedia o martírio era

porque o merecia.

Então olhou para as baias e soltou um impropério. Baixou outra corda. Estava fazendo aquilo para que

visse, não podia continuar ali sem fazer nada enquanto ela trabalhava.

Abby fechou a cancela do pasto depois de ter deixado ali às duas primeiras éguas e quando se voltou,

encontrou Dylan tirando os outros dois cavalos.

— Obrigado — assim que se aproximou, tirou-lhe as rédeas. E quando Dylan a olhou, retrocedeu,

sentindo-se completamente atrapalhada —. Olhe, não era nenhuma indireta. Simplesmente, não quero que

se sinta obrigado.

— E não me sinto obrigado — passou por ela e deixou os cavalos no pasto.

— Senhor Crosby... — corrigiu-se imediatamente —. Dylan, eu posso me arrumar sozinha. Estou certa

que tem outras coisas para fazer esta manhã.

Dylan fechou a porta.

— Pois a verdade é que, sem precisar pensar muito, me ocorrem outras duas dúzias de coisas. Vamos

buscar os outros.

Abby arqueou uma sobrancelha e saiu caminhando atrás dele.

— Bom, não serei eu a te impedir de mostrar sua amabilidade.

— Sempre fui famoso por ela.

— Não duvido. Os castrados estão nas três primeiras baias deste lado. Deixo o garanhão aqui até que

termine de limpar. É capaz de morder outro cavalo ou de montar qualquer égua que não seja

suficientemente rápida.

— Que adorável.

— Só quando se aproximam muito, por isso o mantenho isolado — enquanto lhe colocava a corda, o

cavalo baixou a cabeça e a empurrou com força. Instintivamente, Dylan foi

ajudá-la, mas ela já estava

empurrando o cavalo e rindo —. Abusado — o acusou, enterrando o rosto em sua crina —. Na realidade,

ele preferiria que o tirassem para montar em vez de sair para o pasto. Talvez possamos sair mais tarde,

amigo. Mas acredito que vou estar muito ocupada.

Quando todos os cavalos estavam fora, Abby colocou algumas luvas.

— Tem certeza que quer trabalhar? — perguntou a Dylan enquanto oferecia-lhe outro par.

— Limparei os da esquerda.

Dylan pegou uma forquilha e começou a trabalhar, imaginando que teria limpado os quatro cubículos e

reposto o feno nas baias antes que Abby tivesse terminado com o primeiro.

23

Tinha passado muito tempo desde a última vez que tinha trabalhado com as mãos. O exercício lhe

permitia ter o corpo saudável, mas, logo tinha descoberto, não proporcionava a sua mente a mesma

satisfação. Seus músculos se contraíam e se esticavam. Quando o carrinho de mão estava cheio, levou

até a parte dos fundos do estábulo e acrescentou seu conteúdo ao esterco.

Abby tinha ligado um rádio portátil e cantava enquanto trabalhava. Dylan a ignorava. Ou ao menos

tentava.

Abby nunca tinha trabalhado ao lado de um homem. Oh, tinha o senhor Petrie, pensou enquanto secava

o suor da testa. Mas ele era diferente. Chuck nunca tinha gostado muito de andar pelos estábulos. E seu

pai... Abby sorriu enquanto espalhava o feno fresco. Cada vez que Francis

Xavier O'Hurley visitava a

fazenda, encontrava algo muito importante para fazer quando chegava o momento de trabalhar. Não podia

esquecer que aquele homem era um artista, recordou-se Abby, tentando não pensar na falta que sentia

dele, na enorme falta que sentia de toda sua família.

Aquela pequena fazenda da Virginia não se encaixava em seus estilos de vida. Tampouco no de Chuck.

Mas era perfeita para ela e para seus filhos. Isso era algo que nunca esqueceria. Quaisquer que fossem os

compromissos que tinha assumido e os que assumisse no futuro, jamais renunciaria àquele lugar.

Dylan deixou a forquilha sobre o feno sujo e ergueu o olhar quando viu Abby a seu lado.

— Por que não termina com sua parte?

— Já terminei — respondeu Abby, e começou a encher o carrinho de mão de esterco.

Dylan olhou por cima do ombro e a seguir deu meia volta. Havia três estábulos completamente limpos e

com o feno fresco. voltou-se com o cenho franzido. Ele acabava de começar a limpar o terceiro.

—Trabalha rápido — murmurou.

— Faça isso todos os dias — como na realidade jamais tinha compreendido o ego masculino, não voltou

a pensar nisso enquanto continuava enchendo o carrinho de mão.

— Disse que eu vou fazer esta parte.

— Sim, e agradeço a ajuda — jogou um último montão de feno e segurou o carrinho de mão para tirar

dela.

— Deixa isso.

— Já está bastante cheio. Farei umas viagens enquanto...

— Deixa esse maldito carrinho de mão no chão — Dylan deixou a forquilha no chão e caminhou para ela

Estava zangado. Era um homem zangado. Embora fazia anos que não se encontrava em uma situação

parecida, Abby o reconheceu imediatamente. Com receio, baixou o carrinho de mão e o soltou.

— Certo, deixarei.

— Não vou permitir que carregue isso enquanto eu esteja por aqui.

— Mas...

— Não vou permitir que carregue mais de vinte quilos de esterco de cavalo enquanto eu estiver por aqui

— segurou o carrinho de mão —. Entendido?

— Talvez — sem perder a calma, Abby levantou sua forquilha e se apoiou nela —. Mas posso carregar

tudo o que quiser quando não estiver por aqui?

— Exato — começou a rodar o carrinho de mão.

— Que tolice — respondeu Abby.

Dylan murmurou algo que Abby não entendeu. Sacudiu a cabeça, saiu do estábulo e foi procurar os

cavalos.

Depois daquela explosão, continuaram trabalhando em silêncio. Enquanto Dylan terminava, Abby

colocou cada cavalo em seu cubículo e lhes deu de comer. O único que faltava atender era o garanhão.

— Eu o pegarei — Abby pegou as rédeas e abriu primeiro a porta de cima de seu cubículo —. Tem um

humor imprevisível. Você não gosta de ficar preso, não é, Trovão? — murmurou enquanto abria lentamente

a porta de baixo e entrava. Trovão retrocedeu e a olhou, mas ela continuou falando —. Quando chegar a

primavera, poderá pastar quanto quiser — lhe pôs a corda no pescoço e o dominou com firmeza, enquanto

ele sacudia a cabeça zangado.

24

— É muito nervoso.

— Para falar francamente. Será melhor que se afaste. Adora dar coices, sem preocupar-se

especialmente em quem.

Dylan se colocou ao lado. Trovão começou a agitar-se, mas se acalmou quando Abby o controlou.

Controlava-o da mesma forma que a seus filhos, pensou Dylan enquanto a observava sair do estábulo.

Quando Abby retornou, ele já tinha terminado sua parte.

— Parece que está acostumado a este tipo de trabalho — como Dylan tirou o casaco, podia vê-lo esticar

os músculos de seus antebraços.

Dylan grunhiu uma resposta, mas Abby não o ouviu. Estava se perguntando o que sentiria ao tocar

esses braços quando se flexionavam com tanta força. Tinha passado tanto tempo, muito tempo desde que...

Interrompeu o curso de seus pensamentos e se aproximou para acariciar uma das éguas, que estava

engolindo grão.

— Criavam cavalos?

— Vacas — Dylan estendeu o feno sobre o fundo do estábulo —.

Tínhamos uma fazenda leiteira, mas

havia alguns cavalos pelos arredores. Mas não limpo um estábulo desde que tinha dezesseis anos.

— Parece que não esqueceu.

Não, não tinha esquecido. E tampouco seria prudente esquecer o motivo pelo qual estava ali. Mas,

naquele momento, queria terminar o que tinha começado.

— Quer que varra?

— Normalmente é Ben que varre os estábulos — tirou a forquilha de sua mão e a deixou em seu lugar.

— Costumo deixar Trovão nos pastos a manhã toda, a menos que esteja muito sujo. Assim já fizemos tudo

o que tínhamos que fazer. E o mínimo que posso fazer por você depois de todo o tempo que economizei é

te oferecer uma xícara de café.

— Aceito — depois, iria buscar seu gravador e sua caderneta de notas e começaria a fazer o que tinha

ido fazer ali.

— A cozinha parece um bagunça — recordou —. teve algum problema para encontrar o café da manhã?

— Só tomei um café.

Abby se agachou para levantar uma cesta. As costas lhe doíam, mas só um pouco.

— Então posso preparar uns ovos com bacon. E te garanto que os ovos são frescos.

Dylan olhou no interior da cesta e viu um montão de ovos.

— Tem galinhas?

— Ali — mostrou o abrigo do qual Dylan a tinha visto sair pela manhã —. Durante o verão, os meninos

se ocupam delas. Eu não tenho coragem de fazê-los ir até ali antes de ir ao colégio, assim...

Dylan escorregou. O gelo estava se transformando rapidamente em lama. Abby estendeu o braço para

segurá-lo, e então também ela escorregou. Instintivamente, agarraram-se um ao outro e se ergueram ao

mesmo tempo. Abby tinha o rosto enterrado no ombro do Dylan e pôs-se a rir.

— Não ria tanto se tivesse caído de costas e quebrado... os ovos — afundou a mão em seu cabelo.

Não deveria, sabia, mas era tão suave, e seu pescoço tão esbelto.

— Sempre rio para escapar da tragédia — sem deixar de sorrir, ergueu o olhar.

Tinha o rosto ruborizado e os olhos brilhantes. Sem pensar em nada, sem ser capaz de pensar em nada,

Dylan deslizou o braço por sua cintura. O sorriso de Abby desapareceu, mas se intensificou o brilho de seus

olhos. Dylan estava tão perto, seu corpo era tão forte, e a olhava como se conhecessem um ao outro por

toda a vida.

E, de repente, Abby desejava que assim fosse. Desejava desesperadamente que Dylan fosse alguém

com quem falar, com quem compartilhar os problemas, em quem apoiar-se, mesmo que fosse um pouco.

Dylan lhe acariciou o pescoço e ela estremeceu.

— Deveria tê-lo avisado... — começou a dizer. De repente, descobriu que seu coração batia muito rápido

para lhe permitir pensar e, muito menos, falar.

— Me avisar sobre o que?

Era uma loucura. Era um erro. Não tinha o direito de esquecer o motivo que o tinha levado até ali por

culpa daquele selvagem desejo de saborear seus lábios. Mas loucura ou não, engano ou não, queria sentir

sua boca encontrando-se com a sua.

Baixou a cabeça, olhando-a. O sol brilhava em seu rosto, quente, luminoso, mas seus olhos, protegidos

pela sombra, eram tão receosos como os da égua quando tentava pôr o corda.

— O caminho — Abby jogou a cabeça para trás, em um gesto de confusão que poderia ter sido

facilmente confundido com um movimento provocante. Seus olhos não abandonaram os de Dylan em

nenhum momento. Entreabriu os lábios —... está muito escorregadio.

— Notei.

Pressionava-lhe ligeiramente o pescoço, aproximando-a dele, cada vez mais perto, até que seus lábios

ficaram separados pela distância de um suspiro.

Desejos, desejos que Abby acreditava extintos para sempre, propagaram-se com uma vitalidade e uma

força incrível por seu corpo. Desejava, Oh, desejava se entregar e sentir. Somente sentir. Mas ela sempre

tinha sido a mais sensata das irmãs. E a única vez que deixou de sê-lo... Não, não podia esquecer outra

vez.

— Não.

A boca de Dylan roçou seus lábios, e o escritor sentiu os trêmulos movimentos que as mulheres

utilizavam para a sedução.

— Já estamos fazendo.

— Não — se sentia fraca. A mão que tinha pousado no peito de Dylan descansava quase inerte sobre

ele —. Por favor, não.

Sua respiração era irregular e tinha os olhos meio fechados. Dylan tinha pouco respeito às mulheres que

fingiam não querer e dessa forma deixavam toda a responsabilidade ao homem. E a culpa. O desejo o

assaltava, mas a soltou. Assentiu com um olhar frio e severo.

— Você decide.

Abby estava gelada e ao mesmo tempo ardia. Havia algo mordaz e ferino naquele tom, mas não podia

pensar nisso naquele momento. Andando com cuidado pelo gelo derretido, caminhou até a casa.

Depois de tirar as botas na varanda dos fundos, levou os ovos à pia e começou a lavá-los. Dylan entrou

atrás dela.

— Espera alguns minutos, prepararei algo quente.

— O tempo que quiser — passou por trás dela e saiu da cozinha.

Abby lavou cada um dos ovos meticulosamente, esperando esvaziar sua mente e tranquilizar seu corpo.

Serenidade era o que precisava, o que sempre tinha bastado. Não podia permitir que um abraço acidental

com um homem que acabou de conhecer a fizesse perdê-la. Além disso, Dylan não a tinha soltado sem

sequer vacilar? Abby começou a colocar os ovos em uma das caixas vazias que tinha debaixo da pia. Dylan

era um homem prudente. Algo que ela tinha desejado em outros tempos.

De qualquer maneira, nunca tinha sido uma mulher incrivelmente sensual,

recordou-se a si mesmo

enquanto tirava uma porção de bacon do freezer. Chuck não tinha mostrado aquilo claramente?

Simplesmente, não era mulher o bastante para satisfazer as necessidades de um homem. Abby esquentou

a frigideira e observou o bacon inchar e encolher depois. Era uma boa esposa, digna de confiança,

responsável, compassiva, mas não era uma mulher que fizesse um homem arder de desejo no meio da

noite.

Tampouco precisava sê-lo. Acrescentou água à cafeteira. sentia-se feliz sendo como era. E pretendia

continuar sendo assim. Tomou ar e relaxou as mãos. Dylan tinha retornado.

— Não perguntei como quer os ovos — começou a dizer, e ao voltar-se viu o gravador na mesa. A

tensão ameaçando apoderar-se dela —. Quer trabalhar aqui?

— Aqui estaremos bem. E eu gosto dos ovos mexidos — procurou um lugar limpo na mesa e se sentou

—. Escuta, Abby, não espero que cozinhe três vezes ao dia para mim.

— O cheque que enviou cobre esses gastos de sobra — quebrou um ovo na frigideira.

— Pensei que teria empregados.

— Empregados? — quebrou um segundo ovo e o olhou por cima do ombro. de repente, a tensão

26

desapareceu e pôs-se a dar gargalhadas —. Empregados? Refere a uma cozinheira ou coisas desse tipo?

— divertida, jogou o cabelo para trás e depois concentrou toda sua atenção nos ovos —. De onde diabos

tirou essa idéia?

Imediatamente, Dylan ligou o gravador.

— Chuck era um homem rico, você é sua herdeira. Se estivesse em seu lugar, qualquer outra mulher

teria uma ou duas empregadas.

Abby continuava olhando para o fogão, de modo que seu rosto ficava oculto pela cortina de seu cabelo.

— Na realidade eu não gosto de ter pessoas ao meu redor. Passo a maior parte do tempo em casa,

assim seria absurdo ter alguém rondando por aqui.

— Tampouco tinha empregados antes de seu marido morrer?

— Aqui não. Em Chicago — serviu os ovos. — Isso foi pouco tempo antes de Ben nascer. Vivíamos na

casa da mãe de meu marido. Ela tinha muitos empregados. Chuck passava muito tempo viajando, na

realidade ainda não éramos uma família, e depois decidimos nos instalar ali.

— Sua mãe. Ao que parece não gostava de você.

Abby deixou o prato diante dele sem que a mão tremesse.

— Onde ouviu isso?

— Ouvi todo tipo de coisas. É parte do jogo. Não deve ter sido fácil viver na casa de Janice Rockwel

quando ela não aprovava o casamento de seu filho.

— Não acredito que seria justo dizer que não o aprovava — Abby se aproximou com o café, enquanto

escolhia cuidadosamente suas palavras —. Adorava Chuck. Suponho que sabe que teve que criá-lo sozinha

porque seu marido morreu. Chuck tinha só sete anos então. E não é fácil educar os filhos sozinha.

— Imagino que fala por experiência própria.

Abby o olhou abertamente.

— Sim. Em todo caso, Janice era muito protetora em relação a Chuck. Ele era um homem dinâmico,

atraente, o tipo de homem que as mulheres gostam. No circuito há todo tipo de admiradoras assediando os

pilotos.

— Mas você não foi uma dessas admiradoras.

— Nunca fui fã de corridas. Passava a vida viajando com minha família, tocando em clubes e lugares

desse estilo. Nem sequer sabia quem era Chuck quando o conheci.

— É difícil de acreditar.

Abby serviu duas xícaras de café e as deixou na mesa.

— Janice também pensava isso.

— E isso a incomodava.

Abby sorveu seu café.

— Seu trabalho não consiste em pôr palavras que não disse em minha boca, não é?

Não ia ser fácil fazê-la falar. Dylan tinha a sensação de que sabia de cor todas as respostas.

— Não, continue.

— Janice não tinha uma antipatia pessoal em relação a mim. Qualquer mulher que tivesse afastado

Chuck de seu lado a teria aborrecido. É natural. Em todo caso, acredito que conseguimos nos entender bem

o suficiente.

Dylan pretendia aprofundar um pouco mais naquele tema, mas no momento o deixaria de lado.

— Por que não me conta como conheceu Rockwel ?

Isso era fácil. Sobre esse tema podia falar sem necessidade de ficar na defensiva.

— Estávamos nos apresentando, minha família e eu, em um clube de Miami. Meus pais fizeram seu

típico numero de comédia e cantaram algumas canções. Depois, minhas irmãs e eu fizemos nosso número,

dançávamos algumas peças e cantávamos canções populares. Deus, os trajes... — interrompeu-se, soltou

uma gargalhada e ficou limpando o fogão enquanto falava —. Em todo caso, fazíamos bastante sucesso.

Sempre pensei que graças a Chantel. Era um encanto e, embora nunca tenha alcançado a perfeição de

27

Maddy, sabia cantar. Quando há corrida em alguma cidade, esta se enche de mecânicos, admiradoras,

promotores. De modo que quando coincidíamos com algum desses espetáculos, reuníamos uma pequena

multidão de espectadores.

Dylan a observava mover-se sorrindo ao redor do fogão.

— Todas as noites, meu pai tinha que precaver-se contra alguns homens que pretendiam... ah, ir ao

camarim de Chantel. E uma dessas noites, Chuck chegou ao clube com Bil inger.

— Bil inger agora se aposentou.

— Retirou-se pouco depois de Chuck morrer. Sempre foram amigos. Eram muito unidos. Faz já alguns

anos que não o vejo, mas sempre envia algum presente aos meninos no aniversário e no Natal. Bom, o

caso é que aquele dia, assim que Chuck e Bil inger se sentaram à mesa,

formou-se um grande alvoroço e

confusão, justamente no meio do nosso número. A gente se acostuma a esse tipo de coisas nos clubes e

aprende a contornar. O ruído, as pessoas que interrompem, os bêbados.

— *Posso imaginar.*

— *Quando estávamos as três representando, papai tinha me encarregado de cuidar deste tipo de*

problemas, porque Chantel tendia a perder a paciência e Maddy tinha o costume de sair de cena até que as

coisas se acalmassem. Assim, me aproximei do microfone e fiz alguma brincadeira. Acredito que comentei

algo sobre o próximo número que íamos fazer ser tão perigoso que necessitávamos de silêncio absoluto.

Não me deram atenção, mas nós continuamos. Estávamos cantando Somewhere, do West Side Story.

Conhece-a?

— *Ouvi, sim.*

Dylan se recostou e acendeu um cigarro. Com dezoito anos apenas, lidando com bebados e

intrometidos. Não podia ser tão delicada como parecia, não.

— *Olhei para o lugar onde estava o maior alvoroço e descobri Chuck me olhando diretamente . Era uma*

sensação estranha. Quando estamos representando, as pessoas olham, mas raramente olham realmente

para você. No intervalo, Chantel comentou que um conhecido piloto de corridas estava me olhando. Aquele

foi o primeiro indício que tive sobre como Chuck ganhava a vida. Chantel sempre gostava de ler as colunas

sociais dos jornais.

— Agora é ela que sai nelas.

— E adora.

Depois de procurar nas gavetas da cozinha, Abby tirou a tampa de um pote de geléia para que Dylan

pudesse utilizá-la como cinzeiro.

— Sinto muito, não tenho nenhum.

— Chris já me informou o que pensa do tabaco. Então foi amor a primeira vista?

— Foi... — como explicar para que o homem que estava sentado em sua cozinha naquele momento

pudesse compreendê-lo, Ela tinha somente dezoito anos, e era muito ingênua —. Pode-se dizer que sim.

Chuck ficou até que a apresentação terminou, depois se aproximou de mim e se apresentou. Talvez parte

da atração que senti por ele se devia a realmente não saber que era alguém que deveria me impressionar.

Mostrou-se muito educado e me convidou para jantar. Era já mais de meia-noite e me convidou para jantar.

Sorriu outra vez. Era tão jovem e, igual a Chris, tão crédula...

— É obvio, meu pai não quis nem ouvir falar disso. Na tarde seguinte, chegaram duas dúzias de rosas

no hotel em que nos hospedávamos. Nunca tinha me acontecido nada tão romântico. E, aquela noite,

retornou outra vez. Continuou vindo todas as noites, até que consegui encantar minha mãe, persuadir meu

pai e me deixar loucamente apaixonada. Quando partiu de Miami para participar da próxima corrida, eu fui

com ele. E já tinha uma aliança no dedo.

Baixou o olhar para sua mão sem anéis.

— A vida é estranha, não é? — murmurou —. Nunca se sabe o que vai acontecer.

— O que pensava sua família de seu casamento com Chuck?

Abby se concentrou no assunto que tinha nas mãos. Tinha que lhe dar informação suficiente, recordou a

si mesmo. Mas isso não significava contar-lhe tudo.

— Tem que levar em conta que os membros de minha família raramente têm o mesmo ponto de vista

sobre algo. Quando disse a minha mãe ela se pôs a chorar e depois me emprestou seu vestido de

28

casamento, embora na realidade fôssemos casar no cartório. Meu pai também chorou. Afinal, ia me casar

com um desconhecido e além disso seu espetáculo ia pro espaço — pegou uma maçã e a limpou na manga

de seu pulôver com ar ausente. Maddy me disse que estava louca, mas que todo mundo tinha direito de

fazer alguma loucura de vez em quando. E Chantel... — vacilou.

— Chantel o que?

Era o momento, senti Abby, de voltar a mostrar-se precavida.

— Chantel é a mais velha de nós três, é dois minutos e médio mais velha que eu, mas mesmo assim

continua sendo a irmã mais velha. Ela não acreditava que Chuck, nem ninguém, fosse realmente bom para

mim. Ela pensava em ter muitas e magníficas aventuras amorosas, e decidiu que eu estava estragando

minhas possibilidades de ter — pôs-se a rir e deu uma dentada na maçã —. Se a gente acreditasse em

tudo o que se publica, Chantel já teve tantas aventuras que é uma sorte que ainda esteja viva. Trace não

soube do casamento até três meses depois. Enviou-me um passarinho de cristal da Austria.

— Trace... esse é seu irmão. Seu irmão mais velho. Não tenho muita informação sobre ele.

— E quem tem? Em todo caso, não acredito que tenha importância. Trace não chegou a conhecer

Chuck.

De qualquer maneira, Dylan tomou algumas nota sobre ele.

— E dali, juntou-se ao circuito. Suponho que foi uma estranha lua de mel.

Em alguns aspectos, o primeiro ano de casamento tinha sido uma lua de mel. Em outros, não tinha

havido lua de mel nenhuma, já que não tinham tido tempo para ficar sozinhos e se conhecerem.

— Eu já tinha passado a vida viajando — encolheu os ombros —. De fato, nasci viajando, literalmente.

Meus pais tinham chegado a Duluth num trem vinte minutos antes de minha mãe dar a luz. Dez dias depois,

estávamos de novo viajando. Até chegar a esta casa, nunca tinha vivido mais de seis meses seguidos no

mesmo lugar. Então passei diretamente de um circuito a outro.

— Mas o Grand Prix é mais excitante.

— De certa maneira. Mas igual ao mundo do teatro, requer muito trabalho e preparação para estar

somente alguns minutos em evidência.

— Por que se casou com ele?

Abby o olhou. Seus olhos conservavam a calma, mas Dylan pareceu ver certa tristeza em seu sorriso.

— Era como um cavaleiro andante. E eu sempre acreditei em contos de fadas.

Capítulo 4

Não estava sendo sincera com ele. Dylan não precisava de um detector de mentiras para saber que

Abby evitava a verdade cada vez que falavam. Mas o fazia sem perder a calma e olhando-o diretamente

nos olhos. Somente alguma mudança de voz quase imperceptível ou a uma rápida vacilação o fazia

compreender que estava mentindo.

Dylan não se importava com as mentiras. De fato, em seu trabalho as esperava. As razões para elas

eram diversas: instinto de autopreservação, a vergonha, ou a necessidade de dissimular a própria imagem.

As pessoas queriam mostrar os aspectos mais luminosos de sua vida e de sua personalidade e cabia a ele

descobrir as sombras. Uma mentira, ou mais precisamente, as razões para uma mentira, freqüentemente

lhe diziam mais que a verdade. Seu passado como jornalista o tinha ensinado a embasar as histórias em

ações, a comprová-las e a deixar que fossem os leitores os que julgassem. Sua opinião podia transparecer

em seus livros mas raramente seus sentimentos.

Seu principal problema com Abby era que ainda não tinha sido capaz de descobrir qual era sua

motivação. Por que mentia, quando indubitavelmente a verdade ajudaria a

vender mais livros? O

sensacionalismo era muito mais vendável que uma tranquila vida doméstica. Tampouco podia dizer que

houvesse descrito seu casamento como um idílio, mas, certamente, tinha conseguido desviar das áreas

mais problemáticas.

Que eram muitas, com certeza.

Sozinho em seu quarto, somente com a luz do abajur, Dylan tirou um montão de papéis. Um rápido olhar

para o relógio lhe mostrou que era meia-noite. O resto da casa dormia em silêncio na cama, mas ele nunca

29

tinha sido homem de horários regulares. Os horários e o tempo eram como uma jaula para os homens. E as

únicas paredes que Dylan suportava eram as que ele mesmo erigia. Podia trabalhar de dia, se assim o

decidisse, ou podia trabalhar durante toda a noite, porque não importavam as horas que investisse nisso.

Somente lhe importavam os resultados.

A casa estava em silêncio, só se ouvia o sussurro do vento contra as janelas. Era como se estivesse

sozinho, mas estava consciente, talvez muito consciente, de que não estava. Havia outras três pessoas na

casa. Três pessoas que achava fascinantes.

Chris e Ben, recordou Dylan com simpatia, foram para seus respectivos quartos depois de uma firme

reprimenda e algumas lágrimas. Utilizar a melhor baixela de sua mãe para dar de comer ao cão não tinha

sido uma idéia muito inteligente. Abby não tinha batido e tampouco tinha gritado, mas sua reprimenda e seu

tom de desaprovação tinham deixado os meninos arrasados. Uma boa estratégia. Embora o divertisse,

Dylan decidiu esquecer aquele assunto. Tinha trabalho a fazer e uma mulher a descobrir.

Já tinha feito algumas entrevista para reunir dados sobre Chuck Rockwel . Eram vários os sentimentos e

opiniões que aquele homem despertava, mas nunca moderados. Dylan tinha encontrado pessoas que o

adoravam ou o detestavam. Tomou a primeira das fitas gravadas que tinha sobre a mesa e a rebobinou.

Grover P. Stanholz tinha sido o primeiro patrocinador de Chuck. Era um rico advogado de Chicago que

adorava as corridas e tinha relações pessoais com os Rockwel . Durante dez anos, fora pai, mentor e

promotor de Rockwel . Tinha visto aquele jovem entusiasta e inexperiente se transformar em um dos

homens mais importantes do circuito. Somente um ano antes de sua morte, Stanholz tinha retirado o

suporte econômico de seu famoso protegido.

Dylan colocou a fita no gravador e a rodou até o fim. Demorou somente uns segundos para encontrar o

que estava procurando.

— Rockwel era um ganhador, um bom investimento e um grande amigo.

Dylan ouviu sua própria voz através do aparelho. Automaticamente, baixou o volume para que o som

não transpassasse as portas de seu quarto.

— E por que retirou seu apoio quando era o favorito para ganhar o Grand Prix francês?

Ouvia-se um longo silencio na fita e depois o ruído de papel. Dylan lembrava que Stanholz tinha tirado

um charuto e levou um tempo para desembulhá-lo.

— Como já lhe expliquei, meu interesse em Chuck não era somente econômico. Fui muito amigo de seu

pai e era amigo de sua mãe — formou-se outro silêncio enquanto Stanholz acendia o charuto —. Quando

Chuck começou, já era um ganhador. Via-se em seu olhar. A melhor parte era que ele tinha um profundo

respeito e amor pelo esporte. Era... especial.

— Em que sentido?

— Teria sucesso. Tanto se eu o financiasse como se tivesse que rastejar para encontrar o dinheiro que

precisava, teria sucesso.

— Não poderia ter utilizado o dinheiro dos Rockwel ?

—Para correr? — a gargalhada e a respiração de Stanholz ouviam-se na fita —. O dinheiro de Chuck

estava investido em negócios seguros. Janice adorava aquele menino. Jamais teria emprestado dinheiro

para ele dirigir a mais de trezentos quilômetros por hora. Acredite-me, pressionou-me para detê-lo, mas era

impossível dizer não àquele menino — suspirava com arrependimento —. Não aparecem homens como

Chuck todos os dias. Para correr no circuito, é necessário uma dose de paciência e humildade. Senso

comum e um certo desapego pela vida. É uma questão de equilíbrio. Chuck estava completamente entregue

a sua profissão e queria tornar-se um homem. Sempre me perguntei se talvez o problema não foi ter

vencido muito rápido. Chuck se tornou em uma pessoa autodestrutiva. E irresponsável.

— Irresponsável?

Ali se fazia outra pausa, depois uma rápida hesitação e a seguir um suspiro.

— Fizesse o que fizesse estava tudo bem porque era ele que o fazia. Esqueceu-se de que era humano,

não sei se entenderá o que quero dizer. Chuck Rockwel iniciou uma perigosa corrida consigo mesmo. Se

não tivesse morrido em Detroit, teria sido em qualquer outro lugar. Pensei que, se retirasse o patrocínio,

poderia lhe fazer pensar.

— O que quer dizer com isso de que estava competindo consigo mesmo?

— Chuck estava acelerando muito sua própria máquina. Cedo ou tarde ia explodir.

30

— Drogas?

— Não posso comentar nada a respeito — era a voz seca e definitiva do advogado que falava.

— Senhor Stanholz, existem rumores de que Rockwel estava consumindo drogas, mais especificamente

cocaína, durante algum tempo antes do acidente fatal de Detroit.

— Se quiser esse tipo de informação, terá que ir a outro lugar. Chuck não morreu como um homem

admirável, mas teve seus grandes momentos. Esses são os que eu recordo.

Insatisfeito, Dylan desligou o gravador. Quando muito, podia dizer que o advogado não tinha negado.

Tinha encontrado outras pessoas que se negaram a declarar diante do gravador que Chuck Rockwel tinha

desenvolvido uma perigosa dependência das drogas. Mas a última corrida tinha deixado claro. A autópsia

teve demonstrado. Em todo caso, essa era somente uma das zonas escuras. Havia muitas outras.

A próxima fita tinha o nome de Brewer. Lori Brewer era a irmã do homem que tinha patrocinado Rockwel

durante o último ano de sua vida. Divorciada e ex-modelo, definia-se como uma mulher que gostava dos

homens capazes de correr riscos. A esposa de Rockwel não estava nas arquibancadas na última corrida do

piloto. Mas sua amante sim.

Dylan colocou a fita no gravador e pressionou o botão.

—... o homem mais excitante e dinâmico que conheci.

A voz do Lori tinha o sotaque sulino em tom grave e sensual.

— Chuck Rockwel era um astro. Sabia o quanto valia. E isso é algo que eu admiro em um homem.

— Senhora Brewer, durante quase um ano você foi a companheira de Rockwel .

— Sua amante — o corrigia —. Não me envergonho disso. Chuck era tão magnífico como amante

quanto como piloto. Não fazia nada pela metade — soltou uma grave e sensual gargalhada —. E eu

tampouco.

— Mas não a incomodava que fosse casado?

— Não. Eu estava a seu lado e ela não. Olhe, que tipo de casamento pode ser este no qual o casal só se

vê três ou quatro vezes ao ano?

— Um casamento legal.

Dylan lembrava que Lori aceitou sua resposta com total naturalidade. Encolheu os ombros antes de

responder:

— Em todo caso, Chuck estava pensando em divorciar-se. O problema era que ela tinha o controle de

todas as suas contas bancárias. Os advogados estavam tentando negociar um acordo.

Dylan desligou o gravador e praguejou. Durante sua conversa com Abby, esta não tinha mencionado

nenhuma única vez o divórcio. Existia a possibilidade de Chuck ter mentido a Lori Brewer. Mas, nesse caso,

Dylan não acreditava que a ardilosa senhora Brewer se deixasse enganar durante tanto tempo. E se tinham

iniciado os trâmites do divórcio, Abby era a mais indicada para sabê-lo.

Dylan ainda não a tinha pressionado, nem sequer tinha mencionado o nome de Lori Brewer. Tinha

consciência de que, quando o fizesse, Abby começaria a olhá-lo como inimigo. A partir de então, tudo o que

quisesse saber sobre ela ia ter que arrancar-lhe. De modo que esperaria. O que ele queria de Abby ia ter

que conquistar com paciência.

Deixou de lado fitas de outros pilotos, mecânicos e mulheres e escolheu uma marcada com o nome de

Abby. Não lhe ocorreu pensar que, entre todas as fitas que tinha, aquela era a única que tinha marcado

somente com um nome. Tinha deixado de pensar nela como a senhora Rockwel . A fita era dessa mesma

manhã, quando a tinha encurralado na sala. Abby estava dobrando a roupa limpa e Dylan pensou que fazia

anos que não via ninguém realizar aquela silenciosa e meticulosa tarefa. Havia um antigo disco dos anos

cinquenta tocando no estéreo e Abby se deixava embalar pelos sha-la-lás enquanto dobrava meias três-

quartos.

Observava sua aparência. Tinha prendido o cabelo em uma rabo-de-cavalo, de modo que mostrava a

sutil elegância das maçãs do rosto. A gola de uma camisa de flanela aparecia pelo decote de um enorme

blusão, disfarçando as curvas de seu corpo. Não usava sapatos, estava de meias. O fogo da lareira

crepitava atrás dela, enquanto as chamas formavam redemoinhos ao redor dos troncos. Abby parecia tão

tranquila e satisfeita consigo mesma que, por um momento, Dylan pensou em não incomodá-la. Mas tinha

um trabalho a fazer. Exatamente o que estava fazendo nesse momento. Dylan pressionou o botão da

gravador.

31

— As corridas provocaram tensões em seu casamento?

— Deveria lembrar que Chuck já era piloto quando nos casamos — sua voz soava tranquila e sólida na

fita depois de ter escutado a voz melosa de Lori Brewer —. As corridas faziam parte de meu casamento.

— Divertia-se assistindo?

Fez-se uma longa pausa enquanto Abby tentava encontrar as palavras certas para responder.

— Em alguns aspectos, acredito que Chuck dava o melhor de si mesmo no volante, na pista. Era

incrivelmente competente. E confiante — acrescentou, com o olhar voltado para o passado —. Confiava

tanto em si mesmo, em sua capacidade, que jamais teria me ocorrido pensar que pudesse perder uma

corrida. E, muito menos, perder o controle.

— Mas depois dos primeiros oito ou nove meses de casamento, deixou de viajar com seu marido.

— Estava grávida de Ben — tinha sorrido suavemente enquanto tirava um

pequeno pulôver da cesta —.

Começou a ficar difícil para mim ir de cidade em cidade, de corrida em corrida. Chuck era... — e ali estava,

observou Dylan, aquela ligeira variação na voz —. Era muito compreensivo. Pouco depois compramos esta

casa. Um lar estável. Chuck e eu concordamos que Ben, e depois Chris, precisava, desta estabilidade.

— É difícil imaginar um homem como Chuck Rockwel vivendo em um lugar como este. Mas, na

realidade, nunca chegou a instalar-se aqui, não é?

Abby estava dobrando cuidadosamente uma camisa vermelha.

— Chuck precisava de uma casa para a qual voltar, como todo mundo. Mas também precisava das

corridas. De modo que combinamos as duas coisas.

Evasivas, pensou Dylan enquanto parava a fita. Meias verdades e mentiras. Estava jogando? E por que?

Conhecia-a o suficiente para saber que não era uma estúpida. Deveria saber das infidelidades de seu

marido e, principalmente, de sua relação com Lori Brewer. Estaria tentando protegê-lo? Parecia-lhe pouco

factível que estivesse tentando proteger um homem que a tinha enganado sem nenhum tipo de discrição.

Seria Abby o tipo de mulher que se dava por satisfeita mantendo-se em segundo plano, e mantendo

aceso o fogo do lar? Ou seria uma mulher que não queria desprezar uma boa oportunidade?

E que tipo de homem teria sido Rockwel ? Teria sido o piloto egoísta, o amante generoso ou o marido

compreensivo e pai generoso? Dylan achava difícil acreditar que um homem pudesse ser as três coisas. E

Abby era a única que tinha as respostas que ele precisava.

Passando nervosamente a mão pelo cabelo, saiu da escrivaninha. Queria transcrever algumas coisas.

Uma vez que o fizesse, poderia começar a pôr ordem e a olhar as coisas em perspectiva. Dylan olhou a

máquina de escrever e as fitas. Café, decidiu. Aquela ia ser uma longa noite.

A luz do corredor estava acesa. Automaticamente, desviou o olhar para o final do corredor. A porta do

quarto de Abby estava entreaberta e o quarto às escuras. Sentiu uma repentina urgência de correr até ali,

abrir um pouco mais a porta e vê-la dormir.

Que importância tinha para ele sua intimidade? Cutucava-a cada vez que fazia uma pergunta. E ela tinha

cobrado um cheque que dava a ele permissão para fazê-lo.

Não lhe importava a mínima seu direito à intimidade. Mas seu instinto de autopreservação era um

assunto diferente. Se a olhasse, ia querer tocá-la. E se a tocasse, talvez não fosse capaz de parar. Então

deu meia volta e começou a descer as escadas.

O fogo do sala ainda estava ardendo. Tinha visto Abby acendê-lo na noite anterior e tinha que admitir

que tinha feito um trabalho melhor do que ele faria em seu lugar. Passou pela sala e entrou na cozinha.

Abby estava sentada na mesa, em meio a escuridão. A única luz que se filtrava pela cozinha era a da lua

crescente. Abby apoiava os cotovelos a ambos os lados de uma xícara e repousava o queixo nas mãos.

Dylan pensou que parecia terrivelmente sozinha.

— Abby?

Abby se sobressaltou. Poderia ter sido divertido se Dylan não tivesse observado sua palidez antes que

Abby fixasse nele o olhar.

— Sinto muito, não pretendia te assustar.

— Não o ouvi descer. Aconteceu algo?

— Queria tomar um café — mas em vez de aproximar-se do fogão, aproximou-se dela —. Pensei que

estivesse na cama.

32

— Não conseguia dormir — sorriu ligeiramente, mas não arrumou os cabelos ou fechou as lapelas do

roupão, como Dylan teria esperado —. Talvez a água ainda esteja quente. Acabo de fazer um chá.

Dylan se sentou a seu lado.

— Algum problema?

— Sinto-me culpada.

Seus instintos de jornalista ficaram alerta, lutando contra o inesperado desejo de passar o braço pelos

ombros para lhe oferecer consolo.

— Por que?

— Vi lágrimas nos olhos de Chris quando o mandei deitar sem ver seu programa de televisão favorito.

Dylan não sabia se ria de si mesmo ou dela.

— Estou certo de que se recuperará.

— O prato não era importante — levantou a xícara e a baixou sem ter bebido —. Nunca uso essa

baixela. É muito feia.

— Ahá! Então talvez deversem ter deixado nos estábulos.

Abby abriu a boca e soltou uma gargalhada. Naquela ocasião, quando levantou a xícara, bebeu. O chá

suavizava-lhe a garganta, que estava seca e um pouco dolorida.

— Não me atrevera a fazer algo assim. Janice deu de presente essa baixela a Chuck. A Chuck e a mim

— se corrigiu, talvez com muita rapidez —. Era um presente de casamento.

— E deveria ser tratado com respeito — disse. Não lhe tinha passado despercebido seu deslize —.

Então, qual é o problema?

— Perdi a paciência.

— Sério? Em nenhum momento levantou a voz.

— Não é preciso levantar a voz para perder a paciência — foi até à janela outra vez e desejou que não

fizesse tanto frio. Se fosse primavera, poderia sair, sentar-se na varanda e contemplar as estrelas —. Afinal,

era só um prato.

— E era só um programa de televisão.

Com um suspiro, Abby se recostou contra o respaldo da cadeira.

— Acha que estou sendo ridícula.

— Suponho que está sendo uma mãe. Não tenho muita experiência nesse assunto.

— É tão difícil quando se é a única a tomar decisões... e cometer erros — passou a mão pelo cabelo, em

um gesto inconsciente que a fazia mostrar a beleza de seu rosto —. Às vezes, de noite, penso que talvez

seja muito dura com eles. Que espero muito deles. São somente meninos. Esta noite, quando os mandei

para cama, Chris estava chorando e Ben de mau humor, e...

Dylan a interrompeu.

— Talvez esteja sendo muito dura com a mãe deles — Abby o olhou e voltou o rosto para a xícara.

— Eu sou responsável.

Ah, era isso, podia ouvi-lo em sua voz. Estava aprendendo a detectá-lo em sua voz, a vê-la encerrar-se

em sua tristeza. Mas, pensasse o que pensasse dela, sabia que vivia completamente entregue a seus filhos.

— Olhe, não conheço muitos meninos, mas eu diria que estes são perfeitamente normais. Talvez

devesse se felicitar, em vez de se dar golpes no peito.

— Não estou me dando golpes no peito.

— Claro que sim. vai começar a dar chicotadas a qualquer momento.

Abby esperou que chegasse a zanga, mas não chegou. Ao contrário, sentiu que o sentimento de culpa

se desvanecia.

— Obrigado — rodeou a xícara com as duas mãos —. Creio que é bom receber um pouco de apoio

moral de vez em quando.

— De nada. Odeio ver uma mulher resmungando sobre uma xícara de chá.

33

Abby se pôs a rir, mas não estava certa se ria de si mesma ou dele.

— Não estou acostumada a resmungar, mas sou mestre em culpas. Tinha vezes, quando Ben se

comportava como uma criança birrenta, que ligava para minha mãe só para que me dissesse que meu filho

não seria um maniaco homicida por isso.

— Eu pensava que esse tipo de coisas se compartilhassem com o marido.

— Não teria tido... — interrompeu-se. Era tarde, estava cansada e se sentia muito vulnerável —.

Prepararei um café — começou a dizer.

— Não, quero que me espere — colocou a mão em seu braço e, embora o toque tenha sido rápido, foi

suficiente para que Abby se afastasse.

Porque sentia uma urgência, impossível, incrível, de estar em seus braços. Queria aconchegar-se neles,

queria abraçá-lo sem que houvesse perguntas. Mas, é obvio, ele as faria. Sempre perguntaria, e ela nem

sempre poderia responder. Abby recuperou a compostura e se manteve a uma distância prudente.

— Não quero que me entreviste agora.

— Não tem feito nenhuma menção à faceta de Chuck como pai. por que?

— Talvez porque não tenha feito nenhuma pergunta a respeito.

— Estou perguntando isso agora.

— Disse que agora não quero que me faça perguntas. É tarde e estou cansada.

— E está mentindo — a segurou pelo braço, fazendo o coração pulsar freneticamente.

— Não sei do que está falando.

Dylan já estava farto de evasivas, farto de olhar aquele rosto e saber que nunca veria a verdade refletida

nele.

— Cada vez que me aproximo de certos assuntos, me dá esse tipo de resposta. Respostas muito

precisas e perfeitamente ensaiadas. Não posso ao menos perguntar por que. Por que quer encobrir Chuck

Rockwel ?

Estava lhe machucando. Não no braço, apenas podia sentir seus dedos sobre ele, mas a estava

machucando em recantos muito profundos que Abby se enganou ao pensar que estavam a salvo.

— Era meu marido, não parece suficiente?

— Não — podia perceber a emoção que fazia tremer sua voz. Então ia pressioná-la nesse momento —.

A hipótese que estou seguindo é que, quanto melhor ele fique, melhor ficará você. E se consegue aparentar

que seu casamento era feliz, Janice Rockwel ficará feliz. Chuck era filho único e alguém terá que herdar

todo aquele dinheiro.

Pela segunda vez, viu-a empalidecer, mas naquela ocasião reconheceu a raiva em seu olhar, não o

medo. Crescia em seu íntimo, podia sentir; podia sentir simplesmente roçando seu braço. E ele queria

aquela raiva. Queria que as lágrimas rasgassem sua compostura e abrissem caminho para verdade. E para

ela.

— Deixe-me ir.

Sua voz vibrava em meio ao silêncio da cozinha. Atrás deles, um tronco estalou na lareira e as faíscas

crepitaram contra a tela. Nenhum deles notou.

— Antes quero uma resposta.

— Parece ter todas elas.

— Se quer que pense de outra forma, diga-me.

— Não me importa o que possa pensar.

E depois de dizer isso, Abby se deu conta de que aquela era a maior mentira que havia dito em sua vida.

Importava-lhe, e porque importava, sua acusação tinha doído. Tinha passado por isso em outras ocasiões e

tinha compreendido que lamentar-se só servia para humilhá-la.

— Direi o que quer ouvir e nenhuma palavra mais. Escolhi explorar meu casamento, capitalizar a morte,

a fama e a reputação de meu marido. E como estou certa que Janice Rockwel lerá o livro, quero que fique

satisfeita com os resultados. Evidentemente, quero que pense que meu casamento com Chuck era um

casamento sólido. E se quiser outro tipo de informação, não vai obter de mim, satisfeito?

34

Dylan a soltou. Em questão de segundos, Abby tinha confirmado tudo o que pensava dela e havia

contradito o que começava a pensar.

— Sim, satisfeito.

— Ótimo. Se tiver mais perguntas a fazer, faça amanhã, quando o gravador estiver ligado.

Enquanto a observava partir, Dylan se perguntava quanto tempo demoraria para separar a mentira da

verdade.

Abby, invariavelmente, acordava rapidamente, e depois da meia xícara de café, estava completamente

alerta e pronta para se encarregar de todas as tarefas da casa. Aquele dia, entretanto, custou a levantar da

cama. Doíam-lhe os músculos e as têmporas lhe pulsavam de forma estranha. Culpando a noite agitada por

aquele cansaço, iniciou a rotina diária com menos energia que o habitual.

Os meninos estavam muito contentes quando desceram para tomar o café da manhã. Com a facilidade

característica das crianças, a briga da noite anterior já tinha sido esquecido. Depois de vê-los subir no

ônibus, Abby se permitiu o luxo de tomar outra xícara de café, acreditando que assim recuperaria as forças

que lhe faltavam.

Ainda arrastando-se, vestiu o casaco e saiu. O sol brilhava no céu e no ar se anunciava a promessa da

próxima primavera, mas Abby estremeceu e desejou ter colocado mais um pulôver. Devia estar resfriada,

pensou enquanto esfregava o pescoço. Mas não tinha tempo a perder com resfriado. Então, ligou o piloto

automático, foi procurar os ovos e depois caminhou até o estábulo.

Terei que limpar os estábulos e dar de comer aos cavalos. Pela primeira vez desde que podia lembrar,

lamentou as horas que passava trabalhando. Se dedicava unicamente a limpar o que outros sujavam, a

encarregar-se de uma infinidade de problemas e tarefas que não podiam ser adiadas. Quando ia ter tempo

para ela mesma? Tempo para aconchegar-se com um livro nas mãos durante toda a tarde.

Um livro. Rindo de si mesma foi reunindo as cordas. Aquele não era momento para pensar em livros... e

menos ainda em um livro em particular. Tinha esquecido que podiam machucar. Tinha passado tanto tempo

sem ter uma relação com ninguém que pudesse...

Pressionando os olhos com os dedos, Abby interrompeu o curso daqueles pensamentos. Não podia

chamar de relação o que tinha com o Dylan. Simplesmente, era um negócio que traria benefícios para

ambos, nada mais. Não importava, não podia lhe importar que Dylan pensasse que era uma oportunista.

Abby supunha que aquela era a forma mais amável de dizer o que na realidade pensava dela. Mas se se

deixasse levar por seus sentimentos feridos e os jogasse na cara, não ia conseguir nada. Em todo caso,

tinha assinado um contrato e se comprometeu a ter Dylan em sua casa.

E quando terminariam suas obrigações? Abby deixou o primeiro dos dois cavalos no pasto e depois

voltou para o estábulo. Primeiro tinha se comprometido com Chuck e depois com seus filhos. E, de algum

jeito, por culpa do passado e embora de forma tangencial, voltava a sentir-se atada a Chuck. Então deixaria

que Crosby pensasse o que quisesse dela enquanto escrevesse aquele livro.

Cansada, apoiou a cabeça contra o flanco de um dos cavalos. Sentiu sua pele fria, amistosa. Deus,

precisava de um amigo. Como poderia pensar direito quando a cabeça latejava daquele jeito? Mas tinha

que fazê-lo. A explosão da noite anterior podia custar caro. Se Dylan pensasse o pior dela, isso influiria em

seu livro. Maldito fosse, que diabos lhe importavam as razões pelas quais tinha autorizado aquele livro?

Quaisquer que fossem, pagariam para escrevê-lo. Suas motivações não tinham nada a ver com a biografia

de Chuck. Mas, ao mesmo tempo, tinham tudo a ver com elas.

Abby fez uma segunda viagem ao pasto e retornou com o resto dos cavalos. Depois de ter limpadado os

estábulos, talvez tivesse desanuviado a mente. E então saberia qual era a melhor forma de lidar com Dylan.

Recordou aquela manhã em que o sol brilhava forte em seu rosto enquanto ele a abraçava. Desejava-a.

Ainda podia lembrar seu olhar, a forma como seus lábios tinham roçado os seus. Por um instante, só por um

instante, tinha desejado que fosse alguém de quem pudesse depender, em quem pudesse confiar. Era

ridículo. antes mesmo de conhecê-lo, sabia que Dylan tinha um trabalho a fazer. E ela também.

Quando terminou o primeiro dos cubículos, estava molhada de suor. E quando levantou a forquilha para

começar com o próxima, teve a sensação de que pesava mais do que o normal.

— Parece que deveria contratar alguém para te dar uma mão.

Dylan permanecia no umbral da porta, com o sol a suas costas e o rosto oculto pelas sombras. Abby se

deteve e o olhou com os olhos entrecerrados.

35

— Você acha? Seguirei seu conselho.

Dylan pegou outra forquilha e se apoiou sobre ela.

— Abby, por que não acaba já com esta farsa? Já sabe, a da esforçada dona-de-casa que trabalha do

amanhecer até o crepúsculo para manter a sua família.

Abby continuou trabalhando.

— Estou tentando te impressionar.

— Não se incomode. O livro é sobre Chuck Rockwel , não sobre você.

— Ótimo. Deixarei de atuar assim que tirar este esterco.

Então tinha garras. Dylan segurou com força o cabo da forquilha e depois relaxou lentamente os dedos.

Queria aproximar-se dela, mas sabia que tinha que controlar-se.

— Escute, até que chegemos a um acordo, o livro não vai a lugar nenhum. E posto que ambos

queremos que funcione, será melhor que deixemos de jogar.

— De acordo — como precisava descansar um momento, deteve-se e se apoiou contra a forquilha —. O

que quer, Dylan?

— A verdade, ou o mais próximo dela que possa chegar. Esteve casada com Rockwel durante quatro

anos. Isso significa que há partes de sua vida que conhece melhor que ninguém. Essas são as partes que

quero de você. E lhe pagaram para que me conte isso.

— Disse ontem que falaria com você enquanto o gravador estivesse funcionando e penso fazê-lo - se

voltou para o cubículo —. Mas agora tenho trabalho que fazer.

— Deixa-o já — Dylan a agarrou pelas lapelas do casaco para obrigá-la a voltar-se. A forquilha de Abby

caiu com grande estrondo ao chão —. Chama a pessoa que normalmente se encarrega disto e deixa que

façam o trabalho. Estou farto de perder tempo.

— Quer que chame meus empregados? — Abby o teria empurrado, mas não se sentia com forças para

fazê-lo - sinto muito, dei-lhes um mês de férias. Se quer trabalhar, traga aqui o caderno e as fitas. Meus

cavalos precisam de atenção.

— Quem diabos é? — perguntou Dylan exasperado, sacudindo-a ligeiramente. E se surpreendeu tanto

como ela quando Abby dobrou os joelhos. Segurando-a com força, apoiou-a contra a porta de um dos

cubículos —. Que diabos há com você?

— Nada — tentou se afastar as mãos, mas não conseguiu —. Não estou acostumada a ser sacudida.

— Tenho certeza que no metrô recebeu empurrões mais fortes — murmurou Dylan. Abby o fazia sentir-

se um bruto, que era algo que odiava. Soltou-a.

— Suponho que disso sabe mais que eu — furiosa consigo mesma, agachou-se para pegar a forquilha.

Quando se voltou, teve que agarrar-se à porta do cubículo para não cair. Dylan soltou um imprecação e

a segurou pelos ombros.

— Olhe, se estiver doente...

— Não estou doente. Nunca fico doente, só estou um pouco cansada.

E pálida, observou Dylan ao olhá-la com atenção. tirou a luva e colocou a mão em seu rosto.

— Está ardendo.

— Só estou com calor — ergueu ligeiramente a voz, estarrecida ao receber aquela carícia, apesar de

que uma carícia era justamente o que precisava —.Deixe-me em paz até que tenha terminado com isto.

— Não suporto mártires — murmurou, segurando-a pelo braço.

Era estranho, muito estranho, que a herança irlandesa de Abby irrompesse em forma de raiva cega. Ela

sempre tinha deixado aquele traço do caráter irlandês para o resto de sua família e estava acostumado a

enfrentar as dificuldades com calma. Mas aquela não foi uma dessas ocasiões. Libertou seu braço e

empurrou Dylan contra a parede do estábulo, trazendo à tona uma força que surpreendeu a ambos.

— Não me importa o que possa ou não suportar. E me importa menos ainda o que pensa. Esses papéis

que assinei não lhe dão direito de se intrometer em minha vida. Quando tiver tempo para suportar suas

perguntas e suas acusações, avisarei. E embora acredite que isto é um jogo ou uma farsa, tenho trabalho a

fazer.

36

Estava ofegante quando se voltou e segurou o carrinho de mão. Levantou-o, deu dois passos e o soltou

outra vez, sentindo que as forças lhe faltavam.

— *Está agindo muito bem.*

Estava tão farto dela como de si mesmo, mas disso se encarregaria mais tarde. Naquele momento, a

menos que estivesse muito enganado, era evidente que aquela mulher precisava de uma cama. Então,

quando a segurou pelo braço, Abby só foi capaz de tentar soltar-se.

— *Não coloque as mãos em cima de mim.*

— *Querida, estive fazendo tudo o que pude para não fazê-lo durante toda a semana — quando Abby*

cambaleou, Dylan soltou uma maldição e a levantou nos braços —. Mas agora, vamos ter que nos suportar.

— *Não quero que me carregue — então começou a tremer. Sentindo-se muito fraca para valer-se por si*

mesma, apoiou a cabeça em seu ombro —. Ainda não acabei.

— *Claro que acabou.*

— *Os ovos...*

— *Eu os recolherei mais tarde, depois que deixa-la na cama.*

— *Na cama? — tentou erguer-se outra vez e se deu conta de que já estavam na varanda —. Não pode*

me colocar na cama. Ainda não terminei com os cavalos e o veterinário virá para ver uma das éguas. O

senhor Jorgensen virá com ele e tenho que lhe vender esse potro.

— *Estou certo que Jorgensen ficará encantado em comprar um potro*

depois de ter te contagiado com a

gripe.

— A gripe? Eu não tenho gripe, isto é só um resfriado.

— É gripe — Dylan a deixou na cama e começou a tirar-lhe as botas —. Eu diria que poderá voltar a se

levantar dentro de algumas dias.

— Não seja ridículo — fazendo um grande esforço, conseguiu erguer-se, apoiando-se sobre os

cotovelos —. Só preciso de uma aspirina.

— Pode se despir sozinha ou quer que a ajude?

— Não penso em me despir — disse categórica, embora se havia algo que naquele momento desejava

de verdade, era dormir.

— Então a ajudarei — sentou a seu lado e começou a lhe desabotoar o casaco.

— Não quero nem preciso da sua ajuda — fazendo uso da pouca dignidade que lhe restava, sentou-se

na cama —. Olhe, é possível que tenha gripe, mas também tenho dois filhos que entrarão pela porta de

casa às três e vinte e cinco da tarde. E, até então, tenho que cuidar dos cavalos, de Eve em particular. E

depois tenho que receber Jorgensen.

Dylan estudou seu rosto. Estava pálida e tinha os olhos cristalinos pela febre. A forma mais rápida de

acabar com aquela discussão era concordar com ela.

— Certo, tem razão. Mas faça o favor de descansar uma hora — quando começou a protestar, Dylan

sacudiu a cabeça —. Abby, acredita que vai impressionar realmente Jorgensen se desmaiar a seus pés.

Estava tremendo, era absurdo negá-lo. E se fosse sincera consigo mesma, tinha que reconhecer que

não seria capaz de levantar nem uma escova naquele momento. Ela era uma mulher prática, e o mais

prático era descansar até que recuperasse as forças. E embora a incomodasse lhe dar razão, teria que

engolir o orgulho.

— Descansarei uma hora.

— Ótimo, vá pra cama. Trarei algumas aspirinas.

— Obrigado — tirou o casaco enquanto Dylan se levantava. E como se a consciência pesasse,

acrescentou —: De verdade, agradeço-lhe isso.

— Por nada.

Quando saiu, Abby se agarrou a cabeceira da cama e se levantou. O corpo todo lhe doía. Movendo-se

lentamente, aproximou-se da cômoda e tirou uma camisola. Tirou a blusa e os jeans. Esgotada pelo

esforço, cambaleava sobre os próprios pés. Somente uma hora, pensou, e ficaria bem.

Mais tarde, nem sequer poderia lembrar como se arrastou até a cama.

37

Dylan a encontrou ali quando retornou. Deitada de barriga para baixo e dormindo tão profundamente que

nem sequer se moveu quando a cobriu. E tampouco quando se inclinou para acariciar o cabelo que cobria

seu rosto.

Nem durante a hora que passou sentado a seu lado, observando-a, e fazendo-se infinitas perguntas

sobre ela.

Capítulo 5

Abby acordou suada, dolorida e desorientada. Quanto tempo tinha dormido? Esfregou os olhos, tentando

despertar. Tinha a pele fria e úmida e, por um momento, pensou que tinha a garganta repleta de algo

quente e amargo. Foi obrigada a admitir que, fosse o que fosse que a tinha deixado naquele estado, tinha

vindo com força. Como estava sozinha, gemeu um pouco enquanto se sentava. E ao olhar o despertador

que tinha sobre a mesinha de cabeceira, voltou a gemer.

Duas e quinze. Tinha dormido quase quatro horas. O senhor Jorgensen! Desesperada, levantou-se da

cama. Imediatamente, começou a doer à cabeça; cada centímetro de seu dolorido corpo latejava. Deu-se

conta que estava molhada de suor. Inclinou-se para pegar seu jeans e teve que segurar-se à cama para não

cair, esperando que passasse logo aquele momento de fraqueza.

Talvez ainda estivesse ali, disse a si mesmo. Talvez tenha chegado tarde e nesse momento estivesse no

estábulo, examinando à égua. Aquele dia não tinha escovado Eve, mas Jorgensen já a tinha visto em todo

seu esplendor. E o veterinário... o veterinário não hesitaria em certificar que era uma égua forte e saudável.

Assim a única coisa que tinha que fazer era vestir-se, descer e desculpar-se.

Dylan entrou nesse momento no quarto com uma bandeja nas mãos.

— Vai a algum lugar?

— Passa das duas — embora fraca, definitivamente, era uma acusação.

— Tem toda a razão — deixou a bandeja na cômoda e a olhou. A camisola escorregava ligeiramente,

deixando um dos ombros a mostra. Um ombro liso e esbelto. O resto de seu corpo era igualmente magro,

das pernas de bailarina até os seios erguidos e suavemente arredondados.

Um homem tinha direito a sentir uma ligeira tensão, um ligeiro calor, uma ligeira ansiedade ao enfrentar

a uma mulher meio nua e uma cama desfeita, disse Dylan a si mesmo. Não tinha nada de pessoal naquela

reação.

— Esta é a primeira vez que a vejo vestida com menos de três camadas de roupa.

— Estou certa de que estou deslumbrante.

— Na verdade tem uma aparência horrível. Por que não volta para a cama antes que piore?

— O senhor Jorgensen...

— Um homenzinho interessante — completou Dylan por ela. Aproximou-se, tirou das mãos os jeans e os

jogou na cadeira —. Falava dos cavalos com mais paixão que de sua esposa — a conduziu até a cama

enquanto falava.

— Ainda está aqui? Tenho que falar com ele.

— Já foi — respondeu Dylan enquanto lhe afogava o travesseiro.

— Como já foi?

— Sim. Coloque isto. Consegui encontrá-lo no meio de alguns frascos de anti-séptico e dezenas de

caixas de band-aids coloridos.

Abby recusou o termômetro enquanto tentava pensar qual seria seu próximo movimento.

— Posso falar com ele e marcar outro encontro. Explicou por que não podia descer? Não posso acreditar

que o tenha deixado plantado. O veterinário... O veterinário...?

Dylan colocou o termômetro na sua boca e segurou suas mãos antes que pudesse tirar outra vez.

— Quieta — quando Abby começou a balbuciar, pegou o queixo com a outra mão —. Olhe, se quer

saber o que houve com Jorgensen, terá que deixar o termômetro na boca e mantê-la fechada, de acordo?

Abby se deixou cair na cama, com humor cada vez pior. Dylan estava falando como ela poderia ter

38

falado a qualquer de seus filhos. Mas compreendendo que não tinha alternativa, assentiu.

— Ótimo — soltou suas mãos e foi pegar a bandeja.

Abby, tirou imediatamente o termômetro da boca.

— O veterinário examinou Eve? Preciso...

— Coloque isso na boca ou não responderei nenhuma pergunta — depois de colocar a bandeja no colo,

levantou-se e esperou. Experimentou uma agradável sensação de satisfação ao ver que Abby por fim

obedecia —. O veterinário disse que Eve está muito bem, que não prevê complicações e que o parto será

em menos de uma semana.

Abby levou a mão ao termômetro. Mas bastou que Dylan arqueasse uma sobrancelha para que parasse.

— Quanto à outra égua, Gladys se chama? — depois que Abby assentira, sacudiu a cabeça. — Nome

insignificante para um cavalo. Em todo caso, também está muito bem. Jorgensen pediu que falasse que

ligará para falar da venda quando o potro tiver nascido. E também comentou — continuou Dylan,

segurando-a pelo braço ao ver que pretendia tirar o termômetro —, que tem alguns nomes para indicar. Ao

que parece, há pessoas que podem estar interessadas no outro potro. E eu tenho a impressão que ele

mesmo estaria interessado se sua mulher permitisse. Satisfeita?

Abby fechou os olhos e assentiu. Estava acontecendo, estava acontecendo de verdade. O dinheiro dos

potros serviria para pagar o restante do empréstimo que foi obrigada a aceitar depois da morte de Chuck.

Logo saldaria sua dívida e, em um ano ou dois, poderia voltar a desfrutar de certa estabilidade econômica.

Embora fosse ridículo, teve vontade de chorar. Queria enterrar a cabeça no travesseiro e chorar até que

aquelas lágrimas de alívio apagassem todas as preocupações passadas. Manteve os olhos fechados e

esperou até recuperar a compostura.

Que mulher mais estranha, pensou Dylan. Que sentido tinha se emocionar pela venda de alguns

cavalos? Tinha certeza que conseguiria vendê-los por um bom preço, mas representaria muito pouco ao

lado da herança que certamente tinha herdado de Rockwel . O dinheiro devia ser muito importante para ela,

decidiu. Embora não soubesse em que diabos gastava.

Nos móveis, talvez. Aquela cama era no mínimo do século dezoito e não era um objeto que se

encontrasse em uma loja de liquidação. E nos cavalos, é obvio. Não teria comprado aqueles cavalos com

uma piscadela e um sorriso. Olhou o armário. Apostaria um bom punhado de dólares que parte do dinheiro

estava pendurado ali.

Quando Abby voltou a abrir os olhos, Dylan tirou o termômetro da boca.

— Dylan, não sei o que dizer.

— Humm. Quarenta graus de febre. Parece que bateu o recorde.

— Quarenta de febre? — o tom de gratidão desapareceu. - Isso é ridículo, me deixe ver.

Dylan tirou do seu alcance o termômetro.

— Sempre é tão má paciente?

— Nunca fico doente. Tem que ter visto errado.

Dylan lhe estendeu o termômetro e a observou franzir o cenho.

— Bem, suponho que isso deveria te fazer sentir muito pior — lhe tirou o termômetro, sacudiu e o

guardou em seu estojo —. Agora, pode comer sozinha ou quer que a ajude?

— Acho que poderei me arrumar sozinha — fixou o olhar na sopa que fumegava na bandeja sem

nenhum apetite —. Normalmente não almoço.

— Pois hoje terá que fazê-lo. Tem que beber muito líquido. Experimente primeiro o suco.

Abby pegou o copo que ele estendia e suspirou. Não estranhava que estivesse tratando-a como a um de

seus filhos. Estava se comportando como uma criança.

— Obrigado. E sinto me queixar tanto. Eu não gosto de ser irritante, mas tenho tantas coisas que fazer...

E estando aqui deitada é impossível que as faça.

— É indispensável, não?

Abby voltou a olhá-lo. Em seus olhos apareceu algo diferente. Emoção, esperança, perguntas talvez...

Dylan não soube determinar o que era.

— Simplesmente, sou necessária.

39

Disse-o com tanto desespero, que Dylan se aproximou para lhe acariciar a face antes de dar-se conta do

que estava fazendo.

— *Então é melhor que se cuide.*

— *Sim — pegou a colher e tentou olhar a sopa com algum entusiasmo —. Sou uma paciente terrível,*

sinto muito.

— *Não se preocupe, eu também.*

Para agradá-lo, começou a comer.

— *Não parece ficar doente com frequência.*

— *Se por acaso isso a faz sentir melhor, tive uma gripe há alguns anos.*

Abby sorriu, havia um brilho zombeteiro em seu olhar.

— *Pois sim. Em todo caso, estou mais acostumada a ser o médico. Os meninos tiveram varicela em*

setembro. A casa parecia um hospital. Dylan... — estava se preparando para esse momento fazia algum

tempo. Enquanto remexia a sopa, reuniu a coragem que precisava para abordá-lo —. Sinto muito por ontem

à noite e por esta manhã.

— *O que é que sente?*

Abby levantou o olhar. Dylan parecia tão relaxado, tão tranquilo. Parecia que as discussões violentas

não deixavam nele nenhum sinal de culpa. Mas Dyland não tinha mentido e ambos sabiam. Assim como

ambos sabiam que ela continuaria mentindo.

— *Disse coisas que não pretendia dizer. Sempre faço isso quando me*

zango.

— Talvez seja mais honesta do que pensa quando se zanga — estava tenso. Entretanto, também

parecia estar desconcertado e, de algum jeito, surpreso por suas palavras —. Escute, Abby, pretendo

continuar pressionando-a, mas também tenho escrúpulos. E não vou continuar discutindo com você até que

tenha se recuperado.

Abby não pôde deixar de sorrir.

— De modo que enquanto estiver doente, estou a salvo.

— Algo assim. Não está comendo nada.

— Sinto muito —deixou a colher na bandeja —. Não consigo.

Dylan levantou a bandeja e a deixou ao lado da cama.

— Alguma vez já disseram a você que se desculpa demais?

— Sim — sorriu outra vez—. Sinto muito.

— É uma mulher muito interessante, Abby.

— Sério? — sentia-se tão bem estando aconchegada na cama. Gelada, cobriu-se até o queixo. Era

incrível, estava cansada outra vez, tão cansada que não custaria nada fechar os olhos e dormir —. Sempre

pensei que era bastante aborrecida

— Aborrecida...

Dylan baixou o olhar para suas elegantes mãos e recordou a eficiência com que trabalhavam. Recordou

também àquela mulher com visom branco e diamantes resplandecentes nas orelhas e pensou em Abby

lavando roupas. Não era uma mulher aborrecida. Não era em absoluto uma mulher aborrecida.

— Em meu arquivo, tenho uma fotografia que tiraram de você em Montecarlo. Envolta em um visom

branco.

— O visom branco — sorriu sonolenta enquanto sentia as energias lhe abandonando pouco a pouco —.

Sentia-me como uma princesa. Era fabuloso, não é?

— Era?

— Mmm. Como uma princesa.

— Onde está?

— No telhado — respondeu, e adormeceu.

No telhado? Tinha que estar delirando se pensava que o casaco de visom estava no telhado. Murmurou

40

algo quando Dylan a cobriu.

Uma mulher muito interessante, pensou o escritor enquanto voltava a olhá-la. E o único que tinha que

fazer era preencher todos os espaços que ficavam em branco.

Quando Dylan ouviu o primeiro estrondo, estava transcrevendo as notas que tinha tomado sobre o

primeiro ano de Rockwel como piloto profissional. Soltou um imprecisão, embora sem muita veemência,

separou-se da máquina, deixando uma folha pela metade e desceu as escadas para receber os meninos.

— Não foi culpa minha — Ben fulminou o irmão com o olhar, enquanto abraçava o cão.

— Sim foi sua culpa... — Chris buscou em seu vocabulário e soltou o pior insulto que lhe ocorria —.

Idiota.

— *Você sim que é idiota. Só porque...*

— *Problemas?* — *perguntou Dylan enquanto abria a porta.*

Os meninos soltavam chispas pelos olhos e Chris estava coberto de barro dos pés à cabeça.

O lábio inferior lhe tremia enquanto apontava para o irmão com um dedo sujo.

— *Empurrou-me.*

— *Mentira.*

— *Direi a mamãe.*

— *Calma, calma* — *Dylan bloqueou a porta e obteve como recompensa uma boa mancha de barro nas*

calças. — *Ben, não acha que é muito grandinho para empurrar Chris?*

— *Não o empurrei* — *ergueu o queixo*—. *Sempre diz que faço coisas que não faço. Vou dizer a mamãe.*

Os olhos do Chris começaram a encher-se de lágrimas enquanto permanecia como um naufrago na

varanda. Dylan sentiu a imperiosa e inexplicável necessidade de agachar-se e abraçá-lo.

— *Olhe, já o limparemos* —*disse, conformando-se em tocar de leve com o dedo em seu nariz* —. *por*

que não me conta o que aconteceu?

— *Empurrou-me* — *as primeiras lágrimas começaram a deslizar por seu rosto. Ainda era muito pequeno*

para envergonhar-se delas —. *Só porque é maior.*

— *Não é verdade* — *também não muito longe das lágrimas, Ben tinha o olhar cravado no chão* —. *Não*

queria empurrá-lo. Só estávamos brincando.

— *Então foi um acidente?*

— Sim — respirou fundo, envergonhado de sua vontade de chorar.

— Não dói nada desculpar-se por um acidente — pôs a mão no ombro do Ben —. Sobretudo quando se

é o maior.

— Sinto muito — murmurou, fulminando o irmão com o olhar —. Mamãe vai se zangar comigo porque

você está cheio de barro. Vou ter problemas. E hoje é sexta-feira.

— Mmm — Dylan pareceu considerar as opções.

Chris já esquecido das lágrimas, deslizava com curiosidade o dedo pelo barro que cobria seu casaco.

— Talvez não tenhamos que dizer-lhe desta vez.

— Verdade? — a esperança brotou nos olhos de Ben, mas foi rapidamente substituída pela descrença

—. Mas de qualquer forma vai saber.

— Não, não saberá. Venham — não vendo outra forma de resolver, levantou Chris em seus braços —. O

colocaremos na máquina de lavar roupa.

Chris riu divertido e lhe passou o braço enlameado pelo pescoço.

— Não se pode colocar ninguém na máquina de lavar roupa. É muito pequena. Onde está mamãe?

— No quarto. Está com gripe.

— Como o senhor Petrie?

— Exato.

41

Ben se deteve na porta da cozinha.

— Mamãe nunca fica doente.

— Mas desta vez sim. Agora mesmo está dormindo, assim ficaremos aqui embaixo.

— Quero vê-la.

Dylan, que estava abrindo a porta da lavanderia, deteve-se. Voltou-se e viu Ben no centro da cozinha

com a boca apertada e a expressão desafiante. Apesar de desconcertado, admitiu que admirava a

determinação daquele menino ao defender sua mãe.

— *Mas não a acorde - voltou para a lavanderia —. Certo, tigre, tire a roupa.*

Disposto a obedecer, Chris começou a tirar o casaco.

— *Minha professora teve gripe na semana passada, assim veio uma substituta. É ruiva e não sabe*

nossos nomes. Mamãe estará doente amanhã?

— *Não tanto quanto hoje — Dylan encontrou o sabão e começou a investigar o funcionamento da*

máquina de lavar roupa.

— *Pode usar minhas tintas — Chris sentou-se no chão e começou a tirar as botas —. E podemos ler*

estórias para ela. Ela lê estórias quando estou doente.

— *Estou certo que adorará.*

— *Se ela estiver muito mal, pode ficar com Mary.*

— *Quem é Mary?*

— *É minha cadela de pelúcia, tia Maddy me deu de presente quando era pequeno. Ainda durmo com*

ela, mas não diga a Ben. Caçoa de mim.

Dylan sorriu enquanto punha a máquina de lavar roupa. Era agradável que confiassem nele.

— *Não direi nada.*

— *Se mamãe estiver melhor amanhã, acha que poderá nos levar ao*

cinema? Disse que nos levaria ao

cinema no sábado.

— Não! — ao voltar-se, Dylan viu que o menino acatou seu pedido ao pé da letra. Tinha se despido ao

lado da pia e estava arrepiado —. Não acredito que tenhamos que ir tão longe — depois de tirar uma toalha

da secadora, aproximou-se do menino e o envolveu nela —. Acredito que precisa de um banho.

— Odeio banho — Chris inclinou a cabeça e dirigiu a Dylan um olhar solene —. Odeio de verdade.

— O problema é que tinha razão — Dylan colocou o resto da roupa na máquina de lavar e a fechou —.

Não cabe na máquina de lavar roupa.

Rindo, Chris ergueu os braços para ele, com um gesto singelo que deixou Dylan sem fala. Incapaz de

fazer outra coisa além de responder àquele pedido silencioso, levantou-o nos braços. Bom Deus, pensou

enquanto o menino apoiava a cabeça em seu pescoço, tinha conseguido manter a objetividade durante

trinta anos e nesse momento estava a ponto de perdê-la por culpa de um menino com a cara suja de barro.

— Sobre o banho...

— Odeio.

— Venha, pode levar um navio ou algo para brincar na banheira.

Resignado, Chris se deixou conduzir para o inevitável.

— Prefiro um caminhão.

— Então, leve um caminhão.

— Posso levar três?

— Sempre e enquanto tiver lugar para você — assim que chegaram à porta do banheiro deixou Chris no

chão —. Agora, não faça ruído, OK?

— Certo — Chris se voltou para ele e sussurrou —: Vai me ajudar a lavar o cabelo? Quase consigo

sozinho, mas...

— Ah... — pensou no trabalho que o esperava em seu escritório —. Claro, mas comece sozinho.

Ser babá, pensou Dylan enquanto vacilava no vestibulo, não fazia parte do trato. Mesmo assim, sabia

42

que Abby não estava aproveitando mais do que ele. Olhou para o quarto de Ben. A porta estava fechada. A

primeira idéia foi deixar o menino a sós e dedicar-se a tarefa menos complicada de lavar o cabelo de Chris.

Mas amaldiçoando-se a si mesmo, bateu na porta do quarto do menino.

— Entre.

Dylan abriu a porta e encontrou o menino sentado na cama, com um exército de homenzinhos a sua

frente.

— Viu sua mãe?

— Sim. Não a acordei — pôs dois homens a brigar —. Acho que está muito doente.

— Só precisa descansar alguns dias — Dylan se sentou na ponta da cama e pegou um dos bonecos —.

Talvez precise que lhe façam companhia quando acordar.

— Uma vez, quando cheguei em casa do colégio, ela estava deitada no sofá. Dizia que era porque lhe

doía a cabeça, mas eu sei que estava chorando.

Sem saber muito bem o que fazer, Dylan pegou outro dos soldados.

— As mães também precisam chorar de vez em quando. Todo mundo precisa.

— Os homens não.

— Sim, os homens também.

Ben tentava assimilar aquela informação, mas não acreditava.

— Mamãe esteve chorando outra vez?

— Esta vez só está doente. Suponho que se sentirá melhor se não lhe causarmos problemas.

— Eu não quero lhe causar problemas — disse Ben com um fio de voz.

— Tenho certeza.

Dylan pensou em si mesmo e no muito que a tinha pressionado. Fazia parte de seu trabalho, sim. Mas

aquilo não o fazia sentir-se menos culpado.

— De verdade não empurrei Chris para que caísse no barro — balbuciou.

— Sei — mas ele sim tinha posto Abby entre a espada e a parede.

— Mamãe me castigará.

— Já sei.

Dylan se deu conta que admirava a candura de Ben, mas sabia que tinha que fazer algo, e que diabos ia

fazer ele se não sabia nada sobre como educar meninos? Passou a mão pelo cabelo e tentou ser razoável.

— Suponho que teremos que pensar em algo. Quer que desçamos e atire você ao barro?

Ben o olhou com receio. Depois de cruzar seu olhar com a do Dylan, soltou uma gargalhada.

— Então se zangará com você.

— Verdade. Por que não faz as tarefas de Chris esta noite?

— Certo — não era um trato ruim. Gostava de passar o tempo com os cavalos

Dylan surpreendeu-se e sentiu prazer ao mesmo tempo por ser capaz de ler a mente do menino.

— Isso inclui tirar a mesa. Parece-me que hoje á vez de Chris.

— Mas...

— A vida é dura, moço — puxou suavemente a orelha e foi ocupar-se de sua próxima tarefa.

Abby acordou ao ouvir uma discussão. Uma discussão entre sussurros, mas uma discussão afinal. Abriu

os olhos e os fixou em seus filhos, que estavam aos pés da cama.

— Deveríamos acordá-la já — insistiu Ben.

— Temos que esperar que Dylan suba.

— Não, agora.

— E o que faremos se ainda tem febre?

43

— Mediremos para ver quanto tem.

— Sabe como se faz? — perguntou Chris, disposto a deixar-se impressionar pelas habilidades de seu

irmão.

— Usa-se esse aparelho. Somente temos que pôr na boca e esperar.

— Enquanto está dormindo?

— Não, tolo, antes temos que acordá-la.

— Já estou acordada — Abby se sentou, apoiando-se contra o travesseiro e sob o olhar hesitante de

seus filhos.

— Olá.

Sem estar muito certo de como tratar uma mãe doente, Ben brincava com a colcha.

— Olá.

— Ainda está doente?

Abby sentia a garganta tão seca que se surpreendia por ser capaz de falar. Todos os músculos de seu

corpo se rebelaram quando tentou erguer-se um pouco mais.

— Um pouquinho.

— Quer minhas tintas? — sem nenhum tipo de cerimônia, Chris subiu à cama para vê-la de perto.

— Talvez mais tarde — disse, passando a mão pelo cabelo —. Acabam de chegar do colégio?

— Claro que não. Faz tempo que estamos em casa, não é, Ben?

— Já jantamos — confirmou Ben —. E fizemos todas as tarefas.

— Já jantaram? — quando estava mais desperta, notou que estava anoitecendo. Olhou o despertador e

gemeu. Perdeu outras três horas —. O que jantaram?

— Tacos. Dylan os faz muito bons. Tem febre? — Chris posou a mão em sua testa —. Está quente. Tem

que tomar um remédio como Ben e como eu? Se quiser, posso ler uma estória.

— Não sabe ler — acrescentou Ben aborrecido.

— Claro que sei. A senhorita Schaeffer diz que leio muito bem.

— Tolices de meninos, não estórias que lêem as mães.

— Discutindo outra vez? — Dylan entrou no quarto com uma bandeja —. É agradável ver que as coisas

voltam a normalidade. Afaste-se, Chris. Sua mãe tem que comer.

— Todos nós a fizemos — disse Chris enquanto Abby se inclinava para um

lado —. Dylan fez os ovos e

Ben esquentou a sopa. Eu fiz as torradas.

— Tem uma aparência maravilhosa.

Tinha vontade de atirar a bandeja e todo o resto pela janela. Enquanto Dylan lhe arrumava o travesseiro,

ergueu o olhar e o viu sorrir. Parece que tinha adivinhado seu pensamento. E, além disso, sabia que diante

de seus filhos não poderia negar-se a comer.

— Dylan disse que precisa recuperar as forças — interveio Ben.

— Ah, sim?

— E Dylan disse que temos que ficar quietos para que possa descansar — Chris esperou que sua mãe

provasse a torrada, que tinha lambuzado generosamente de manteiga.

— Estiveram muito quietos — disse Abby, engolindo a torrada com a ajuda do suco.

— E Dylan disse que se nos comportarmos bem, mais tarde brincará conosco — Chris dirigiu a Dylan um

sorriso radiante —. Nos comportamos bem, não é?

— Comportaram-se muito bem.

Querendo evitar que Chris monopolizasse toda a atenção, Ben se aproximou de seu irmão.

— Dylan disse que amanhã ainda estará doente e não poderá nos levar ao cinema.

— Parece que Dylan diz muitas coisas — murmurou Abby, e estendeu o braço para acariciar a bochecha

de seu filho —. Veremos. Como foi no colégio?

— Muito bem. Durante a aula de matemática, entrou um pássaro pela

janela e a senhora Lieter se pôs a

persegui-lo. O pássaro se chocava contra os vidros.

— Que emocionante.

— Sim, mas depois a senhora Lieter abriu uma janela e foi procurar uma vassoura para tirá-lo.

— Tricia caiu e fez um galo na cabeça — Chris se inclinou para brincar com a corrente de ouro que sua

mãe usava no pescoço, um objeto que o tinha fascinado desde que era um bebê —. chorou muito tempo.

Eu me cansei, mas não chorei. Bom, não muito — se corrigiu rapidamente.
— Dylan ia me colocar na

máquina de lavar roupa.

Abby deixou de acariciar o cabelo de seu filho.

— Perdão?

— Bom, estava cheio de barro e...

Dylan o interrompeu antes de que o relato do Chris pudesse delatar o irmão.

— Foi um pequeno acidente. O chão está muito escorregadio.

Enquanto Abby olhava, Ben inclinou a cabeça e olhou Dylan de soslaio com uma mescla de gratidão e

receio.

— Entendi — ou ao menos pensava que entendia. E era suficientemente prudente para não pedir mais

explicações — Este jantar está maravilhoso, meninos, mas acho que agora não consigo comer nada mais.

Dylan pegou o copo da bandeja e o deixou na mesinha de noite.

— Por que não levam a bandeja, meninos? Eu descerei logo.

Assim que os meninos saíram, Dylan pegou o termômetro.

— Dylan, agradeço tudo o que está fazendo. Não sei o que dizer.

— Melhor —colocou o termômetro em sua boca boca—. Assim ficará calada.

Como não queria iniciar outra discussão, Abby se recostou na cama e esperou que Dylan tirasse o

termômetro de sua boca.

— Baixou, não é?

— Muito pouco — corrigiu, em um tom que Abby julgou como muito alegre, e estendeu uma aspirina.

— Os meninos pensavam que amanhã íamos ao cinema.

— Sobreviverão.

Depois de colocar o termômetro no lugar, girou para sair. Abby segurou-lhe a mão em um impulso.

— Dylan, não pretendo ser uma má paciente, mas juro que vou ficar louca se passar mais outro minuto

nesta cama.

Dylan inclinou a cabeça.

— Isso é um convite?

— O que? Oh, não. Eu só pretendia...

— Acho que entendo — inclinou-se sobre ela, envolveu-a na colcha e a levantou nos braços.

— O que está fazendo?

— Tirando da cama. Descerei na sala e a deixarei em frente da televisão. Mas estou certo de que em

menos de uma hora terá voltado a esquecer completamente do mundo.

— Mas se passei todo o dia dormindo.

Naquele momento, quase se permitiu desfrutar da sensação de ser abraçada por aqueles braços fortes,

de ser levada como se fosse um objeto frágil e delicado. Por uma noite, só por uma noite, podia fingir que

havia alguém a seu lado. Contos de fadas, advertiu-se Abby, e se interrompeu antes de apoiar a cabeça em

seu ombro.

— Agradeço que tenha cuidado dos meninos. Embora não queira impor nada a você. Posso chamar uma

vizinha se precisar.

— Esquece — respondeu com naturalidade, sem querer admitir o muito que tinha desfrutado daquela

45

tarde —. Posso cuidar deles. Quando estava na universidade, ganhava a vida como guarda de segurança.

— Esse tipo de experiência sempre ajuda — murmurou —. Dylan, Chris se machucou quando Ben o

empurrou?

— Não sei do que está falando.

— Claro que sabe.

— Achou que Chris parecia machucado?

— Não, mas...

— Então não vai querer que me converta em um delator, não é?

Abby lhe dirigiu um olhar severo enquanto a deixava no sofá.

— Os homens sempre defendem uns aos outros, não é?

Sem incomodar-se em responder, Dylan se aproximou e ligou a televisão. Precisava se afastar

rapidamente dela, romper o contato. Parecia tão doce, tão pequena, tão frágil em seus braços. Um homem

podia cometer os piores erros de sua vida quando se deixava seduzir pela

fragilidade.

— *Se precisar de algo, estarei na cozinha. Coisas de homens, sabe.*

— *Dylan.*

— *Olhe, se voltar a me dizer obrigado outra vez, vou bater em você — mas se inclinou para ela, tomou o*

rosto entre as mãos e a beijou —. Não me agradeça e tampouco se desculpe.

— *Não pensava em fazê-lo.*

E antes de que pudesse pensar o que fazia, antes de dar-se tempo para pensar, Abby estendeu o braço

e o fez aproximar sua boca da dela.

Não era doce. Não era mágico. Era sólido e forte. Pela primeira vez em muitos anos, voltava a sentir o

gosto de um homem. Desejava, pela primeira vez desde muitos anos. E era maravilhoso desejar outra vez,

sem pensar, sem raciocinar, deixando-se somente levar pelo desejo.

Aquele contato, aquele sabor, não estava carregado de lembranças de seu casamento ou do único

homem que tinha conhecido. Era um sabor novo e fresco, como um começo.

Sua pele estava quente. Dylan sabia que aquela entrega nascia tanto da debilidade quanto da paixão.

Mas, pensou, preferia acreditar que havia algo mais, algo único na maneira como seus lábios se moldavam

aos seus. Assim queria algo mais. Do primeiro beijo, o desejo se estendeu em seu íntimo até fazê-lo desejar

tudo. Sentir sua pele, febrilmente quente sob a camisola, sentir seu corpo derretendo-se contra o seu.

Não havia artifício naquele beijo, não era um beijo experiente. Era um gesto tão puro e generoso como o

de Chris elevando os braços para ele. Afastou-se sem vontade e atônito. Dando-se conta de que, quanto

mais a conhecia, menos sabia dela.

Abby se recostou, com os olhos meio fechados, consciente de que Dylan a estava observando e incapaz

de dissimular. O que ele queria ver estava ali. E ela não tinha como saber se suas próprias dúvidas estavam

cegando-o.

— Há algo que teremos que resolver quando estiver melhor, Abby.

— Sim, eu sei.

— Será melhor que descanse.

Meteu as mãos nos bolsos, sabendo o fácil que seria para ele voltar a acariciá-la e esquecer.

— Descansarei.

Fechou os olhos, porque seria muito fácil estender os braços para ele e esquecer. Seus filhos estavam

no aposento ao lado. Seus filhos, sua responsabilidade. Sua vida.

Quando abriu os olhos, Dylan já tinha ido.

Capítulo 6

Abby não lembrava de ter subido para o quarto, mas, na manhã seguinte, acordou em sua própria cama.

46

E acordou tarde. Sentiu algo quente e peludo contra a bochecha. O alarme inicial se converteu em

assombro, e depois em amor enquanto aconchegava em seus braços à esfarrapada e adorada cachorrinha

de Chris. Devia ter levado quando estava dormindo. Ao erguer-se na cama, viu uma enorme folha de papel

rosado, grudada a uma das colunas da cama no qual leu: Mamãe, fique boa.

Reconheceu os traços inseguros de Ben e os olhos se encheram de lágrimas. Talvez fossem monstros,

mas eram seus monstros. E estavam a seu lado quando precisava.

E ela? Esfregou Mary contra sua bochecha com ar ausente. Eram quase dez da manhã e nem sequer

tinha preparado o café da manhã de seus filhos.

Desgostosa, obrigou-se a levantar da cama. Ignorando o tremor das pernas, tirou o roupão do armário e

foi tomar um banho. Havia muitas coisas a fazer e não podia fazê-las da cama.

Depois de tirar da banheira um comboio de caminhões, entrou no banho. A água se chocava contra seus

músculos doloridos e sua pele febril. Abraçou a si mesma, apoiada contra os azulejos, e ergueu o rosto para

que a água quente caísse sobre ele. Pouco a pouco, foi superando o frio e sentindo que a mente clareava.

Dylan. Não era um mau sinal que, assim que a mente clareou, tinha sido ele a primeira pessoa na qual

tinha pensado? Talvez não fosse um mau sinal, mas, certamente, não era nada bom. Tinha começado algo

que ia muito além de tudo aquilo para o qual estava preparada. Estando a sós, podia admitir que não tinha

nem a mais vaga idéia do que ia fazer a seguir. A atração que sentia por Dylan não estava em seus planos.

O mais prudente seria ignorá-la, mas conseguiria? E ele conseguiria?

Anos atrás, havia sentido uma excitação parecida. E, anos atrás, tinha agido sem parar para pensar. Era

um erro que não podia se dar ao luxo de cometer pela segunda vez. Não podia dizer quanto tempo tinha

levado para cicatrizar as feridas que Chuck tinha lhe causado, mas sabia que não podia voltar a sofrer uma

dor como aquela. Não, sabia que não seria capaz de sobreviver nem recomeçar uma nova vida pela

segunda vez, de maneira que a escolha estava clara. Nenhuma relação merecia o risco de perder. Não

havia nenhum homem que merecesse o preço que teria que pagar por isso. Além disso, tinha filhos nos

quais pensar e uma casa para manter.

Mas acima das dúvidas que tinha sobre si mesma, estavam as dúvidas sobre o projeto que tinha levado

Dylan até sua casa. Se se permitisse o luxo de sentir algo por ele, ia ser muito mais difícil mentir, evitar suas

perguntas e esconder a verdade.

Abby saiu com dificuldade do banho. Não podia correr o risco de sentir, nem de dar, nem sequer de

receber quando se tratava de Dylan. E teria que agarrar-se a essa decisão, porque dela dependia sua

sobrevivência. Para ela, Dylan somente seria o biógrafo do pai de seus filhos.

Depois de secar-se, saiu no corredor. Uma rápida olhada nos quartos dos meninos indicou que estes já

tinham se levantado. Desceria, prepararia o café da manhã e os deixaria ver desenhos animados.

Encontrou-os exatamente onde esperava, aconchegados em frente ao televisor enquanto na tela

apareciam as últimas aventuras de um herói dos desenhos animados. O que não esperava era encontrar

Dylan com eles.

— É isto o que chamam de desenhos animados?

Chris estava sentado ao lado de Dylan no sofá e Ben a seus pés. A cena parecia tão natural como se os

três estivessem acostumados a passar todas as manhãs de sábado juntos.

— São desenhos legais — respondeu Ben —. O Astronauta John persegue os maus, mas nunca

consegue agarrar todos. Nunca o Dr. Disaster.

Dylan pensou que já sabia de quem Ben era partidário.

— Escuta, Pernalonga sim que é um bom desenho animado. Tem estilo e inteligência, não só raio laser.

O Coiote tentando agarrar ao PapaLéguas, Pernalonga servindo-se de sua astúcia para evitar o Gaguinho.

Isso sim que é desenho animado.

Ben bufou zombador e concentrou em Astronauta John toda sua atenção.

Mas Chris puxou Dylan suavemente pela camisa.

— Eu gosto do Pernalonga.

Divertido pelo sério semblante do menino, Dylan passou o braço pelos seus ombros.

— Chris se parece com o Pernalonga — sentenciou Ben.

Sorriu abertamente, esperando a vingança. Mas antes que Chris pudesse descer e atacá-lo, Dylan o

sentou em seu colo.

47

— Não — respondeu, depois de examinar atentamente o rosto do menino —. Tem as orelhas muito

curtas. Mas, Ben — estendeu o braço e puxou Ben pela orelha —, acho que podemos dar um jeito nisso.

Rindo, Ben deu meia volta e tampou as orelhas com as mãos.

— Eu sou o Dr. Disaster e vou fazer o planeta Kratox em pedacinhos.

— Ah sim? Você e quem mais? — agarrou o menino pelos braços e o levantou com um golpe —. Todos

os malfeitores do espaço são iguais.

— Terríveis?

— Não, sensíveis — começou a lhe fazer cócegas na barriga, fazendo-o gritar.

Em menos de um segundo, estavam os três rolando no sofá. Encantado, Chris subiu nos ombros de

Dylan e foi então que viu sua mãe na porta.

— Olá, mamãe.

— Bom dia.

Observou seus filhos, ruborizados pela briga e depois Dylan. Não tinha se barbeado, e poderia ser como

qualquer homem em uma preguiçosa manhã de sábado.

— Não devemos brigar em cima dos móveis — sussurrou Ben no ouvido de Dylan.

— Muito bem — Dylan se separou dos meninos e examinou Abby com o olhar —. Deveria estar na

cama.

— Estou bem, obrigado — por que lhe pareceria ainda mais excitante quando se mostrava um pouco

duro e arisco? Teria que gostar sempre dos homens sem nenhuma capacidade de ternura? —. ia preparar

café.

— Já tem café feito na cozinha.

— Oh — vacilou, odiando ter que afastar-se dos meninos —. Ben, Chris, assim que terminar o desenho,

preciso que tomem o café da manhã e me ajudem a dar de comer aos animais.

— Já demos — disse Ben, aliviado ao ver que não haveria broncas nem lições sobre como tratar os

móveis.

— Já deram de comer?

— E tomamos o café da manhã. Panquecas — disse Chris —. Dylan as faz muito gostosas.

— Oh — meteu as mãos nos bolsos do roupão sentindo-se tola e, o pior de tudo, inútil —. Então

esquentarei o café.

— Me deixem a par de como acaba o planeta — disse Dylan, levantou-se e seguiu Abby à cozinha —.

Problemas? — perguntou-lhe.

— Não.

Só uma dúzia, pensou enquanto ligava o fogão. Como pensava que ia poder manter as promessas que

tinha feito a si mesma quando o via brincando com seus filhos? E como pensava que ia manter a mente

ocupada quando todas as tarefas foram feitas antes dela levantar? Não havia um pinga de ternura naquele

homem, nem um pinga de amabilidade... Se queria sobreviver, tinha que continuar acreditando nisso.

Retesou-se quando Dylan segurou em seus ombros, mas ele a ignorou e a fez voltar-se. Olhando-a nos

olhos, colocou a mão em sua testa.

— Ainda tem febre.

— Estou muito melhor.

— Está mal — respondeu. Segurou-a por braço e a aproximou de uma cadeira —. Sente-se

— Dylan, estou acostumada a controlar minha vida.

— Ótimo. E deveria ser capaz de voltar a fazê-lo a partir da segunda-feira.

— E o que imagina que vou fazer até então? — espetou-o acaloradamente enquanto a debilidade a

obrigava a sentar-se —. Estou cansada de ficar na cama e de comer sopa. Estou cansada de ficar com o

termômetro na boca e de tomar aspirinas.

— Um dos primeiros sintomas de melhora é o mau humor — colocou um copo de suco em sua frente —.

Beba isso.

48

— Dá ordens muito bem.

— E você as cumpre muito mal.

Abby o olhou com o cenho franzido, levantou o copo e o esvaziou.

— Pronto. Satisfeito?

Sem ter muita certeza de se mostrar zangado ou divertido, Dylan se aproximou do mesa.

— O que há, Abby?

— Acabo de dizer... — faltou a voz quando Dylan posou a mão em seu rosto.

— Não me disse nem a metade. Mas o fará — incapaz de resistir, acariciou-lhe a face com o polegar.

— Não.

Abby segurou-lhe o braço com a mão, mas não foi capaz de afastá-lo.

— As pessoas são minha especialidade — murmurou Dylan —. até agora, está sendo muito difícil

descobrir o que é que te deixa zangada. Você gosta dos desafios, Abby?

— Não — respondeu, quase desesperadamente —. Não, eu não gosto.

— A mim sim — deslizou a outra mão pelo cabelo de Abby, ainda

molhado do banho —. Acho

enigmático e, em alguns casos, muito excitantes.

*Tinha pensado em Abby durante a noite. Pensado nela e no que desejava.
E quanto mais pensava, mais*

*certeza tinha de que as duas coisas poderiam ser a mesma. Aproximou seus
lábios dos seus.*

— Você me excita, Abby. Que diabos podemos fazer com isso?

*— Chega — lutava para manter suas emoções sob controle, mas
continuava deslizando a mão*

lentamente pelo braço de Dylan —. Os meninos podem nos ver.

*— Se nunca viram sua mãe beijando um homem, deveriam tê-lo feito —
esticou a mão que pousava em*

*sua cabeça e, naquela ocasião, não se limitou a roçar seus lábios, mas sim
virtualmente a absorveu.*

*Seus lábios eram mais suaves do que Abby imaginava. Mais quentes... mais
pacientes. Nada era como*

*esperava. Então era assim que um homem beijava a mulher que desejava,
a uma mulher que lhe*

*importava? Era isso o que esteve perdendo durante toda sua vida, o que
tinha desejado sem saber? Porque*

*se era, não ia ser capaz de continuar lutando contra. Aquela delicadeza
jogava por terra todas suas defesas*

*como não teria feito nunca um pedido mais agressivo. Lentamente, quase
sem querer, Abby se abriu para*

*ele. A cabeça girava, mas certamente seria pela febre. Abby precisava
dessa desculpa.*

*Dylan não conseguia entender a sensação de inocência que emanava de
Abby, mas o excitava. Não*

*podia explicar aquele repentino desejo, mas agitava todos os lugares de seu
corpo. Desejava-a. Queria*

estar a sós com ela, ver esse olhar de pânico e paixão em seus olhos cada vez que a tocava. Queria senti-

la derreter-se contra ele, ansiosa e relutante ao mesmo tempo. Queria ouvir sua respiração acelerar,

indicando que estava esquecendo-se de tudo, exceto dele. Fosse qual fosse o jogo que estava jogando,

fossem quais fossem as mentiras que estivesse lhe dizendo, tudo deixava de ter importância quando a

boca de Abby se rendia à sua.

Sabia que obteria resposta às perguntas que se fazia. E sabia também que encontraria as respostas às

perguntas que Abby despertava nele. E não importava quais chegassem primeiro.

— Quero dormir com você — murmurou Dylan contra sua boca e depois deslizou os lábios por seu rosto

—. Logo, Abby, muito em breve.

— Dylan, eu...

— Está vendo se mamãe tem febre?

Abby retrocedeu e ficou olhando fixamente para Chris. Ele a olhou, e também Dylan, com aquela

curiosidade aberta e amistosa inata nele.

— Mamãe me beija na testa quando tenho febre. Posso beber um pouco de suco?

— Sim — balbuciou Abby enquanto Chris se aproximava para pegar um copo —. Dylan só...

— Estava dizendo a sua mãe que deveria voltar para a cama — terminou Dylan por ela —. E você e Ben

coloquem os casacos. Vamos à cidade.

— À cidade?

Abby olhou Dylan e viu em seu rosto fria diversão. Sabia que não podia esperar outra coisa.

— Precisamos de algumas coisas — comentou Dylan com naturalidade. E precisava sair, afastar-se

dela, até que colocasse seus pensamentos em ordem.

— Poderemos comprar um chiclete? Sem açúcar — acrescentou Chris, lembrando-se de sua mãe.

— Talvez.

Chris deixou o copo de suco na mesa e foi correndo procurar seu irmão.

— Não tem por que levar-los - começou a dizer Abby.

— Prefiro ter companhia.

A diversão ajudava a relaxar a tensão.

— Oh, pois vai ter mais do que quer. Alguma vez foi às compras com dois meninos?

— Já disse — respondeu sorrindo —. Eu gosto de desafios.

— Sim, certamente — tentando recuperar a calma, Abby se levantou —. Tentarão te convencer a

comprar o dobro das coisas que precisa.

— Sou duro como uma rocha.

— Não diga que não avisei.

Naquele momento, Ben e Chris entraram correndo na cozinha, prontos para a próxima aventura.

Abby tinha assumido um compromisso consigo mesma. Tinha muitas tarefas a fazer e energia

suficiente apenas para ficar em pé. Para cumprir com as primeiras sem esgotar as segundas, levou a

papelada pendente à cama. O mínimo que podia fazer era pagar as contas

e pôr a contabilidade em dia.

Como a casa estava em silêncio, ligou o rádio que tinha ao lado da cama antes de começar. Embora

fizesse algum tempo que tinha aceitado que aquilo seria um ciclo sem fim, continuava sentindo satisfação

pagando contas e vendo como diminuía as dívidas.

A casa era a primeiro, sempre seria. Era uma garantia de segurança para seus filhos e, inegavelmente,

para si mesma. Quatorze anos e dois meses demoraria para pagá-la, pensou enquanto fechava um

envelope.

Quatorze anos, voltou a pensar. Os meninos seriam homens então. Ela queria que a casa em

crescessem estivesse cheia de boas lembranças, de amor e de risadas. E também de sentido de

responsabilidade. Isso era algo que não podia lhes dar assinando um cheque. E queria que

compreendessem quando crescessem. O que uma pessoa tinha não era nem de longe tão importante como

o que era. Mas havia pessoas, ela sabia, que nunca encontravam a serenidade suficiente para entendê-lo.

Abby assinou seu cheque mensal para o Grover Stanholz com uma mescla de gratidão e ressentimento,

gratidão por lhe ter concedido aquele empréstimo. E ressentimento por ter precisado dele. Mas o

ressentimento não ia servir de nada. Sabia que cumpriria seu compromisso. Os potros a ajudariam a seguir

adiante. Se lhe pagassem o preço adequado, logo poderia saldar uma de suas dívidas. Recostou-se contra

o travesseiro e escreveu o bilhete que sempre acrescentava ao cheque.

Querido Grover:

Espero que quando receber esta carta esteja bem e feliz. Os meninos estão muito bem e desejando,

igual a mim, que o inverno termine. O tempo está começando a melhorar, embora ainda tenha neve e gelo

nos pastos. Quero agradece-lo mais uma vez por ter nos convidado para ir a Florida. Sei que os meninos

teriam adorado, mas é impossível deixar a fazenda ou que os meninos deixem de ir ao colégio.

Duas de nossas éguas estão a ponto de parir. A primavera promete ser excitante. Se estiver pensando

em viajar para o norte, não deixe de vir, por favor. Eu gostaria que visse o que me ajudou a conseguir.

Cordialmente, Abby.

Nunca seria suficiente. Abby dobrou a carta e suspirou. Era tão pouco o que podia dizer. Podia haver

mentado Dylan. Tinham falado de sua respectiva contribuição ao livro e sabia que Dylan já o tinha

entrevistado. De algum jeito, pensou, talvez fosse melhor para ambos que evitassem o tema até que o livro

estivesse terminado. Stanholz amava Chuck como se fosse seu filho e tinha sofrido como um pai por sua

morte. Abby tinha a sensação de que não podia fazer muito mais por ele do que lhe enviar de vez em

quando as fotografias dos meninos e uma cartinha junto com o cheque mensal.

50

Tentou sacudir a tristeza e continuou revendo as contas. Primeiro as que tinha que pagar e depois as

que podiam esperar um pouco mais. Quando terminou, restou um total de vinte e sete dólares e quarenta

centavos.

Decidiu reservá-los para o fundo de emergência. Era o único dinheiro que tinha de reserva. Os meninos

precisariam de sapatos novos em menos de um mês e vinte e sete dólares não seriam suficientes. Isso

mostrava que tinha feito bem ao aceitar participar do livro. Quando lhe pagassem esse dinheiro, poderiam

respirar. E quando nascessem os potros...

Tinha que parar. Abby fechou o livro com firmeza e organizou os papéis. Não ia cair na armadilha de

passar o dia todo pensando em dinheiro. Já era suficiente. No momento, já sabia tudo o que precisava

saber.

Deitou-se na cama e olhou para o teto com o cenho franzido. Querendo ou não, não acreditava que

tivesse forças suficientes para atacar o chão da cozinha ou qualquer das tarefas da casa que estavam ainda

pendentes. Mas tampouco ia ficar a tarde toda vegetando. Quando tinha sido a última vez que tinha tido um

sábado livre? Ao pensar nisso pôs-se a rir. E quantas vezes tinha desejado ter um sábado para não fazer

absolutamente nada? Bom, pois seu desejo acabava de se realizar e não o suportava.

Voltou a cabeça e viu o termômetro. negava-se a tocá-lo. Mais além estava o telefone. Abby vacilou e

estendeu a mão. Acabava de pagar a maioria das contas pendentes, não? Que melhor momento para se

permitir um pequeno luxo?

Abby discou o número e esperou pacientemente até o terceiro toque.

— Olá.

Bastou-lhe ouvir aquela palavra para sorrir.

— Maddy.

— Abby! — o resto foi uma corrente de palavras, como se Maddy precisasse falar muito rapidamente

para poder lhe contar tudo o que tinha passado desde a última vez que tinham falado —. Estava pensando

em você. Isto deve ser outra amostra da telepatia entre trigêmeas. O que há?

— Estou com gripe e estava começando a sentir pena de mim mesma.

— Agora já pode deixar de sentir. Serei eu a sentir pena de você. Está descansando o suficiente e

bebendo muito líquido? Aposto que não tomou nenhuma pastilha dessas megavitaminas que enviei.

— Claro que tomei — tinha tomado umas cinco, antes de abandonar o frasco na despensa —. Em todo

caso, hoje já estou um pouco melhor.

Maddy tirou uma bota do caminho e sentou sobre um pilha de revistas.

— Como estão os monstros?

— Maravilhosamente. Odeiam o colégio e freqüentemente também odeiam um ao outro, deixam tudo

pelo caminho e me fazem rir pelo menos seis vezes ao dia.

— É uma mulher de sorte.

— Sei. Fale de Nova Iorque. Tenho vontades de me distrair um pouco.

— A semana passada nevou, foi maravilhoso — Maddy raramente levava em consideração a rapidez

com que a neve se transformava em barro —. No meu dia de folga, fui caminhando até o Central Park. Foi

como estar no País das Maravilhas. Até os assaltantes pareciam encantadores.

De nada serviria dizer a Maddy que talvez não fosse prudente ir passear sozinha pelo País das

Maravilhas.

— Como vão as apresentações?

— Parece que vão durar eternamente. Sabe que mamãe e papai deram uma passada por aqui no mês

passado? Fizeram algumas atuações no Catskil e eu os convenci a fazerem um desvio até Manhattan.

Papai teve uma discussão terrível com o coreógrafo.

— Posso imaginar. Como estão?

— Quanto mais nós envelhecemos, mais jovens eles estão — fez-se uma pausa tão curta que ninguém,

exceto sua irmã, poderia havê-la detectado —. Abby, seguiu adiante com o livro?

— Sim — se esforçou em manter um tom de naturalidade —. De fato, o escritor já está aqui.

— E está tudo bem?

51

— Está tudo maravilhosamente bem.

— Gostaríamos que esperasse até que alguma de nós pudéssemos estar com você.

— Que tolice. Mas sinto saudades de você, de Chantel, de papai e mamãe. E Trace.

— Recebi um telegrama dele.

— De Trace? Onde está?

— No Marrocos. Queria me dizer que tinha mostrado minha foto a um xequie e que ele tinha oferecido

doze camelos em troca. É emocionante.

— E os aceitou?

— Não me surpreenderia. Abby, estou pensando em deixar este espetáculo.

— Deixá-lo? Mas se acaba de me dizer que não vai terminar nunca.

— Por isso. Tudo está sendo muito fácil. Já estou quase um ano com a mesma peça — olhou na

mesinha que tinha ao lado e descobriu um pendente que acreditava perdido para sempre. Sem pensar duas

vezes, o colocou —. Acho que eu gostaria de ter tempo para viajar. Se o fizer, se importaria de desfrutar de

minha companhia durante alguns dias?

— Oh, Maddy, eu adoraria.

— Bom, pois não perca a esperança. Agora tenho que ir. Já sabe, a matiné de sábado. Dê lembranças

aos meninos.

— Darei. Adeus.

Abby se recostou na cama e imaginou sua irmã segurando a mochila, procurando as chaves, saindo do

apartamento a toda velocidade e chegando ao teatro dez minutos depois. Esse era o estilo de Maddy. A

crítica da Broadway tinha aclamado o musical no qual atuava e ela estava pensando em deixá-lo para ver o

que acontecia fora de Nova Iorque. Também esse era o estilo de Maddy.

E o seu consistia em fazer a limpeza todos os dias. Com um pequeno suspiro, Abby se levantou da

cama.

Uma hora depois, estava satisfeita de ter recuperado o controle de pelo menos uma parte de sua vida.

Vestida com um enorme pulôver, levou a primeira carga de roupa limpa e dobrada para as escadas. A porta

principal se abriu de repente e entraram dois meninos e um cão latindo.

— Sigmund! — fez uma manobra evasiva antes que o cão pudesse se atirar sobre ela e os lençóis

limpos no chão.

— Mamãe, mamãe! Tenho um caminhão novo! — emocionado, Chris brandia uma reluzente

caminhonete enquanto gritava com um chiclete na boca.

— Hei, é lindo.

Deixou o cesto da roupa limpa para examinar o caminhão, do porta-malas até as luzes traseiras, como

sabia que se esperava dela.

— E me compraram um avião — gritou Ben para chamar sua atenção —. Um reator.

— Vejamos — Abby pegou o avião e dedicou o tempo correspondente —. Parece muito rápido. Onde

está...?

Dylan cruzou a porta nesse momento, com um saco de mantimentos em cada braço.

— Há mais sacolas no carro, amigos.

— Certo!

Saíram correndo outra vez, com o cão grudado nos calcanhares.

— Como uma rocha, não é? — sorriu Abby quando passou diante dela.

— Era. Até agora — Abby o seguiu até a cozinha —. Dylan, foi muito amável ao comprar presentes para

os meninos, mas não deveria deixar que o pressionem.

— Para você é fácil dizer — murmurou. Não estava preparado para admitir o prazer que tinha sentido em

comprar aqueles brinquedos de plástico —. E de qualquer forma, acho que

me saí muito bem. Ben queria a

bomba atômica.

— Sim, colocou na lista de presentes de Natal — deu uma olhada nas sacolas e viu um pacote de

52

bolachas de baunilha —. Bolachas de baunilha?

— Sim, eu adoro.

— Mmm. E barras de chocolate.

— Também gosto das barras de chocolate, sim — respondeu, lhe passando algumas.

— E fica algum dente são?

— Continue assim e mostrarei.

— E sabe outra coisa?

Chris entrou na cozinha, cambaleando-se pelo peso de uma das sacolas. Abby a resgatou deixando-a na

mesa e levantou o menino em braços.

— O que?

— Temos uma surpresa — Chris lhe rodeou a cintura com as pernas e soltou uma gargalhada.

— Suponho que não deveríamos dizer - Ben entrou na cozinha, tentando não demonstrar o esforço que

estava fazendo para levar a última sacola.

— Entendi. Bom, parece que meninos que trabalharam tanto devem estar mortos de fome.

— Já comemos — Ben deixou as sacolas no chão e olhou a caixa de bolachas —. Hambúrgueres.

— E batatas fritas — acrescentou Chris.

— Parece que foi um grande dia.

— Foi genial. Agora quero pôr os adesivos no meu avião. Vamos, Chris.

Ante aquela imperiosa ordem, Chris desceu dos braços de sua mãe e saiu correndo atrás do irmão.

— Não se cansam nunca, não é? — comentou Dylan enquanto guardava as compras.

— Acho que pôde comprovar por si mesmo nos armazéns — tinha o olhar fixo nas sacolas vazias, mas

estava mais interessada em Dylan —. Estou um pouco surpresa — comentou —. Não parece precisar um

frasco de aspirinas e uma cochilo.

— Deveria?

— Não sei. Na realidade, até parece ter passado isso bem.

— E passei muito bem — fechou a porta da despensa e se voltou —. Surpresa?

— Sim — Chuck nunca se divertia com os meninos. Seus filhos o desconcertavam, frustravam-no e o

deixavam zangado, jamais o divertia —. a maioria dos homens... solteiros, não consideram muito divertido

passar uma tarde de sábado fazendo compras com crianças.

— Está generalizando.

Abby encolheu os ombros.

— Acho que nunca perguntei se tinha filhos.

— Não. Minha ex-mulher era modelo. Não tinha tempo para ter filhos.

— Sinto muito. Dylan se voltou e a olhou divertido. — por que? Aquela pergunta a deixou estupefata. —

O divórcio... normalmente é uma experiência difícil.

— Neste caso, o que foi difícil foi o casamento. Durou somente um ano e meio.

Pouco tempo, pensou. Mas Dylan parecia um homem capaz de assumir e superar rapidamente um erro.

— Mas mesmo assim, o divórcio nunca é uma experiência agradável.

— O casamento raramente o é.

Abby abriu a boca para discordar, mas descobriu que tinha poucos argumentos.

— Mas divorciar-se é como admitir que é um fracassado, não é?

Não estava falando dele. Dylan tirou uma garrafa de leite e a colocou no freezer, se perguntando se

Abby tinha consciência de quanto era transparente.

— O que foi um fracasso foi nosso casamento, não eu.

53

Abby tentou banir aquele sentimento. E, como tantas vezes Dylan tinha visto sua própria mãe fazer,

dobrou meticulosamente as sacolas.

— Suponho que seja mais fácil quando não há crianças envolvidas.

— Eu não concordo com isso. Eu diria que quando um casamento não funciona, não funciona. E é

absurdo fingir que as coisas são diferentes.

Abby ergueu o olhar e descobriu Dylan olhando-a fixamente. Estava muito próximo da verdade, pensou

Abby, enquanto mantinha as mãos ocupadas.

— Bom, parece que já está tudo sob controle.

— Ainda não, mas quase — se aproximou dela e posou a mão em sua testa. — A febre está baixando.

— Já disse que estava melhor.

— Ótimo. Porque quero que tenha se recuperado completamente antes de começar a trabalhar outra

vez. Eu gosto de jogar o mais limpo possível.

— E quando não é possível?

— Você segue as regras, Abby?

— É óbvio.

— Nada é óbvio. As pessoas estabelecem regras e depois as ignoram. As pessoas inteligentes não se

enquadram nelas. Tenho outra coisa no carro.

Descontente com ele e com a situação, Abby se voltou e subiu para o quarto. Ouviu os meninos

caminhando atrás de Dylan e continuou fazendo suas tarefas.

Quanto Dylan saberia de seu casamento? Ela não pretendia expô-lo como se tivesse sido maravilhoso.

Ou sim? Simplesmente queria lhe dar uma impressão de normalidade, de um casamento satisfatório. Tinha

chegado a um acordo consigo mesma. Não mencionaria as lágrimas nem as promessas desfeitas, nem as

mentiras, nem as decepções. Não poderia ocultar suas infidelidades, já que tinham aparecido em todas as

revistas, mas pensava que poderia diminuir sua importância. E certamente, não pretendia, por nada do

mundo, permitir que descobrisse que tinha preenchido os papéis do divórcio uns meses antes de Chuck

participar de sua última corrida.

Certamente não sabia, disse a si mesma enquanto aparecia à janela. Não tinha nenhum motivo para ter

ido entrevistar seu advogado. E embora o tivesse feito, aquele não era acaso uma informação confidencial?

Quatro anos atrás, tinha sentido uma agonia tentando encontrar a melhor maneira de dizer a seus filhos que

ia se divorciar de seu pai. Em vez de lhes falar do divórcio, no final tinha tido que contar que seu pai tinha

morrido.

Chris não tinha compreendido. Quase não conhecia o pai e não compreendia o que significava a morte.

Mas Ben sim. Tinham chorado juntos e aquela primeira noite tinham dormido na mesma cama em que Abby

tinha passado tantas e tantas noites sozinha.

Naquela época, estava tentando lhes dar o que pensava que precisavam para compreender o pai e para

compreender a si mesmos. E tinha que protegê-los. O problema era que já não estava certa de como

poderia fazer as duas coisas.

— Mamãe — Ben abriu a porta do quarto sem bater —. Tem que descer. A surpresa já está pronta.

Abby o olhou. Estava no umbral da porta, ansioso e ruborizado com uma mescla de emoção e tristeza.

— Ben — Abby se aproximou dele e lhe deu um forte abraço —. Te amo.

Encantado e envergonhado ao mesmo tempo, o menino pôs-se a rir. E como não havia ninguém que

pudesse vê-lo, devolveu-lhe fortemente o abraço.

— Te amo, mamãe.

E como conhecia bem seu filho, Abby lhe mordiscou o pescoço até fazê-lo rir.

— E qual é a surpresa? — perguntou-.

— Não lhe vou dizer isso.

— Sabe que posso te fazer falar. Que posso conseguir que esteja mais do que disposto a me contar tudo

o que sabe.

— Mamãe! — gritou Chris com impaciência do final da escada —. Desça, Dylan disse que não podemos

54

começar até que você esteja aqui.

«Dylan disse», pensou Abby com um suspiro. Aproveitando aquele momento de distração, Ben

conseguiu escapular e desceu dançando as escadas.

— Corre —ordenou, e continuou descendo.

Divertida, Abby desceu atrás dele.

— Certo, onde está todo mundo? — encontrou-os na sala, aconchegados em frente a um vídeo.

— O que é isso?

— Dylan alugou — Chris, delirando de alegria, subiu no sofá e gritou —: Podem colocar o filme!

— Já sei — olhou Dylan enquanto este colocava o aparelho em funcionamento.

— Disse que como não podemos ir ao cinema, veremos o filme em casa. Trouxemos Os Guerreiros do

Espaço.

Abby levantou Chris em braços.

— Os Guerreiros do Espaço?

— Perdi na votação — disse Dylan —. Havia filmes muito mais interessantes.

— Tenho certeza.

— Mas trouxe isto também —mostrou um segundo filme.

— Sem Lei — murmurou Abby —. O último grande êxito de Chantel. Estava realmente maravilhosa

neste filme.

— Sempre gostei.

— Ainda me lembro de estar no cinema e vê-la aparecer na tela. É uma sensação incrível — bastou

segurar aquela fita para sentir-se mais perto de sua irmã e saber que nunca estaria realmente sozinha —. É

curioso, falei com Maddy faz algumas horas e agora...

— Podemos ver Chantel? — Ben estava quase fora de si ante a possibilidade de ver sua tia na televisão.

Eu gosto de ver quando dispara no rapaz de chapéu.

Abby vacilou, sem saber muito bem o que fazer. Os meninos a olhavam ansiosos. Dylan se limitou a

arquear uma sobrancelha e esperou. E Abby cedeu, mais por si mesma que por eles, compreendeu.

— Acho que falta a pipoca.

Dylan sorriu abertamente, compreendendo perfeitamente o que se passava em sua cabeça.

— Você vai fazer?

— Sim, acho que poderei prepará-las.

Vinte minutos depois, estavam refestelados no sofá, vendo a primeira de uma série de batalhas com

espadas laser. Ben, como sempre, era partidário dos maus. Chris apertava com seus dedinhos o braço de

Abby, e ela se inclinava para ele e lhe sussurrava coisas ao ouvido para lhe fazer rir.

Parecia tudo tão normal. Foi nisso que estive pensando durante aquele filme barulhento. Ver um filme

comendo pipocas durante uma fria tarde de sábado. Parecia tão singelo, tão simples... Mas ela nunca tinha

desejado muito mais. Relaxada, apoiou o braço no encosto do sofá. Roçou a mão de Dylan com a sua.

Começou a afastá-la, mas depois o olhou.

Ele a estava observando por cima das cabeças de seus filhos. As perguntas que sempre pareciam

povoar seus olhos continuavam ali, mas Abby estava se acostumando a elas. E a ele. Dylan estava fazendo

isso por ela, por seus filhos. E talvez, só talvez, ele também estivesse fazendo por si mesmo. Talvez fosse o

único que realmente importava. Com um sorriso, entrelaçou os dedos nos seus.

Dylan não estava acostumado a tanta simplicidade em uma mulher. Abby tinha se limitado a sorrir e a

pegar sua mão. Não havia flerte naquele gesto, nem tampouco promessas sutis. Se tivesse tido que

interpretar aquele gesto, diria que era uma forma de dizer obrigado.

Dylan pensou que aquilo era ter uma família. Fins de semana pouco tranquilos, com rostos pegajosos,

tarefas rotineiras e uma sala cheia de brinquedos. E cálidos sorrisos de uma mulher que parecia feliz de

estar a seu lado. Responder dúzias de perguntas que as curiosas mentes infantis faziam em busca

constante de respostas. E satisfação, uma satisfação que não precisava de refletores nem trilha sonora.

55

Ele sempre quis ter uma família. Uma vez disse que estava disposto a renunciar a ela por Shannon.

Shannon, com aquela admirável silhueta e seus sensuais e misteriosos olhares, tinha conseguido provocar

certos sentimentos em seu íntimo... fazê-los explodir, talvez fosse uma maneira melhor de dizê-lo, admitiu

Dylan. Era muito mais fácil lembrar naquele momento, quando tudo já tinha terminado. Conheceram-se,

fizeram amor e se casaram. Tudo isso arrastados por um torvelinho de sensualidade. Tinha lhe parecido o

melhor. Ambos viviam no limite e gostavam. Mas, de algum jeito, tinha sido o pior de seus erros. Shannon

queria mais, mais dinheiro, mais emoções, mais glamour. E ele queria.... Maldito fosse se sabia o que

queria.

Mas ao menos podia acreditar que a mulher que estava sentada a dois metros de distância dele era

real, e poderia ser dele.

Capítulo 7

O trabalho acumulado ajudou Abby a evitar Dylan durante a manhã. Tinha ouvido o som de sua máquina

de escrever quando tinha acordado os meninos para ir ao colégio. Era um som firme, quase monótono, que

não expressava as interrupções e os estalos de inspiração que ela tinha esperado de um escritor. Talvez

para ele fosse uma rotina penetrar e reproduzir a vida de outras pessoas.

Aquele som lembrava que o fim de semana tinha sido somente uma trégua. Era segunda-feira, tinha se

recuperado e as perguntas iriam começar outra vez. Desejava poder recuperar a confiança que tinha uma

semana atrás e acreditar que poderia responder unicamente as perguntas que escolhesse, e a sua maneira.

Mas sua própria rotina a ajudou a tranquilizar-se. O alvoroço do café da manhã, o aroma do café e a

típica busca frenética de uma luva perdida antes de se despedir de seus filhos. Viu-os afastar-se pelo

caminho, como faziam todas as manhãs. Nunca deixava de comovê-la e surpreendê-la que fossem seus.

Seus. Aqueles dois aprendizes de homens, com seus gorros de lã na cabeça que corriam para o ônibus,

dispostos a enfrentar a um novo dia, tinham saído dela. Era fascinante, maravilhoso e até um pouco

assustador.

Quando desapareceram, continuou observando o caminho um momento mais. Acontecesse o que

acontecesse, fossem quais fossem as surpresas que a vida lhe proporcionasse, nada poderia lhe arrebat

seus filhos. E ao pensar nisso, o dia que tinha pela frente pareceu muito mais fácil.

Quando se dirigia para o estábulo uns minutos depois, ouviu o som de um motor. Mudou de direção e viu

o senhor Petrie saindo da cabine de seu caminhão. Sentiu tal emoção que o teria beijado.

— Senhora — sorriu abertamente e cuspiu uma parte de fumo mascado.

— Senhor Petrie, me alegro em vê-lo — deixou no chão a cesta na qual levava os ovos e o olhou com

atenção —. Tem certeza de que já pode trabalhar?

— Tanta certeza como a de que vai chover.

Parecia estar bem. Evidentemente, era um homem bem alimentado. Sob a barba de vários dias,

adivinhou-se um rosto corado e curtido pelo sol. Era pouco mais alto que Abby e tinha a compleição de um

touro, mas era incrivelmente ágil. Usava botas negras e gastas que lhe chegavam até os tornozelos.

— Se sua esposa o deixou sair de casa, suponho que é porque já está preparado para trocar o feno.

— Velha resmungona — disse com carinho —. esteve toda a semana me colocando emplastos de

mostarda — entrecerró seus olhinhos míopes —. Você tampouco tem um bom aspecto.

— Pois estou muito bem. Agora mesmo ia começar com os estábulos.

— Como estão nossas damas?

— Maravilhosamente bem — começaram a caminhar juntos pelo encharcado caminho —. O veterinário

veio na sexta-feira dar uma olhada nelas. Parece que Eve e Gladys vão ser mães antes da semana

terminar.

Petrie voltou a cuspir enquanto cruzavam o estábulo.

— Jorgensen veio?

— Sim, está interessado no potro.

— Não deixe que esse velho matreiro lhe roube. Não se deixe intimidar, cobre bastante — Petrie

empurrou a porta com a mão na qual faltava a primeira falange do dedo anular.

— Ninguém vai me intimidar — o assegurou Abby.

Petrie, que a conhecia há cinco anos e trabalhava para ela há dois, acreditava. Abby poderia se parecer

com essas mulheres que saíam nas revistas que sua esposa tinha sempre na mesinha do café, mas era

uma mulher firme. Uma mulher sozinha tinha que sê-lo.

— Vou dizer uma coisa, tire os cavalos e eu limparei os estábulos.

— Mas...

— Não, você limpou sozinha os estábulos durante a semana passada e parece que precisa tomar um

pouco de sol. Além disso, tenho que trabalhar para queimar parte da gordura que acumulei porque minha

esposa me empurra comida quando estou muito fraco para impedi-la. Ah, está aqui, preciosa — acariciou a

cabeça de Eve quando esta a tirou do cubículo. Suas mãos calosas eram tão delicadas como as de um

tocador de alaúde —. O velho Petrie voltou-se — tirou uma cenoura do bolso e deixou que a tirasse da mão.

Abby admirava sua capacidade para lidar com os cavalos, da mesma maneira que sempre tinha

valorizado suas opiniões.

— Sentiu sua falta.

— Tenha certeza que sim — se aproximou do próximo cubículo para dar à outra égua a mesma atenção

—. Direi algo, senhora Rockwel, se eu tivesse condições, teria uma égua como esta.

Abby conhecia sua situação financeira e as limitações que supunha viver com pouco mais que uma

pensão. Como cada vez que o via, doía-lhe não poder lhe pagar mais.

— Se você não tivesse me ajudado, eu tampouco poderia tê-las.

— Oh, você tem feito um trabalho muito bom... Mas talvez tenha tido que pagar um preço muito alto —

soltou uma estridente gargalhada e se aproximou do próxima cavalo —. Quando veio aqui era uma

autêntica novata, senhora Rockwel , mas há que se reconhecer que amadureceu.

Vindo dele, era um autêntico elogio. Com mais prazer do que tinha sido capaz de sentir desde alguns

dias, Abby começou a tirar os cavalos ao sol.

Dylan a observava da janela. Estava cantando. Não podia ouvi-la, mas sabia por sua forma de mover-se.

Observou-a escovar meticulosamente as patas e a crina dos cavalos. Havia nela uma leveza, uma

luminosidade que não lhe tinha visto em outras ocasiões. Mas, naquele momento, Abby pensava que estava

sozinha.

Tinha deixado as luvas em um poste e passava suas mãos nuas pelos flancos de um dos cavalos.

Aquelas mãos tão delicadas, pensou. Mas, de algum jeito, pareciam também suficientemente firmes para

escovar a crina dos cavalos. Como seria o toque daquelas mãos sobre sua pele? Ou senti-la deslizar

abandonadamente por seu corpo, excitando-o, explorando-o? Olharia-o com aquela expressão sonhadora?

Pensou que certamente a teria naquele momento, mas estava muito longe para ter certeza.

E, se era inteligente, continuaria mantendo distâncias.

Tinha o rosto muito mais pálido depois da gripe. Mas o ar frio da manhã levaria cor a suas bochechas

enquanto a luz do sol e o exercício ajudariam a aquecer seus músculos. Também não estaria pálida quando

fizesse amor com ele. Veria-a ruborizada de excitação. A paixão imprimiria uma nova agilidade a seus

membros. Podia imaginar o que seria sentir sua pele deslizando sobre a sua. Quase podia sentir seu sabor

naqueles recantos secretos e obscuros que as camadas de roupas de inverno tornavam ainda mais

misteriosos. Queria fazê-la despir-se daquelas camadas, uma a uma, enquanto o olhava, desejando-o,

ardendo de desejo por ele. Bastava-lhe pensar nisso para que lhe acelerasse o pulso.

Tinha desejado outras mulheres. Às vezes, tinha satisfeito seus desejos, muitas outras não. A paixão ia

e vinha. Brotava e se desvanecia. Ele entendia perfeitamente. E se naquele momento estivera retorcendo-

se de desejo, que estivesse na janela olhando-a enquanto a paixão clamava locamente em seu íntimo, não

significava que continuaria desejando-a no dia seguinte. O desejo não podia reger a vida de ninguém, nem

o desejo pelo dinheiro, nem o desejo de poder nem, certamente, o desejo por uma mulher.

Mas Dylan continuava observando-a enquanto a máquina elétrica zumbia impaciente atrás dele.

Depois a observou levar os cavalos ao estábulo, de dois em dois ou de três em três. Esperou que saísse

outra vez, sem calcular o tempo que passava. De repente, obviamente em um impulso, Abby montou

naquele cavalo que tinha chamado de Judd. Somente com as rédeas, sem sequer selá-lo, saiu cavalgando

pelo pasto e se foi para o caminho que levava até as colinas.

Dylan sentiu vontade de abrir a janela e gritar que não fosse idiota. Ao mesmo tempo, queria vê-la

montar. Queria vê-la pressionar os joelhos contra o cavalo enquanto segurava as rédeas com a mão. Mas,

57

sobretudo, queria ver sua expressão de puro deleite enquanto o sol derramava seu calor sobre seu rosto.

Abby deixou que o cavalo cavalgasse durante dez, quinze minutos, talvez. Dylan estava embevecido

para se preocupar com o tempo. Seus cabelos subiam e desciam enquanto cavalgava, mas Abby não se

incomodava em afastar do rosto. E quando desceu do cavalo, Dylan soube que estava rindo. Enterrou o

rosto no pescoço do animal e voltou a acariciá-lo. Lentamente, certamente entre sussurros. Dylan se

perguntava que palavras estaria lhe sussurrando.

Um homem estava começando a perder a razão quando tinha ciúmes de um cavalo. Dylan sabia, mas

continuou parado na janela, esforçando-se para manter o controle, ou talvez, esperando que acontecesse o

inevitável. Abby voltou a desaparecer no interior do estábulo. Dylan disse a si mesmo que devia voltar-se,

que devia voltar para seu trabalho, mas esperou.

Abby voltou com o garanhão, colocando a corda perto do queixo enquanto o cavalo se movia inquieto.

Amarrou-o na cerca do pasto e começou a lustrá-lo.

O animal era belo, elevava a cabeça e olhava a sua redor com aquela arrogância que Dylan percebia até

mesmo da janela. Parecia estar nervoso. Quando Abby pegou um dos cascos, retirou a pata algumas

vezes, libertando-se de sua mão até que Abby pôde segurá-lo com força e fazer seu trabalho. Quando Abby

soltou lhe a pata, Dylan conteve a respiração ao ver que o cavalo tentava escoiceá-la. Abby o evitou e

continuou tranqüilamente com a próxima pata. Dylan quase podia ouvi-la censurando-o com a mesma

suavidade com que teria censurado um de seus filhos.

Maldita fosse. Quem era aquela mulher? Colocou a mão sobre a vidraça, como se estivesse pedindo que

elevasse o olhar, como se quisesse ouvir uma resposta. Quem diabos era? Se era uma mulher sincera, que

sentido tinham suas mentiras? Se era uma mulher de princípios, como podia mentir?

Mas estava mentindo, lembrou Dylan. E continuaria mentindo até que ele conseguisse confundi-la. E

aquele era o dia, prometeu a si mesmo enquanto a observava escovar o pelo escuro e brilhante do cavalo.

Deu meia volta, retornou à máquina de escrever e disse a si mesmo que tinha que esquecê-la.

Eram mais de onze horas quando a ouviu entrar na casa. Já tinha informação sobre os primeiros anos

profissionais de Rockwel e sobre o passado de sua família. Tinha passado para o papel seu primeiro

encontro com Abby a partir de seu próprio ponto de vista, utilizando parte da informação que a própria Abby

tinha lhe dado sobre aquele momento e sobre a história de sua família. As pessoas estariam interessadas

na irmã de uma das mais recentes estrelas de Hollywood e de uma das atrizes mais bem-sucedidas da

Broadway. É obvio, Dylan não tinha passado por cima de seu passado artístico. Três irmãs, três atrizes .

Mas ele estava a ponto de reescrever um roteiro da vida de Abby.

Abby o ouviu descer, mas continuou lavando os ovos.

— Bom dia — não se voltou e continuou trabalhando —. Há café recém feito.

— Obrigado.

Dylan se aproximou do fogão e Abby o olhou. Não tinha se barbeado. Como sempre, sentiu um nó no

estômago, talvez provocado por ter imaginado aquele rosto rude e ligeiramente primitivo contra o seu.

— O senhor Petrie voltou. Acredito que deveria ter ficado em casa mais algumas dias, mas sentia falta

dos cavalos.

— Já terminou com os cavalos?

— Por hora sim. Mas de vez em quando terei que ir ver como estão as éguas.

— Ótimo — serviu-se de uma xícara de café, acendeu um cigarro e ligou o gravador —. Quando você e

Rockwel decidiram se divorciar?

Caiu um ovo no chão. Abby ficou olhando perplexa. Sem dizer uma só palavra, começou a limpar.

— Quer que repita a pergunta?

— Não — sua voz soava débil a princípio, mas não demorou a recuperar as forças —. Não, mas eu

gostaria de saber de onde tirou essa idéia.

— Lori Brewer.

— Entendo — Abby terminou de limpar o bagunça e voltou-se para lavar mãos.

— Dormia com seu marido.

— Eu sei

Abby secou minuciosamente as mãos. Sentia-as firmes. E tentou conservar aquela firmeza.

— Não era a primeira.

— Sei disso também — se aproximou do fogão e serviu-se de café.

— Tem gelo nas veias? — replicou Dylan. Abby se voltou com calma para ele, desafiando-o sem querer

—. Seu marido fazia amor com qualquer uma que chegasse até sua cama. Enganava-a constantemente.

Lori Brewer foi só a última de uma longa lista.

Acreditava que estava magoando-a?, perguntou-se Abby. Achava que ainda podia sentir dor, que ainda

podia sentir-se traída? Tinha passado muito tempo desde a última vez que tinha experimentado aqueles

sentimentos. Já não sentia nada, exceto uma vaga curiosidade pelo aborrecimento que via nos olhos do

Dylan.

— Se ambos sabemos, que sentido tem falar disso?

— Ia te deixar por ela?

Abby sorveu seu café. Servia para relaxar. Diria a verdade, ao menos até onde era possível dizer.—

Chuck nunca me pediu o divórcio — bebeu outra vez, sentindo como aquele líquido forte e quente se

propagava por seu corpo —. Embora seja bem possível que dissesse a Lori que o tinha feito.

Aquilo era verdade. Sua intuição dizia que naquela ocasião Abby estava sendo completamente sincera.

Mas aquilo complicava ainda mais as coisas.

— Lori não é nenhuma estúpida. Estava convencida de que Rockwel e ela estariam casados antes de

que o ano acabasse.

— Não posso fazer nenhum comentário sobre o que ela pensava ou deixava de pensar.

— E sobre o que pode fazer algum comentário? — o aborrecimento irrompeu e se deixou levar por ele.

Talvez com a fúria pudesse por fim derrubar suas defesas. — Diga, como se sentia ao saber que seu

marido era infiel?

Abby sabia que aquela pergunta chegaria. Tinha se preparado pra ela. Mas, de qualquer forma, era difícil

responder.

— Chuck e eu... nos entendíamos — quão veemente soava, quão ridiculamente sofisticada —. Bom, eu

sabia que estava submetido a pressões, tinha que estar nas pistas mês após mês...

— E isso lhe dava permissão para liberar suas tensões como quisesse?

Abby não estava tão tranqüila como gostaria, mas ainda tinha a situação sob controle.

— Não estou falando que tivesse direito, e tampouco pretendo desculpá-lo, Dylan. Mas esse era o

motivo.

— Acredita que estar longe de você, nas pistas e pressionado para ganhar, é razão suficiente para que

se entregasse às mulheres, ao álcool e as drogas?

— Drogas? — o semblante de Abby adquiriu a palidez de um cadáver. Se a surpresa refletida em seu

rosto não era real, deveria estar com sua irmã em Hollywood, pensou Dylan —. Não sei do que está

falando.

— Estou falando de cocaína.

Sua voz tinha adquirido o tom duro e acusador de um jornalista. E estava tentando não odiar-se por isso.

— Não — havia um puro e repentino desespero em sua voz. Dylan observou os nós dos dedos

esbranquiçados enquanto se agarrava a mesa —. Não, não acredito.

— Abby, tenho essa informação de fontes confiáveis — suavizou o tom de voz. Sabia que Abby estava

sofrendo. Podia ter mentido em outras ocasiões, mas naquele momento, sua dor era real. Ela não sabia.

— Não pode escrever isso. Não pode. Os meninos — cobriu os olhos com as mãos —. Oh, Meu deus, o

que eu fiz?

Dylan a segurou pelo braço. Mas ela não o ouviu levantar-se.

— Sente-se — quando começou a sacudir a cabeça, Dylan a conduziu até um cadeira —. Sente-se,

Abby...

— Não pode escrever isso — repetiu, elevando e baixando a voz ao falar —. Não pode ter certeza de

59

que é verdade. Se puser isso no livro, retirarei minha autorização. Demitire-o.

— O que tem que fazer agora é se acalmar.

— Me acalmar?

Retorcia as mãos de tal maneira que os dedos lhe doíam. Somente a determinação a permitia continuar

enfrentand-o, com os olhos arrasados pelo desespero.

— Acaba de me dizer que Chuck era... — engoliu, tentando dominar-se —. Desligue isso — disse em

silêncio, e esperou até o gravador estar desligado —. Isto que vou dizer agora não tem nada a ver com o

livro, entendeu?

As lágrimas tinham desaparecido de seus olhos e sua voz voltava a ser firme. Dylan a recordou levando

sua mala para o segundo andar. Era mais forte do que parecia.

— De acordo, Abby.

— Se Chuck utilizava drogas, eu nunca soube.

— E acredita que deveria ter sabido?

Abby fechou os olhos. Uma dilaceradora sensação de fracasso se estendia por todo seu corpo.

— Não.

— Sinto muito — Dylan pegou sua mão, e se amaldiçoou quando Abby se afastou —. Sinto muito. Sua

mãe sabia. Parece até que tentou que se desintoxicasse.

Uma idéia terrível assaltou Abby naquele momento.

— A última corrida...

— Estava limpo — o alívio de Abby foi quase tangível —. Simplesmente ia muito rápido.

Abby assentiu e endireitou os ombros. Se algo tinha aprendido durante aqueles anos, tinha sido ir passo

a passo para poder continuar.

— Dylan, não estou pedindo nenhum favor, mas eu gostaria que lembrasse que há gente inocente

envolvida neste assunto. Os meninos merecem algum legado do pai. Se tentar publicar algo sobre isto,

encontrarei uma maneira de impedi-lo, embora tenha que recorrer a Janice.

— Tem tanto interesse em ocultar essa informação, Abby?

Abby o olhou abertamente.

— Deveria me perguntar sobre o interesse que tenho em proteger meus filhos.

Dylan sentiu uma pontada de culpa, mas tentou reprimi-la.

— Assim que as coisas começam a acontecer, já não é possível detê-las. Teria sido mais inteligente

parar o livro no primeiro momento.

— Não tem suficiente com o sexo? — provocou-o, desesperada-se por sentir-se de novo em terreno

seguro. Como poderia ir passo a passo quando cada vez que o fazia mergulhava até os joelhos em areias

movediças? Também tem que falar desse assunto obscuro? Não pode deixar nada aos meninos?

— Quer que escreva um conto de fadas?

Segurou-a pelo braço antes que pudesse afastar-se da mesa. Deveria estar ressentido com ela por fazê-

lo se sentir responsável, mas não podia. Abby parecia tão perdida e indefesa...

— Abby, já é muito tarde para tentar parar o livro. A editora a processaria se tentasse. Fale comigo, me

diga a verdade. Confie em mim.

— Que confie em você? — olhou-o fixamente, desejando poder ver em seu interior, encontrar nele um

pouco de bondade —. Confiava em mim mesma e olhe a confusão em que me encontro — enfrentando o

inevitável, deixou de impedir que Dylan segurasse suas mãos —. Não tenho opção, não é?

— Não.

Abby esperou um momento, até que teve certeza de que tinha forças suficientes.

— *Ligue o gravador.*

Dylan tinha a sensação de que em questão de segundos, afastou-se quilômetros dele. Assim que o

gravador foi ligado, Abby começou a falar outra vez. Mas não o olhava.

60

— *Chuck nunca consumiu drogas em minha presença. Estivemos casados durante quatro anos e nunca*

o vi consumir drogas de nenhum tipo. Por isso no que me diz respeito, não as utilizava absolutamente.

Chuck era um esportista e, portanto, um homem muito disciplinado com seu corpo.

— *Mas, durante a maior parte de seu casamento, viveram separados.*

— *Isso é verdade. Cada um de nós tinha compromissos a cumprir que nos impediam de estar juntos.*

— *Me parece que você tinha certas responsabilidades que deveriam tê-los mantido juntos.*

Abby o ignorou. Não ia mergulhar na culpa ou na autopiedade outra vez.

— *Voltando a sua pergunta anterior, Chuck freqüentemente se sentia muito sozinho. Era um homem*

atraente e as mulheres são parte do circuito.

— *E você aceitava?*

— *Aceitava que Chuck não era capaz de ser fiel. Sabia que o casamento é de responsabilidade dos*

dois. E, em certos aspectos, eu não era capaz de lhe dar o que precisava.

— *Do que está falando?*

Terei que esquecer o orgulho. Abby tinha descoberto que quase nunca servia para nada.

— Eu tinha somente dezoito anos quando nos casamos. E, apesar de toda minha família se dedicar ao

mundo do espetáculo, tinha sido muito protegida. Era virgem quando me casei com Chuck e ele

freqüentemente me dizia que continuava sendo. Fracassei na cama, assim começou a olhar para outro lado.

Talvez não fosse bom, mas acho que foi algo natural.

— Deixa de se humilhar dessa maneira.

Abby observou sua fúria contida e se voltou para ele.

— Queria respostas e estou lhe dando isso. Chuck se deitava com outras mulheres porque sua mulher

não o satisfazia.

— Ao inferno — a fez girar, obrigando-a a enfrentá-lo —. É uma estúpida se realmente acredita no que

está dizendo.

— Dylan, eu sei o que acontecia no meu quarto, você não.

— Mas eu sei o que acontece em seu íntimo.

— Perguntou-me se tinha gelo nas veias e estou respondendo.

— Não, não tem — a levantou da cadeira e se aproximou dela —. Agora lhe mostrarei isso.

Estava muito perto. Sua boca desceu sobre a sua, ardente, furiosa, antes que Abby pudesse sequer

pensar em protestar. A excitação borbulhava no íntimo de Abby, batalhando contra a força de seu instinto

de sobrevivência. Tentou resistir. Havia algo selvagem e assustador na forma como Dylan incitava seu

desejo até convertê-lo em algo doloroso. Pousava as mãos em seu cabelo

com uma delicadeza deliciosa,

*mas a segurava perto dele com um sentimento de furiosa possessividade.
Lenta, mas inevitavelmente, Abby*

se deixou levar.

*Dylan tinha ardido de desejo por ela durante toda a noite, durante toda a
manhã também, mas não*

*imaginava que seria algo assim. Línguas de fogo e névoa o cegavam. O
corpo de Abby estava tenso como*

*a corda de um arco enquanto lutava para resistir à paixão que Dylan era
capaz de despertar nela. Mas, em*

*vez de empurrá-lo, cravava os dedos em seus ombros. Dylan quase podia
ouvir os batimentos do coração*

*de Abby... Medo, emoção, desejo, não importava. Sempre que tivesse
certeza de que pulsava por ele.*

*E, de repente, com uma incrível naturalidade, Abby relaxou. Seus lábios se
suavizaram, seu corpo*

cedeu, e de repente era sua.

*Seu coração não diminuía seu ritmo. De alguma maneira, parecia até
pulsar mais rápido quando o*

*rodeou lentamente com seus braços. Suspirou. Dylan sentiu seu hálito
morno contra sua boca; e acariciou o*

*cabelo de Abby suave, lentamente, porque ela parecia necessitá-lo. A
chama parecia extinta, mas o calor*

*estava ainda ali, fervendo, chispando. Poderia ter queimado vivo de
ternura.*

*— Venha para o meu quarto, Abby — sussurrou-lhe ao ouvido e depois
contra sua boca —. Suba*

comigo.

*Abby queria fazê-lo. E dar-se conta disso a assustou. Já tinha aceitado que
se sentia atraída por ele,*

mas uma questão muito diferente era estar disposta a deitar-se com um homem.

— Dylan, eu...

61

— Te desejo — sua boca desceu até o queixo de Abby, mordiscando suavemente —. Já sabe.

— Acho que sim, mas, por favor...

Tremia-lhe a voz e sentia como se os músculos tivessem se transformado em gelatina. Mas não podia se

dar ao luxo de andar na beira do precipício pela segunda vez sem manter os olhos bem abertos.

— Deseja-me — Dylan ergueu as mãos, moldando seus quadris, desenhando seu abdomen e

provocando seus seios —. Posso sentir em cada respiração sua.

— Sim — era absurdo negá-lo —. Mas de preciso algo mais — pegou a mão de Dylan e a levou a

bochecha —. Preciso de algum tempo.

Dylan segurou seu queixo. Abby tinha as bochechas ruborizadas, como em mais de uma ocasião tinha

imaginado que ocorreria. Seus olhos se mostravam receosos, inseguros; se não tivesse sido por eles, pela

intensidade e a quase completa confiança com que o olhavam, teria ignorado seus protestos e a teria

levado para o seu quarto.

— Pergunto-me quanto mal ele a fez.

— Não — sacudiu a cabeça —. Isto não tem nada a ver com o que ocorreu entre Chuck e eu.

— Não acredita no que está dizendo, e eu tampouco. Ele serviu como referência para você. Cedo ou

tarde, se dará conta que não pode me comparar com ele.

— Não penso em Chuck quando o beijo. Não penso nele absolutamente.

Dylan tensionou os dedos sobre sua pele.

— Abby, se o que quer é tempo, será melhor que tome cuidado.

Abby sentiu que a energia que minutos antes a inundava tinha lhe abandonado.

*— Eu não sei como são estas coisas. Não sei jogar, nem utilizar ardis...
Essa é a razão pela qual*

fracassei tão terrivelmente da outra vez.

— Não me interessam os jogos. E tampouco ouvi-la assumir a culpa de tudo. Façamos um trato.

Abby umedeceu os lábios e desejou estar segura de si mesma outra vez.

— De que tipo?

— Diga-me a verdade. A verdade — repetiu, pousando as mãos em seus ombros —. Escreverei

objetivamente. Depois, deixaremos que a culpa recaia no lado que corresponda.

Ele fazia tudo parecer tão fácil, mas ele não tinha nada a perder.

— Não sei se poderei fazer isso, Dylan. Tenho dois filhos nos quais pensar. E às vezes a verdade é

muito dolorosa.

— Às vezes serve para purificar — contradisse ele —. Abby, de uma maneira ou outra, descobrirei tudo

o que tenho que saber.

Era uma ameaça. Dylan sabia disso, e pela mudança que se operou no olhar de Abby, compreendeu

que ela também.

— Deveria pensar nisso. Não acredita que seria preferível ter sua própria

versão? Eu não quero magoar

os meninos.

Sentindo-se apanhada, Abby o estudou atenta e criticamente.

*— Não, não acredito que queira lhes magoar, mas é possível que
disconcordemos do que é melhor para*

eles.

*Dylan acariciou seu rosto e começou a caminhar pela cozinha. Ele não era
um homem que gostasse de*

*firmar compromissos. Tampouco lhe importavam. Mas a estava apressando
para chegar a um. Por causa*

*do livro? Estava começando a pensar que na verdade o livro significava
muito pouco. Queria a verdade*

*dela, sobre ela. Queria-a para si mesmo. E pensou que talvez também a
quisesse para ela.*

*— Abby, me conte a verdadeira história, a autêntica, sem evasivas.
Escreverei e a deixarei ler antes de*

*enviar para que alguém a publique. Se houver algo que você não goste,
tiremos. Ambos ficaremos*

satisfeitos com o manuscrito antes que o publique.

Abby vacilou.

— Está falando sério?

62

*Dylan se voltou. Abby ainda não estava preparada para confiar nele.
Tinham enganado aquela mulher,*

pensou, e a tinham enganado da pior maneira.

— Estou gravando — mostrou o gravador, que ainda estava ligado.

Abby deu um passo adiante, embora as pernas tremessem.

— De acordo.

Quando Dylan se aproximou dela e lhe estendeu a mão, Abby conteve a respiração e a aceitou. Outro

compromisso, pensou, esperando poder mantê-lo melhor do que o que tinha contraído consigo mesma.

— Ele te fez muito mal.

Dylan disse muito tranqüilo. Tanto, que Abby respondeu sem vacilar:

— Sim.

Aquilo o fez zangar-se. Ficou furioso. Não podia explicar, mas sabia que a fúria não evitaria que

conseguisse a verdade. E, durante anos, talvez durante muitos anos, aquela tinha sido a ambição que o

impulsionava.

— Por que não se senta outra vez?

Abby assentiu, sentou-se com as mãos cruzadas sobre o colo e olhou Dylan com surpreendente

tranqüilidade.

— Abby, Rockwel e você tinham sérios problemas matrimoniais.

— É verdade.

De repente, era extraordinariamente fácil dizê-lo. Era, como disse o próprio Dylan, purificador.

— O problema eram as outras mulheres?

— Em parte. Chuck precisava mais de mim do eu que podia dar em muitos aspectos. Acho que eu

também precisava de algo mais dele. Não era um homem mau — acrescentou imediatamente —. Quero

que compreenda isso. Talvez não fosse um bom marido, mas não era um homem mau.

Dylan esperava formar sua própria opinião.

— Por que deixou de viajar com ele?

— Estava esperando Ben — deixou escapar um pequeno suspiro —. Sinceramente, não posso dizer se

era mais uma boa desculpa ou uma razão verdadeira, mas o caso é que eu já estava grávida de vários

meses e viajar se tornou difícil. Estávamos vivendo com sua mãe em Chicago. A princípio... A princípio ele

vinha me ver com bastante frequência. Acredito que era feliz, talvez estivesse um pouco assustado com a

idéia de ser pai. Em todo caso, mostrava-se muito atencioso comigo cada vez que vinha para casa e me

incentivava a ficar em Chicago para que me cuidasse. Tentou, realmente tentou, melhorar a difícil relação

que eu tinha com sua mãe. Depois, as separações começaram a ser mais longas.

Abby retornou ao passado enquanto lembrava as semanas, os meses passados naquela luxuosa casa

de Chicago; aquelas longas e ociosas manhãs e as silenciosas tardes. Era como um sonho, um sonho de

aspecto suave, mas com duras e afiadas arestas.

— Eu estava bastante contente e satisfeita comigo mesma. Dediquei-me a decorar a quarto do bebê e

até cheguei a tricotar... — soltou uma gargalhada ao lembrar suas fracas tentativas com as agulhas e a lã

—. Achava que tinha tudo sob controle. Mas um belo dia descobri uma dessas revistas de fofocas em cima

da minha cama. Sempre me perguntei se foi Janice que a deixou ali — Abby sacudiu a cabeça, aquelas

alturas, já não importava —. Tinha nela uma fotografia de Chuck com uma mulher incrivelmente atraente em

uma reportagem repugnante.

Olhou para a janela e contemplou as árvores balançando ao vento.

— Fiquei ali sentada, enorme e inútil, com quase oito meses de gravidez. Estava destruída e

absolutamente convencida de que aquilo era o fim do mundo. Chuck chegou em casa esse fim de semana e

eu joguei a revista na cara, lhe exigindo uma explicação.

— E lhe deu.

— Zangou-se porque eu tinha acreditado naquela história. Disse que era lixo e atirou a revista na lareira.

Não se defendeu, de forma que, de repente, eu mesma me desculpei, entende?

Dylan podia imaginá-la frágil, sozinha. E seu aborrecimento aumentou.

63

— Sim, entendo.

— Só faltava um mês para ter meu bebê e estava terrivelmente assustada. Decidi acreditar mas, é óbvio,

o que na realidade estava fazendo era aceitar sua mentira. Entende? — Por que perguntava? Era tão

importante? Apertou os olhos um momento e jurou não voltar a perguntar-lhe outra vez —. Acredito que ao

aceitá-la, a única coisa que consegui foi lhe fazer mal.

— Pensa que se o tivesse enfrentado ele talvez tivesse parado?

Seu olhar era solene.

— Nunca saberei com certeza. E depois houve outras mulheres. Lembra que Chuck e eu não vivíamos

juntos em circunstâncias normais e que nossas relações sexuais estavam muito deterioradas. Era um

homem que precisava de vitórias, mas assim que as conseguia, precisava mais. Para ele, uma criança era

um tremendo obstáculo para o sucesso, para ser o melhor, o número um.

Fatigada, deixou escapar um suspiro.

— Precisamente por isso, precisava sentir-se constantemente seguro de que era o melhor. Depois de

um tempo de casamento, eu já não podia lhe proporcionar aquele sentimento. Em todo caso, pensava, ou

esperava, que depois que Ben nascesse, poderíamos viver como uma verdadeira família. Mas sabia, ou

deveria ter sabido ao me casar com Chuck, que a última coisa que ele queria era sossegar. Houve um

pequeno e feio escândalo com uma de suas admiradoras. Começou a me escrever cartas nas quais

ameaçava se suicidar se Chuck não se casasse com ela. Chuck estava muito perturbado porque as coisas

tinham saído de controle. Tentou fazer as pazes comigo, talvez com ele mesmo também. Mas em pouco

tempo teve outra corrida.

— E você não foi com ele.

— Não. Durante uma temporada, dediquei-me a tentar criar um lar. Tinha a sensação de que Chuck

precisava disso. E o caso era que eu sim precisava — observou a fumaça do cigarro de Dylan subindo em

espirais —. Durante algum tempo, depois que Ben nasceu e antes de ficar grávida de Chris, comecei a me

dar conta de que nosso casamento não funcionava, de que Chuck e eu fingíamos que funcionava. Voltou

uma temporada para casa, mas depois ganhou outra corrida na Itália. Queria que vendêssemos a fazenda e

fôssemos com ele. Tivemos uma discussão terrível por isso. Enquanto estávamos brigando, Ben entrou

engatinhando no quarto. Chuck estava furioso e gritou com Ben, que estava chorando.

Passou a mão pelo cabelo, inundada pela tristeza daquelas lembranças.

— Ben tinha um ano. Perdi a paciência e disse a Chuck que partisse. Chuck entrou no carro e saiu veloz.

Acalmei Ben e consegui que dormisse. Era tarde quando fui dormir. Não esperava que Chuck voltasse e a

verdade era que tampouco me importava. Mas voltou.

Tinha baixado a voz até convertê-la quase em um sussurro. Enquanto a observava, Dylan se deu conta

de que já não estava falando com ele. Estava exorcizando seus próprios fantasmas.

— Tinha bebido. Nunca bebia muito porque o álcool não lhe caía bem, mas daquela vez tinha bebido

muito. Subiu ao andar de cima e voltamos a discutir. Eu estava tentando convencê-lo para que fosse dormir

num dos quartos de hóspedes, para que não incomodasse Ben. Estava muito furioso e bêbado para

raciocinar. Disse-me que jamais tinha sido uma boa esposa e muito menos uma amante. Dizia que a mim só

importavam Ben e a fazenda. Deus, e era verdade. Era verdade e eu não podia admiti-lo. Disse que já era

hora de aprender o que um homem queria de sua mulher. O que um homem esperava e aquilo que tinha

direito a ter. Assim me empurrou para cama e... me violentou — disse com clareza sob o olhar fixo do Dylan

—. Depois chorou como um bebê. Partiu antes do amanhecer. Umas semanas depois, descobri que estava

grávida.

A mão lhe tremia enquanto acariciava o cabelo.

— Essa é a verdade, Dylan. Essa é a verdade — o olhou outra vez —.
Deveria dizer a Chris que ele está

no mundo porque seu pai me violentou? Essa é a verdade que devo a meu filho?

Não esperava uma resposta de Dylan. Levantou-se lentamente e saiu do quarto.

Capítulo 8

Não podia trabalhar. Dylan olhava fixamente e quase resentedo sua máquina de escrever, mas não podia

colocar as palavras no papel. As palavras estavam ali, sobrecarregando seu cérebro. A emoção continuava

64

ali também, agitando seu íntimo. Podia lembrar, ponto por ponto, tudo o que tinha acontecido na tarde e

noite anterior.

Quando Abby saiu da cozinha, ele continuou ali, observando a fita girar no gravador. Surpreso? Como

podia dizer que estava surpreso? Fazia muito tempo que tinha se desfeito de seus óculos cor rosa. Sabia

quão terrível podia ser a vida, o violenta e repugnante que podia chegar a ser. Tinha investigado outras

vidas, tinha descoberto suas cicatrizes, seus segredos. Nunca se surpreendia e fazia tempo que tinha

deixado de impressioná-lo.

Mas, na tarde anterior, ficou um longo momento naquela cozinha impregnada ainda do aroma do café. E

tinha sofrido. Tinha sofrido ao lembrar a palidez do rosto de Abby e quão tranqüila soava sua voz enquanto

falava. Depois a tinha deixado sozinha, sabendo que precisava e queria privacidade.

Tinha dirigido até a cidade. A distância, disse a si mesmo, o ajudaria. Um jornalista precisava de

distanciamento, assim como uma certa privacidade. Era uma combinação de ambas as coisas que podia

atribuir força e veracidade a uma história.

O ar estava mais quente, embora o vento começasse a soprar, como se quisesse dar as boas-vindas ao

mês de março. A neve já era somente uma lembrança no terreno ainda ensopado. E para quando partisse

na primavera, o livro já estaria terminado. Embora Dylan não soubesse dizer exatamente como.

Quando voltou para casa, os meninos já tinham retornado do colégio. Estavam no jardim, correndo com

o cão. Dylan tinha ficado no carro, observando-os, até que Chris se aproximou dele para convidá-lo para

brincar.

Horas depois, Dylan ainda podia lembrar a alegria no rosto de Chris, a inocência de seus olhos quando o

olhava. O menino tinha oferecido suas mãozinhas com absoluta confiança e tinha começado a lhe contar

tudo que aconteceu no colégio. Um menino chamado Sean Parker tinha vomitado no recreio. Grandes

notícias. Ben havia dito alguma ciancice grosseira sobre o problema de Sean Parker e Chris tinha rido até

as lágrimas.

Depois, tinham ido à parte dos fundos e tinham entrado correndo. Mantendo-se atrás deles, Dylan tinha

visto Abby em frente ao fogão. Quando virou-se, lhe sustentou o olhar durante uns segundos para depois

voltar a se concentrar nos preparativos do jantar com aquela natural eficiência que Dylan se acostumou a

esperar dela.

Dylan tinha previsto que haveria tensão, mas não a encontrou. Nem na cozinha, nem durante o jantar,

nem tampouco mais tarde, quando Abby ficou brincando com os meninos de um jogo de tabuleiro que no

final até ele mesmo tinha participado. A normalidade era a ordem do dia e ele não estava em condições de

descobrir se era ou não forçada. Abby tinha ido deitar os meninos e depois se recolheu em seu quarto. E ali

permanecia depois.

Dylan, em seu próprio quarto, não era capaz de acalmar-se. O que ia fazer? Tinha todos os elementos

na palma da mão para contar uma história verídica. Romance, traição, sexo, violência. E não era ficção. Era

real. Seu trabalho consistia em escrever essa história e fazê-lo com sinceridade.

Mas recordou então a mãozinha confiante de Chris na sua.

Amaldiçoando, Dylan se levantou da escrivaninha. Não podia fazê-lo. Era impossível publicar o que Abby

tinha lhe contado aquela tarde. Independentemente do cuidado com que escrevesse, da precisão com que

redigisse, seria algo horrível, deprimente, imperdoável. Aquele menino era tão inocente, e estava tão

exposto...

Na realidade não deveria lhe importar. Todos os instintos que o tinham guiado durante seus anos de

repórter, todas as habilidades que tinham convertido suas biografias em textos incisivos e sinceros,

impulsionavam-no a dizer a verdade. Mas não podia esquecer a forma que o menino lhe tinha sorrido e

tinha erguido seus braços para ele em busca de um abraço. Lembrava também Ben, sentado sozinho na

cama, rodeado de pequenos homenzinhos. E lembrar Abby entrelaçando os dedos nos seus. E aquilo lhe

bastava para sentir-se realizado.

Tinham-no apanhado. Dylan passou a mão pelo cabelo. Não tinha sentido fingir o contrário. Em seu

íntimo, existia um cabo de guerra; em um extremo da corda estavam Abby e seus filhos. No outro, ele

continuava lutando. Tinha esquecido a regra básica, aquela que tinha aprendido durante suas primeiras

semanas como jornalista: não envolver-se com o tema no qual trabalhava. Pois bem, envolveu-se e não

tinha idéia de como voltar atrás.

Ao diabo com voltar atrás.

Sem dar tempo para pensar duas vezes, saiu de seu quarto, cruzou o corredor e bateu na porta do

quarto de Abby.

65

— Sim, entre.

Estava sentada atrás de uma pequena escrivaninha, terminando uma carta. Ergueu o olhar e deixou de

lado o que estava fazendo, como se o estivesse esperando.

— Temos que conversar.

— Concordo, feche a porta.

Dylan fechou, mas não falou imediatamente. Não havia nenhuma barreira entre eles naquele momento;

o gravador que transformava tudo em uma tarefa ética e profissional não estava. O que naquele momento

dissessem, ficaria unicamente entre os dois. Não estava muito certo de como tinha chegado até ali. Como

um homem caminhando por um atalho mau iluminado, avançou lentamente e se sentou na cama.

A quarto era agradável, suave, feminino... igual a Abby. Se alguma vez houve violência, fazia muito

tempo que tinha sido erradicada. Abby tinha superado, compreendeu, porque não queria deixar que

destruísse sua vida ou a de seus filhos. E ao pôr em suas mãos o reconhecimento daquela violência, o tinha

tornado co-responsável por sua tranqüilidade. Algo no íntimo de Abby tinha descoberto nele a capacidade

de compaixão que lhe tinha feito assumir essa responsabilidade.

— Abby, sabe que não posso escrever o que me contou esta tarde.

Uma onda de alívio a invadiu. De alguma maneira era o que esperava, por isso tinha se atrevido a

confiar, mas não tinha certeza.

— Obrigado.

— Não me agradeça — pensava que ressentido seria mais fácil lidar com ela —. Vou escrever muitas

coisas que você não gostará.

— Estou começando a pensar que talvez não importe tanto como pensava antes.

Olhava por cima do ombro de Dylan, o olhar fixo naquela estampa de flores que se repetia uma vez ou

outra no papel de parede. A vida era assim, como um desenho que se repetia uma vez ou outra. E Abby

tinha tentado mudar aquela estampa sem atender ao aspecto geral.

— Sabe? Pensava que os meninos precisassem de um modelo, alguém para poder dizer «esse é meu

pai». Mas quanto mais penso nisso, acredito que é muito mais importante que se sintam orgulhosos de si

mesmos.

— Por que me diz isso?

Abby o olhou. Olhou o homem que enfim tinha conseguido mudar a estampa de sua existência. Como

podia explicar-lhe. Tinha encontrado bondade nele, em quem nunca teria esperado. Dylan tinha trabalhado

a seu lado, embora ela não tivesse pedido. Tinha sido carinhoso e generoso com seus filhos. Tinha cuidado

dela quando estava doente. Tinha encontrado bondade atrás daquele duro exterior, e tinha se apaixonado

por ela. Com um suspiro, pegou a caneta e a trocou inconscientemente de mão.

— Não posso explicar todas as razões. Simplesmente, pensei nisso quando comecei a falar. Talvez

precisasse dizer algumas coisas em voz alta depois de todos estes anos. Até agora não tinha sido capaz de

fazê-lo.

Tinha um peso de papel na mesa, umas florzinhas rosas colocadas em um vaso. Um peso de papel de

aspecto frágil, mas certamente muito difícil de quebrar.

— Não contou a sua família? — perguntou Dylan.

— Não. Talvez devesse tê-lo feito. Passei por muitas fases... a vergonha, a fúria, as recriminações.

Suponho que precisasse superar tudo isso.

— E por que diabos continuou com ele?

Pensou novamente no dinheiro. Naquela mulher com o casaco de visom e os diamantes. Mas já não

queria acreditar que aquela era a razão.

Abby baixou o olhar para suas mãos. A aliança de casamento tinha desaparecido de seus dedos muito

tempo atrás e a amargura se desvaneceu muito antes.

— Depois... depois do que ocorreu, Chuck estava arrasado. Terrivelmente arrependido. Eu pensei que

talvez pudessemos salvar algo daquela terrível noite. Durante algum tempo, estivemos a ponto de

conseguir. Mas depois nasceu Chris. Chuck não era capaz de olhá-lo sem lembrar. Olhava esse bebê e o

odiava pela forma como tinha vindo ao mundo. Chris lembrava sua própria fraqueza, talvez até sua

mortalidade.

66

— E você? Como se sentia ao olhar ao Chris?

Apareceu um lento sorriso nos lábios de Abby.

— Era tão lindo... E continua tão lindo.

— É uma mulher admirável, Abby.

Abby o olhou, surpreendida.

— Não, não acredito. Sou uma boa mãe, mas não acredito que isso seja nada extraordinário. E não fui

uma boa esposa. Chuck precisava de alguém capaz de adivinhar suas mudanças de humor, capaz de

correr a seu lado. Mas eu era muito lenta.

— E o que você precisava?

Abby o olhou, sem saber o que dizer. Ninguém, exceto sua família, jamais tinha feito aquela pergunta. E

não estava preparada para respondê-la.

— Não tenho certeza do que preciso, mas agora sou feliz com o que tenho.

— E é suficiente? Os meninos, esta casa.... — levantou e se aproximou dela —. Pensava que fosse me

dizer a verdade.

— Dylan — supunha que não tinha por que estar tão perto. Quando Dylan se aproximava tanto , Abby

não conseguia pensar —. Não sei o que espera que diga.

— Não sabe? — pegou a mão e a fez levantar-se. Sentiu que os dedos tremiam e os apertou com força

—. Não quero que tenha medo.

— Não tenho medo de você.

— Não quero que tenha medo do que há entre nós.

— Não posso evitar. Dylan, não faça isto — pousou a mão livre em seu braço —. Não poderia suportar

outro fracasso. Acredito... espero que já sejamos amigos.

— E eu acredito que já superamos essa etapa — levou a mão de Abby aos lábios e observou a surpresa

refletida em seus olhos —. Alguma vez fez amor?

Um calafrio de assombro percorreu as costas de Abby.

— Tenho... tenho dois filhos.

— Essa não é uma resposta — com curiosidade, voltou-lhe a mão e posou os lábios em sua palma.

Abby encolheu e esticou os dedos —. houve alguém além de Chuck?

— Não, eu...

O olhar do Dylan se endureceu.

— Ninguém?

A vergonha chegou rapidamente; aquele tinha sido o motivo de seu fracasso.

— Não, na verdade não sou uma mulher muito sensual.

De quantas maneiras Rockwel teria conseguido humilhá-la? - perguntou-se Dylan. A raiva assomando

rapidamente... Não queria envolver-se? Tinha ido muito longe. Queria mostrar que tudo podia ser diferente.

Talvez, pela primeira vez, ele também podia acreditar nisso.

— Por que não deixa que descubra por mim mesmo?

— Dylan... — as palavras ficaram presas em sua garganta ao sentir os lábios de Dylan roçando sua

têmpora.

— Não me deseja, Abby?

Sedução. Nunca tinha seduzido conscientemente uma mulher. As mulheres sempre se aproximaram

dele, conhecedoras, experientes e receptivas. Nenhuma delas tinha tremido sequer. Ele teve um momento

de vacilação. Seria capaz de ter suficiente cuidado, de ser suficientemente delicado?

— Sim — Abby inclinou a cabeça para olhá-lo —. Mas não sei o que posso dar a você.

— Deixe que eu me preocupe por isso — com mais confiança do que realmente sentia, emoldurou seu

rosto com as mãos.

Beijou-a lentamente, sonhadoramente. Abby ergueu as mãos até seus braços. E foi aquele movimento

67

hesitante, vulnerável, que o comoveu de uma forma que jamais tinha acreditado possível. A luz do abajur

iluminava o rosto de Abby enquanto ele inclinava sua cabeça e mordiscava ligeiramente seus lábios.

Abby sentia o pulso de Dylan em seus braços, acelerando-se ante seu contato. Dylan a desejava, a

desejava de verdade. E, Deus, a possibilidade de decepcioná-lo a aterrorizava. Dylan a pressionou a

aproximar-se dele. E ela se retesou.

— Calma — murmurou Dylan, descobrindo em seu íntimo uma paciência que nem sequer imaginava

que possuísse. —Relaxe, Abby — a acariciou suavemente, até sentir que seus músculos relaxavam.

Abby lhe rodeou a cintura, indecisa, hesitante. Dylan sentiu a doçura daquele gesto atravessando seu

corpo. Nunca tinha procurado a doçura, nunca a tinha esperado tampouco. Mas, naquele momento, quando

acabava de encontrá-la, já não queria perdê-la.

Muito lentamente, com delicioso cuidado, amou-a somente com os lábios. Tentando, seduzindo e

ajudando-a a relaxar, pouco a pouco conseguiu levá-la até ele. Sentiu que tensionava as mãos e depois as

relaxava sobre suas costas. Quando sentiu seus lábios abrandando-se contra os seus, beijou-a

profundamente. Sentiu que sua respiração acelerava, ouviu um ligeiro gemido, nascido do assombro. E pela

primeira vez desde muitos anos, também ele se sentiu assustado.

Deslizou as mãos sob o pulôver de Abby. Quando ela se sobressaltou, acariciou-a e sussurrou

promessas que esperava ser capaz de cumprir. A pele de Abby era suave, suas costas longas e esbeltas. O

desejo o açoitou rápida e dolorosamente. E lutou para dominá-lo.

Centímetro a centímetro, foi elevando o pulôver até tirá-lo totalmente. Deixou-o cair a seus pés.

O pânico voltou. Abby se sentia vulnerável. A respiração tinha acelerado e, de algum jeito, aquele ritmo

nublava seu cérebro. Mas tinha que pensar como podia proteger-se, como podia dar a Dylan o que este

esperava se não era capaz de pensar? Mas era tão maravilhoso sentir as mãos do Dylan sobre seu cabelo.

Fortes, pacientes, acariciavam-na quando ela mais desejava. Talvez quando se fizessem mais exigentes

ficasse paralisada mas, no momento, só podia sentir como crescia o calor em seu íntimo.

Então Dylan a levou para a cama. O medo voltou a abrir caminho em meio ao desejo.

— Dylan.

— Deite-se comigo, Abby. Somente deite-se a meu lado.

Abby o abraçou enquanto deitavam-se na cama. Via tudo com grande nitidez, o desenho das rosas

repetind-se, a escura espiral das colunas da cama e o branco desenho do teto. E o rosto do Dylan. O

nervosismo se apoderou dela, pressionando-a de tal maneira que por um momento pensou que não seria

capaz de mover-se. Lutou contra ele, tentando lembrar-se que já não era uma jovem inexperiente, e sim

uma mulher.

— A luz.

— Quero vê-la — a beijou outra vez, olhando-a aos olhos —. Quero que me veja. Vou fazer amor com

você, Abby. E não é algo que tenhamos que fazer às escuras.

— Não... não espere muito.

Dylan entrelaçou as mãos atrás de seu pescoço e a fez erguer o rosto para ele.

— E você não espere tão pouco — então a silenciou com um beijo.

Foi um beijo agressivo. Abby sentiu que a cabeça girava. Seu corpo, estremecido pela crescente

excitação, começou a arder de paixão. Um gemido escapou de sua garganta para mergulhar na boca de

Dylan. Sentiu, como tinha imaginado uma vez, o áspero roçar do rosto dele contra o seu. Sentia o corpo

todo pulsando, como um tamborilar que se apoderava pouco a pouco de sua cabeça.

Estava deixando-o louco. Não se dava conta? Dylan sentia seu corpo tensionar, estremecer e relaxar

enquanto Abby aproximava suas mãos hesitantes e o acariciava. Até aquele momento, não tinha

consciência de que a desejava tão desesperadamente. Abby estava ali, suave e sólida sob ele, sabia que

tinha que pensar nela primeiro e depois em suas próprias necessidades.

Então a mostraria. Nervoso e sem piedade, deslizou as mãos sobre ela; a sentia arquear-se e ouvia sua

respiração acelerada. Inalava a paixão que exalava de sua pele, a almiscarada e densa fragrância na qual

um homem podia desejar afogar-se. A luz banhava o rosto de Abby, Dylan podia distinguir a surpresa e o

prazer mesclados com o desejo. Impaciente, Dylan tirou a camisa para poder sentir sua pele contra a dela.

Era incrivelmente delicado. Seu torso era firme como o ferro, mas sua pele era suave. Abby deslizava

seus dedos sobre ele e sentia como tensionavam seus músculos. Forte. Ela sempre tinha precisado

daquela fortaleza, mas somente a tinha encontrado em si mesma. Paciência. Em outro tempo, quase tinha

chorado por ela. Mas com Dylan tinha encontrado. Paixão. Tinha desejado, tinha ansiado... e depois a tinha

esquecido, como se fosse algo que tivesse que viver sem. Mas ali estava, envolvendo-a, crescendo em seu

íntimo. Dylan sussurrou seu nome e Abby pensou que ia desmaiar ao ouvi-lo.

Seus lábios estavam sobre seus seios; os músculos de seu estômago se contraíam enquanto lhe

acariciava os mamilos com a língua. Inconscientemente, segurou a cabeça de Dylan e se arqueou contra

ele. Com os dentes, os lábios e a língua, Dylan a estava submetendo a mais deliciosa das torturas. E Abby

se deixava arrastar por ela.

Dylan desabotoou o botão do jeans, mas ela nem sequer notou. Sentiu o lento movimento de sua mão, o

suave roçar dos jeans em suas pernas. Queria gritar seu nome, mas suas palavras se transformaram em

um gemido quando Dylan deslizou a língua por sua coxa.

Era tão linda. Tinha um corpo magro e suavemente musculoso; as pernas longas e os quadris estreitos.

perguntava-se, enquanto a olhava, como teria podido abrigar dois bebês em seu interior. De alguma

maneira, só podia imaginá-la como uma mulher que ninguém tinha acariciado. E depois começou a dar-se

conta quão longe e rápido podia elevá-la.

O primeiro orgasmo a sacudiu a uma velocidade incontrolável. Aturdida, impotente, Abby soltou um grito

abafado. Era como se seu corpo tivesse inflado, incendiado e depois esvaziado. Tentando recuperar-se

daquele impacto, soltou a mão, mas ele voltou a enviá-la àquele paraíso até então desconhecido para Abby.

Ela ofegante, palpitava em meio a sensações que jamais tinha experimentado. Haveria palavras para

descrever aquilo?, perguntava-se freneticamente. Alguém teria encontrado as palavras precisas para

descrever aqueles sentimentos? Sua pele estava tão sensível que até o mínimo roçar conseguia fazê-la

vibrar.

Era como Dylan tinha desejado vê-la, oscilando em seu próprio desejo. Quando deslizou para seu

interior, Abby abriu os olhos. Dylan viu neles assombro e prazer, antes que ela o abraçasse.

Abby moveu os quadris a uma velocidade vertiginosa, fazendo em migalhas o controle que tão

duramente Dylan tinha mantido até então. Afundava os dedos em suas costas, cravava as unhas em sua

pele. Não tinha consciência do que fazia. E logo ele tampouco.

Nunca tinha sido assim. Ninguém a tinha feito sentir-se tão completa, tão importante, tão viva. As portas

se abriram, as persianas subiram e o ar que nela entrava era maravilhoso.

Teria gostado de dizer a Dylan, mas temia que pensasse que era uma estúpida. De modo que decidiu

conformar-se colocando a mão sobre seu coração. Pulsava com mais tranqüilidade que o seu, mas mesmo

assim o fazia rapidamente.

Nunca tinha sido assim. Ninguém o tinha feito sentir-se tão real, tão forte, tão aberto. Abby tinha

acendido uma luz no interior de sua cabeça e a sentia brilhar clara e forte. Teria gostado de dizer a ela, mas

temia que pensasse que estava mentindo. De modo que resignou-se estreitando-a contra ele.

— Então não é uma mulher muito sensual, não é?

— O que?

— Disse que não era uma mulher muito sensual. Imagino que não queria fazer alarde.

Abby pousou a cabeça em seu ombro. E sentiu nele seu próprio cheiro. Era uma estranha e maravilhosa

sensação descobrir seu cheiro na pele de Dylan.

— Eu nunca fui muito boa em... nas questões técnicas.

— Nas questões técnicas? — não sabia se começava a rir ou gritava —. E o que imagina que significa

isso?

— Bom, o... — interrompeu envergonhada — sexo — acrescentou com firmeza, lembrando-se que já era

uma mulher adulta.

— O que nós compartilhamos não foi sexo — disse Dylan com simplicidade, colocando-se sobre ela —.

Fizemos amor.

— É uma questão de semântica.

— Uma ova! Não, não se separe de mim — a segurou com firmeza para impedi-la. - Eu não sou Chuck.

Me olhe, me olhe de verdade.

69

Abby tentou tranquilizar-se e fez o que ele pedia.

— Eu sei.

— O que quer, Abby, uma avaliação?

— Não — a cor tingiu suas bochechas, já coloridas pela paixão —. Não, é obvio que não. Eu só...

— Está se perguntando o que eu senti, ou se fez as coisas como deveria —

se sentou, atraindo-a para

ele e mantendo as mãos sobre seus ombros mesmo quando ela procurou inutilmente os lençóis —. Alguma

vez lhe ocorreu que Chuck Rockwel não era esse amante devastador que as revistas diziam? Alguma vez

pensou que o que ocorreu, ou melhor dizendo, o que não ocorreu entre vocês, não era culpa sua?

Não, não nunca tinha pensado. É obvio que não.

— E todas essas mulheres... — começou a dizer, e ficou em completo silêncio.

— Me deixe te dizer algo. É muito fácil meter-se na cama com uma mulher diferente cada noite — sentiu

um ligeiro remorso, lembrando as ocasiões que ele o tinha feito —. Não tem que pensar, não tem que sentir.

Não tem que se preocupar em fazer com que a outra pessoa veja estrelas. O único que tem que fazer é se

satisfazer. É muito diferente quando se trata de um casal, de uma pessoa a quem fez uma promessa,

alguém a quem se supõe que tenha que fazer feliz. Para isso é preciso tempo e esperar até que tudo saia

como quer.

Abby o olhava fixamente, com os lábios entreabertos e os olhos arregalados. Dylan soltou uma

imprecação e passou a mão pelo cabelo.

— Escute, não tenho vontade de ouvir falar de Chuck Rockwel . Não quero que pense nele nem em mais

ninguém. Concentre-se somente em mim.

— Não posso pensar em ninguém mais — um pouco insegura, acariciou-lhe a bochecha —. Você é a

melhor coisa que me aconteceu em muito tempo — observou que mudava

de expressão, sentiu que sua

mão tensionava em seu cabelo e rapidamente continuou —. Tem me feito enfrentar um monte de coisas

que pensava que devia manter trancadas. Agradeço-lhe por isso.

— Estou começando a me cansar de dizer que não me agradeça — a mão que antes acariciava o cabelo

de Abby deslizou até a curva de seu ombro.

— Esta será a última vez — ergueu os braços para abraçá-lo com força. A seu lado se sentia a salvo —.

Não ria.

Dylan lhe beijava suavemente o pescoço.

— Não tenho muita vontade de rir.

— Sinto-me como se acabasse de aprender uma complexa e importante habilidade.

Dylan começou a rir, ganhando ao fazê-lo um tapa nas costas.

— Como nadar de costas?

— Disse para não rir.

— Sinto muito — depois se deitou lentamente sobre ela —. Mas, para aprender de verdade, precisa

praticar. Muito.

— Acho que tem razão — Abby jamais tinha praticado aquele tipo de brincadeira maliciosa. Abraçou-o e

o acariciou com lábios abertos e receptivos —. Dylan?

— Humm.

— Antes vi estrelas.

Dylan sorriu. Abby o sentiu em seus lábios. Viu quando se afastou para olhá-la.

— Eu também.

Dylan começou a baixar a cabeça outra vez, mas de repente ouviu um soluço.

— Que diabos...?

— Chris.

Abby se levantou imediatamente. Tirou o roupão do armário, o colocou e saiu do quarto antes que Dylan

tivesse tido tempo de pegar o jeans.

— Oh, bebê — Abby entrou correndo no quarto de Chris, que soluçava encolhido entre os lençóis —. O

70

que houve?

— Eram verdes e muito grandes — enterrou a cabeça no peito de sua mãe, inalando aquele perfume

reconfortante e familiar —. Pareciam serpentes e faziam sss e estavam me perseguindo. E caí num buraco.

— Que sonho mais horrível — o abraçou e o embalou suavemente —. Mas já passou, certo? Ficarei aqui

com você.

Chris soluçou, mas já parecia mais tranquilo o.

— Iam me cortar em pedacinhos.

— Um pesadelo?

Dylan permanecia hesitante no umbral da porta, sem saber se devia entrar ou não.

— Serpentes verdes — disse Abby enquanto continuava embalando Chris em seu colo. —Caramba. Um

sonho assustador, não é, tigre?

Chris assentiu em silêncio e esfregou os olhos. Fosse aquele seu lugar ou não, Dylan não foi capaz de

resistir. Entrou e se agachou diante da cama.

— Da próxima vez deveria sonhar que é um Sacarrabos. As serpentes não têm nenhuma chance com

um Sacarrabos.

— Sacarrabos — Chris tentou repetir aquela palavra e pôs-se a rir —. Você inventou?

— Claro que não. Encontraremos amanhã uma fotografia e lhe mostrarei. Vivem na Índia.

— Trace foi à Índia — recordou Chris —. Nos enviou um postal — então bocejou e se recostou contra

Abby —. Não vá ainda.

— Não, não irei. Ficarei até que volte a dormir.

— Dylan também?

Dylan lhe acariciou a bochecha com os nós dos dedos.

E ali ficaram os dois. Abby aconchegando o menino e cantando algo que a Dylan pareceu uma canção

de ninar irlandesa. Dylan sentia uma surpreendente satisfação, não como a que tinha experimentado com

Abby na cama, mas igualmente intensa. Era como uma firme sensação de pertinência, como se por fim

tivesse alcançado um lugar que tinha procurado durante toda vida. Era uma tolice e disse a si mesmo que

passaria. Mas não foi passageiro. A luz do corredor penetrava no quarto e caía sobre um monte de

caminhões diminutos e uma bola velha e murcha.

Abby colocou o menino entre os lençóis e a velha Mary junto dele. Deu-lhe um beijo na bochecha e se

endireitou, mas Dylan permaneceu um momento sentado na cama, acariciando os cachos de Chris.

— É irresistível, não é? — murmurou Abby.

— Sim — colocou a mão no bolso —. vai ser difícil viver com ele quando descobrir isso.

— Parece muito com Trace... Todo encanto. Segundo papai, Trace aprendeu a explorá-lo antes de

aprender a engatinhar. - Com um gesto completamente natural, pegou a mão do Dylan enquanto saíam do

quarto —. Quero ver Ben por um momento.

Empurrou a porta e viu a bagunça do quarto de seu filho. Havia peças de roupas, livros e brinquedos de

parede a parede. Abby suspirou e prometeu que o obrigaria a arrumar seu quarto durante o fim de semana.

Mas, naquele momento, seu filho estava completamente adormecido e meio descoberto na cama.

Entrou, deu a volta, tirou um meia três-quartos debaixo do lençol, jogou de lado um esquadrão de

pequenos homenzinhos de plástico e o cobriu.

— Dorme como uma pedra.

— Estou vendo.

Abby olhou ao redor da quarto.

— E é um pouco bagunceiro.

— Sim, isso não discuto.

Rindo, Abby beijou o filho.

— Te amo, malandrinho.

71

Saltou habilmente os obstáculos na penumbra e quando estava de novo no umbral da porta, Dylan

deslizou uma mão por seu braço.

— *Eu gosto de seus filhos, Abby.*

Comovida, sorriu e lhe deu um beijo na bochecha.

— *É um homem muito bom, Dylan.*

— *Muitas pessoas não concordariam com você.*

Abby já sabia.

— *Talvez não tenham tido oportunidade de te conhecer como te conheci.*

Aquilo era verdade, mas não podia lhe dizer por que. Não sabia.

— *Vamos para cama.*

Abby sorriu e deslizou o braço por sua cintura.

Capítulo 9

Muitas coisas podiam acontecer em vinte e quatro horas. Abby encarava a manhã com uma espécie de

aturdida admiração. Tinha descoberto a paixão. Tinha encontrado carinho. E talvez, somente talvez,

estivesse dando o primeiro passo para romper os elos e obrigações do passado. Tinha que agradecer a

Dylan, mas não acreditava que ele estivesse disposto a tolerar outro agradecimento. Não podia expressar

sua gratidão sem fazer com que se zangasse. Não podia lhe dizer que o amava sem arriscar-se a perder o

que acabava de iniciar. Assim não diria nada. Talvez bastasse estar com ele.

Abby enviou os meninos ao colégio, fez rapidamente as tarefas da manhã e, depois de deixar um bilhete

para Dylan na cozinha, entrou no carro. Sentia-se com a energia de dez mulheres.

Pensava em passar a manhã esfregando e encerando o chão da casa da senhora Cutterman, e ganhar

assim uma boa parte do dinheiro das compras. Pensou que era uma sorte que a senhora Cutterman

estivesse com gripe, pois dessa forma pode recuperar um trabalho que a ajudaria a equilibrar as contas até

que pudesse vender os potros. No dia seguinte, tinha que ir fazer a limpeza quinzenal dos Smith.

Mentalmente, continuou repassando sua agenda, tentando calcular se teria tempo para fazer tudo, inclusive

uma visita a loja de sapatos durante o final de semana.

Abby dizia a si mesmo que tinha que concentrar-se nisso e não pensar muito no que tinha acontecido na

noite anterior. O que tinha significado para Dylan e o que tinha significado para ela eram coisas

completamente diferentes. Era suficientemente inteligente para saber. Mas Dylan tinha lhe dado algo que

nunca tinha conseguido com nenhum homem: respeito, carinho e paixão. Ainda sentia aquele prazer. Ligou

o rádio.

Quando Dylan desceu ao térreo, foi direto procurar um café. Normalmente não acordava sonolento,

nem sequer depois de uma noite sem dormir, mas passar uma noite trabalhando e permanecer acordado

na cama durante toda a noite pareciam ter efeitos diferentes. Não estava certo ainda do por que de estar

tão nervoso. Abby tinha dormido a seu lado tão tranquilamente quanto os meninos que dormiam nos

outros quartos.

Sentia seu corpo relaxado, sereno até. Podia dizer a si mesmo que era somente pelo alívio físico. Mas

sua mente continuava tensa e alerta. O que tinha acontecido entre eles não era algo normal. Parte dele

tinha desejado que tivesse sido, enquanto outra parte, uma parte que não tinha explorado durante anos,

regozijava-se porque tinha sido algo diferente. Ele não era um homem que gostasse de descobrir tantas

contradições em seu íntimo. Mas por cima de todas aquelas contradições, estava o mistério da mulher

com a qual tinha dormido.

Dylan tinha começado a mudar a opinião que tinha sobre ela antes de tê-la conhecido e a estava

comparando com o que sentia por ela naquele momento. Nada encaixava. O que tinha que ver aquela

mulher com o casaco de visom e os diamantes com a mulher que tinha tremido em seus braços? Qual

delas era real? Ou talvez as duas estivessem representando?

O sangue ainda lhe gelava nas veias quando pensava no que tinha lhe contado. Pela primeira vez em

sua vida, a urgência de protegê-la era mais forte que qualquer outra. Era objetivo o bastante para não

72

permitir que seus sentimentos interferissem na análise de seus atos. Se Chuck tinha abusado física e

emocionalmente de Abby, por que tinha ficado a seu lado? Chuck Rockwel tinha quebrado publicamente

todas as promessas feitas no casamento, de forma que teria sido muito fácil divorciar-se. Mesmo assim,

ficou a seu lado. Dylan não era capaz de entender aquela contradição, da mesma forma que tampouco

podia entender o que estava ocorrendo em seu íntimo.

Ele a desejava, tanto quanto antes da noite anterior... ou até mais. Tinha encontrado nela uma doçura

enquanto faziam amor que jamais tinha provado. E ansiava prová-la de novo. Mas havia algo mais. Fechava

os olhos e ouvia sua risada, uma risada natural, sem dissimulação. Podia vê-la trabalhando, com eficiência

e sem amargura. E lembrava a forma como educava seus filhos, com mão firme e muito amor.

Era uma mulher especial. Sabia que somente um tolo poderia acreditar que existia algo tão disparatado

quanto uma mulher especial. Talvez estivesse se transformando em um tolo.

Olhou pela janela e se perguntou se estaria limpando os estábulos. Podia esperar que entrasse outra

vez, ligar o gravador e ficar trabalhando. Dylan imaginou-a arrastando um saco de grão ou removendo o

feno. Sacudiu a cabeça e foi procurar seu casaco. Foi então que viu o bilhete:

Dylan.

Estarei na casa da senhora Cuttermann esta manhã. Se houver algum problema, o número está na

agenda. Preciso passar pela cidade e comprar algumas coisas antes de voltar para casa. Até a tarde.

Abby.

Sentiu-se ridiculamente decepcionado. Não estava ali; não estaria ali durante horas. Queria vê-la, ainda

pela manhã, ver seu rosto depois da noite que tinham passado juntos. Queria falar com ela, calma,

razoavelmente, até que o que ele sabia e sentia os aproximasse. Queria fazer amor com ela à luz do dia,

naquela casa enorme e vazia.

Queria estar com ela.

Deixando de lado aqueles sentimentos, Dylan se serviu de uma segunda xícara de café e subiu ao andar

superior. Tinha trabalho a fazer.

Quando Abby parou em frente a casa, o céu estava escuro. Murmurou algumas palavras sem muito

entusiasmo, destinadas às nuvens, enquanto levava o pão e o leite para dentro de casa. Ia chover, pensou

desgostosa, porque a rádio tinha prometido céu limpo. Nenhum dos meninos tinha levado botas. Bom, de

qualquer forma teria que comprar sapatos novos, lembrou a si mesma, e empurrou a porta. No caminho

para a cozinha, recolheu dois caminhões, dois homenzinhos de plástico e uma meia.

Depois de pendurar o casaco, ligou o rádio portátil e começou a preparar o pedaço de carne que tinha

tirado para descongelar naquela manhã.

— Olá.

Abby sobressaltou-se ligeiramente, com a frigideira na mão. Dylan estava somente a uns centímetros

dela.

— Meu deus, é tão silencioso. Não o ouvi chegar.

— Isso é porque ouve o rádio muito alto.

— Oh — automaticamente, baixou o volume. Sentia-se aturdida, mas já se esperava uma reação

parecida —. Tinha que ir comprar leite. Os meninos tomam tanto que às vezes me dá vontade de comprar

uma vaca — baixou a cabeça para o fogão, um pouco mais tranqüila —. esteve trabalhando?

— Sim.

Sentia-se incômodo. Algo que não esperava. Abby tinha prendido o cabelo, em um rabo de cavalo.

Queria soltar e ondular seu cabelo comprido e liso em suas mãos, como tinha feito durante a noite.

— Tudo bem?

— O que?

— Se foi tudo bem — começava a ficar nervoso —. Com sua amiga.

— Minha... Ah, a senhora Cutterman! Sim, é muito amável.

Abby pensou um instante em toda a madeira que tinha lustrado. Afastou da mente aquele pensamento e

começou a procurar o molho de tomate.

73

— Vai chover — comentou —. Não acredito que os meninos voltem para casa antes de começar a

chover.

— Recebeu um telefonema.

— Sim?

— Era Betty, da Associação de Pais.

— Para a venda de doces.

Com um suspiro, Abby abriu a lata de molho. O abridor de latas elétrico soava como um terremoto.

Durante quanto tempo, se perguntava, poderia continuar se escondendo atrás da rotina.

— Madalenas?

— Três dúzias. Disse que contava com você.

— A boa Abby nunca falha — disse sem sarcasmo, mas com uma ponta de zombaria na voz —. Para

quando precisam?

— Na quarta-feira que vem.

— Certo.

O silêncio se prolongou enquanto ela diluía o molho e acrescentava especiarias. Espaguete era a

comida preferida de Ben, pensou. Comia umas porções próprias de um lenhador. Naquele momento, ela

tinha a sensação de que não poderia voltar a comer em toda sua vida.

— Suponho que você queira me fazer mais perguntas.

— Algumas.

— Terminarei aqui em menos de um minuto. Se pudermos conversar enquanto faço a limpeza, então...

Emudeceu quando Dylan colocou a mão em seu ombro. Sem saber o que esperar, voltou-se lentamente.

Dylan estava olhando a, com aquela expressão firme, profunda. Desejou poder compreender o que estava

procurando.

E então, Dylan a beijou, suave, delicadamente, e Abby sentiu que seu coração se derretia como se fosse

de manteiga.

— Oh, Dylan — soltou a respiração que inconscientemente tinha estado contendo enquanto o abraçava

—. Tinha medo que tivesse se arrependido.

— Arreponder-me de que?

Deus, era tão maravilhoso abraçá-la. Tinha dito a si mesmo que não faria nenhuma diferença. Mas, de

repente, tudo parecia diferente.

— De ontem à noite.

— Não, não há arrependimentos — cheirava a sabão, ou a algo tão fresco

quanto sabão —. Estou

desconcertado.

— De verdade? — sem acreditar totalmente, separou-se dele.

— Sim, de verdade — sorriu, incrivelmente aliviado, e voltou a beijá-la. — Senti sua falta.

— Gosto disso — deslizou as mãos por suas costas enquanto se aproximava de novo dele —. Gosto

muito.

— Quer matar aula?

Abby soltou uma gargalhada e jogou a cabeça para trás.

— Aula?

— Exato. Parece alguém que não matou aulas o suficiente.

— Nunca fui ao colégio tanto tempo seguido para ter que fazê-los. Além disso, vai chover. Não sei se

será muito divertido matar aula no meio da chuva.

— Venha para cima e lhe mostrarei.

Abby soltou uma gargalhada, mas arregalou os olhos ao dar-se conta que Dylan estava falando sério.

— Dylan, os meninos voltarão para casa dentro de algumas horas.

74

— Temos muito tempo até dentro de algumas horas.

Em um impulso, levantou-a nos braços. Gostava de ouvi-la rir, e vê-la abrir aqueles olhos enormes e

assombrados.

O coração de Abby pulsava com força enquanto saíam da cozinha. Era emocionante, um pouco proibido.

Enterrou o rosto no ombro do Dylan e murmurou:

— Vamos ficar sem meias limpas.

Fizeram amor rapidamente, desesperadamente, com uma espécie de selvagem abandono que Abby

jamais tinha experimentado. As peças de roupa ficaram jogadas por todo o quarto. As cortinas estavam

abertas, de maneira que a tênue e lúgubre luz da manhã entrava no quarto. Dylan conhecia lugares nos

quais Abby jamais havia estado, lugares que, ela sabia, teria temido ir com qualquer outro homem. Como

uma menina em sua primeira viagem na montanha russa, ficava sem fôlego ao chegar aos pontos mais

altos e depois ansiava por começar uma nova viagem.

Dylan se sentia livre, incrivelmente livre enquanto rolavam sobre aquela velha cama. O corpo de Abby se

mostrava ávido, receptivo a ele, e a tudo o que pudesse lhe ensinar. Abby era forte, flexível. E era dele.

Com uma agilidade surpreendente, arqueava-se embaixo dele, perdida naquele louco prazer. Incapaz de

sentir-se satisfeito, ele se elevava com ela. Seus corpos se encontravam. Torso com torso, quadril com

quadril, enquanto se ajoelhavam na cama. Tensos como as cordas de um violino um instante e languídos no

seguinte, caíam abraçados na cama.

Começou a chover, lenta e firmemente contra as janelas.

Seus gestos ficaram mais lentos e firmes e a paixão se transformou em desejo. Suspiros e movimentos

delicados tomaram o lugar do furor. Já não havia pressa. A cama era grande, macia. A chuva caía

sussurrante. Arrebatavam-se um ao outro com toda a doçura. Brindavam à coisas simples que um amante

entrega a outro e a mais ninguém.

*Dylan saboreava sua pele, ardente de prazer e úmida pela excitação.
Nunca tinha conhecido um sabor*

mais embriagante.

*Abby deslizava os dedos por suas costas, descobrindo como se contraíam
seus músculos. Até então*

não sabia que a força podia ser algo tão excitante.

*Mergulhavam profundamente um no outro, chegando a lugares que a
chuva não podia alcançar. E Abby*

descobriu o que precisava encontrar, bondade, compaixão, ternura.

*Eram tantas as camadas que a cobriam; serenidade, sabedoria, paixão.
Dylan se perguntava se alguma*

*vez poderia descobrir todas. Olhava-a e podia ver uma mulher forte que
tinha lançado a prudência ao vento*

*e tinha deixado sua família e tudo o que lhe era conhecido para agarrar-se
a um amor tão reticente. Podia*

*olhá-la de outra perspectiva e enxergar sua vulnerabilidade e controle.
Sentia-se impulsionado a conhecê-la,*

*a encaixar todas as peças. Abby estava começando a converter-se em uma
obsessão. Mas quando*

*estavam ali, no ponto máximo do desejo, com todos os sentidos alerta,
somente importava que estivesse*

com ele.

*As mãos que uma vez tinham sido hesitantes, deslizavam-se sobre ele como
se o conhecessem desde*

*sempre. A boca que em outro tempo se mostrava insegura, fundia-se com a
sua como se não ansiasse*

*outro sabor no mundo. Seu corpo esbelto se entregava a ele sem inibições.
Rodeava-o com as pernas e os*

braços, como seda quente. A paixão gotejava de seus corpos, rodeava-os

fazendo com que todo o resto

deixasse de existir.

Abby estava descendo as escadas, encantada consigo mesma, quando de repente a porta da rua se

abriu.

— Limpem os pés — disse automaticamente.

Soltou uma gargalhada e desceu o resto da escada para abraçar seus dois filhos.

— Está chovendo — a informou Chris.

— Verdade?

— As folhas molharam — Ben tirou o casaco e o deixou cair ao chão.

— Não teriam molhado se usasse a mala.

— Isso é coisa de menina.

75

Levantou seu casaco, porque sua mãe o olhava fixamente e depois estendeu um papel úmido e

enrugado.

— Uma mensagem! — Abby colocou a mão sobre o coração, como se estivesse impressionada —. Olhe,

Dylan, parece que alguém colocou seu nome nesse papel.

Ben se pôs-se a rir, um pouco envergonhado.

— Não, é meu.

— Benjamim Francis Rockwel fez a prova de ortografia da lição trinta e uma sem um só erro? O meu

Benjamim Francis Rockwel ?

Ben enrugou o nariz, como fazia sempre que lembravam seu nome completo.

— Sim.

Abby passou o braço pelos ombros.

— Sabe o que significa isso? — perguntou-lhe solenemente.

— O que?

— Chocolate quente para todos!

Um sorriso iluminou o rosto do menino.

— Poderei comer merengues?

— Certamente.

— Chocolate quente? — perguntou Dylan, que descia naquele momento as escadas. Sorriu

abertamente.

Abby passou o braço pelos ombros do filho.

— Estamos comemorando porque passou na prova da lição trinta e um sem nenhum erro. Conseguiu

soletrar corretamente vinte palavras difíceis — mostrou o exame, no qual brilhava uma estrelinha dourada.

— Impressionante — Dylan acariciou a cabeça de Chris carinhosamente e depois estendeu a mão para

Ben —. Parabéns.

— Não é para tanto — murmurou, mas parecia secretamente satisfeito pelo aperto de mãos —. Poderei

comer três merengues?

— Estes meninos sabem tirar vantagem de qualquer situação — declarou Abby —. Venha, pendurem os

casacos — disse automaticamente, enquanto entravam na cozinha.

Durante os vinte minutos seguintes, a cozinha se encheu de histórias do que aconteceu no colégio

durante o dia. Depois de se encher de chocolate, Ben e Chris colocaram as

botas e os casacos e saíram

para fazer suas tarefas.

*— Acho que faz vinte anos que não tomo um chocolate quente —
murmurou Dylan, com o olhar cravado*

na xícara vazia.

— Traz velhas lembranças?

*— Minha mãe costumava fazer chocolate — quando Abby se inclinou
sobre o mesa e sorriu, admitiu*

*continuando aquela conversa —: É uma grande cozinheira. Acredito que
faz o melhor bolo de nata de New*

Jersey.

— Vê seus pais freqüentemente?

*— Algumas vezes ao ano — encolheu os ombros, sentindo aquela familiar
mistura de culpa e resignação*

—. Nunca me parece o suficiente.

— Entendo.

*Abby olhou para a janela por cima do ombro de Dylan. Chegaria um
momento em que seus filhos*

partiriam, que teria que deixá-los partir. Esse era o preço de ser mãe.

*— Tampouco vejo os meus freqüentemente. Nunca ficam muito tempo no
mesmo lugar.*

— Continuam representando.

*— Acredito que sempre o farão — o carinho impregnava sua voz —. Basta
que haja duas pessoas em*

*uma quarto para que se mostrem dispostos a entretê-las. Acredite na teoria
de meu pai, é algo que se leva*

tradição familiar adiante. E lhe

incomoda que Trace não o tenha feito.

— O que seu irmão faz?

— Viaja — se encolheu de ombros —. Nenhum de nós sabe realmente a que se dedica — pegou uma

bolacha do pote e ofereceu outra a Dylan —. Meu pai diz que nem sequer ele sabe.

— E você? Teve algum problema com seu pai por não se dedicar a cantar?

— Oh, não — sorriu —. Dei-lhes Ben e Chris... isso é melhor que qualquer apresentação. Seus pais

devem estar muito orgulhosos de você.

— Meu pai preferia que eu ficasse na fazenda ordenhando vacas — tirou um cigarro —. Mas minha mãe

diz que lê tudo o que escrevo.

— Não é estranho, já que...

— Mamãe!

Chris irrompeu na cozinha naquele momento, deixando um rastro de barro. Abby correu para ele,

procurando sinal de algum machucado.

— O que houve? O que aconteceu?

— É Eve. Está doente. Está deitada e sua muito.

Abby já tinha retirado o casaco do cabide. Sem incomodar-se em colocar as botas, saiu correndo de

casa. Quando chegou ao estábulo, Ben estava sentado ao lado da égua, fazendo um grande esforço para

não começar a chorar.

— Vai morrer?

Abby agachou a seu lado e colocou a mão no ventre do animal.

— Não, é obvio que não — passou o braço pelos ombros de Ben e o estreitou com força —. Só vai ter

um potro. Já falamos sobre isso, não lembra?

— Mas parece que está terrivelmente doente.

— Quando os bebês vêm ao mundo, dói um pouco. Mas logo estará ótima com o coração na

garganta, Abby rezou para que aquela não fosse uma promessa que não pudesse cumprir —. Tem

contrações — sussurrou, tentando acalmar à égua —. Seu corpo está ajudando a tirar o bebê.

Mas a única coisa que Ben podia compreender era que a égua estava tremendo. O suor do animal

ensopava o casaco de Abby e o feno fresco.

— Por que tem que doer?

— Porque às vezes a vida dói um pouco, Ben. Mas vale a pena — um dos gatos do estábulo miou como

se quisesse mostrar a Eve seu apoio —. Agora, Ben, quero que vá para casa e chame o veterinário.

Primeiro lhe diga quem é, certo?

— Sim — quase soluçou Ben.

— Depois lhe diga que Eve está em trabalho de parto.

— De parto?

— Assim é como se diz quando alguém vai ter um bebê — lhe explicou, e lhe deu um beijo na bochecha

—. Vá. E depois volte. Eu gostaria que visse isto.

Ben saiu a toda velocidade, já suficientemente recuperado para assumir com prazer aquela

responsabilidade. Enquanto a égua suportava aquelas dolorosas pontadas, Abby lhe sustentava a cabeça

no colo.

— Posso fazer algo?

Ergueu o olhar e viu Dylan na entrada do estábulo, com Chris firmemente agarrado a sua mão. O menino

tinha os olhos arregalados e expressão de estar completamente fascinado. Abby sorriu ao vê-lo.

— Ajudei o veterinário em outro parto e afinal, a verdade é que não se pode fazer muito mais que

consolar à mãe. Aqui é Eve quem tem o papel principal — Eve gemeu com a próxima contração e Abby se

inclinou para frente, tentando consolá-la —. Oh, já sei que dói, menina.

O suor da égua se transferia para sua própria pele. Abby desejou poder assumir também a parte da dor.

77

Chris engoliu. Nunca tinha visto nada parecido. Uma das gatas tinha tido gatinhos uma vez. Mas ele os

tinha encontrado já aconchegados contra a mãe, limpos e nus.

— Doeu muito quando eu nasci?

— Você foi uma tartaruga — a égua tinha os olhos semicerrados e respirava pesadamente. Com a mão

sobre o ventre de Eve, Abby podia sentir a força das contrações —. Houve momentos durante o parto em

que cheguei a pensar que não tinha nenhuma intenção de sair. O médico colocou música. E quando

nasceu, estava soando Let it Be.

— Eve gostará de música?

— Tenho certeza.

Desejando ajudar, Chris saiu a toda velocidade e retornou poucos minutos depois com o rádio. Uma

familiar balada invadiu o estábulo.

— O veterinário disse que virá assim que puder, mas que não terá que preocupar-se porque Eve é muito

forte — Ben voltou correndo e se colocou ao lado de seu irmão.

— É obvio que sim.

Mas enquanto os minutos que passavam entre as contrações diminuía, ia aumentando a preocupação

de Abby. Sabia que podia atender um parto simples sem necessidade do veterinário. Quando uma mulher

vivia sozinha e tinha que criar dois filhos, não tinha outra opção que aprender a confiar em si mesmo. Mas

se surgiam complicações... Sacudiu a cabeça e tentou ordenar seus pensamentos. Acontecesse o que

acontecesse, ia tratar de Eve o melhor que pudesse. Aquele cavalo significava mais, muito mais, que uma

forma de ganhar a vida. Eve era um ser vivo, um animal pelo qual se preocupou dia após dia durante todo

um ano. Quando a dor atravessava à égua, parecia doer nela. Então Dylan se agachou a seu lado.

— Está fazendo tudo certo — lhe assegurou —. Olhe, nunca estive no parto de uma égua, mas ajudava

minhas vacas a parir.

Abby apoiou a cabeça no ombro do Dylan brevemente, com um gesto que chamou a atenção de Ben.

— Obrigado.

Mas quando o potro começou a sair, Abby o ajudou a vir ao mundo antes que Dylan pudesse intervir.

Seu próprio suor se mesclava com o da égua enquanto erguia a voz para animá-la. O sangue que

acompanhava o nascimento de uma nova vida ensopou suas mãos. A

esperança da chegada de um novo

ser iluminava seu olhar. Voltou-se para Dylan e descobriu que estava olhando-a. Olhou seus filhos e os viu

observando o nascimento do potro completamente boquiabertos.

— É incrível, não é?

Ben olhou Dylan e fez uma careta.

— É bastante nojento — mas então viu as magras pernas emergir, e depois uma cabeça —. É um

cavalo! Um cavalo de verdade! — tanto ele como Chris se aproximaram para ver de perto.

— Mas é grande — Chris observava ao cavalo intrigado —. Como cabia dentro de Eve?

— É uma égua — murmurou Abby, chorando sem nenhum tipo de vergonha —. Não é linda?

— Está muito suja — comentou Ben.

Então Eve se aproximou imediatamente de sua cria e se dedicou a limpá-la.

— Bom trabalho — Dylan passou a mão pelo cabelo de Abby e a beijou —. Realmente, Um bom

trabalho.

Chris estendeu a mão para a recém-nascida.

— Podemos brincar com ela?

— Ainda não, mas pode tocá-la.

A égua estremeceu enquanto tentava sustentar-se sobre suas patas pela primeira vez, fazendo Ben

retroceder.

— Levantou-se! — surpreso, olhou fixamente a sua mãe —. Levantou-se. A irmã mais nova de Cathy

Jackson demorou meses para levantar — o agradava enormemente

descobrir que sua égua era muito mais

preparada. Podemos lhe dar um nome?

— Não podemos, querido. Se o senhor Jorgensen for comprar, ele vai querer pôr.

78

— Não podemos ficar com ela?

— Chris... — olhou Chris e depois Ben —. Sabem que não podemos, já falamos sobre isto.

— Mas não vendeu Ben e eu.

— Os cavalos crescem muito rápido — interveio Dylan —. E esta égua vai estar preparada para viver por

sua conta em alguns meses.

— Poderemos visitá-la.

Ben ergueu o queixo, como se estivesse desafiando a alguém a rebatê-lo.

— Claro que sim — Abby sorriu; Seu menino estava crescendo muito rapidamente —. O senhor

Jorgensen é um homem muito amável.

— Quando Gladys tiver o potro também poderemos vê-lo? — Ben se aproximou pela primeira vez para

acariciar o potro.

— Se não estiverem no colégio... — ouviu o motor de um carro e olhou as mãos. Até então não tinha

dado conta de que as tinha cheias de sangue. - Deve ser o veterinário. É melhor me lavar.

A emoção não diminuiu até muito depois da hora de deitar-se. Como compreendia, Abby deixou que os

meninos saíssem dar boa noite à égua recém-nascida muito depois da hora em que ambos tinham que ir

para cama. Esgotada, mas satisfeita, descansava sentada em frente à lareira da sala.

— Grande dia — murmurou Dylan, que estava a seu lado.

— Sem dúvida. Me alegro que os meninos tenham podido ver o parto. É algo que nunca esquecerão.

Acredito que nenhum de nós esqueceremos.

Sentia uma estranha tensão em seu interior. Algo que não tinha experimentado há muito tempo. Sabia o

que era ter uma vida crescendo em seu interior, o que era trazê-la para aquele mundo imperfeito. Alguma

vez voltaria a levar uma criança em seu ventre? Suspirou, lembrando-se que já tinha dois filhos

maravilhosos.

— Está cansada?

— um pouco.

— E sua mente está divagando.

Abby encolheu as pernas no sofá e observou a dança das chamas na lareira.

— Acho que está vendo demais.

— É estranho, eu tenho a sensação de não ter visto ainda o suficiente.

Abby bloqueou imediatamente seus desejos e anseios e enfrentou à realidade.

— Amanhã me fará mais perguntas, e esperará que as responda.

— Para isso estou aqui, Abby — mas já não tinha certeza de que aquela fosse toda a verdade.

— Eu sei— tinha que aceitar. Não podia ser de outra forma —. Mas tinha feito a mim mesma algumas

promessas, Dylan, e vou tentar cumpri-las.

Dylan acariciou seu cabelo, desejando que houvesse outra forma de conseguir dela o que precisava.

— Agora não vai haver nenhuma pergunta.

Abby fechou os olhos um instante. Talvez, depois de tudo, ainda restasse espaço para os desejos.

— Esta noite, somente por esta noite, eu gostaria de fingir que não há nenhum livro, que não há

perguntas a fazer.

Dylan sabia que podia ter pressionado. Compreendia que, naquele momento, Abby estava

suficientemente aberta para contar-lhe tudo. Se apertasse os botões certos, obteria todas as respostas que

esperava. Tinha uma obrigação a cumprir. Deslizou o braço pelos ombros de Dylan e olhou o fogo que

ardia perto dela.

— Em minha casa tínhamos uma lareira enorme. Minha mãe costumava dizer que se poderia assar um

boi nela.

Abby se relaxou contra ele, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

79

— Era feliz?

— Sim. Nunca gostei muito de ter que ordenhar as vacas ao amanhecer, mas era feliz. Havia um riacho

na fazenda e também um velho carvalho. Estava acostumado a me sentar a sua sombra a ler, escutando o

som da água. Daquele lugar, podia viajar para onde quisesse.

Abby sorriu, imaginando-o quando menino.

— E decidiu ser escritor.

— *Decidi proclamar a verdade. Suponho que por isso me tornei jornalista. Pensava sempre nisso* — riu

de si mesmo, algo que tinha aprendido a fazer graças a ela —. *Descobri que tem que se sujar muito para*

consegui-la.

— *A verdade* — Abby fechou os olhos e desejou que aquela palavra não tivesse umas arestas tão

afiadas —. *É muito importante para você, não é?*

— *Sem ela, o resto é só aparências, desculpas.*

E ela tinha muitas, pensou Abby.

— *E então por que começou a escrever biografias?*

— *Porque é fascinante desbravar a vida das pessoas, de cada uma, e descobrir em quantas vidas*

influenciou, as marcas que deixou, os erros que cometeram.

— *Às vezes os erros são algo muito íntimo.*

— *Por isso nunca escrevi uma biografia que não fosse autorizada.*

— *E se alguém escrevesse a sua algum dia?*

Pareceu achar a idéia divertida. Abby o ouviu rir enquanto esfregava a face em seu cabelo. Dylan não

podia estar consciente da seriedade com que falava.

— *Talvez eu mesmo a escreva... com todos os defeitos e imperfeições.*

— *Nunca fez nada que realmente tenha se envergonhado?*

Não teve que pensar muito tempo na resposta. Qualquer homem de mais de trinta anos tinha feito algo

do que envergonhar-se.

— *Sim, eu também cometi erros.*

— *E escreveria sobre eles sem se importar com o que os outros pudessem pensar depois de havê-lo*

feito?

— Não se pode negociar a verdade, Abby — recordou o que Abby lhe tinha contado sobre a concepção

de Chris e continuou —. Às vezes, quando é algo suficientemente importante, o único que se pode fazer é

fingir que não ouviu.

Abby pensou nisso enquanto observava o fogo. E continuou pensando nisso muito tempo depois.

Como queria começar logo a trabalhar, Dylan chegou à cozinha quando os meninos estavam terminando

de tomar o café da manhã. O tema da conversa era, como era de se esperar, o nascimento do potro. Os

meninos discutiam, sem muita paixão, sobre se Gladys poderia entrar em trabalho de parto enquanto eles

estavam no colégio. Veteranos já, preparavam-se para fazer-se de parteiras. E para mostrar sua façanha,

cada um deles levava para a aula uma fotografia feita com a Polaroid.

— Hoje terá hambúrgueres no almoço — lembrou Ben, olhando com expectativa a sua mãe.

Abby voltou a colocar o recipiente da manteiga no armário.

— Vá procurar meu porta-moedas.

— Eu também? — perguntou Chris, enquanto escorria uma gota de leite por seu queixo.

— Certo — quando Ben a levou abriu a bolsa. Além da carteira, tirou um par de luvas de borracha e os

deixou sobre a mesa —. Aqui está, mas não o percam.

— Não perderemos — Chris foi procurar seu casaco enquanto metia o dinheiro no bolso —. Mamãe, já

sei de onde vêm os bebês.

— Humm — Abby estava se servindo uma segunda xícara de café.

80

— Mas como chegam até ali?

— Oh.

Abby derramou café sobre a mesa e descobriu Dylan sorrindo abertamente enquanto voltava a olhar

Chris. Este a olhava com expectativa.

Mas se tinha somente seis anos, pensou Abby, o que se supunha que teria que lhe dizer? Ajoelhou-se

em frente a ele e tentou imaginar como explicar a um menino de seis anos como se faziam os bebês nos

dois minutos que tinham antes que tivesse que ir ao colégio.

— O amor os coloca ali — disse e o beijou em ambas as bochechas —. Um tipo de amor muito especial.

— Oh.

Satisfeito, deu a sua mãe um forte abraço e correu para a porta.

— Vamos, Ben — ao ver que seu irmão ainda estava colocando o casaco, sorriu radiante —. Vou ganhar

de você.

E depois de lançar aquele desafio, saiu voando, deixando Ben lutando contra o zíper de seu agasalho

impermeável enquanto começava a correr.

— Adeus, Ben — murmurou Abby.

E, sacudindo lentamente a cabeça, aproximou-se para limpar o mesa.

Dylan a observava limpar com um discreto sorriso de diversão no rosto.

— Gosto do seu estilo.

— Sim? — rindo, Abby esticou a barra de um velho pulôver—. É bastante atual, não acha?

— Referia a sua maneira de responder a uma pergunta muito importante e delicada de um menino de

seis anos. Algumas pessoas teriam lhe dado uma lição de biologia e outras teriam rechaçado bruscamente

a pergunta. Você deu exatamente a resposta que precisava — brincou com os restos do café —. Eu

gostaria de ter a máquina fotográfica quando ele fez a pergunta. Sua expressão era impagável.

— Tenho certeza — se aproximou da porta e começou a colocar as botas.

— Eu gosto da aparência que tem pelas manhãs.

— Você gosta da minha cara de exausta?

— Eu gosto de seu frescor — o sorriso de Abby desapareceu —. Sua suavidade — sob a voz —. Eu

gostaria de estar a seu lado na cama pelas manhãs, vê-la acordar e voltar a dormir e saber que quando

acordar outra vez, poderei fazer amor com você.

Abby sentiu que o pulso acelerava e perguntou se não teria ouvido bem.

— Também gostaria, mas os meninos...

— Não disse que não entendo. Mas a idéia me seduz ligeiramente.

A seduzia muito mais que ligeiramente, pensou enquanto conseguia por fim colocar as botas.

— Em todo caso, aqui não há muito tempo para ficar vadiando na cama pelas manhãs. Sempre digo

que saberei que meus filhos cresceram o dia que se levantem depois das sete — nervosa, começou a

limpar a mesa.

— Me encarrego disso — disse Dylan, e lhe agarrou a mão.

— Não se preocupe.

— Abby —acariciou seu braço com o dedo —. Alguma vez ouviu falar da liberação da mulher?

Abby arqueou uma sobrancelha. A sua maneira, tinha sido uma mulher liberada desde que tinha vindo

ao mundo. Seus pais sempre a tinham educado para que fosse.

— Claro. Por isso faço os meninos limparem os pratos, guardarem sua roupa e, nos dias bons, mostro-

lhes como passar o aspirador. Suas mulheres me agradecerão por isso. E enquanto isso, alguém tem que

se encarregar de remar.

— Normalmente há dois remos em toda embarcação.

Abby inclinou a cabeça e sorriu.

— Ótimo. Você limpa a cozinha e eu me encarrego dos estábulos. Então economizarei algum tempo.

81

— Certo, e continuaremos com a entrevista quando voltar.

— Não posso — começou a guardar o conteúdos de sua bolsa —. Tenho que ir a casa dos Smith esta

manhã. Retornarei ao meio-dia.

Dylan começou a protestar, mas algo o fez deter-se. Ela tinha sua própria vida. Observou-a enquanto

preenchia a bolsa.

— Sempre leva luvas de borracha na bolsa?, — O que? Oh — soltou uma gargalhada —. Só quando vou

a casa dos Smith. Ela é fanática por amoníaco.

— Perdão?

— Amoníaco — fechou o zíper da bolsa e se perguntou se teria sobrado espaguete suficiente —. Essa

mulher adora o chão limpo com amoníaco.

Dylan arqueava as sobrancelhas, tentando compreendê-la.

— E você os limpa?

— Duas vezes ao mês — respondeu, enquanto colocava o casaco e pensava em outras dúzias de

coisas.

— O que é isso, trabalho voluntário?

Abby soltou uma sonora gargalhada enquanto se voltava para ele.

— Nem morta! Pagam-me seis dólares por hora. Olhe, não coloque na lava-louça, acredito que...

— Trabalha de governanta?

— Governanta — sorriu abertamente e amarrou o cabelo com um lenço —. Suponho que idealizo um

pouco o termo, mas sempre a imaginei com uma saia negra e...

Interrompeu-se quando Dylan se levantou para aproximar-se dela. Algo em seus olhos fez sua garganta

fechar. Nunca tinha se dado muito bem lidando com o aborrecimento.

— Por que diabos tem que esfregar o chão de outra pessoa?

Abby ergueu o queixo.

— É um trabalho digno.

— Por que?

— Porque a outra coisa que faço bem é cantar em coro e, além de não ter muita procura, pagam muito

mal.

Ignorando suas evasivas, Dylan foi diretamente ao ponto.

— Por que a viúva de Chuck Rockwel tem que esfregar chãos a seis dólares a hora?

Abby empalideceu. Tinha percebido a dúvida, o desdém em sua voz.

*— Não tenho por que falar de minha situação financeira com você, Dylan
— abriu a porta, mas Dylan a*

fechou com uma batida.

— Fiz uma pergunta.

*— E dei a única resposta que pretendo dar — havia fogo em seus olhos, foi
um fogo fugaz, mas*

*poderoso —. Não vou tolerar uma atitude assim, nem de você nem de
ninguém, Dylan. Não tenho por que*

*suportar que me olhe como se fosse inferior porque me pagam para limpar
a casa de outras pessoas. Se o*

*fizesse por caridade, seria uma heroína, mas acontece que o faço por
dinheiro.*

— A única coisa que quero saber é por que o faz.

— Faço exatamente o que tenho que fazer.

*E sem mais, abriu a porta outra vez e saiu. Dylan poderia tê-la seguido,
mas se limitou a observá-la*

*afastar-se. Então, com a mesma determinação que ela, fechou a porta. Já
era hora de voltar para seus*

assuntos, disse-se. Já era hora de voltar a ocupar-se da verdade.

Capítulo 10

82

*Movendo-se com letargia e invadido por uma fúria crescente, Dylan revisou
as vinte páginas que tinha*

*escrito. Chuck Rockwel tinha chegado a transformar em algo mais que um
nome e uma imagem para ele.*

*Durante aquele tempo, tinha chegado a conhecê-lo como o homem
terrivelmente imperfeito, inseguro,*

inclemente e egoísta que era. Mesmo assim, não podia ignorar suas

habilidades e seu condicionamento, e

*tampouco outras qualidades que muitos teriam denominado heróicas.
Rockwel não só tinha nascido com*

*uma colher de prata na boca, mas com tudo o que precisava a seu dispor.
Mas mesmo assim, não tinha*

*optado por dedicar-se a desfrutar da riqueza de sua família. De fato,
negou-se a ocupar um lugar*

*insignificante naquele conglomerado familiar e tinha decidido deixar no
mundo sua própria marca.*

Certamente, era algo digno de ser reconhecido.

*Chuck Rockwel tinha alcançado o êxito e ganhou o respeito e até a
adulação dos que o rodeavam. Seus*

*sócios o consideravam o melhor, embora pessoalmente não gostassem dele.
A imprensa o tinha glorificado.*

*Seus admiradores o tinham convertido em uma celebridade quando estava
a menos de um ano nas pistas*

*profissionais. E, além de tudo isso, tinha conseguido uma devotada esposa
e dois filhos.*

Depois tinha destruído tudo, sistematicamente, na opinião de Dylan.

*Tinha perdido seu primeiro patrocinador, afastou-se da maioria de seus
sócios e tinha provocado crise*

*irreparáveis no seu casamento. Mas mesmo assim, Abby o havia descrito
em uma ocasião como um*

cavaleiro andante. E tinha sido fiel a ele durante quatro anos.

Por que?

*Até que Abby o dissesse, até que ele conseguisse encurralá-la para obter
uma resposta, tudo o que*

tinha escrito seriam palavras ocas.

*E até que Abby o dissesse, até que confiasse nele, não poderia confessar o
que sentia por ela.*

Como seguiria negando?, Dylan apagou o cigarro com rápida e deliberada violência. Quanto tempo

poderia seguir vivendo na mesma casa com ela, vendo-a, desejando-a, e negando que estava louco por

ela? Completamente louco. Riu de si mesmo e passou as mãos pelo rosto. Era mais fácil declarar-se louco

que admitir que o que tinha perdido era seu coração. O que tinha feito foi apaixonar-se.

Sempre tinha pensado que apaixonar-se significava resvalar, não se dar conta que estava caminhando

entre rochas e não ver a beira do precipício. E tinha razão. sentia-se como se tivesse escorregado, tivesse

caído sobre uma dessas rochas e depois se lançado em pedaços pelo precipício. E com toda probabilidade,

tinha levado na queda seu livro, sua preciosa objetividade e sua vida.

Pedi ao céus que Abby retornasse logo para casa.

A casa. Esse era outro problema, admitiu. Estava naquela casa menos de três semanas e já pensava

nela como se fosse seu lar. Tinha estado com Abby menos de três semanas e, de alguma maneira, já a

considerava sua. E os meninos... Dylan se levantou da escrivaninha e caminhou a passos largos pelo

quarto. Certo, estava louco por eles. Mas não era de pedra, ou sim?

Em todo caso, isso não faria nenhuma diferença. Tinha trabalhado duro para conseguir exatamente a

vida que queria. Era responsável somente por si mesmo, e era também a única pessoa a quem tinha que

satisfazer. A única pessoa que tinha que aprovar o que fazia era Dylan Crosby.

Talvez não estivesse nadando em dinheiro, mas tinha mais que suficiente. Se nesse mesmo dia

quisesse partir durante três semanas para os mares do sul, não teria que dar satisfação a ninguém.

Egoísmo? Dylan encolheu os ombros. E se fosse? Tinha direito a ser egoísta. Tinha ordenado vacas até o

Segundo Grau. Tinha estudado e trabalhado duramente até conseguir uma estabilidade pessoal e

profissional. Os anos dedicados ao jornalismo de investigação tinham sido terríveis, mas tinha conseguido

superá-los. Seu casamento não tinha sido precisamente o paraíso, mas tinha levado da melhor forma

possível durante o ano e meio que tinha durado. Naquele momento estava solteiro, sem amarras. Tinha seu

próprio horário e suas próprias necessidades eram as únicas que importavam. E só porque gostasse

daquele lugar e tivesse carinho pelos meninos, não significava que tivesse que dar uma reviravolta em sua

vida. Tinha superado um casamento, e também Abby. De modo que o mais inteligente era não voltar a cair

na mesma armadilha.

Mas quando Abby pensava voltar para casa?

Assim que ouviu um motor, saiu à janela. Mas não era o velho utilitário de Abby que tinha chegado, a sim

uma enorme limusine cinza metálico.

— Ah, ar fresco. Ar do campo — Frank O'Hurley desceu da limusine como se estivesse em um teatro —.

Limpa a mente e desencarde a alma. Todo mundo deveria respirá-lo, de vez em quando — o fez e enrugou

imediatamente o nariz —. Deus nos guarde, que cheiro é esse?

— Esterco de cavalo, suponho — Maddy saiu do carro e olhou a seu redor com aberta curiosidade —.

83

Mamãe, deixei aí a bolsa?

— Sim, aqui está.

Mol y, magra e atraente, aceitou a mão que o chofer lhe oferecia para ajudá-la a sair. Permaneceu

firmemente apoiada em suas pernas e protegeu os olhos do sol. O sol provocava rugas e embora não fosse

especialmente vaidosa, seu rosto era parte de seu trabalho.

— Ah — com um olhar meio prazeroso e meio desconcertado, olhou para a casa —. Que lugar. Nunca

imaginei a nossa Abby em um lugar como este.

— O que fizemos de errado? — perguntou Frank, dando um tapinha no

ombro a mais nova de suas

filhas.

— Já basta, papai. Abby adora este lugar.

Dylan se aproximou da porta justamente no momento que Chantel saía da limusine. Surpreendeu-o

observar que Abby tinha pernas tão maravilhosas quanto as de sua irmã. Observou a saia flutuando a seu

redor enquanto dava a mão ao chofer e depois esboçar aquele radiante sorriso com o qual poderia fazer

qualquer homem derreter.

— Obrigada, Donald — sua voz era como a fumaça e parecia envolver seus interlocutores em um manto

de sensualidade —. Se deixar as malas na varanda, já não terá mais trabalho por hoje.

— Muito bem, senhorita O'Hurley.

— Faz isso tão bem — sussurrou Maddy a sua irmã enquanto o chofer abria o porta-malas.

— Querida, nasci para isso — estava rindo a gargalhadas e segurando sua irmã pelo braço, quando viu

Dylan —. Ora, ora — poderia ter sido um ronrono, mas os gatos não mostravam seus dentes quando

ronronavam —. O que temos aqui?

— Deve ser o escritor — Maddy lhe dirigiu um significativo e breve olhar —. Seja amável com ele.

— Maddy, lembre-se da minha reputação — Chantel colocou os óculos de sol e continuou olhando

fixamente —. Não tem nada a ver com amabilidade.

Enquanto as duas mulheres se detinham frente a ele, Dylan fez seu próprio exame. Uma das irmãs

vestia calças muito largas e uma jaqueta em sombras verdes e azuis que poderia ter danificado seus olhos.

E, entretanto, o modelo era tão alegre e luminoso como seu cabelo loiro avermelhado. A seu lado, estava a

imagem da frieza e do glamour, do longo e brilhante cabelo até os sapatos de pele de crocodilo. E, junto

delas, permaneciam uma mulher pequena e atraente, de uns cinqüenta anos e um homem não muito alto

que mostrava com gestos teatrais o estábulo.

Maddy foi primeira a dar um passo adiante.

— Olá, somos a família de Abby.

Subiu os degraus com o passo rápido e ágil de uma mulher otimista. Sua irmã a seguiu com os

movimentos lentos e sensuais de uma sereia.

— Dylan Crosby.

Chantel lhe estendeu a mão.

— Acredito que nos conhecemos.

— Senhorita O'Hurley.

Se alguma vez tinha visto uma mulher desejando lhe cravar uma faca, e que sabia exatamente como e

onde tinha que fazê-lo, era aquela. Dylan se voltou para Maddy.

— Então você é o escritor — dirigiu a sua irmã um olhar divertido —. Abby nos disse que estaria aqui.

Estes são nossos pais.

— Frank e Mol y O'Hurley — Frank pegou sua mão e a estreitou com rápida e amistosa exuberância.

— Mol y e Frank — disse sua esposa com um sorriso.

Dylan compreendeu então de quem Abby tinha herdado sua aparência.

— Sempre preocupada com a ordem da partilha — Frank lhe beliscou carinhosamente a face —. Onde

está minha menina?

— Abby teve que ir fazer algumas tarefas.

84

Dylan era um homem que acreditava nas primeiras impressões e imediatamente sentiu simpatia por

aquele homem ativo, sorridente e com um lindo timbre de voz.

— Tarefas — Frank passou o braço pelos ombros de sua esposa —. Nossa Abby, sempre igual.

— E completamente diferente de todos nós. Olá — Mol y não lhe ofereceu a mão, mas sorriu —. Você

deve ser o escritor. Mol y nos contou que decidiu autorizar o livro.

— Exato.

Não precisava que Mol y dissesse mais nada para demonstrar sua desaprovação. Mas Dylan sentia que

mais que a ele, era o projeto que não aprovava. E nem todo mundo era capaz de fazer aquela distinção tão

facilmente.

— Não sei quando voltará exatamente, mas...

— Não importa.

Frank lhe deu uma amistosa palmada no braço e entrou na casa. Foi um movimento tão natural que

Dylan demorou uns segundos em dar-se conta que tinha deixado todas as malas na porta de entrada.

Maddy pegou duas malas e piscou o olho para Dylan.

— Muito inteligente, não é? Vamos, Chantel, como nos velhos tempos.

Chantel dirigiu um longo olhar à pilha de malas, deteve-se em frente a elas

e pegou a menor do lote.

— Parece-se com seu pai — comentou Mol y enquanto se inclinava para pegar a alça da mala.

— Eu me encarregarei dessa — começou a dizer Dylan, mas Mol y soltou uma gargalhada e ergueu a

mala ela mesma —. estive arrastando malas desde que aprendi a caminhar. Não se preocupe por mim,

pode se ocupar do resto, porque posso lhe assegurar que eles não voltarão. Prepara um café, Frank —

gritou e começou a subir as escadas sem olhar para trás.

Dylan encolheu os ombros, pegou o resto das bolsas que ficaram e a seguiu. Parece que aquela ia ser

uma tarde interessante.

Abby decidiu que estava fazendo muito pouco para dominar seu temperamento. Talvez fosse justificável

e, talvez, a sua maneira, fosse até satisfatório. Mas não tinha conseguido nada. Dylan não confiava nela. Se

fosse sincera, tinha que admitir que tampouco tinha alguma razão para fazê-lo. Embora estivesse

consciente de que não tinha mentido, tampouco tinha sido suficientemente sincera com ele. Dylan Crosby

era um homem que precisava da verdade em estado puro.

Tinha-lhe feito mal. Suas dúvidas e desprezos a tinham ferido. Ela queria acreditar que tinham chegado

a um ponto de compreensão. Acreditava que tinham chegado a um ponto em sua relação em que ele podia

aceitá-la tal como era.

Mas tinha esperado muito. E o problema era que Abby esperava muito mais. Queria sua confiança,

embora ela não tivesse sido capaz de lhe entregar a sua. Queria seu apoio,

embora temia lhe oferecer o

seu. Queria seu amor acima de tudo, mas ainda não era capaz de admitir seus próprios sentimentos para

ele.

O mau humor tinha lhe dado uma petulante sensação de satisfação, mas tinha sido temporário. Que,

além disso, tinha deixado-a inquieta e infeliz. Talvez tivesse chegado o momento de pôr seus sentimentos

em ordem e oferecer a Dylan o que lhe parecia mais importante: completa honestidade. Se ela se abrisse

com ele e mesmo assim ele se afastasse dela, não poderia arrepender-se.

Quando Abby parou em frente à casa, estava decidida a contar tudo a Dylan, os erros, os

arrependimentos, os compromissos... Sem fé, o amor era somente mais uma palavra. Ela colocaria sua vida

em suas mãos e confiaria plenamente nele.

Assim que abriu a porta principal, a tensão começou a assaltá-la. Tinha que falar com ele e fazê-lo o

quanto antes, sem dar tempo de se arrepender. De repente, o viu saindo da cozinha. Abby ficou onde

estava e esperou que sua resolução se fortalecesse.

— Dylan — trocou a bolsa de mão —, temos que conversar.

— Sim — ele tinha tomado a mesma decisão aquela mesma manhã —. Mas é possível que tenhamos

que esperar um pouco.

— Não, não posso. Eu...

Abby observou um movimento pela extremidade do olho e voltou-se para as escadas. Ali estava Maddy,

descalça, com as mãos nos bolsos de uma larga bombacha. Sorria como se conhecesse todos os segredos

do universo e estivesse disposta a lhe contar — Maddy!

Antes de ter terminado de pronunciar seu nome, Abby correu para as escadas e se jogou nos braços de

sua irmã.

Primeiro chegaram as risadas, depois as duas começaram a falar ao mesmo tempo. De algum jeito, no

meio daquela torrente de palavras, ambas conseguiram trocar uma dúzia de perguntas e respostas.

— Vocês duas, sempre pisando juntas na linha — do final da escada, Chantel olhava para baixo.

Dylan observou que parecia tão fria e elegante como quando tinha descido da limusine mas, de repente,

soltou um grito e desceu a uma velocidade quase perigosa para abraçar-se a suas irmãs.

— Vieram as duas! — Abby rodeava a cada uma de suas irmãs com um braço, mantendo as perto dela.

Uma delas usava um perfume fresco, natural, e a outra uma fragrância forte e sedutora —. Como

conseguiu?

— Deixei a peça — falou Maddy com uma gargalhada. Não tinha me dado conta, até fazer, de quanto

precisava viajar —. Minha substituta está construindo um santuário.

— E eu terminei de rodar a cena final de meu último filme a semana passada — Chantel lhe deu um

enorme abraço —. deixei o protagonista completamente desolado.

Retrocedeu um passo, tomou o rosto de Abby entre as mãos, fez-lhe voltar a cabeça para ambos os

lados e a olhou com os olhos entrecerrados.

— Incrível — murmurou —, nenhum pingo de maquiagem. Sempre a odiei por isso.

Abby as abraçou outra vez.

— Oh, Meu deus, estou tão contente em vê-las.

Havia uma sombra, somente uma sombra, de desespero em sua voz. Era suficiente. Por cima da cabeça

de Abby, Chantel dirigiu a Dylan um longo e duro olhar. Seus olhos eram azuis, de um azul escuro, intenso.

E sabia como utilizá-los.

Sensível às mudanças de humor, Maddy sentiu imediatamente a tensão. E a melhor forma de tratar com

ela, em sua opinião, era ignorá-la.

— Odeio utilizar frases feitas, mas ainda não viu nada, menina. Venham para a cozinha. Quer um café,

Dylan?

Seu olhar era tão amistoso que Dylan se perguntou se teria imaginado a mensagem que parecia

encerrar. Seus olhos não eram azuis como os do Chantel, nem tampouco tinham o verde intenso dos de

Abby. Eram de uma cálida sombra castanha, similar à cor do brandy. Mas o desafio estava ali. Tinha

reconhecido, Dylan entrou com elas na cozinha.

— Mamãe, papai.

Abby ficou olhando para seus pais completamente estupefata. Estes estavam comodamente sentados

na mesa da cozinha.

— Já era hora de chegar em casa.

Frank girou em sua cadeira e lhe sorriu abertamente. Abriu os braços em um gesto que Abby sempre

tinha achado irresistível.

— Dê-me um beijo.

— O que estão fazendo aqui?

Agarrava com um braço a sua mãe e com outro a seu pai, deliciando-se com aquelas familiares

fragrâncias... hortelã e Chanel. Seu pai não podia passar um só dia sem pastilhas de hortelã e sua mãe

ficaria descalça antes de negar-se aquele perfume.

— Não há um teatro num raio de mais de trinta quilômetros nestas redondezas.

— Férias — seu pai lhe deu outro sonoro beijo —. escolhemos entre isto ou Paris.

Mol y soltou uma nada sutil gargalhada e tomou sua xícara de café.

— Onde estão os meninos?

— No colégio. Chegam em casa pouco depois das três.

86

— O dia todo entre livros — Frank sacudiu a cabeça —. É uma tragédia.

— Procure não dizer-lhes isso - advertiu Abby — estariam completamente de acordo com você.

— E isto o que é? — perguntou Frank, apanhando uma lágrima nos cílios de sua filha.

— Abby tem todo o direito do mundo de se emocionar — interveio Maddy enquanto se aproximava do

fogão para servir um café —. Deve estar se perguntando como vai dar de comer a quatro bocas extras

durante três dias. Abby, o fogão tem algum truque especial? Não consigo acendê-lo.

— Empurre o botão antes de girá-lo. De verdade vão ficar? — olhou para sua mãe, porque sabia que era

ela quem decidia.

— Estamos entre duas apresentações — disse Mol y secamente enquanto lhe dava um tapinha no braço

—. Se for capaz de nos agüentar, ficaremos até o fim de semana.

— Claro que posso agüentar — abraçou Mol y outra vez. Custava-lhe acreditar que toda sua família

tivesse ido lhe ver ao mesmo tempo —. Eu gostaria que Trace estivesse aqui.

Frank assobiou suavemente.

— Esse menino... Não têm nenhum sentido de responsabilidade, nenhuma ambição. Não sei como pude

criar um filho tão irresponsável.

— É um mistério — a secura da voz de Chantel lhe passou completamente despercebida.

— Tinha muito talento — Frank deu um murro no mesa —. Ensinei tudo o que sabia. Mas há dez anos

não sobe num palco.

— Comentei que Chris vai participar da peça natalina do colégio? — Abby sabia como distrair e

tranqüilizar seu pai —. Fará a ovelha.

Frank estava definitivamente orgulhoso de seu neto.

— Por algum lugar terá que começar.

— Boa jogada, Abby — sussurrou Maddy.

— Anos de prática.

Viu que Dylan se mantinha discretamente de lado, observando e assimilando tudo, algo que fazia

perfeitamente bem. Desejou poder lhe perguntar se o sorriso que se desenhavam em seus lábios era de

diversão ou desdém.

— Quer um café? — perguntou.

Ele limitou-se a assentir.

— Dylan, filho — Frank se animou ao lembrar a sua audiência —. Sente-se aqui. Deixe eu contar a vez

em que atuamos em Radio City.

Chantel não se incomodou em disfarçar um gemido e Frank a fulminou com o olhar.

— Tenha um pouco de respeito.

— Frank, Dylan não se interessa pelo mundo do espetáculo.

Frank olhou a sua esposa como se acabassem de nascer chifres dela.

— Não acredito que haja uma só pessoa no mundo que não esteja interessada no mundo do espetáculo

— acrescentou duas colheradas de açúcar a seu café, vacilou um instante e pôs outra mais —. Além disso,

este homem é um escritor. E isso quer dizer que gosta de histórias.

— As histórias, sim — Chantel deu a seu pai um sonoro beijo na bochecha —. Um conto chinês.

Frank ergueu o queixo.

— Sente-se, Dylan. Ignore minha família. Consegui lhes ensinar a dançar, mas nunca pude ensinar boas

maneiras.

Frank lhe contou sua história, interrompida de vez em quando por suas três filhas e as ocasionais

risadas de sua esposa. Dylan nunca poderia ter certeza se aquilo era verdade ou ficção, mas estava seguro

de que Frank O'Hurley acreditava em cada uma de suas palavras.

Abby tinha relaxado. Dylan podia sentir que tensão com que tinha saído

de casa naquela manhã a tinha

abandonado. E parecia estar fundindo-se com aquela estranha mescla de personalidades que era sua

família. Embora não se parecesse com nenhum deles, encaixava como uma peça mais naquele complicado

87

quebra-cabeças.

Dylan divertia-se com eles. Eram gritões, metiam-se uns com outros e riam sem se importar com os

outros. Cada um deles foi foco de atenção em algum momento. Suas histórias eram exageradas, teatrais.

Mas muitas delas, embora ridículas, tinham um halo de verdade. Instintivamente, Dylan se encontrou

tomando nota mental do que diziam. Os O'Hurley, um a um ou como um todo, dariam um tema para

escrever um livro.

Não de seu estilo, recordou-se Dylan. Absolutamente não de seu estilo. Mas continuaria observando.

Quando os meninos chegaram em casa, tudo se transformou em um caos. Qualquer observador poderia

ter pensado que os O'Hurley competiam para ganhar a atenção da nova platéia. Mas Dylan viu algo mais

profundo: o amor inato de cada um deles pelos outros. Ben e Chris eram parte de Abby, mas também os

amavam por eles mesmos. Houve abraços, exclamações, perguntas e presentes. Algumas crianças

poderiam ter-se sentido assustadas por aquela repentina atenção. Dylan observou Ben e Chris, que

aceitavam aquela recepção com entusiasmo, como se formasse parte da rotina familiar.

Pelo que tinha observado até então, Dylan estava certo de que os meninos não viam seus avós muito

freqüentemente, mas não expressaram o acanhamento que teria esperado. De repente, Chris se sentou no

colo de Dylan, corno se fosse o lugar mais natural do mundo e começou a bombardeá-lo com anedotas do

colégio. Sem pensar duas vezes, Dylan passou o braço pela cintura para segurá-lo. Ficaram sentados na

cozinha durante cerca de uma hora, enquanto o fogo crepitava na lareira e o aroma do café se misturava

com o eco das vozes que ricocheteavam nas paredes.

Assim que Abby começou a preparar o jantar, Frank se levantou. Pegou seus netos pela mão e lhes

pediu que o levassem ao andar de cima, para ver seus brinquedos.

Maddy os observou partir e sacudiu a cabeça.

— Rápido como sempre.

— O melhor de seu pai é que não acredita que cozinhar seja coisa de mulheres, da mesma forma que

tampouco pensa que trocar um pneu seja uma tarefa própria de homens — Mol y se recostou em sua

cadeira com um sorriso —. Considera que ambas são tarefas que tem que evitar a todo custo. O que

podemos fazer para ajudá-la, querida?

— Nada. Temo que o jantar desta noite será bastante simples. Guisado de carne.

Chantel sentou em uma cadeira, deixando que a saia flutuasse ao redor de suas pernas.

— Suponho que queira que corte batatas ou algo assim.

Abby baixou o olhar para as mãos perfeitamente manicuradas de sua irmã. Usava um diamante

resplandecente em um dedo e um relógio de ouro e âmbar no braço. Abby sorriu, tirou um saco de batatas

da despensa e o deixou sobre a mesa.

— Acho que uma dúzia bastará.

Com um suspiro, Chantel pegou uma faca.

— Acho que deveria aprender a manter a boca fechada. Sempre levou as coisas ao pé da letra.

Embora o divertisse ver uma das rainhas de Hollywood cortando batatas, Dylan se levantou.

— Darei de comer aos cavalos.

— Mas os meninos... — começou a dizer Abby.

— Circunstâncias especiais — Dylan pegou sua jaqueta do cabide.

— Darei uma ajuda — Maddy se levantou e correu para a porta —. Prefiro me entender com os cavalos

que cortar batatas — assim que a primeira rajada de ar gelado lhe golpeou o rosto, jogou a cabeça para trás

—. Espero que saiba como ir ao estábulo, porque eu não.

— Acho que conheço o caminho.

Sigmund chegou correndo de um dos cantos da casa e se equilibrou sobre Maddy com a língua pra fora.

Maddy se esquivou com a mesma desenvoltura com que uma mulher podia abrir caminho em meio de um

engarrafamento ou de uma calçada lotada. inclinou-se para o cão e o acariciou vigorosamente com ambas

as mãos até conseguir que se acalmasse.

— Não sei o que pensar de você, Dylan — ainda inclinada sobre o cão, voltou a cabeça para ele —.

Tinha quase decidido que não gostava de você, até que o vi com os meninos. Em geral, acho que as

crianças são as que melhor julgam às pessoas, e parece que gostam de você —como Dylan não dizia nada,

endireitou-se e o olhou diretamente nos olhos —. O principal motivo de ter vindo ver Abby foi você.

Dylan decidiu que os cavalos podiam esperar e acendeu um cigarro.

— Acho que não entendo.

— Quando falei com Abby a semana passada, me parece- nervosa. E é muito difícil deixar Abby nervosa

— Maddy meteu as mãos nos bolsos, mas não afastou de Dylan o olhar franco e amistoso —. Minha irmã

teve que passar por todo tipo de situação. Eu nem sempre pude estar a seu lado e tampouco Chantel. Não

pudemos apoiá-la quando mais precisou. Essa é a razão pela qual estou aqui agora.

Dylan soltou uma longa baforada de fumaça.

— Para mim Abby pode cuidar perfeitamente de si mesma.

— Certamente — passou a mão pelo cabelo, que o vento voltou a lançar para frente —. Olhe este lugar.

Adora-o, e não sei se terá contado isso ou não, mas ela fez tudo isto sozinha. Tudo. Não sei o que disse ou

o que contará sobre Chuck Rockwel , mas tudo o que está aqui é de Abby.

— Parece que você não gostava de Rockwel .

— Temo que para uma atriz sou muito transparente. Não, eu não gostava, e há poucas pessoas que

possam dizer isso. Mas meus sentimentos são meus e os de Abby são os de Abby. Mesmo assim, não

estou disposta a permitir que a façam sofrer novamente — sorriu ligeiramente, mas seu sorriso não tinha

nada a ver com a firmeza de seu tom —. A questão é que vim esperando ter que me interpor entre Abby e

você com os punhos levantados. Mas não acho que vá ser necessário.

— Não me conhece.

— Mas acredito que Abby— respondeu com simplicidade —. Se ela te quer, é porque há alguma razão

para isso. Suponho que isso seja suficiente — o segurou pelo braço, como se o conhecesse há anos —.

Vamos dar de comer aos cavalos.

O jantar foi um burburinho de conversas. A comida podia ser simples, mas foi consumida com

entusiasmo. Não ficou nenhuma migalha. Quando chegou o momento de limpar a mesa, Frank escapou

com seu banjo. Como era um divertimento para os meninos, Abby não disse nada e continuou recolhendo

ela mesma. Já era recompensa o suficiente escutar a voz de seu pai acima do barulho dos pratos e

talheres.

— Deixe-me fazer isso .

— Mamãe, está de férias.

— Sabe quando foi a última vez que tirei a mesa? — Mol y empilhou os pratos rapidamente, com um

estilo que mostrava os anos que tinha passado trabalhando de garçone —. Meu Deus, já nem me lembro.

Acho que me parecia relaxante.

Maddy enrugou o nariz e levou alguns copos.

— Pois eu gostaria que viesse até meu apartamento para relaxar. Venha, Chantel, pegue essa travessa.

— Eu cortei as batatas — olhou criticamente suas mãos —. A menos que

tenha luvas, não penso em

colocar as mãos na água.

— Vaidosa — grunhiu Maddy enquanto recolhia alguns pratos —. Sempre vaidosa.

— Só é vaidade se não tiver direito a tê-la — Chantel sorriu e se levantou da cadeira —. Acho que vou

dar uma ajuda a papai.

Dylan começou a colocar os pratos na lava-louça.

— Acho que você já fez o bastante por hoje — disse a Abby —. por que não senta com seu pai?

Abby bastava olhá-lo para lembrar as duras palavras que lhe disse aquela manhã. Tentando evitar uma

cena diante de sua família, retrocedeu.

— Parece que têm tudo sob controle — comentou, e foi para a sala.

Ouviu uma canção a três vozes que vinha da sala.

— Frank está no céu — comentou Mol y —. poder voltar a cantar com suas três filhas. Venha, Maddy,

89

estamos quase terminando aqui.

Maddy não precisava que insistissem para sair da cozinha e atuar. Em questão de segundos, sua voz se

uniu às de suas irmãs. Frank ditava o ritmo com o banjo e preparava já o próximo número. Mol y ficou a

cantarolar enquanto limpava a mesa.

— Suponho que sou uma sentimental —disse —. Mas me reconforta ouvi-los.

—Tem uma família maravilhosa, senhora O'Hurley.

— Oh, por favor, não me chame assim. Cada vez que diz me lembra que

sou muito velha para andar

vagando por todo o país fantasiada e maquiada. Mol y, simplesmente Mol y.

Dylan fechou a porta da lava-louça e a olhou, a olhou de verdade. Era uma mulher adorável, com

aquelas traços suaves e a boca cheia e juvenil. As rugas não lhe deixavam menos atraente.

— Nunca diria simplesmente.

Abby se pôs a rir; foi uma firme e sonora gargalhada que contrastava com sua altura e compleição.

— Oh, é um rapaz inteligente... E muito bom com as palavras. Li seu último livro, esse que narrava a

vida de uma atriz — deixou o pano na torneira.

— E? —sabia que havia algum mas, e que certamente não seria muito lisonjeiro.

— É um homem firme, desses que vêem as coisas que talvez fosse melhor ignorar. Mas é justo.

Quando se voltou e a olhou outra vez, Dylan se deu conta que seus olhos eram como os de Abby,

profundos e vulneráveis.

— Seja justo com minha filha, Dylan. É isso o único que quero. É uma mulher forte. Às vezes me assusta

que o seja tanto. Quando alguém a faz sofrer, nunca pede ajuda, mas sim cuida sozinha das próprias

feridas. Mas eu não gostaria que tivesse que fazê-lo outra vez.

— Eu não vim aqui para lhe fazer sofrer.

— Mas no final pode fazê-lo mesmo que seja involuntário.

Suspirou levemente. Seus filhos tinham crescido. Fazia anos que tinham começado a caminhar pelo

mundo sem sua ajuda.

— Sabe cantar? — perguntou-lhe num impulso.

Dylan a olhou totalmente desconcertado e soltou uma gargalhada.

— Não.

— Então já é hora de aprender — segurou-o pelo braço e o levou a sala, com os outros.

Eram mais de meia-noite quando a casa ficou em silêncio. Abby pensou que certamente Chantel e

Maddy ainda estariam falando e rindo no quarto que compartilhavam. Seus pais estariam dormindo, tão

acomodados naquela cama estranha como tinham estado em outra centena de camas desconhecidas ao

longo de suas vidas. Mas ela estava nervosa, muito inquieta para dormir ou para reunir-se a suas irmãs. De

modo que vestiu o casaco e saiu para o estábulo. O potro que Maddy tinha gostado tanto estava dormindo,

aconchegado satisfeito no feno sob o olhar vigilante de sua mãe. Gladys estava acordada, talvez muito

próximo do parto para poder descansar. Abby a acariciou, esperando poder acalmar-se uma vez que

tranqüilizava à égua.

— Tem que dormir.

Abby tensionou os dedos sobre a égua e os relaxou lentamente antes de voltar-se para o Dylan.

— Não o ouvi chegar. Pensei que todo mundo tinha deitado.

— Deveria deitar, parece cansada — se aproximou dela com certo receio, como se temesse tocá-la. —

Estava na janela, a vi sair.

— Só vim ver como estava Gladys.

Abby encostou a bochecha contra a égua. A discussão daquela manhã parecia ter se dissipado. E

parecia também que anos tinham se passado desde que tinha deitado junto a Dylan na cama, sentindo

crescer sua excitação.

— Durante alguns dias, enquanto minha família estiver aqui, vai ser um pouco difícil trabalhar.

90

— Tenho informações suficientes para trabalhar sozinho durante um tempo, Abby...

Desejava-a. Queria aproximar-se dela e fingir que as coisas eram tão simples como sentar-se na sala e

cantar. Queria lhe oferecer o tipo de apoio incondicional que sua família lhe oferecia, mas parecia haver um

muro entre eles.

— Eu gostaria de falar com você sobre o que houve esta manhã.

Abby já esperava. Durante alguns segundos, continuou acariciando Gladys.

— Certo. Quer que entremos?

— Não — a segurou quando Abby se voltou. Segurou-a antes de ter chance de lembrar que deveria

manter distância —. Quero ficar a sós com você. Maldita seja, Abby, quero respostas. Está me deixando

louco.

— Eu gostaria de poder te dar todas as respostas que procura — tomou ar e colocou as mãos em seus

braços, em busca de consolo e ao mesmo tempo querendo dar ênfase a suas palavras —. Dylan, quando

voltava hoje para casa, tinha decidido dizer tudo isso, ser completamente sincera contigo. É possível que

não tenha todas as respostas que procura, mas vou dizer a verdade.

Isso era tudo o que Dylan queria dela, ou ao menos isso se dizia a si mesmo. Observou-a sob a tênue

luz do estábulo.

— Por que?

Abby poderia tê-lo evitado, ou talvez devesse tê-lo feito. Mas a sinceridade deveria começar em algum

momento.

— Porque estou apaixonada por você.

Dylan não retrocedeu, mas foi baixando a mão lentamente até deixar de tocá-la. Abby sentiu uma ligeira

pontada de dor.

— Já disse que talvez não fosse a resposta que esperava.

— Espere um momento, espere um momento — repetiu enquanto se voltava. Apesar de suas próprias

sensações, tinha visto a chama de dor em seu olhar —. Não pode esperar que não fique um pouco

desconcertado depois de me dizer algo assim — quando Abby voltou-se para ele, tampouco tentou tocá-la.

Estava aterrorizado —. Não sei o que dizer.

— Não tem por que me dizer nada — suas palavras soavam tranqüilas, graves. Havia inclusive um toque

de diversão em seu olhar —. Sou responsável por meus próprios sentimentos, Dylan. Isso é algo que

aprendi há muito tempo. Respondi sinceramente. Decidi que evitar esta e o resto de suas perguntas só

serviria para me colocar num buraco do qual nunca poderia sair. A respeito desta manhã...

— Ao inferno com o que aconteceu esta manhã — tomou seu rosto entre

as mãos e a olhou fixamente,

como se a estivesse vendo pela primeira vez —. Não sei o que fazer com você. Maldita seja, Abby, não sei

o que fazer com você.

Teria sido tão fácil jogar-se em seus braços. Pedir que a abraçasse. Sabia que ele não se negaria. Mas

Abby sacudiu a cabeça e manteve os braços inertes e ao lado do corpo.

— Esse é um problema com o qual não posso te ajudar.

Estavam mais próximos, mas Dylan nem sequer se deu conta de que tinha sido ele que tinha diminuído

a distância entre eles.

— Não estou cobrando um relacionamento, Dylan. Não estou pedindo absolutamente nada.

— Esse é o problema, maldita seja. Se me pedisse isso, poderia dizer que esquecesse — ou ao menos

isso esperava —. Se me perguntasse isso, poderia te dar uma dúzia de razões pelas quais nunca

funcionaria.

Abby o olhou, com os olhos serenos, calma. Dylan soltou uma imprecisão e amaldiçoou a si mesmo

antes de estreitá-la em seus braços.

— Desejo-a. E parece que não posso fazer nada para evitá-lo.

— Não tem por que fazer nada.

— Quieta — sussurrou. E selou seus lábios com um beijo.

Foi como se aquele dia não tivesse existido. O calor, a paixão, o ardor, eram tão intensos como sempre.

Abby se estreitava suavemente contra ele, como se soubesse que precisava ser suave. Seus lábios

acariciavam ávidos e famintos os de Dylan, encontrando-os igualmente solicitantes. Sob a luz do estábulo,

Dylan podia ver seus olhos fecharem e se abrirem para observá-lo enquanto suas bocas se fundiam. O

cheiro dos animais, do couro e do feno era forte, mas quando Abby lhe rodeou o pescoço com os braços,

Dylan só estava sensível ao cheiro fresco que exalava de sua pele.

— Não quero falar — pousou os lábios em sua bochecha antes de retroceder —, não quero pensar.

— Não — Abby entrelaçou os dedos nos seus —. Esta noite não. Mas lhe darei todas as respostas,

Dylan. Prometo-lhe isso.

Dylan assentiu, como se já o tivesse feito.

Capítulo 11

Quando Gladys entrou em trabalho de parto, houve um pequeno alvoroço que afetou toda a família.

Abby estava imersa em sua rotina matutina, com seu pai grudado em seus calcanhares o tempo todo. O

terreno já seco e firme começava a mostrar os inícios de uma nova vida. Os sapatos de Frank golpeavam o

chão no ritmo alegre de seus passos. Abby nunca se cansava de ouvi-lo contar histórias sobre a vida na

estrada. Embora tivesse passado meia vida no mesmo mundo que seu pai vivia, Abby era capaz de

esquecer da realidade e acreditar que tudo era glamour, emoção e noites de estréia.

— Vou dizer uma coisa, Abby, é uma vida esplendida. Cidade após cidade, povoado após povoado. É

uma bonita maneira de ver o mundo.

Frank nunca mencionava as entradas por becos escuros, as salas cheias de fumaça ou o desinteresse

do público. Aquelas coisas não existiam no mundo de Frank O'Hurley. E Abby agradecia.

— Las Vegas... que lugar! As luzes de néon, o tilintar das máquinas caça-níqueis. As pessoas dançando

com trajes de festa às oito da manhã... Ah, daria qualquer coisa para voltar a atuar em Las Vegas.

— Tenho certeza de que o fará.

Talvez não no Strip, e talvez tampouco com seu nome exposto nas marquises, mas certamente voltaria a

atuar em Las Vegas. Assim como tinha atuado em dúzias de cidades até então. Um homem como Frank

O'Hurley não podia parar de atuar, da mesma forma que não podia deixar de respirar ou viver. Levava-o no

sangue, como tantas vezes disse a ela. E era pelo chamado desse mesmo sangue que estava em pé antes

das oito da manhã, passeando por um curral junto com a filha quando normalmente nunca se levantava

antes de meio-dia. E saber disso era suficiente para que Abby o amasse ainda mais.

— Este lugar — Frank se deteve e fez um grande esforço para não ofegar — Imagino que esteja

adaptada a ele. Deve ter saído a sua avó. Ela nunca quis abandonar sua fazenda na Irlanda — sentiu uma

pontada de tristeza ante aquelas lembranças que, na realidade tinham mais a ver com os sonhos que com a

memória —. Esta feliz, Abby?

Abby pensou na pergunta porque tinha a sensação de que a resposta era importante. Aquele lugar lhe

proporcionava conforto e satisfação pessoal. Os meninos... Sorriu ao

lembrar suas queixas por ter que ir ao

colégio quando havia tantas emoções em casa. Os meninos lhe proporcionavam uma sensação de origem,

orgulho e um tipo de amor que nunca poderia descrever. E Dylan. Tinha levado paixão, fogo e serenidade

para sua vida. Era como se enfim estivesse completa. Mesmo tendo consciência de que seria algo

temporário, parecia-lhe suficiente.

— Sou mais feliz do que fui em muito, muito tempo — também aquilo era verdadeiro —. Eu gosto do que

tenho aqui. É muito importante para mim.

Frank não era capaz de compreender que alguém pudesse ser feliz estando sempre no mesmo lugar.

Mas ele sempre tinha desejado que seus filhos tivessem o que mais queriam. Não importava o que fosse,

se pudesse fazê-los felizes.

— Esse escritor... — interrompeu-se um instante. Aquele era um terreno que não estava acostumado a

pisar —. Bom, Abby, precisaria estar cego pra não ver como se olham.

— Estou apaixonada por ele.

Era estranho o fácil que era falar, sem pontadas de arrependimento, sem nenhum medo.

— Entendi — deixou escapar um assobio entre seus dentes —. Devo falar com ele?

Por um momento, Abby empalideceu. Depois soltou uma gargalhada.

92

— Oh, não, papai. Não tem que falar com ele — interrompeu e beijou seu pai em sua a resposta recém

barbeada —. Te amo.

— E tem por que — pegou em seu queixo — Agora já posso admitir que sua mãe e eu estamos

preocupados com você, vivendo sozinha nesta casa tão grande e encarregada de tudo — sorriu radiante e

lhe agitou suavemente o cabelo —. A questão é que sua mãe diz que não há nenhum motivo para que nos

inquietermos, mas eu me preocupo de qualquer forma.

— Não tem por que. Os meninos e eu desfrutamos de uma vida muito agradável. Da vida que queremos.

— É fácil dizer, mas para um pai, suas filhas são um assunto muito sério. Chantel, bom, ela já deu

cabeçadas suficientes quando era adolescente, assim suponho que essa etapa já está superada. E Maddy

pode usar sua lábia para sair de qualquer apuro.

— Igual ao pai.

Frank sorriu.

— Sim, igual ao pai. Mas você sempre foi diferente. Não nos deu nem um minuto de preocupação em

toda sua infância, e depois... — interrompeu-se.

Naquele momento não seria justo nem verdadeiro falar sobre as horas que tinha passado sofrendo pelo

que estava ocorrendo em sua vida, os corações partidos, seus esforços. Embora fosse um homem

bondoso, nunca tinha sofrido por seu genro. Somente tinha rezado pela paz mental de sua filha.

— Mas agora sei que vai poder contar com um homem, com um bom homem, e acredito que por fim

posso descansar.

A brisa da manhã soprava o cabelo de Abby. Era cálida, quase agradável. Muito diferente do vento de

umas semanas atrás.

— Não vou ficar com Dylan, papai.

— Mas acaba de dizer...

— Sei o que disse — chutou uma pequena pedra do caminho e desejou que todos os obstáculos fossem

tão fáceis de eliminar como aquele — Ele não ficará aqui, papai. Esta vida não é para ele. E eu não posso ir

embora daqui, porque esta vida é a que eu quero.

— Jamais em minha vida ouvi uma tolice semelhante.

Abby abriu a porta do estábulo e embora na verdade Frank não tivesse intenção de entrar, sentiu o

impulso de segui-la. Tinha levado sua família por todo o país, não deveria ser capaz de seguir Abby aonde

ela queria ir?

— As pessoas apaixonadas precisam fazer certas concessões, não sacrifícios — Abby sabia que seu pai

nunca tinha acreditado nos sacrifícios —. Compromissos e coisas desse tipo, Abby. As coisas não têm

porquê ser como antes com o outro... — não falava nunca o nome de Chuck. Simplesmente, sua garganta o

impedia —. Isso é o que leva duas pessoas a comprometer-se. Se somente uma faz todas as concessões, é

como uma borracha. Se gasta ou se rompe.

Abby o olhou com atenção. Não era um homem bonito, mas sim atraente, com aquela compleição ágil e

esbelta e seu alegre rosto. Frequentemente se fazia de palhaço porque não havia nada que gostasse mais

do que provocar o riso, mas não era nenhum tolo.

— É muito sábio, papai — Abby lhe deu um beijo na bochecha e recordou

todas as vezes que seu pai

tinha estado a seu lado quando ela tinha sofrido algum tropeço —. Dylan não é como Chuck. E estou

começando a me dar conta de que eu tampouco sou a mulher que se casou com esse homem tão

irresponsável.

— E sabe o que sente por você?

— Não sei — acendeu as luzes — Acho que na realidade não quero saber porque dessa forma

complicaria ainda mais a situação. Mas agora não se preocupe — colocou as mãos nos ombros de seu pai

—. Já disse que sou feliz tal como estou. Não estou procurando um homem que me ame e que cuide de

mim, papai. Já fiz isso faz muito tempo.

— E ele fez um mísero trabalho.

Abby soltou uma gargalhada e o beijou outra vez. Quando Frank O'Hurley se deixava levar por seu

temperamento, era como estar presenciando uma representação.

— Ele não cuidou de mim, papai, e eu não podia cuidar dele. E já sabe que o casamento não pode ser

93

um relacionamento assim. O casamento é uma parceria, como você e mamãe.

— Esses dois meninos precisam ter um homem por perto.

— Eu sei — e ultimamente isso era algo que a fazia sentir-se culpada —. Mas não posso dar tudo o que

gostaria.

Frank se deteve porque tinha observado em sua voz um matiz de arrependimento, de culpa. Tomou as

mãos e as estreitou.

— Fez um magnífico trabalho com eles. Apesar do que qualquer pessoa possa dizer, saíram a Frank

O'Hurley.

Abby riu, lembrando algumas discussões a respeito. Frank podia ser um homem pequeno, mas gostava

de brigar.

— Por que não me ajuda a dar de comer aos cavalos?

Frank retrocedeu um pouco, um tanto receoso.

— Bom, eu não sei muito sobre estas coisas. Abby, filha, sou um homem da cidade.

— Venha, papai, tenho certeza que quer ver o potro.

Dirigia-se para o primeiro cubículo quando a intuição a fez olhar para Gladys. Com movimentos rápidos,

abriu a porta e se aproximou da égua, que estava em trabalho de parto.

— O que há? O que há? — seu pai literalmente pulava atrás dela —. Está doente? Pode ser contagioso?

Abby não pôde deixar de rir enquanto examinava à égua.

— Ter crias não é uma enfermidade contagiosa, papai. Vá até à cozinha, procure minha agenda e

chame o veterinário.

Frank soltou uma série de palavrões em irlandês.

— Precisa de água? Água quente?

— Só chame o veterinário, papai. E não se preocupe. Tenho experiência em partos.

Frank saiu correndo e não voltou a aparecer. Tampouco Abby esperava que o fizesse. Em seu lugar,

enviou Dylan, embora, para surpresa de Abby, também aparecesse Chantel

atrás dele.

— Devo me preparar para distribuir charutos?

— Acho que logo poderá fazê-lo. Papai chamou o veterinário?

— Chamei-o eu — Dylan se colocou a seu lado —. Frank entrou correndo na cozinha pedindo água

quente. Acredito que sua mãe está tentando acalmá-lo. Como está Gladys?

— Bem.

Ergueu o olhar para sua irmã. Chantel permanecia tão fria e elegante como sempre, com uma calças de

couro e uma blusa de seda.

— Levantou cedo — comentou.

Chantel encolheu os ombros, sem se incomodar em explicar que quando a vida de alguém se iniciava ao

redor das seis da manhã, madrugada se convertia num hábito.

— Não queria perder algo tão emocionante — depois, comovida pela égua e solidarizando-se de mulher

para mulher, agachou-se ao lado de Gladys —. Posso fazer algo?

— Já está quase tudo feito — anunciou Abby.

De modo que Dylan e Abby trouxeram ao mundo seu segundo potro, trabalhando juntos com uma

concentração que fez Chantel os observar com os olhos semicerrados. Talvez estivesse enganada. Mas ela

não costumava enganar-se ao julgar um homem. Não mais.

— O que está acontecendo aqui?

Ainda com as marcas do lençol da cama e vestida com um macacão duas vezes maior que ela, Maddy

entrou no estábulo.

— Supõe-se que tenho que trazer uma mensagem do fronte. Parece que o

veterinário já está informado

do que está acontecendo. Vem pra cá, mas é possível que ainda demore um pouco — bocejou —. Papai

está fervendo água. Se o veterinário não chegar logo, ameaça chamando os paramédicos. Não é possível

94

sequer tomar um café na cozinha.

— Nós estamos nos preparando para tecer quatro sapatinhos de lã rosa — disse Chantel. Levantou-se e

limpou os joelhos.

— Ora, olhem isso — Maddy fixou seus sonolentos olhos no potro —. Esperem, ninguém se mexe, vou

procurar a câmera — e saiu correndo dali.

— Bom, agora que já aconteceu tudo, vou à cozinha para ver se consigo que papai deixe de ferver água.

Qualquer coisa por um café — Chantel saiu caminhando e deixando atrás dela um rastro de perfume.

— Sua família é incrível — murmurou Dylan.

— Sim — Abby secou o suor do rosto com a manga da blusa —. Eu sei.

Quando Maddy sugeriu cavalgar, Abby reorganizou rapidamente seu horário e foi selar Judd. Dylan

estava trabalhando e seus pais não tinham nenhum interesse em cavalos, de modo que estariam as três

sozinhas, como tantas outras vezes no passado. Abby observou Maddy ajustando confiante os estribos,

antes de voltar-se para Chantel.

— Precisa de ajuda?

— Oh, acredito que posso colocar sozinha isso — Chantel fixou a correia numa das éguas.

— Não acredito que saiba montar — prudentemente, Abby examinou a sela —. Mas Matilda é muito

tranquila.

Chantel arrumou a gola da blusa.

— Teremos que ir a passo de tartaruga.

Uma vez fora, Maddy subiu atleticamente em seu cavalo. Chantel vacilou, enredou-se desastradamente

com os estribos, mas no final conseguiu montar. Abby decidiu manter-se o tempo todo perto de sua irmã.

— Podemos ir por esse caminho. Vai para o leste da propriedade, a um lugar que semeamos feno faz

algumas semanas.

— Semear feno — a égua de Chantel permanecia serenamente quieta enquanto ela olhava preguiçosa a

seu redor —. Que rural.

Maddy se pôs-se a rir.

— Certo, senhorita Hollywood, cavalguemos.

Chantel se ergueu na sela.

— Melhor ainda, senhorita Nova Iorque, aposto uma corrida.

E, deixando Abby boquiaberta, cravou os joelhos a ambos os lados dos cavalos e se lançou para frente.

Maddy começou a gritar que tomasse cuidado, mas logo se deu conta de que não era necessário. Chantel

ria e montava maravilhosamente bem.

— Sempre foi uma caixa de surpresas — disse Maddy a Abby.

Abby pressionou os calcanhares contra Judd.

— E o que nós estamos esperando?

Durante mais de um quilômetro, Abby trotou tranqüilamente, seguindo o

ritmo de Maddy. Aquilo

recordava lembranças da infância. Chantel sempre tinha sido a líder. Apesar dos horários exaustivos dos

trens e ônibus e de tantas estadias de uma só noite, tinham arrumado tempo para brigar e brincar como a

maioria das crianças. Desde antes de nascer tiveram sempre uma à outra. E nada tinha mudado depois.

Chegaram rindo e ofegantes ao topo da colina onde Chantel as esperava.

— Onde aprendeu a montar assim?

Chantel se limitou a alisar o cabelo.

— Querida, só porque engole toneladas de vitaminas e corra dez minutos ao dia não quer dizer que seja

a única O'Hurley com habilidades atléticas — quando Maddy bufou, sorriu abertamente.

A atriz de Hollywood desapareceu para deixar que aparecesse Chantel, uma mulher como outro

qualquer, capaz de divertir-se com uma brincadeira entre irmãs.

95

— Acabo de rodar um western. Wyoming, mil oitocentos e noventa — arqueou as costas e ergueu os

olhos ao céu —. Juro que passei mais tempo sobre uma sela que qualquer ladrão de gado. Acho que perdi

mais de cinco centímetros nos quadris.

Abby controlou Judd, que se movia nervoso.

— Então nem tudo são estréias e jantares no Ma Maison, não é?

— Não — jogou o cabelo para trás e encolheu os ombros —. Mas se for inteligente, no final consegue

fazer o que mais gosta. Não é isso o que você tenta fazer também?

Abby olhou a seu redor, admirando aquela terra pela qual tinha tido que lutar tanto.

— Criar meus filhos e plantar feno. Sim, acho que é o que mais gosto.

— Não posso dizer que te invejo, mas te admiro.

Começaram a trotar. Chantel no meio, Abby à esquerda e Maddy à direita, na mesma ordem que se

apresentaram em público inumeráveis vezes.

Maddy ajustou o passo de seu cavalo, para ir no mesmo passo que suas irmãs.

— Lembram se daquela cidade próxima ao subúrbio de Memphis?

— Aquele lugar no qual todos os clientes bebiam bourbon e tinham aparência de quem comia carne

crua? — Abby jogou o cabelo para trás e olhou para o céu —. Deus, custa-me acreditar que tenhamos

passado por tudo isso.

— Pois passamos por tudo isso — repetiu Chantel, esfregando-as unhas no casaco de camurça —.

Querida, éramos um sucesso.

— Sim, tanto que naquela noite quebraram mais de seis garrafas sobre o palco, acho que lembro.

Ao lembrar, Maddy começou a rir.

— Numa de minhas estréias, tranqüilizava-me pensando que estava a ponto de atuar no Mitzie, no

subúrbio de Memphis. Dizia-me que nada do que me acontecesse poderia ser tão terrível.

— O que pensa fazer quando retornar? — perguntou-lhe Abby —. De verdade pensa deixar Suzanna's

Park? Parece que ainda resta muito tempo pela frente.

— Um ano inteiro dançando os mesmos passos, dizendo as mesmas

palavras — Maddy incitou seu

cavalo, que tinha se entretido com uns matagais que havia a um lado da estrada —. Queria fazer algo novo

e tive a sorte de conseguir um papel em outra obra. Se tivermos sorte, poderemos começar os ensaios

dentro de alguns meses. Eu serei uma dançarina de striptease.

— Do que?

— Ouviu bem, dançarina de striptease. Já sabe, um movimento sensual, um sorriso e tirar a roupa. A

protagonista é uma mulher maravilhosa, de espírito livre que conhece o homem de seus sonhos e finge ser

uma bibliotecária. E não, não penso mostrar todos meus talentos sobre o palco. Queremos que seja uma

obra que toda a família possa assistir.

— E você, Chantel? Está de férias? — perguntou-lhe Abby.

— Quem me dera! Vou começar a participar de uma mini-série dentro de dez dias. Têm lido Strangers?

— Deus, sim, é maravilhosa. Eu pensei... — Maddy se deteve e arregalou os olhos —. vai fazer Hailey.

Oh, Chantel, é um papel maravilhoso. Abby, tem lido essa novela?

— Não, ultimamente não tive muito tempo para ler — era uma resposta simples, sem sombra de malícia.

— Trata sobre...

— Maddy — a interrompeu Chantel enquanto cavalgavam junto a um olmo enorme —. Não lhe conte

toda a novela. Poderá ver a série comodamente sentada em sua própria casa dentro de uns meses, Abby.

Abby já não se surpreendia estar acomodada no sofá da sala de sua casa vendo sua irmã na televisão.

— Pensei que não queria voltar a fazer televisão — comentou Abby.

— E eu também, mas o diretor era muito bom. Em todo caso, pensei que poderia ser interessante

retornar — Chantel raramente admitia o quanto gostava dos desafios. Custava-lhe muito manter aquela

imagem de frívola despreocupação — Não voltei para a televisão desde que fiz aqueles anúncios sobre

aquele maravilhoso xampu e a pasta de dente que me deixava com um sorriso radiante.

96

Estavam já bastante longe da casa e Abby parecia relaxada. Chantel e Maddy trocaram um olhar e

entraram em acordo sem necessidade de palavras.

— E você Abby? — Chantel puxou as rédeas e girou seu cavalo para que Abby ficasse entre ela e

Maddy —. Conte-nos qual é a história entre Crosby e você.

— A história — explicou com simplicidade —, é que Dylan veio aqui para escrever. Eu tenho que lhe

contar a vida de Chuck, ao menos em parte.

— E acredita que o que sente por ele está tornando isso mais fácil?

Abby digeriu a pergunta de Maddy. Não tinha que dizer a suas irmãs que estava apaixonada. Elas

podiam senti-lo quase com a mesma força que ela.

— De algum modo. Eu tinha pensado... bom, reestruturar o ocorrido. Mas com Dylan não é possível.

Basta me olhar para saber se estou sendo ou não sincera com ele. Então tenho que lhe dizer a verdade.

Chantel sentia a raiva crescendo em seu íntimo.

— E lhe contou que Janice Rockwel é uma arpia? E como tratou você e as

crianças quando Chuck

morreu?

— Isso não é realmente relevante, não é?

— Bom, eu gostaria de ver isso publicado. O que essa mulher fez foi criminoso.

— O que fez era perfeitamente legal — corrigiu Abby —. O fato de não ser agradável não significa que

fosse ilegal. Em todo caso, eu prefiro que as coisas como foram. Tudo aquilo serviu para me fortalecer.

— Em todo caso, acredito que Dylan deveria saber de tudo — insistiu Chantel —. Todos os detalhes,

todos os pontos de vista. A mãe de um piloto de corridas milionário deixou a viúva com filhos na mais

absoluta miséria.

— Oh, Chantel, não foi tão terrível. Tampouco tivemos que mendigar.

— Claro que foi terrível — a corrigiu —. Abby, se pensa confiar nele de verdade, deveria confiar

plenamente.

— Tem razão.

Maddy ficou alguns minutos em silêncio. O sol brilhava com força e o cheiro da vegetação começando a

crescer era particularmente intenso. Mas isso não a impedia de perceber a confusão em que se achava sua

irmã.

— Eu sempre pensei que era um erro deixar que escrevessem esse livro, mas agora que já tomou uma

decisão, deveria fazer-lo da melhor maneira possível. Olhe, sei que há muitas coisas que não nos contou. E

não tem por que fazê-lo. Mas não acha que se sentiria melhor, muito mais

livre, se afinal contasse tudo?

— Não estou pensando em mim. Eu já aprendi a enfrentar meu passado. Estou pensando nos meninos.

— E acredita que eles não sabem? — perguntou-lhe Chantel rapidamente.

— Não — baixou o olhar para suas mãos, disposta a expressar o que durante tanto tempo tinha evitado

—. Sim, sabem. Não os detalhes, mas são capazes de perceber meus sentimentos. E o que ainda não

sabem, descobrirão cedo ou tarde. Eu só quero que Dylan escreva esse livro com suficiente compaixão

para que, quando forem maiores, possam aceitar tudo o que aconteceu.

— Mas acredita que tem? — perguntou-lhe Chantel.

— Que tem o que?

— Compaixão.

— Sim — Abby sorriu então e voltou a relaxar —. Uma surpreendente capacidade de compaixão.

Aquilo era algo que Chantel pretendia comprovar por si mesmo.

— E o que ele sente por você?

— Gosta de mim — sem necessidade de entrarem em acordo, as três irmãs fizeram seus cavalos

voltarem-se para retornar para casa —. Acho que gosta de mim muito mais do que teria esperado. E não só

de mim, também dos meninos. Mas acredito que, no final, isso não fará nenhuma diferença. Irá embora.

— Então terá que fazer algo para que fique.

Abby sorriu para Maddy.

— Você sempre tão otimista. E Chantel sempre tão ardilosa.

— Muito obrigado — meio divertida, Chantel incitou seu cavalo.

— Para Maddy basta acreditar firmemente que algo acontecerá para que ocorra. E você se esforça para

que as coisas aconteçam. Eu me limito a embaralhar as cartas que me deram até que consigo a mão que

melhor posso controlar. Não posso fazer com que Dylan fique porque, se ele me pedisse isso, eu tampouco

estaria disposta a ir embora daqui. Já não sou uma juvenzinha impulsiva. Tenho dois filhos.

Chantel mantinha a cabeça erguida, deixando que o vento açoitasse seu cabelo. Era uma sensação de

absoluta liberdade que não podia se permitir em muitas ocasiões.

— Em primeiro lugar, não entendo por que deveria fazer com que fique. Algumas mulheres põem muito

ênfase em ter um homem que esteja a todo momento a seu lado, como se assim pudessem preencher suas

vidas. Eu acredito que primeiro deveriam sentir-se realizadas elas mesmas e depois um homem poderia ser

um agradável complemento.

— Acaba de falar um autêntica conquistadora — anunciou Maddy.

— Eu não destruo corações — Chantel sorriu lentamente—. Somente os arranho um pouco.

— Nunca tinha ouvido algo tão divertido — disse Maddy a seu cavalo —. Em todo caso, que você e eu

ainda não estejamos preparadas para assentar a cabeça não significa que Abby não tenha direito a ter

pratos sujos na pia e alguém que tire o lixo.

— Uma interessante descrição de uma importante relação — murmurou Abby —. Mas ao ser a única das

três que já foi casada, sinto-me capacitada para dizer que o casamento é

algo mais que isso.

— Vamos, Abby — preocupada, Chantel obrigou seu cavalo a diminuir o passo —. Quem está falando

de casamento? Não estou dizendo que não possa estar a vontade com ele, divertir-se com ele, mas não

pode estar pensando seriamente em amarrar-se a um homem outra vez.

— Outra interessante descrição — comentou Maddy, provocando uma gargalhada de Abby.

— Se pensasse que existe alguma possibilidade e pudesse encontrar uma base sólida para um

compromisso, eu mesma o pediria.

— Então vá em frente — o sol formava um halo luminoso ao redor do cabelo despenteado e brilhante de

Maddy —. Se o ama e acredita que é o homem certo para você, por que adiantar-se aos problemas?

Chantel soltou uma rápida e divertida gargalhada.

— Toda a experiência desta mulher com os homens se reduz a conviver com bailarinos que passam o

dia em frente a um espelho admirando a si mesmos.

— Dylan não é um bailarino — assinalou Maddy sem ofender-se absolutamente —. E os atores com os

quais passa a maior parte de seu tempo não são capazes de descobrir quem são eles mesmos depois de

passar algumas dias no set.

— Já estou farta — Abby sacudiu a cabeça, fazendo sérios esforços para não tornar a rir—. Em todo

caso, acredito que as duas estão muito melhor solteiras.

— Nisso estou completamente de acordo — murmurou Chantel.

— E, além disso, quem tem tempo para o amor? — comentou Maddy —.

Entre as aulas de dança, os

ensaios e as apresentações, estou muito cansada para velas e rosas. Além disso, quem precisa dos

homens?

— Querida, isso depende se está falando de um vínculo permanente ou de uma companhia ocasional.

— Temo que está começando a acreditar em tudo o que a imprensa diz de você — disse Abby no

momento em que voltaram a vislumbrar a casa.

— E não deveria? — Chantel arqueou uma sobrancelha —. Afinal, todo mundo o faz — com uma

gargalhada, esporeou seu cavalo e saiu correndo.

— Maldita seja se acreditar que vai ganhar outra vez — e Maddy saiu também em disparada.

Abby sorriu com calma antes de incitar Judd, consciente que com suas passadas longas e poderosas

poderia adiantar-se a suas irmãs sem nenhum problema.

98

Capítulo 12

A luz da lua caía branca e serena sobre a cama. A casa, embora em silêncio, vibrava com o eco das

vozes, as risadas e a música que a preencheram durante o dia. A música que a família de Abby criava cada

vez que se reunia. Sua mãe tocava o banjo enquanto seu pai dançava. Ou era o pai que tocava enquanto

todos eles cantavam. No dia seguinte iriam embora, mas Abby pensava que passaria muito tempo até que

aqueles ecos se desvanecessem por completo.

Satisfeita, mas incapaz de conciliar o sonho, pousou a cabeça no ombro de

Dylan e se limitou a escutar

o silêncio.

Supunha que era tolice sentir como se estivesse reunindo-se às escondidas com ele. Estando sua

família naquela casa, dormir com Dylan era como pisar em ovos. E ele devia sentir algo parecido também.

Desde que sua família chegou, encontrava-se com ela tarde da noite e voltava para seu quarto de

madrugada.

Não tinham falado sobre isso. Mas Dylan parecia ter se dado conta de que para ela seria uma situação

embaraçosa. Era uma mulher adulta, viúva e mãe de dois filhos, mas estando seus pais sob o mesmo teto,

sentia-se muito mais como filha.

Poderiam rir mais tarde sobre aquela situação, mas no momento, aquele silêncio era muito agradável

para rompê-lo.

Dylan estava imerso no eco de suas próprias lembranças. As ligações telefônicas que tinha feito

enquanto Abby estava entretida com sua família acrescentavam novas peças ao quebra-cabeça. E nem

todas tinham lhe agradado. Quando a família de Abby partisse, teriam que começar as perguntas outra vez,

embora ele já tivesse um bom número de respostas.

Era muito importante que Abby contasse coisas que ele já sabia, que confiasse seus segredos que já

conhecia. E, quando o fizesse, se o fizesse, talvez pudesse deixar o passado para trás e encarar o futuro.

— Está dormindo?

— Não.

Dylan beijou suavemente seu cabelo. Aquela noite era a última em que poderiam continuar fingindo e

desejava, terrivelmente, dar tudo o que ela precisava.

— *Estava pensando em seus pais. Nunca tinha conhecido ninguém como eles.*

— *Não estou muito certa de que exista alguém como eles. — E isso a agradava.*

Abby fechou os olhos e deixou as lembranças fluírem.

— *A única coisa que me assusta um pouco é a insistência de seu pai em me ensinar a dançar*

sapateado.

— *A questão é que meu pai é capaz de ensinar qualquer um a dançar. Eu sou a prova viva — se esticou*

e se aconchegou mais confortavelmente contra ele —. Vão de limusine até a estação de ônibus e dali

viajarão a Chicago. Para três dias de apresentação — sorriu ligeiramente ao imaginá-los de volta a rotina,

num daqueles incômodos hotéis —. Chantel queria pagar uma viagem de avião, primeira classe, mas não

quiseram nem ouvir falar disso. Minha mãe diz que conseguiu chegar aonde quis durante cinquenta anos

sem necessidade de deixar de pisar no chão e que não há razão para que tenha que fazer isso agora.

— *Sua mãe é uma mulher sensata.*

— *Sei. É uma espécie de contradição. Eu acredito que se alguma vez se descobrisse numa dessas*

casas do subúrbio, com um jardinzinho e uma cerca, ficaria louca. Encontrou em meu pai o par perfeito para

ela.

— Há quanto tempo estão juntos?

— Mmm. Perto de trinta e cinco anos.

Dylan ficou alguns segundos em silêncio.

— Com exemplos assim, dá vontade de confiar no casamento.

— Acho que uma das razões pelas quais me casei tão rapidamente foi que meus pais me fizeram ver o

casamento como algo simples. Para eles realmente é. Acho que vou sentir saudades.

Dylan notou a tristeza em sua voz e a estreitou contra ele.

99

— Não houve nem um momento de aborrecimento. Quando Frank decidiu ensinar os meninos a fazer

malabares, pensei que fosse perder alguns abajures.

Abby virou a cabeça e soltou uma gargalhada.

— Acredito que Ben não vai voltar a comer uma maçã até que tenha conseguido aprender.

— Sempre será melhor que vê-lo provocar Chris.

— Certamente — Abby ergueu a cabeça e, embora continuasse sorrindo, seus olhos estavam muito

sérios quando fixou o olhar em Dylan —. Fico feliz de tê-los conhecido. Talvez algum dia esteja viajando por

uma cidade quase desconhecida e veja seu nome numa letreiro. Assim se lembrará de mim.

Com um hábito que seria muito difícil romper, Dylan enredou a mão no cabelo de Abby.

— Acredita realmente que precisarei de um letreiro?

— Acho que não seria mal — baixou a cabeça e o beijou com doçura —. Eu gostaria de pensar que

sempre se lembrará disto — lhe acariciou lentamente o cabelo e lhe deu um beijo na têmpora —. E disto.

— Tenho excelente memória, Abby — pegou pelos braços e sentiu como acelerava seu pulso —.

Excelente memória.

Sem soltá-la, colocou-se sobre ela e a imobilizou com seu corpo. Houve, instantaneamente, aquela

explosão de excitação, aquela relaxante sensação de estar onde queria e devia. Roçou com os quadris os

de Abby. Não lhe soltou as mãos. Ainda não. De algum jeito, sabia que assim que ela o acariciasse,

explodiria, ficaria louco e tomaria freneticamente o que tanto desejava saborear. Tinham a noite toda,

tinham anos pela frente. E, se acreditasse firmemente nisso, teriam toda a vida. Assim prisioneiro ao mesmo

tempo que a capturava, deixou que seus lábios a tentassem, a relaxassem.

Sorveu sua língua, arrastando-a ao interior de sua boca para enredá-la com a sua. Ao sentir sua

respiração agitar-se contra sua boca, gemeu. Com cada movimento, Abby parecia estar lhe dizendo que

seu corpo estava preparado para recebe-lo, suplicando por entregar-se. Mas mesmo assim, continuou

segurando-a pelos pulsos enquanto traçava um caminho de beijos pelo longo pescoço. Sentiu seu pulso

latejar e um sabor incrivelmente tentador. Poderia passar horas explorando cada um daqueles pontos

minúsculos nos quais o sangue pulsava. Sentia-se como se tivesse encontrado por fim um lar. O corpo de

Abby oferecia paz e descanso, paixão e excitação. O único que tinha que fazer era pegar o que mais

precisasse.

Amava-o. E era assustador admitir. Mas quando Dylan soltou seus pulsos, seus braços o rodearam

como se fosse a coisa mais natural do mundo enquanto Dylan a tranqüilizava e excitava ao mesmo tempo.

Abby não pedia nada e, ao fazê-lo, estava-lhe pedindo muito mais do que Dylan acreditava ser capaz de

dar.

Era tão terno. Abby se perguntava se alguma vez chegaria a acostumar-se à sossegada ternura que se

ocultava debaixo daquele fogo. As mãos de Dylan pareciam moldá-la ao mesmo tempo que a acariciava. Às

vezes afundava os dedos em sua pele, mas sempre presente em seus gestos o cuidado, sempre rodeados

de doçura.

Cada vez que Abby sentia como se agitava a respiração de Dylan, espantava-se. Deleitava-se ao sentir

como estremeciam e esticavam seus músculos sob suas mãos. Era por ela, graças a ela, com ela. Nunca,

nem sequer em sonhos, tinha havido um homem que a desejasse como ele.

Mas se perguntava se Dylan saberia tudo. Até mesmo quando acariciavam um ao outro com aquela

intensidade, sentindo que o calor do sangue incendiava a pele, se perguntava se Dylan saberia que, além

de desejá-la, que além do desejo, necessitava-a em sua vida.

Porque a menos que o fizesse, sua relação terminaria assim que Dylan tivesse obtido as respostas que

procurava. E as tinha prometido dar.

— Dylan.

Acabava de ter a repentina e cruel certeza de que Dylan ia escapar de suas mãos justo quando ela

estava aprendendo a abraçá-lo. Ela carecia de truques, de ardis, não conhecia nenhuma fórmula secreta

para reter um homem, para enfeitiçá-lo. Somente podia dar o que abrigava em seu coração e esperar que

fosse suficiente para ambos.

Dylan a ouviu sussurrar suavemente seu nome. E sentiu um profundo suspiro dentro dela. E como sentiu

que era precisamente isso o que Abby precisava, procurou seus lábios e deixou que ela tomasse o que

ansiava.

— Devagar — se fundiu nela, absorvendo seu gemido com os lábios —. Quero ve-la sentir prazer, Abby.

10

O brilho de paixão, prazer e assombro que se refletiam em seu rosto o excitavam muito mais do que

jamaís teria acreditado possível. Nunca se considerou um homem capaz de dar-se, mas aquela mulher o

estava deixando louco. Durante anos, tinha tomado, às vezes despreocupadamente, e freqüentemente de

forma egoísta. Nunca tinha sentido o que sentia com Abby. E aquilo o maravilhava.

Entre fazer as malas, os detalhes de última hora e os desenhos animados dos sábados, todos os

habitantes da casa estavam ocupados. Chantel decidiu aproveitar aquele momento. Quando Dylan saiu com

os meninos para ajudá-los a dar de comer aos cavalos, esperou uns minutos e depois saiu para juntar-se a

eles. Aquele era um março muito quente para o que se esperava da Costa leste mas, apesar disso,

estremeceu e decidiu que se alegrava de voltar para o sul da Califórnia. Mas, antes de ir, tinha algo que

fazer.

A maioria dos cavalos estavam nos pastos. Chantel se aproximou dali e se apoiou contra a cerca. Dylan

sairia cedo ou tarde. E ela podia esperar.

Quando estava tirando os dois cavalos castrados, Dylan a viu. Sabia fazia dias que tinha algo a lhe dizer.

E, tudo indicava, aquele era o momento. Soltou aos cavalos e fechou cuidadosamente a porteira atrás

deles. Em silêncio, aproximou-se de Chantel. Esta aceitou o cigarro que lhe ofereceu. Raramente fumava,

na realidade seu interesse no tabaco dependia de seu humor. Inalou profundamente e expulsou uma

baforada de fumaça. Enquanto falava, tinha o olhar fixo nos cavalos.

— Ainda não decidi se gosto ou não de você, mas isso não tem nenhuma importância. O que importa de

verdade são os sentimentos de Abby.

Dylan concluiu que certamente Chantel não sabia o quanto suas palavras pareciam às de Maddy. Era

mais uma amostra de quão unidas estavam as trigêmeas. Observaram juntos o potro de Eve aproximando-

se para mamar. A égua suportava pacientemente seus puxões.

— Sim posso dizer que não gostei de você quando me entrevistou para obter informação sobre Mil icent

Driscoll em seu último livro. Aquele desagradado tinha a ver com um período de minha vida, mas foi sobre

tudo por sua atitude. O achei desagradável e sem compaixão, assim não me mostrei tão aberta quanto

poderia ter chegado a ser. Se tivesse sido, certamente teria encontrado um lugar para a compaixão em seu

relato. Mas Abby é minha irmã.

Pela primeira vez, voltou-se para ele. Mesmo sob a forte e implacável luz do sol, seu rosto era lindo. Um

rosto clássico, oval, as maçãs do rosto salientes e a pele imaculada. Um homem podia olhar aquele rosto e

esquecer-se de que no mundo havia algo mais que essa mulher. Mas eram seus olhos que chamavam a

atenção de Dylan. Os imaginava fazendo migalhas a uma grande quantidade de homens.

— Acredito que ama Abby, mas não estou certa de que é forte o suficiente para se permitir isso. Quero

falar de Chuck Rockwell de uma forma que não acredito que Abby possa fazer — deu outra tragada no

cigarro, apreciando seu forte sabor —. Tudo isto ficará entre nós. Se Abby consentir em que possa utilizá-lo,

não farei nenhum objeção. Se não, azar seu. Concorda?

— Concordo. Fale.

— Quando Chuck chegou ao clube aquela noite, ficou completamente fascinado com Abby. Talvez,

durante algum tempo, até mesmo chegou a apaixonar-se por ela. Não sei com que tipo de mulheres tinha

saído até então, mas posso imaginar. Abby era, apesar da maquiagem e a roupa que usávamos,

completamente inocente. Ingênuas pode ser uma palavra dura, a menos que conheça a pessoa, e Abby era

e continua sendo ingenua em muitos sentidos — sorriu; mas não com aquele sorriso inteligente e frio que

tão freqüentemente aparecia em seus lábios, e sim um sorriso singelo e natural, tão lindo quanto revelador

—. Ela acreditava no amor, na entrega total até a morte. E correu para o casamento com a cabeça cheia de

ilusões.

Dylan podia imaginar perfeitamente Abby, aberta, inocente, confiante.

— Ele a amava, acho, pelo menos na medida em que era capaz. Há pessoas que pensam que a

fraqueza não torna uma pessoa má — algo brilhou em seus olhos, mas foi rapidamente oculto —. Eu não

concordo. Chuck era muito fraco emocionalmente. Poderia desculpá-lo, sabendo que cresceu com uma mãe

insuportavelmente dominante e um pai alcólatra. Mas, pessoalmente, não me valem muito essas desculpas

- o olhou, esperando algum comentário.

— Continue — Dylan já conhecia os antecedentes de Rockwel .

— Tiveram problemas desde o começo. Ela tentava dissimulá-los, mas é difícil esconder algo entre

trigêmeas. Viajou com ele a Paris, a Londres, vestia roupas lindas e Chuck lhe oferecia o tipo de vida que

muitas outras mulheres sonharam. Mas Abby não — Chantel sacudiu a cabeça enquanto tamborilava

10

suavemente na cerca — Não estou dizendo que a princípio não usufruisse de todas essas coisas, mas Abby

sempre quis fincar raízes. Algo que sempre foi difícil para os O'Hurley.

— Essa é a razão pela qual ama tanto este lugar.

Chantel atirou o cigarro ao chão e o deixou consumir-se.

— Chuck comprou esta casa depois que saíu na imprensa uma suja aventura com uma juvenzinha muito

nova para saber realmente o que estava fazendo. Mas, pouco tempo depois de comprá-la, aborreceu-se.

Assim deixou bem claro a Abby que se queria ficar com este lugar e mantê-lo, teria que fazê-lo sozinha.

—Abby lhe contou isso?

— Não, Chuck — lhe dirigiu um olhar estranho e zombeteiro —. Tinha que passar por Los Angeles e

decidiu que podia ser interessante passar um momento com a irmã de sua esposa. Encantador. Dê-me

outro cigarro.

Enquanto o dava, Chantel tentou acalmar-se.

— Acontece que não era meu tipo e que, embora muitas vezes tenham colocado em dúvida meus

princípios morais, há coisas que jamais faria. Ele se embebedou e me contou todos os problemas que tinha

com a mulherzinha que o esperava em casa. Minha irmã lhe parecia aborrecida — Chantel deixou escapar

uma baforada de fumaça —. Era muito comum, muito convencional para ele. Ela tinha se enterrado naquela

fazenda e ele tinha coisas melhores que fazer com seu dinheiro. De maneira que se Abby queria um teto,

teria que se arrumar sozinha. Se queria que os encanamentos funcionassem como convinha a uma casa

deste século, teria que descobrir sozinha como fazê-lo. Ele não tinha o menor interesse. Depois continuou

me falando da ridícula idéia de minha irmã de criar cavalos. Ria dela — Chantel apertou os lábios. Deu-se

conta então de que estava falando muito rapidamente e tentou frear-se —. Não o joguei de minha casa

porque queria ouvir tudo. Enquanto minha irmã estava passando por aquele calvário, eu estava ocupada

construindo minha carreira. Muito ocupada, pelo visto, para lhe dar atenção, embora instintivamente,

soubesse que as coisas não iam bem.

E quanta atenção tinha dado a ela durante as semanas anteriores? Aquele pensamento doeu. Esperava

de Abby confiança e honestidade, a tinha exigido até, mas a única coisa que tinha lhe dado tinham sido

perguntas.

Tinha visto, tinha escutado e tinha sabido em seu íntimo que todas as idéias preconcebidas sobre ela

eram falsas. Mas então, por que tinha ficado com Rockwel ? E por que odiava a si mesmo por precisar

saber isso?

Dylan retrocedeu.

— Por que acha que Chuck te contou todas essas coisas? — perguntou-lhe num tom carente por

completo de sentimentos.

Chantel lhe dirigiu um olhar duro. Era surpreendente como podia trocar sua expressão da indiferença a

um gesto glacial sem que movesse um só músculo.

— Evidentemente, pensou que acharia tanta graça quanto ele — sorriu outra vez e fumou lentamente —.

Em todo caso, coloquei-o para fora de casa, chamei Maddy e viemos até aqui. Abby estava vivendo numa

casa que estava a ponto de desmoronar. Chuck não estava disposto a lhe dar um só centavo, de modo que

minha irmã trabalhava meio período em lugares aos quais podia levar Ben. Alegrou-se muito em nos ver,

mas ainda não estava preparada para escutar nenhum conselho que pudesse conduzi-la ao divórcio.

— Por que?

Dylan a tocou pela primeira vez. Limitou-se a pousar a mão em seu braço, mas Chantel pôde perceber a

intensidade de seus sentimentos.

— Por que continuou com ele?

Então aquela era a essência da questão, compreendeu Chantel. Mas Dylan amava Abby e isso impedia

que Chantel guardasse rancor.

— Acho que ela mesma deve lhe dar as respostas, mas eu posso adiantar algo. Abby tem uma enorme

potencial para a esperança, e ela continuava acreditando que Chuck seria razoável. Enquanto isso, o

problema mais imediato era fazer a casa habitável. Assim fomos a Richmond e vendemos suas jóias. Chuck

tinha sido muito generoso durante os primeiros meses de seu relacionamento, assim ao vendê-las

conseguiu dinheiro suficiente para continuar seguindo. Eu lhe comprei o vison — o que não mencionou, foi

que aquele era um luxo que naquela época não podia se permitir. — Tempos depois, Abby brincava dizendo

que tinha visto uma fotografia minha em que eu usava seu telhado.

10

— Assim vendeu o vison para arrumar o telhado — murmurou Dylan.

— Havia um monte de reparos para fazer. Surpreendia-me o empenho que tinha com este lugar. Mas

quando a vejo agora aqui, acho que é evidente que é o lugar adequado para ela e para seus filhos. Depois

disso, as coisas se acalmaram um pouco. Então ficou grávida de Chris. Eu tenho minha própria teoria a

respeito, mas prefiro deixar esse assunto em paz.

Dylan a olhou e observou que Chantel compreendia muito mais do que Abby podia imaginar.

— Eu também o deixei em paz.

— É possível que eu chegue a gostar de você — relaxou um pouco e pegou o cigarro —. depois de

Chris nascer, as coisas foram de mal a pior. Chuck já não se incomodava em ocultar suas aventuras. Não

considero que isso lhe conceda nenhum mérito, mas acredito que queria forçar Abby a divorciar-se para seu

próprio bem. Quando se divorciou, quando por fim o fez, acredito que Chuck se deu conta do muito que

estava perdendo.

— Está me dizendo que Abby pediu o divórcio?

— Exatamente. Tenho certeza que poderia tê-lo castigado duramente, certamente eu o teria feito, mas

ela não quis alegar adultério e tampouco pediu uma pensão. O único que queria era ficar com a casa e uma

quantidade razoável para poder manter os meninos. Naquele momento, Dylan estava saindo com Lori

Brewer e pareciam estar se dando muito bem. Mas, de algum jeito, o divórcio afetou Chuck. Tinha tentado

compensar a perda da emoção que antes lhe proporcionavam as corridas com outras coisas. Tinha trocado

uma esposa que o adorava e dois filhos maravilhosos por um estilo de vida que somente lhe proporcionava

mais tristeza. Sei como se sentia porque me ligou poucos dias antes de sua última corrida. Só Deus saberá

por que. Não lhe mostrei a menor compaixão. Disse-me que tinha chamado Abby para lhe pedir que

reconsiderasse o divórcio e ela se negou. Queria que eu intercedesse por ele. Disse a ele que

amadurecesse. Algumas dias depois, espatifou-se.

— E Abby se sentiu culpada porque tinha pensado em divorciar-se dele.

— Exato — tamborilou na cerca com suas mãos perfeitamente manicuradas —. Nunca adiantou dizer

que não tem por que sentir-se culpada, ou que deixe de castigar-se pelo ocorrido.

Dylan já tinha muitos problemas com seu próprio sentimento de culpa, mas se concentrou nas últimas

palavras do Chantel.

— A que se refere com isso de castigar-se a si mesmo?

— Alguma vez pensou no quanto é difícil manter um lugar como este e criar dois meninos? E não estou

me referindo ao aspecto emocional ou físico, e sim no econômico.

— Rockwel tinha muito dinheiro.

— Rockwel sim, e também Janice Rockwel, de fato, ainda o tem, mas Abby não ficou com um centavo

— sacudiu a cabeça antes de que Dylan pudesse interrompê-la. Cada vez que pensava nisso, destilava

veneno —. Ela se encarregou de que Abby não conseguisse um só centavo do fundo fiduciário de Chuck.

Nem para ela, nem para a fazenda nem para os meninos.

Enquanto Chantel saboreava aquele veneno, Dylan sentiu um sabor amargo na boca. Lembrava tudo o

que tinha dito a Abby, desde o dia em que tinha entrado ensopado em sua cozinha até a manhã em que

tinha visto colocar as luvas de borracha na bolsa. E se dava conta, com um nó no estômago, de que teria

que viver com aquele remorso.

— E como conseguiu conservar este lugar?

— Pediu um empréstimo.

O amargor que Dylan sentia na boca não tinha nada a ver com o tabaco. Não tinha acreditado em Abby

e tampouco tinha acreditado suficientemente em seus próprios sentimentos. E ela era muito orgulhosa para

lhe contar as coisas que Chantel estava lhe explicando naquele momento.

Ao inferno com seu orgulho, pensou Dylan com repentino rancor. Acaso ele não tinha o direito de saber?

Não tinha direito a...? Enquanto analisava seus próprios pensamentos, fixou o olhar no pasto e nas colinas

além. Não, corrigiu-se, era seu próprio orgulho que estava ferido. Seu orgulho de homem e de repórter.

Abby sabia o que pensava dela e mesmo assim, o tinha aceito.

— Por que está me contando tudo isto?

— Porque alguém tem que convencer Abby de que não foi culpa dela, de que não podia ter evitado o

que aconteceu. E acredito que você é o único que pode fazê-lo. E também que você é o homem, se tiver

10

coragem para isso, que pode fazê-la feliz.

Erguia o queixo e o olhava com expressão desafiante e sombria. Dylan descobriu a si mesmo sorrindo.

— É um demônio de mulher. Não me dei conta a primeira vez que estive com você.

Chantel lhe devolveu o sorriso.

— Sim. Também perdi algumas coisas sobre você.

Maddy colocou a cabeça pela porta dos fundos da casa.

— Chantel, a limusine já chegou.

— Já vou — começou a caminhar, mas se deteve e dirigiu a Dylan um último olhar —. Mais uma coisa,

Dylan. Se fizer Abby sofrer, terá que se ver comigo.

— Entendido.

Dylan lhe estendeu a mão. Como se de repente achasse graça naquela situação, Chantel a aceitou.

— Suponho que devo te desejar sorte.

— Agradeço-lhe isso.

A despedida foi longa, chorosa e barulhenta. Maddy se aproximou de Dylan e lhe deu

surpreendentemente um carinhoso abraço.

— Boa sorte. E quero que saiba que acredito que é o homem adequado para ela — sussurrou ao ouvido.

Depois retrocedeu com um sorriso —. Bem-vindo à família, Dylan.

Cada um dos membros da família se despediu duas vezes antes de entrar na limusine. Foi preciso

convencer Ben e Chris para que saíssem depois que descobriram o funcionamento de cada um dos botões

do interior do carro. Depois de subirem e descerem os vidros uma dúzia de vezes e de que houvessem

manuseado o moderno microsystem e a televisão, Abby os fez sair para que o resto da família pudesse

entrar. Serena como um mar calmo, a limusine se afastou por aquele acidentado caminho.

— Quando for adulto conduzirei uma limusine — decidiu Chris— Usarei uma boina como a do senhor

Donald e me sentarei no banco da frente.

— Eu prefiro ir atrás com a televisão.

Rindo, Abby agitou o cabelo de Ben.

— Este menino é um autentico O'Hurley. Eu não sei vocês, mas gostaria de tomar algo frio antes de

começar a limpar a cozinha.

— Podemos ir brincar com os potros? — Ben já estava na varanda quando perguntou.

— Não sejam brutos com eles — gritou Abby. E com um suspiro, entrou na casa —. Já estou sentindo

falta deles.

— Grande família.

— Para dizê-lo suavemente. Quer um refresco?

— Não, obrigado.

Começou a passear inquieto pela cozinha. As palavras de Chantel continuavam corroendo-o, junto a

tudo o que tinha descoberto durante os últimos dias. O fato era que tinha julgado Abby de maneira tão

errônea e injusta que se sentia terrivelmente inseguro.

— Abby, este lugar é muito importante para você, não é?

— Depois dos meninos, acho que é o mais importante — encheu um copo de gelo.

— Não é uma mulher fraca — disse com tanta rudeza que Abby se voltou e ficou olhando-o fixamente.

— Eu gosto de pensar que não sou.

— Por que então deixou que Rockwel a intimidasse? — exigiu —. por que permitiu que sua mãe tirasse

tudo o que era seu?

— Espere um momento — fazia tempo que Abby sabia que chegaria o dia em que teria que reviver tudo

aquilo outra vez —. Janice não tem nada a ver com tudo isto. E, certamente, não tem nada a ver com a

biografia de Chuck.

— Ao diabos com a biografia — a agarrou pelos braços.

Até aquele momento, não tinha se dado conta que o livro não significava nada. De que tinha deixado de

ter importância para ele fazia algum tempo. Mas Abby significava tudo. Já era capaz de ver o tortura pelo

que tinha passado aquela mulher, tudo o que tinha feito e o que tinham feito a ela. E se ela não odiava, ele

odiaria por ela.

— *Ela se assegurou de que não visse nenhum centavo do fundo fiduciário de Rockwel . Com esse*

dinheiro, teria podido comprar a fazenda. Tinha direito a essa herança, seus filhos tinham direito a ela. Por

que aceitou isso?

— *Não sei de onde tirou essa informação — se esforçava por manter a voz tranqüila. Tinha sentido*

amargura muitos anos atrás, mas tinha conseguido superá-la. E não tinha vontade de voltar a senti-la —

Janice tinha o controle sobre esse fundo. Chuck poderia ter herdado trinta e cinco por cento, mas não viveu

o suficiente para fazê-lo. O dinheiro era dela.

— *E realmente acredita que poderia ter mantido esse argumento nos tribunais?*

— *Eu não tinha nenhum interesse em ir aos tribunais. Chuck nos tinha deixado algum dinheiro.*

— *Suponho que foi o que restou depois de ter dilapidado sua fortuna.*

Abby assentiu, tentando não perder a calma. Aquela era uma discussão que tinha mantido consigo

mesma muito tempo atrás.

— O suficiente para que eu possa ter certeza que os meninos poderão ir à universidade.

— E até então, teve que pedir um empréstimo para que possam ter um teto sobre suas cabeças.

Aquilo a humilhava. Dylan não podia saber até que ponto a tinha humilhado ter que pedir dinheiro, e a

incomodava que não fosse consciente disso.

— Dylan, isso não é assunto seu.

— Claro que é. Você é assunto meu. Sabe como me senti ao saber que tinha que esfregar o chão de

outras casas?

Abby ofegou com impaciência.

— E que diferença faz de quem seja o chão que tenho que esfregar?

— Para mim há uma grande diferença porque não quero que você... Não posso suportar imaginar... —

amaldiçoou e voltou a tentar outra vez —. Deveria ter sido sincera comigo. Talvez não no princípio, mas

depois sim, depois do que chegamos a significar um para o outro.

O que tinham chegado a significar? Abby teria gostado de lhe perguntar. Pegou a cafeteira e se

aproximou lentamente da pia para encher de água quente.

— Fui tão sincera quanto podia ser. Se fosse somente eu, teria contado tudo, mas tenho que pensar nos

meninos.

— Eu não faria nenhum mal a seus filhos, não poderia.

— Dylan, por que tudo isto tem que ser tão importante? — já não estava tranqüila. Não estava nem um

pouco 'tranqüila. Podia sentir o aborrecimento crescendo em seu íntimo e pulsando em sua cabeça —. É

somente dinheiro, não pode esquecer isso?

— Não, não é somente dinheiro. E claro que não posso me esquecer. E você tampouco parece ter lhe

dado pouca importância, já que não foi capaz de me falar disso — a frustração, o aborrecimento, a fúria,

feriam-no. E, de repente, lembrou-se da fotografia de Abby envolta naquele visom branco —. Vendeu

aquele maldito visom para arrumar o telhado.

Abby sacudiu a cabeça perplexa.

— E que importância isso tem? Não preciso de um visom para dar de comer aos cavalos.

— Sabia o que pensava de você — o aborrecimento que Dylan sentia consigo mesmo estava fazendo

mostrar-se pouco razoável com ela —. E deixou que continuasse pensando. Apesar de estar me

apaixonando por você, não foi capaz de confiar em mim absolutamente. Ambigüidades e evasivas, Abby,

isso foi o que me deu. Nunca me contou que pensava em se divorciar dele, nem o muito que tinha que

trabalhar para poder levar comida à mesa. Sabe como me senti quando fiquei sabendo de todas essas

coisas?

— E sabe como me fazem sentir ? — ergueu a voz, para manter à altura da sua —. Sabe como me sinto

10

ao ter que revirar o passado, ao lembrar que fui um autêntico fracasso?

— Isso é ridículo. Sabe perfeitamente que acaba de dizer uma tolice.

— O que sei é que fui uma estúpida.

— Abby — seu tom se endureceu, mas não as mãos que pousava

delicadamente em seus braços —.

Foi ele que fracassou com você, com os meninos e consigo mesmo.

Sacudiu-a levemente, desesperado por fazê-la entender tudo o que tinha feito e o muito que a respeitava

por isso.

— Foi você que conseguiu que tudo isto funcionasse. A única que levou adiante uma casa e uma vida

para seus filhos.

— Pare de gritar com a minha mãe!

Ben permanecia na porta da cozinha rígido e pálido como o papel. Desconcertada, Abby foi capaz

somente de ficar olhando-o fixamente.

— Ben

— Deixa a minha mãe — o lábio inferior tremia, como se estivesse a ponto de chorar, mas dirigiu a Dylan

um olhar de homem para homem —. Deixe-a e vá embora. Não o queremos aqui.

Aborrecido consigo mesmo, Dylan soltou Abby e se voltou para o menino.

— Eu jamais faria nenhum mal a sua mãe, Ben.

— Estava fazendo, eu vi.

— Ben — Abby caminhou rapidamente para ele — Não entende. Zangamo-nos e as pessoas às vezes

gritam quando se zangam.

O menino apertou o queixo de uma forma que Abby recordou quase dolorosamente a seu próprio pai

quando se zangava.

— Não quero que grite com você. E não vou deixar que a faça mal.

— Querido, eu também estava gritando — disse suavemente, lhe

acariciando a cabeça —. E não estava

me fazendo mal.

Os olhos do Ben brilhavam com uma mescla de humilhação e aborrecimento.

— Talvez o ame mais que a mim...

— Não, pequeno...

— Eu não sou pequeno! — seu pálido rosto se ruborizou enquanto se afastava — mostrarei isso!

Abby ainda continuava agachada no chão quando a porta se fechou atrás dele.

— Oh, meu Deus — Abby se levantou lentamente —. Acho que não lidei bem com isto.

— A culpa foi minha.

Dylan remexia nervoso os cabelos. Queria dar, oferecer tudo o que estivesse ao seu alcance a todos

eles. Mas o único que tinha conseguido tinha sido magoar Abby e enfurecer Ben.

— Deixe-me ir falar com ele.

— Não sei. Talvez devesse... Oh, Meu deus! Ben, pára, pára!

Antes que Dylan pudesse dizer alguma coisa, já tinha saído correndo. Dylan correu atrás dela durante os

primeiros metros, mas não demorou para ultrapassá-la.

Ben acabava de montar Trovão e o enorme garanhão corcoveava de forma perigosa.

Abby sentia o coração na garganta enquanto o menino se agarrava ao lombo do cavalo; nem sequer era

capaz de gritar. Por um momento, pensou que Ben seria capaz de controlar o animal e desmontar, mas de

repente o garanhão empinou. O menino e o cavalo pareciam um só corpo,

sua figura se elevava,

recortando-se contra o azul do céu. E então Ben foi jogado do cavalo com a mesma facilidade com que o

animal poderia ter se desprendido de uma mosca.

Abby ouviu o grito do filho misturado com os relinchos do garanhão. Lentamente, como se o tempo

tivesse parado, Abby observou os cascos do cavalo dançando ao redor de Ben e, milagrosamente, sem

roçá-lo. Abby sentia o sabor do medo, um medo que sentia como óxido na boca enquanto cortava correndo

10

os últimos metros que a separavam de seu filho.

— Ben. Oh, Ben.

Não podia chorar. Ajudada por Dylan, começou a examinar o corpo de seu filho procurando sinais de

vida.

— Está bem, mas inconsciente. Acho que quebrou um braço — Dylan também estava tremendo. Se

tivesse sido mais rápido, somente uns segundos... — Abby, pode trazer o carro?

Ben jazia com o rosto branco como o papel. Abby desejava abraçar seu filho e chorar até ficar sem

lágrimas. Ergueu o olhar e viu Chris a seu lado, tremendo como uma folha.

— Vamos, Chris — pegou o pela mão —. vamos levar Ben ao hospital.

— Está bem? Vai ficar bem?

— Claro que vai ficar bem — respondeu Abby enquanto corriam para o carro.

— Pode dirigir? — perguntou Dylan quando Abby voltou com o carro — Eu não sei o caminho.

Assentindo com a cabeça, Abby o ajudou a instalar-se no banco da frente com seu primogênito no colo.

Apertando os dentes, percorreu lentamente aquele caminho cheio de buracos. Assim que chegaram ao

asfalto, pisou no acelerador e deixou de pensar.

Quando Ben se moveu, sentiu que os olhos enchiam de lágrimas e se obrigou dominá-las. Os primeiros

gemidos de Ben chegaram acompanhados de soluços; o menino começava a recuperar a consciência.

Chris, do banco de atrás, inclinou-se para frente e tentou lhe acariciou a perna. Sem saber que outra coisa

fazer, Dylan abraçava o menino com força e lhe acariciava delicadamente o cabelo.

— Já estamos quase chegamos, Ben. Agüente firme.

— Dói.

— Sim, eu sei.

Quando o menino voltou o rosto para ele, Dylan o estreitou com força. Pela primeira vez em sua vida,

compreendia o que significava sentir a dor de outro.

Abby deixou o carro na calçada, junto à porta da emergência e saiu para ajudar Dylan com Ben.

Tudo parecia interminável. Os dentes começaram a bater enquanto na recepção dava todas as

informação sobre o seguro e o histórico médico de seu filho. Respirou fundo e tentou acalmar-se quando

levaram Ben para a sala de raio X. Seu menino tinha tentado, em meio a seu aborrecimento, mostrar que

era um homem. Nesse momento estava ferido e ela só podia aguardar. Dylan permanecia a seu lado, com

Chris nos braços.

— Sente-se Abby, isto demorará algum tempo.

— É só é uma criança.

Sabia que não podia desmoronar naquele momento. Ben precisaria dela. Mas as lágrimas começaram a

correr silenciosamente por suas bochechas.

— Estava tão zangado. Nunca lhe ocorreria montar o garanhão se não estivesse tão zangado.

— Abby, quase todos os meninos quebram um osso de vez enquanto — mas ele mesmo tinha um nó no

estômago.

— O que vai acontecer com Ben? — quando viu as lágrimas de sua mãe, Chris começou a soluçar.

— Ficar bem — Abby levou as mãos ao rosto para secar as lágrimas —. Os médicos estão cuidando

dele.

— Acho que vão engessar — Dylan acariciou os bracinhos magros de Chris —. E assim que estiver

seco, poderá escrever seu nome nele.

Chris inspirou choroso ao pensar nisso.

— Só sei desenhar.

— Isso bastará. Venha, vamos sentar.

Abby se obrigou a sentar-se. Quando Chris sentou em seu colo, teve que esforçar-se para não abraçá-lo

com muita força. Cada minuto que passava, crescia o vazio que sentia em seu íntimo. sentia-se oca, vazia.

Estava levantando-se, sentindo a vertigem do medo, quando um médico se aproximou da sala de

espera.

— Foi uma fratura muito limpa — explicou. Ao reconhecer a ansiedade de Abby, estreitou-lhe

carinhosamente o ombro — Vai causar sensação com o gesso no colégio.

— Tem... tem algo mais?

Por sua mente tinham passado todas as possibilidades: de uma comoção cerebral até todo tipo de

ferimentos internos.

— É um menino forte, robusto — com a mão ainda no ombro de Abby, o médico pôde sentir o alívio

provocado por suas palavras —. Está um pouco nervoso, e alguns dos golpes vão causar feios hematomas.

Gostaria que ficasse em observação algumas horas, mas acho que não tem que se preocupar com nada.

Darei uma receita e uma lista do que pode e não pode fazer. Por hora, já dissemos que se afaste dos

cavalos durante um tempo.

— Obrigado — Abby levou as mãos aos olhos um instante. Um osso quebrado. Isso poderia curar sem

problemas, pensou aliviada —. Posso vê-lo?

— Certamente.

Parecia tão pequeno naquela maca branca. Abby teve que lutar contra uma nova onda de lágrimas

quando se aproximou para abraçá-lo.

— Quebrei o braço — disse, acostumando-se com a idéia enquanto mostrava seu moderno gesso.

— Impressionante — seu filho já a tinha perdoado. Abby podia vê-lo em seus olhos, senti-lo na forma

que tomava sua mão —. Imagino que dói muito, não é?

— Agora estou um pouco melhor.

Chris se aproximou para inspecionar o gesso de perto.

— Dylan disse que posso pôr meu nome.

— Acho que sim — Ben ergueu pela primeira vez o olhar para Dylan —. Talvez possam fazer tudo.

Trovão escapou?

— Não se preocupe com Trovão — respondeu Abby —. Sabe perfeitamente onde está a comida.

Ben baixou o olhar para sua mão e tentou mover os dedos.

— Sinto muito.

— Não — Abby tomou pelo queixo —. Sou eu que sinto. Tentou me defender. Obrigado.

Ben respirou a familiar fragrância de sua mãe quando esta o beijou. Já não se sentia tão valente. Estava,

simplesmente, cansado.

— De nada — murmurou.

— Os médicos querem que fique um pouco no hospital. E eu tenho que ir comprar alguns remédios.

— Por que Chris não vai com você, Abby? — Dylan se aproximou da maca —. Eu gostaria de falar com

Ben.

Como viu que, mais que zangado, seu filho estava ligeiramente envergonhado, Abby assentiu.

— Certo. Não demoraremos muito.

— Posso beber algo?

— Perguntarei ao médico — Abby o beijou em ambas as bochechas —. Te adoro, malandro.

Ben sorriu ligeiramente e baixou o olhar para o gesso. Quando Abby voltou

a olhá-lo do umbral da porta,

estava olhando para Dylan.

— Imagino que esteja zangado comigo — começou a dizer Dylan.

— Imagin?.

— Gritar com alguém que ama é uma tolice. Os adultos podem ser muito estúpidos algumas vezes.

Ben concordava totalmente com ele, mas continuava mostrando-se receoso.

— Talvez.

Como poderia aproximar-se dele? Com a verdade. Tinha pedido sinceridade, tinha-a exigido e esperado.

10

Talvez tivesse chegado o momento de ser sincero. Ainda com certa cautela, Dylan se apoiou contra a maca.

— Tenho um problema Ben. E espero que possa me ajudar a solucioná-lo.

O menino encolheu os ombros e começou a brincar com a ponta do lençol. Mas escutou.

Já tinha quase anoitecido quando chegaram em casa. Instalaram Ben na cama, em meio de um montão

de brinquedos e livros. O dia estava quase terminando e o menino dormiu antes de ter terminado o jantar. E

enquanto Abby o agasalhava, Dylan levava Chris, também completamente adormecido, para seu quarto.

— Adormeceu em cima da pizza — disse a Abby com um sorriso.

— Eu o colocarei na cama.

— Posso fazê-lo eu, não se preocupe. Por que não desce e prepara alguma coisa para beber?

Havia algumas garrafas de vinho, presente de Chantel. Abby serviu duas taças e atacou a pizza ao dar-

se conta de que não tinha comido nada desde aquela manhã. Mas não tinha terminado nem meia porção

quando as lágrimas a assaltaram novamente. Fechou cuidadosamente a caixa de papelão, apoiou os

braços e a cabeça sobre a mesa e chorou copiosamente.

Assim Dylan a encontrou ao descer, e não vacilou. Abraçou-a com força para que chorasse contra ele.

— É uma bobagem chorar agora — conseguiu dizer Abby —. Ben está bem. É só que continuo vendo-o

no ar, suspenso no vazio durante um horrível segundo.

— Sei. Mas Ben está bem — a separou ligeiramente dele e começou a lhe secar as lágrimas. — De fato,

além de só ter quebrado um braço, é um menino magnífico.

Abby lhe acariciou a bochecha e o beijou.

— Você sim que é magnífico. Não sei o que teria feito sem você.

— Faria perfeitamente — tirou um cigarro. Ele mesmo estava muito nervoso — Essa é uma das coisas

mais assustadoras em você.

— Assustadora? — segundos antes, não estava certa de que pudesse voltar a rir, mas não foi

absolutamente difícil —. Eu?

— Para um homem não é nada fácil sair com uma mulher que é totalmente capaz de fazer algo. Tocar

uma casa, criar os filhos e dirigir uma fazenda. E muito menos dar-se conta de que há mulheres que não só

podem fazer todas essas coisas, mas além disso, se divertem fazendo-as.

— Não o entendo, Dylan.

— Não esperava que o fizesse — apagou o cigarro, descobrindo que realmente não gostava —. É tudo

tão natural em você, não é? É incrível.

Abby pegou uma taça e a estendeu.

— Se não o conhecesse bem, acharia que esteve bebendo.

— Só estou começando a pensar claramente.

— Eu também — pegou a taça e bebeu. O vinho estava incomum e maravilhosamente frio —. Sei que

estava muito zangado comigo esta manhã.

— Abby...

— Não, espere um momento. A última coisa que me disse antes de Ben entrar... gostaria de explicar isso

agora, tudo, e dar por terminado este assunto.

Dylan poderia ter dito que já não importava; que para ele tinha deixado de ter importância. Mas sabia

que para Abby tinha sim.

— Certo.

— Esta manhã me perguntou por que continuei com Chuck. A resposta é simples: fiquei com ele porque

tinha feito uma promessa. Depois de um tempo, quando compreendi que tinha que pôr fim a meu

casamento, tive a necessidade de assumir toda a culpa. De algum jeito, era mais fácil abandonar o

casamento acreditando que tinha sido eu a que tinha cometido um engano, a que, de algum jeito, tinha

fracassado.

Tinha a voz tensa. Abby bebeu outro gole de vinho e continuou.

10

— Mas não cometi nenhum engano, Dylan. E tenho dois filhos maravilhosos para demonstrá-lo. Você

disse que tinha sido Chuck que tinha fracassado e tinha razão. Tinha muitas opções, mas fez as escolhas

erradas. E já é hora de admitir que fiz as corretas. É algo que sempre terei que lhe agradecer.

— Aceito sua gratidão, mas não é isso o que procuro.

Assim como tinha ocorrido na sala de espera do hospital, Abby sentiu um nó no estômago.

— Jamais esquecerei o que fez somente vindo para esta casa.

— É difícil ouvi-la falar no passado. Não quer saber do que estivemos falando Ben e eu quando vocês

saíram?

Abby baixou o olhar para sua taça.

— Achei que me diria isso se quisesse que soubesse — depois ergueu o olhar para ele e sorriu —. Além

disso, se você não o fizer, sempre poderei arrancar de Ben.

— Essa é uma das coisas que mais gosto em você.

Abby o olhou com certo receio e, certamente, sem nenhuma calma.

— Dylan, esta manhã, quando estava gritando, disse...

— Que tinha me apaixonado por você. Tem algum problema a respeito?

Abby segurava a taça as duas mãos, mas não desviava o olhar.

— A verdade é que não tenho certeza.

— Deixe-me explicar isso como expliquei a Ben — baixou sua taça, pegou a de Abby e deixou as duas

sobre a mesa —. Disse que estava apaixonado por sua mãe. E que era a primeira vez que me apaixonava e

não sabia como agir. Disse que sei que cometi alguns enganos e que espero que me ajude.

Deslizou a mão pelo cabelo de Abby e a pousou em sua bochecha, depois a

afastou.

— Disse que não sei como se dirige uma fazenda, que não tenho muita experiência em ser marido e

muito menos pai, embora queira tentar.

Abby arregalava os olhos. Eram uns olhos tão grandes e vulneráveis que Dylan desejou estreitá-la

contra ele e prometer que a protegeria de tudo. Mas não queria precipitar-se fazendo promessas. Ela já

tinha se precipitado em outra ocasião e tinha tido que rompê-la.

Dylan pensava que as segundas oportunidades deviam estar apoiadas na confiança e fé no outro.

— Vai me dar uma oportunidade?

Abby nem sequer podia engolir. E não estava certa de como continuava respirando.

— O que Ben disse?

Sorrindo, Dylan lhe acariciou a bochecha.

— Pareceu-lhe uma idéia muito boa.

— Para mim também — se jogou em seus braços —. Oh, Dylan, para mim também.

Talvez fosse gratidão o que Dylan sentia. Talvez fosse alívio. E, mesclada com aqueles dois

sentimentos, estava a sensação de que por fim tinha chegado a seu lar.

— Mas, por favor, agora não comece a pensar em comprar vacas.

— Não. Nada de vacas, prometo — quando Abby riu, Dylan procurou seus lábios.

Tinha encontrado tudo: o amor, a confiança, a esperança. A vida oferecia às vezes uma segunda

oportunidade e ele tinha encontrado a sua.

— Abby... — *poderia passar horas abraçando-a.*

— *Mmm?*

— *Acredita que poderemos convencer seu pai a dançar em nosso casamento?*

Abby o olhou com olhos risonhos.

— *Adoaria vê-lo tentando impedi-lo*

11

Fim

11

Document Outline

- Nora Roberts - Série Os O'Hurley I
- A Última Mulher Honesta
 - Capítulo 1
- Capítulo 6
 - Capítulo 7
 - Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Fim